© 2007 Ministerio de Cultura

Biblioteca de Ingenieros del Ejército.

Inscripción... Folio..... 249.
Número..... 7404

Clasificación.. División..... J
Subdivisión. 2 - 3

Colocación.... Estante..... 21
Tabla..... 10ª
Número..... 41.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

III
43 - 10
15

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Ministerio de Cultura

BD2_24.786

A GUERRA DA PENINSULA

(c) 2007 Ministerio de Cultura

(c) 2007 Ministerio de Cultura

A GUERRA

DA

PENINSULA

1808-1814

ESTUDO ESTRATEGICO DAS SUAS DIFFERENTES CAMPANHAS

EXPLICADO EM LIÇÕES

AOS

Alumnos do real collegio militar de Sandhurst

PELO CAPITÃO

C. W. ROBINSON

TRADUCÇÃO DO INGLEZ POR

J. MATHIAS NUNES

Capitão de artilheria

LISBOA

TYPOGRAPHIA DE MATTOS MOREIRA & CARDOSOS

Largo do Passeio Publico, 15 e 16

1883

T-l-3

13x7

(c) 2007 Ministerio de Cultura

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Prefacio do traductor

Procurando reunir algumas publicações que se occupassem da defeza de Portugal, deparou-se-nos o presente livro, de auctor inglez, a respeito da guerra da Peninsula.

O ponto de vista especial sob que elle se acha escripto «o ensino da estrategia»; o fim a que é destinado, isto é, ensinar aos cadetes de uma das escolas militares de Inglaterra a historia da guerra da Peninsula ; a concisão, clareza e methodo que apresenta na sua exposição e nas observações que esta acompanham, deixaram em nós a impressão de que o seu conhecimento seria de alguma utilidade e mereceria algum interesse aos militares do nosso paiz desejosos de saber, e de se illustrar sobre uma campanha em que nossos avós tão brilhante papel desempenharam.

A materia que constitue o objecto das lições em que o livro se acha dividido encontra-se tratada em obras de grande tomo e explicada em numerosas peças officiaes, que só são lidas por aquelles que podem dedicar-se a estudos mais profundos de historia militar.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Faltava pois um livro, ao alcance de todos, em que se narrassem com simplicidade e succintamente os factos principaes d'esta campanha, e que ao mesmo tempo expozesse e explicasse as razões militares das principaes operações executadas pelos exercitos em lucta. A lacuna preencheu-a o auctor com a publicação das lições feitas sobre o assumpto aos seus discipulos da escola militar de Sandhurst.

A falta que existia em Inglaterra, conforme o auctor confessa, existe egualmente em Portugal. A traducção do livro para a nossa lingua deverá talvez remedial-a entre nós.

Tendo sido o exercito portuguez um dos alliados na guerra da Peninsula contra os francezes, desnecessario se torna dizer que tudo quanto o auctor ensina aos estudantes militares do seu paiz póde com egual proveito ser lido e aprendido pelos estudantes portuguezes, para os quaes o interesse deve ainda ser maior, por habitarem no solo em que se feriram algumas das batalhas dadas pelo exercito alliado. E sob um ponto de vista mais lato as pessoas extranhas ao exercito poderão tambem, pela leitura do pequeno livro de que nos occupâmos, obter um conhecimento geral da guerra em que o nosso paiz esteve tão empenhado, familiarisando-se ao mesmo tempo com alguns termos technicos que muitas vezes precisam conhecer para facil comprehensão da narrativa de operações militares.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Os principios da estrategia são considerados immutaveis, e portanto, o que era verdadeiro no tempo da guerra peninsular (1808-14), ainda o é hoje apezar da differença na rapidez dos meios de transporte, do alcance e precisão da moderna artilheria, e dos aperfeiçoamentos introduzidos nas armas de fogo portateis. Tem pois a presente obra, pelo que respeita aos principios que estabelece, um constante cunho de actualidade, sendo este um dos grandes meritos que lhe encontrámos.

Traduzindo-a pois, tivemos por unico desejo ser util aos nossos camaradas, julgando-nos feliz se tal houvermos conseguido.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

(c) 2007 Ministerio de Cultura

INTRODUCÇÃO

As seguintes lições, com excepção de alguns pequenos accrescentamentos depois introduzidos, foram primitivamente explicadas aos cadetes do Real Collegio Militar, em Sandhurst; e escriptas com o fim de illustrar e exemplificar os principios empregados na direcção dos movimentos dos exercitos, tomando só em consideração algumas campanhas da Inglaterra; campanhas que, sem duvida, são para os estudantes d'esta nação, a melhor introducção ao estudo da historia militar.

É a pedido que a sua publicação apparece sob esta forma.

Na sua compilação teve o auctor por fim:

1.° — Dar uma idéa geral dos principaes successos da guerra da Peninsula, em que tomou parte o exercito inglez, desde o primeiro desembarque do mesmo exercito nas costas de Portugal, até á conclusão da paz, isto é, de 1808 a 1814; idéa que, recordando os principaes factos das campanhas, póde servir de auxilio quando de futuro se quizer estudar mais largas e detalhadas historias das mesmas campanhas (como são a de Napier, ou as que se encontram nas memorias de differentes marechaes francezes).

2.° — Tornar bem evidente por meio de bastantes commentarios [1] sobre os diversos movimentos, que, para

[1] As bases para os commentarios são os despachos e correspondencia de Wellington; as historias de Napier, Sir J. Jones, e outros auctores inglezes, e tambem francezes; e algumas obras de reconhecido merito, especialmente — *As operações de guerra*, de Hamley. — Toda a critica especulativa e verdadeiramente original, a não ser de um caracter muito simples, foi intencionalmente evitada.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

quem segue a profissão das armas, o estudar a historia militar com proveito não consiste em a lêr simplesmente como se lê um conto, e em acompanhar essa leitura com um atlas ordinario; mas em a esclarecer com o conhecimento da topographia do *theatro da guerra*, cuidadosamente adquirido nos melhores mappas; e que as razões para cada movimento emprehendido, para cada plano adoptado, devem ser reflectidas, submettidas a exame e ponderadas, e plenamente consideradas as causas do bom ou mau exito na execução dos differentes projectos e planos.

É nos despachos e correspondencias dos varios chefes de ambos os lados e nas historias militares classicas que de ordinario se devem procurar as amplas informações sobre as quaes cada individuo póde formar um juizo conforme os recursos da sua intelligencia, e deverão estas historias e documentos ser lidos com o fim de formar um conceito, que em geral é muito differente d'aquelle a que se chega por uma simples *critica*.

3.° — Explicar por meio de exemplos, sempre que as campanhas derem occasião a isso, alguns dos termos technicos communs, e regras ou maximas principaes da *arte da guerra*, expondo estas ultimas n'uma linguagem tão simples quanto possivel.

Difficilmente se encontram livros com a descripção breve das principaes operações dos inglezes n'esta guerra, e com os respectivos commentarios militares.

Nas historias mais detalhadas estão aquellas operações necessariamente misturadas por tal fórma com os mais pequenos movimentos, ou com as operações menos importantes executadas pelos hespanhoes, que o estudante, a não ser muito diligente, as mais das vezes põe, fatigado, essas historias de parte, e nas mais breves e mais populares falta por via de regra a critica militar.

Estas lições, posto que não tenham de se conter em limites rigorosos, são mais especialmente escriptas para o ensinamento da «Estrategia» que é a arte de mover as tropas vantajosamente quando se não acham na immediata presença do inimigo, do que para o da «Tactica» ou a arte de dirigir as tropas no campo da

(c) 2007 Ministerio de Cultura

lucta ; e por conseguinte os promenores das batalhas não são aqui apresentados, tratando-se unicamente de explicar o fim com que foram feridas, e a influencia que tiveram na campanha.

Quando primitivamente explicadas, eram estas lições precedidas de alguns preliminares sobre a organisação dos modernos exercitos em brigadas, divisões, corpos de exercito, etc. ; sobre o methodo e a difficuldade de abastecer e mover as tropas, e sobre as razões porque a conservação das «bases» e dos caminhos que a estas vão dar é objecto assaz importante para um exercito. Posto que não seja necessario expol-as aqui, é conveniente inserir as poucas paginas de introducção que seguem [1] como explicação d'alguns pontos tratados n'estas lições, e de simples expressões technicas n'ellas empregadas.

Grandes exercitos empregados actualmente na guerra. Importancia de os conservar reunidos. Necessidade de depositos e armazens, de boas vias de communicação, de conservar ou guardar estas.

O facto de ter manifesta vantagem o mais numeroso de dois exercitos perfeitamente eguaes sob todos os pontos de vista, menos o do numero de combatentes, faz que as nações, quando têem de entrar n'uma guerra, levantem o maximo numero de soldados que os seus recursos comportam ; e nos ultimos tempos nações poderosas e ricas têem levado ao campo de batalha enormes massas de homens. Mas não basta só possuir um grande exercito ; é preciso que este possa conservar-se reunido, e quando reunido, mover-se rapidamente debaixo de um bom commando ; e se assim não fôr, é relativamente inutil para os fins da guerra.

[1] Na sua compilação foi consultada livremente a obra «Operações de guerra» de Hamley.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

A faculdade de se mover com promptidão, á vontade do commandante, é essencial a um exercito, porque, se houver duas forças oppostas, uma das quaes possa mover-se apenas para isso receba ordem, ao passo que a outra o não consiga fazer sem muita preparação, a primeira evidentemente manobrará de modo a deixar o seu contendedor em posição desvantajosa.

Assim, toda a causa que possa prejudicar a *mobilidade* de um exercito é essencialmente nociva para o mesmo, e deve ser evitada com todo o cuidado. Póde ser ella, por exemplo, a absoluta necessidade de as tropas se alimentarem do proprio paiz em que têem de se estabelecer. É facil de vêr que os recursos de qualquer pequeno districto, em que tenha de se concentrar, para fins de guerra, uma força de 50:000, ou mesmo de 100:000 homens, as mais das vezes serão inteiramente insufficientes para fornecer, por algum tempo, a quantidade necessaria de alimentação.

Este caso, que não deixará de ser frequente n'um districto fertil e amigo, deverá necessariamente dar-se sempre n'uma região esteril e hostil. Um exercito com esta dependencia tem, ou de morrer de fome, ou de se dispersar em procura de alimentos. N'um exercito que tem por este modo de se dispersar, a faculdade de se mover promptamente (mobilidade) desapparece para logo. Precisa ser de novo reunido antes de poder marchar como um corpo compacto; e, se a dispersão tem logar na proximidade de um inimigo bem organisado e que póde mover-se em massas, as fracções separadas correm o perigo de ser batidas isoladamente. Por estas razões é essencial que as forças de um exercito não estejam, para se alimentarem, na dependencia de qualquer districto, ou do paiz onde fazem a guerra. A nação que as manda pelejar, é que deverá fornecer-lhes todas as provisões. Ao commandante do exercito corre-lhe o dever, sem duvida, d'economisar os seus recursos, procurando a alimentação em quanto fôr possivel, na sua immediata visinhança. Terá porém uma fonte mais certa de abastecimento, retirando, quando os recursos proprios lhe faltarem.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Estas observações sobre a necessidade de enviar alimentos para o exercito applicam-se d'egual modo ás forragens para a cavallaria e artilheria, e para as bestas de conducção de bagagens. Se os animaes não forem constantemente alimentados, a cavallaria deixará de existir, e a artilheria e as bagagens não poderão ser transportadas. Um exercito deve estar egualmente prompto em todas as occasiões para marchar e para combater. Logo que lhe faltam munições fica paralysado, perdendo por esse modo todo o seu poder de acção. Uma corrente constante de recrutas deve estar sempre a caminho para o exercito, afim de supprir as falhas nas fileiras causadas pelos combates e doenças. Em vista d'estas considerações, logo que um exercito entra em campanha, umas das primeiras cousas a fazer é estabelecer

Depositos e armazens

nos quaes, subsequentemente, são recebidos os recrutas destinados ao mesmo exercito, e onde se guardam e conservam reservas de toda a especie.

Devem aquelles estar a salvo de um ataque do inimigo, quanto possivel, pela situação que occupam ; mas quando isto é impossivel, devem ser fortificados. De facto, devem constituir um ponto seguro de partida para o exercito, e convém que estejam tão proximos, quanto a sua segurança permittir, da região em que o exercito deve operar, isto é, do que technicamente se chama o «*theatro da guerra*».

Estes pontos, d'onde o exercito tira os seus recursos, e de onde parte para fazer a guerra são chamados «*Base*» do mesmo exercito, visto que formam os fundamentos em que se apoia.

Depois que um exercito começa a mover-se, e á medida que se afasta cada vez mais d'estes primeiros depositos e armazens, devem as provisões e reservas approximar-se d'elle, e portanto formar-se na sua retaguarda outros armazens de modo que, á medida que avança, as reservas o sigam constantemente a uma conve-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

niente distancia. Para não haver porém interrupção nos abastecimentos e reservas, são necessarias

Boas estradas

entre o exercito e os seus depositos e armazens, sem as quaes não poderia haver communicação constante entre elles. Fornecimentos pesados só podem ser expedidos com certeza e regularidade por taes estradas. Por occasião de mau tempo, depois de muita chuva, as estradas habitualmente boas, muitas vezes tornam-se de difficil transito, mesmo para viaturas ligeiras, e de todo impraticaveis para a artilheria pesada e carros de munições, e para os trens muito pesados que acompanham o exercito. Este precisa ter boas estradas por onde marchar, porque de outro modo não poderão ser executados movimentos combinados das tres armas com certo gráo de certeza, pois que a artilheria e a cavallaria não podem mover-se atravez de terrenos pantanosos e lamacentos, como o póde fazer por vezes a infanteria.

Vê-se portanto que importancia ha em dispôr de uma boa estrada ou linha pela qual se possa communicar com os armazens, chamada em linguagem technica «*Linha de communicação com a base*»; e tambem de uma boa estrada ou linha pela qual se possa avançar ou operar, chamada «*Linha*» ou (se ha duas ou mais estradas) «*linhas de operações.*» Sem ellas a approximação das reservas e approvisionamentos será incerta, e o exercito não poderá marchar desembaraçadamente.

Do que vem dito em quanto á necessidade que tem um exercito, afim de que a sua acção na guerra possa ser efficaz, de conservar uma corrente constante de reservas de toda a especie, e de receber homens para preencher as perdas occasionadas pela guerra, se conclue qual a importancia e necessidade de guardar e ter por seus os caminhos por onde as mesmas reservas e homens devem ser conduzidos, isto é «*as linhas de communicação.*»

D'aqui resulta que quando um general consegue occu-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

par a estrada ou estradas por onde o inimigo recebe os seus abastecimentos, tem conseguido uma importantissima vantagem, se porventura tiver força bastante para *conservar a posição alcançada,* que póde ser decisiva ; porque o adversario, a não ser que recupere a sua linha de communicação, victorioso n'uma acção, ou haja estabelecido armazens n'alguma outra direcção a que possa recorrer, bem depressa encontrar-se-ha opprimido pela falta de alimentação, e, se fôr insistentemente apertado, em breve sentirá a falta de munições ; e ainda que as circumstancias lhe corram o mais favoravelmente possivel, achar-se-ha n'uma posição muito difficil, correndo o risco de perder uma enorme quantidade de reservas.

Portanto, na guerra, um exercito, quando marcha ou quando combate, deve procurar «*manter as suas communicações com os depositos e armazens*, isto é, *com a base ; e, quando se lhe apresente occasião, ameaçar as do inimigo.*

Antes de concluir, é conveniente observar que o que vem exposto são apenas regras e preceitos de guerra assentados por todos os grandes capitães dos tempos modernos ; e posto que, uma ou outra vez tenha havido exercitos que têem marchado para a victoria a despeito dos maus caminhos ; e, ainda que cortados das suas reservas, hão derrotado o inimigo em combate, e ganho campanhas, apenas se prova que é escusado recordar ao soldado inglez que o arrojo e a energia podem vencer as maiores difficuldades. Isto porém não desculpa aquelle que, por ignorancia, collocar o exercito do seu commando em circumstancias que lhe sejam desfavoraveis.

«Todo o general, diz Napoleão, que perde as suas linhas de communicação merece, em conformidade com as leis da guerra, a pena de morte.» ***Maximes de guerre de Napoleon.***

(c) 2007 Ministerio de Cultura

(c) 2007 Ministerio de Cultura

PRIMEIRA LIÇÃO

Origem da guerra da Peninsula

No anno de 1807 estava no seu auge o poder de Napoleão I, imperador dos francezes. Havia elle ganho, em uma serie de campanhas bem succedidas, brilhantes victorias sobre a Austria, a Prussia e a Russia, e toda a Europa continental estava assombrada com o seu genio militar, e com os immensos exercitos de que dispunha.

Por este tempo era a Inglaterra o unico inimigo poderoso que activamente o combatia. A sua esquadra, commandada por Nelson, havia dois annos antes que destruira quasi totalmente a esquadra franceza em Trafalgar; e Napoleão, não podendo sem marinha de guerra invadir este paiz, formou o designio de o subjugar, arruinando-lhe o commercio. Para isso comprometteu as nações continentaes, sob pena de cairem no seu serio desagrado, a fecharem os seus portos aos navios inglezes, e prohibiu todo o commercio e relações com a Inglaterra [1]. As potencias europeas receavam muito do poder de Napoleão para que abertamente se oppozessem aos seus desejos;

[1] Decreto de Berlim, do 1.º de novembro de 1806.

(c)-2007 Ministerio de Cultura

mas Portugal, paiz muito inclinado para a Inglaterra, com a qual mantinha um commercio importante, não interrompeu as suas relações com a promptidão sufficiente de modo que satisfizesse o imperador dos francezes.

Tambem por esta mesma época, em virtude de informações que lhe eram fornecidas, começou Napoleão a suspeitar que a Hespanha, posto que alliada da França, não era sincera e verdadeira. Estes dois paizes, portanto, que reunidos formam o que se chama a Peninsula Hispanica, tornaram-se alvo da sua má vontade, e a sua presumida hostilidade para com elle começou, por considerações militares, a tornal-o inquieto.

É facil de vêr, em presença de um mappa, que a Peninsula Hispanica confina com a França. O imperador dos francezes considerou pois, que poderia ficar collocado n'uma posição embaraçosa se, quando estivesse empenhado em uma guerra na fronteira oriental da França, Portugal e Hespanha se declarassem contra elle, e se unissem ao seu grande inimigo, a Inglaterra. Não tendo, comparativamente, marinha, não poderia tentar impedir que um exercito inglez desembarcasse em qualquer ponto das costas de Portugal ou da Hespanha, e se unisse, uma vez desembarcado, com as tropas hespanholas e portuguezas, para marchar de combinação com ellas, a atacar a França pelo sul.

Estas considerações, juntas á sua natural ambição, determinaram o imperador dos francezes a intentar a posse da Peninsula ; e, para alcançar o seu fim, encetou o caminho da perfidia, que as circumstancias especialmente favoreceram.

A Hespanha era então governada por Carlos IV, um velho de espirito fraco, instrumento de um ministro sem escrupulos chamado Godoy ; o rei estava em más relações com seu proprio filho, Fernando VII ; e o paiz andava muito perturbado e dividido pelas contendas que incessantemente se levantavam entre o partido do rei e de Godoy, e o de Fernando. Tendo conseguido peitar Godoy, Napoleão, com a sua influencia, persuadiu o rei a negociar com elle um tratado secreto. Por este tratado, que era uma das mais negras traições para com

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Portugal [1] (por cuja negociação o rei e Godoy plenamente mereceram o seu subsequente castigo), era consentida a entrada de um exercito francez em Hespanha; as tropas hespanholas deviam reunir-se-lhe, e os exercitos combinados apoderar-se de Portugal, sendo uma das condições estabelecidas a subsequente divisão d'este reino entre a Hespanha e a França, devendo Godoy possuir n'elle um principado. Era necessario um pretexto para invadir Portugal, e esse pretexto foi o seguinte. Napoleão exigiu a este paiz, como prova da sua amisade, a declaração de guerra á Inglaterra, a confiscação de todas as mercadorias inglezas, e a prisão dos subditos d'esta nação. Portugal, com receio, não se recusou positivamente a dar aquellas provas, mas permittiu-se fazer algumas observações; e, emquanto estas simples observações eram feitas, avançava contra Portugal um exercito francez. O general que o commandava (Junot) tinha instrucções para declarar que não vinha com o fim de ser hostil aos portuguezes, mas simplesmente de cumprir as ordens de Napoleão em quanto a serem immediatamente expulsos de Portugal os inglezes. Duvidoso a respeito das verdadeiras intenções de Napoleão, e temendo o seu poder, Portugal não apresentou nenhuma resistencia, e os francezes occuparam pacificamente Lisboa. Entraram em seguida os hespanhoes assenhoreando-se de outras partes do paiz; o exercito portuguez foi, parte d'elle dispersado, e outra parte mandado para França, tornando-se completa a submissão de Portugal.

Mas a vez dos hespanhoes estava apenas adiada. Napoleão tendo introduzido um exercito na Peninsula, obteve consentimento para estabelecer um outro nas proximidades da fronteira hespanhola, em Bayonna, com o fundamento (o que pareceu bastante natural) de apoiar o primeiro.

As dissensões na côrte de Hespanha entre Carlos e seu filho, e alguns tumultos em Madrid, bem depressa forneceram uma justificação para intervir como amigo afim de restabelecer a tranquilidade, e para trazer este se-

[1] Tratado de Fontainebleau, de 27 de outubro de 1807.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

gundo exercito para Hespanha; e o rei, espirito fraco, foi persuadido por suggestões suas, a enviar a flôr do exercito hespanhol para fóra do paiz, em longiqua expedição. Tendo por esta fórma sido occupada Madrid pacificamente, mais tropas foram mandadas vir de França; e as grandes praças fronteiras de S. Sebastian, Pamplona, Barcelona e Figueras foram pacifica e habilmente surprehendidas. Junot, que havia recebido ordens secretas, desarmou por estratagema a parte do exercito hespanhol que estava em Portugal, ficando d'esta fórma a Hespanha á mercê de Napoleão.

Abandonando agora todo o disfarce, compelliu a familia real a abdicar, e collocou seu irmão Joseph no throno de Hespanha. D'este modo as capitaes de Hespanha e de Portugal e as principaes fortalezas de toda a Peninsula cairam nas mãos dos francezes, sem a minima lucta, sem se trocar um unico tiro.

O povo dos paizes conquistados, a principio estupefacto, bem depressa se voltou furiosamente contra os francezes. Rebentaram insurreições sanguinolentas, e fez-se appêlo ao auxilio da Inglaterra. Esta, sempre prompta n'esta época para resistir a Napoleão, prestou-se de muito boa vontade; grandes subsidios em armas e dinheiro foram immediatamente d'alli mandados e determinou-se enviar para a Peninsula um exercito inglez.

Escolha de um ponto de partida

Os acontecimentos que acabamos de narrar deram-se no espaço de alguns mezes, e não foi antes de julho de 1808, que o exercito inglez embarcou para a Peninsula, dirigindo-se por ordem do seu governo para Lisboa e Cadiz. Lembra n'esta occasião perguntar «*porque* é que foram escolhidos estes pontos para serem os primeiros occupados, de preferencia a muitos outros das costas de Hespanha e de Portugal?» A resposta a esta pergunta exige o conhecimento: 1.° em geral da força militar das potencias em lucta, e em particular, das posições occu-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

padas pelos francezes n'aquella occasião, isto é, no momento em que as tropas inglezas partiram para Portugal; 2.º da natureza geographica do paiz em que as operações tinham de ser conduzidas.

Força militar, etc., das potencias em lucta

A *Inglaterra*, n'este periodo, não tinha disponiveis para a guerra na Europa mais do que 80:000 homens proximamente, e d'estes, 30:000, reunidos de varios aquartelamentos, foram destinados para a Peninsula. O resto das suas forças eram absorvidas na defeza das colonias, ou consistiam em milicia e voluntarios.

A *Hespanha*, como já vimos, tinha tido o seu exercito regular, enfraquecido agora, em grande parte, pela prompta acção de Napoleão. No momento de começarem as hostilidades não tinha este paiz mais do que 70:000 homens de tropa na Peninsula; e esta mal organisada, e mediocremente commandada. Comtudo, o povo, estava animado de um espirito de implacavel hostilidade contra os seus invasores, e depressa se armou em grande numero, constituindo corpos de tropa, com alguma instrucção.

Portugal não tinha exercito digno de menção, porém o espirito da nação era bom; a milicia local não tardou em dar bons soldados, e devemos n'este ponto mencionar que á medida que a guerra continuava, as levas de soldados portuguezes, adestrados e commandados por officiaes inglezes, bateram-se ao lado das tropas inglezas, e prestaram a estas o mais efficaz auxilio durante as operações.

A *França* podia chamar-se uma nação de soldados. Havia muitos annos que incessantemente andava em guerra, e os seus exercitos eram compostos, pela maior parte, de tropas não só experimentadas e bem exercitadas, mas fortes pela confiança que lhes dava uma victoria quasi constante, e pela pericia de seus afamados generaes.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Os recursos militares da nação eram enormes. Napoleão tinha á sua disposição aproximadamente 600:000 homens, e d'èstes tinha já enviado, em pouco tempo, alguns 80:000 para a Hespanha. Esta força havia atravessado a fronteira hespanhola passando parte por Bayonna, e outra parte por Perpignan ; porém a grande massa de tropas tinha entrado por Bayonna, e occupado Vitoria e Burgos, que ficam na estrada real de Madrid, e todas as fortalezas na fronteira franceza, e a propria cidade de Madrid. D'estes pontos partiram tropas em differentes direcções afim de submetter os insurgentes hespanhoes, que começavam a ser numerosos ; e um corpo de exercito francez marchou na direcção de Cadiz, facto de que aqui damos conhecimento, por ter o seu posterior destino influenciado nas disposições do exercito inglez. Os invasores, apesar da resistencia feliz de algumas cidades (como Saragoça e Valencia), tinham em geral derrotado e subjugado os insurgentes, e Napoleão, julgando suffocada toda a resistencia perigosa, marchou para Paris. Em Portugal Junot, cujo exercito era da força de 25:000 homens, viu-se obrigado a reprimir violentamente a insurreição n'um dado momento, assignalando esta repressão por uma crueldade sem limites ; teve de abandonar alguns pontos do paiz, conservando porém em seu poder, pela força, Lisboa, e as fortalezas de Elvas, Almeida e Peniche.

Tal era a situação dos negocios no momento em que as tropas inglezas sairam de Inglaterra.

Topographia militar da Peninsula

Passemos agora a examinar a natureza geographica da Peninsula. A configuração natural do terreno exerce uma influencia assaz importante nas operações dos exercitos. E' ella que geralmente decide da natureza e do plano da campanha, porquanto é facil de vêr que a existencia e direcção das cordilheiras e rios, o terreno impraticavel ou difficil, devem frequentemente decidir

(c) 2007 Ministerio de Cultura

quaes os movimentos que podem ser executados pelas tropas, e, de facto, dar, sob o ponto de vista militar, força ou fraqueza a um paiz. As disposições artificiaes do terreno augmentam ou diminuem a importancia das naturaes, e por isso, ao fallarmos d'estas, deveremos considerar tambem as construcções, taes como estradas, pontes e fortalezas, que se executam tanto para as atacar como para as fortificar.

Antes de se entrar no estudo de uma campanha, deve o paiz em que esta terá logar ser objecto de um cuidadoso exame; devendo estudar-se e conhecer-se não só a situação geral das suas disposições tanto naturaes como artificiaes, mas os proprios detalhes. A existencia de estradas boas ou más, de rios sim ou não vadeaveis e navegaveis, são pontos da maior importancia na guerra, e estes detalhes, bem como muitos outros similhantes e de igual consideração devem ser cuidadosamente estudados. As informações sobre as particularidades militares concernentes a um qualquer paiz encontram-se no que se designa pelo nome de «Geographia militar» ou, o que é mais correcto (visto que se consideram tanto os detalhes naturaes como os artificiaes), de «Topographia militar.» [1]

Lançando os olhos sobre o mappa I, vêr-se-ha immediatamente que a Peninsula é cortada por numerosas cadeias de montanhas, e atravessada por muitos rios. Lavallée, o grande geographo militar, descreve-a como sendo em geral «um cháos de montanhas e de desfiladeiros profundos, onde 300 homens podem fazer parar um exercito; de planicies aridas; de ravinas impenetraveis durante o inverno por causa das aguas, e durante o verão por causa da sua natureza escarpada; de rios que têem váos perigosos e poucas pontes; de cidades isoladas, cercadas de muros; e de poucas estradas.»

A configuração da superficie da Peninsula é extremamente singular. O paiz eleva-se em todos os pontos a partir da costa para o centro, e a porção central consti-

[1] Geographia significa, no sentido restricto da palavra, a descripção da terra, considerada simplesmente sob o ponto de vista da natureza. Topographia significa a descripção geral de um logar.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

tue um planalto vasto e relativamente pouco accidentado cuja altitude é de muitos pés acima do nivel do mar. Um grande numero de vezes é importante conhecer as elevações relativas dos pontos de uma região, e para isto se poder conseguir facilmente, deve-se, como uma das primeiras cousas, conhecer os cursos dos grandes rios. Como sabemos, as aguas correm de cima para baixo ; se, portanto, seguirmos estes rios e algumas das correntes que para elles lançam as aguas, até ás suas varias origens, marcarmos os sitios em que nascem, e depois ligarmos em o nosso espirito estes pontos por meio de uma linha imaginaria, é evidente que o terreno sobre que esta linha passar, deve relativamente ser muito elevado. Uma tal linha, d'onde as aguas começam a correr para os valles, é chamada *linha de cumiada*, e muitas vezes, *linha de divisão das aguas* de uma região. Esta linha pode traçar-se na Peninsula, a começar do cabo Tarifa ao sul, correndo para leste ao longo da serra de Alpujarras, voltando depois para o norte e seguindo a linha de cumiada dos montes Iberos, até encontrar a grande cadeia dos Pyrenéos. Esta ultima cordilheira atravessa completamente a Peninsula de oeste a leste, e as suas vertentes formam uma alta muralha a contar da qual o paiz desce com uma rapida inclinação para o lado do norte, na direcção do mar, ou da França.

Ao sul da Hespanha a serra de Alpujarras forma uma muralha similhante, muito elevada acima do Mediterraneo, e a partir da qual o paiz desce rapidamente para o sul, onde existe a costa. Os montes Iberos ligam os Pyrenéos ao norte, com a serra de Alpujarras ao sul, e são compostos de numerosas serras, com differentes nomes, taes como Serra de Alcaraz, de Cuenca, Urbion, Reynosa, etc. Estas descem com bastante declive para leste, isto é, para o rio Ebro e para o Mediterraneo ; mas do lado oeste inclinam-se muito suavemente para o Atlantico. E' pela razão d'esta vertente occidental comprehender a porção central da Peninsula e inclinar-se a principio muito suavemente, que o centro d'esta região apresenta o aspecto de um extenso planalto, a que já alludimos. Toda a Peninsula pode, com effeito, ser com-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

parada, em quanto á configuração, a uma pyramide gigantesca, truncada a meia altura, da qual a parte mais elevada está acima do nivel do mar uns 2 a 3:000 pés.

Clima, recursos, etc.

Resulta d'esta formação particular encontrar-se na Peninsula grande variedade nos climas, expondo-se os exercitos que operam n'este paiz a frequentes mudanças de temperatura, e a extremos de calôr e frio. Existem tambem grandes differenças nos productos do solo. A porção central, elevada, especialmente em redor de Madrid, compõe-se de planicies estereis e varridas pelo vento, sem agua, e coroadas de serras.

As provincias entre esta porção e a costa teem um solo mais productivo. Em Castella e no sul de Leão, o trigo e a cevada dão-se muito bem, e na Estremadura ha extensos tractos de terreno de pastagem onde se alimentam grandes rebanhos de carneiros.

As provincias de leste e sul da Hespanha, como a Andaluzia e Valencia, que estremam com o mar, são as porções mais ricas da Peninsula. Ali o solo é aquecido por um sol quasi tropical, e, refrescado pelas brisas do oceano, produz em abundancia quasi toda a especie de fructas e grãos, e, onde é regado, fórma excellente terreno de pastagem.

Em Portugal o trigo dá-se nos terrenos planos, especialmente no Alemtejo, e nas provincias do norte ; mas posto que o solo d'este paiz seja n'alguns sitios fertil, é comtudo relativamente pouco cultivado.

Na verdade, a Peninsula é por natureza um paiz fertil ; os seus habitantes porém são indolentes e teem aversão ao trabalho, e muitas das suas provincias eram, na época a que nos referimos, muito pouco povoadas.

Era, portanto, este um paiz em que se não podia contar com a certeza de obter provisões de prompto e em determinado logar ; pelo que se tem dito, com algum exagero, com referencia a este ponto e á difficuldade da

(c) 2007 Ministerio de Cultura

natureza do terreno, que «um pequeno exercito deve n'elle ser derrotado, e um grande morrer de fome».

Em relação á natureza dos transportes que um exercito poderia n'elle encontrar, deve dizer-se que era difficil obter animaes e carros para esse fim. As mulas e os bois eram empregados quasi exclusivamente para puxar os carros do paiz, e os cavallos eram poucos e ruins.

Montanhas

Transversalmente á vertente que desce para o lado oeste da linha de cumiada dos montes Iberos, e que abrange o planalto central, existem tres grandes cordilheiras; teem estas differentes nomes nos differentes pontos da sua extensão, mas é sufficiente designal-as aqui por Serra Morena, Montanhas de Toledo, e Serra Guadarrama.

Juntamente com os Pyrenéos ao norte, e as Alpujarras ao sul, dividem ellas esta vertente em quatro bacias distinctas, no fundo das quaes correm quatro dos principaes rios da Peninsula, e que vão lançar as suas aguas no Atlantico: são as bacias do Guadalquivir, do Guadiana, do Tejo e do Douro.

A natureza e direcção geral d'estas cadeias de montanhas devem ser especialmente descriptas, não só porque constituem grandes barreiras separando completamente aquellas bacias umas das outras, mas porque a sua existencia dá ao paiz uma feição especial.

Alpujarras — Cordilheira pouco extensa e muito alta. A sua crista está coberta de neves perpetuas; tem para o lado norte muitos contrafortes a que o Guadalquivir sujeita o seu curso.

Serra Morena. — Parte directamente dos montes Iberos e termina na embocadura do Guadiana. A vertente do norte a principio confunde-se com o planalto central, mas a do sul é aspera e alcantilada.

Montanhas de Toledo. — Esta cordilheira confunde-se a principio, quasi imperceptivelmente, com o planalto

(c) 2007. Ministerio de Cultura

central, por fórma que as bacias do Tejo e do Guadiana são separadas, na sua origem, unicamente por umas ligeiras eminencias, sendo portanto facil a communicação de uma para outra bacia na proximidade das origens dos rios. Proximo da fronteira portugueza toma a cordilheira o nome de Serra de S. Mamede, seguindo proximo do rio Guadiana. Toma depois a direcção do sul com os nomes de Serra de Estremoz e Serra de Monchique, lançando ramificações para leste que desviam o curso do Guadiana, indo finalmente terminar no cabo de S. Vicente.

Serra Guadarrama. — Esta cordilheira deriva dos Montes Iberos, sob o nome de Somo Sierra; é na sua origem que passam as estradas reaes de Burgos a Madrid, muito ingremes e alcantiladas. Estende-se n'uma linha sinuosa para o sudoeste. Entre Madrid e Ciudad-Rodigo saem ramificações para o norte, as quaes formam barreiras formidaveis, e é notavel na serra de Gredos e da Gata pela extensão e profundidade das suas vertentes para o lado do sul. Depois de passar a fronteira portugueza esta cordilheira divide-se em tres ramos principaes. D'estes o mais notavel é a Serra da Estrella, cujos contrafortes regulam o curso do Tejo em certa extensão, havendo outros que se dirigem para o Côa e Agueda; esta ramificação estende-se depois, tomando o nome de Serra de Cintra, até proximo de Lisboa.

Pyrenéos. — A porção d'esta grande cordilheira, que vae para occidente, desde a Serra Reynosa até ao cabo Finisterra, é muito escabrosa e ingreme, deitando muitas ramificações para o lado do sul, que chegam até ao norte de Portugal. E' conveniente conhecer a serie de cadeias de montes que limitam as bacias do Minho e do Sil, os grandes contrafortes que atravessam a fronteira portugueza entre os rios Sabor, Tua e Tamega, e em geral a natureza montanhosa de toda esta parte N. E. da Peninsula.

Já examinámos a direcção e aspecto das cadeias de montanhas e das vertentes que se estendem para o lado *occidental* da linha de cumiada dos montes Iberos. Voltemos agora a attenção para as que existem do lado *oriental* da mesma linha de cumiada. Os montes Iberos, incli-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

nando-se para este lado, e juntamente com a porção dos Pyrenéos que se estende para leste da Serra Reynosa, formam a bacia do Ebro, rio volumoso e importante. Muitas serras e contrafortes que derivam d'estas grandes cordilheiras apertam o curso do rio, tornando a navegação impossivel. A massa principal da cordilheira dos Pyrenéos é alcantilada e formada de rochas, e está constantemente coberta de neve e gelo. A porção que se estende atravez do continente, separando a França da Hespanha, e que tem o nome de Pyrenéos Continentaes, é mais alta proximamente no centro da sua extensão, e menos elevada nas extremidades, isto é, ao sul de Bayonna e de Perpignan.

A linha de fronteira entre a França e a Hespanha, que começa na embocadura do Bidassoa (proximo de Bayonna), segue, na sua direcção geral, ao longo d'esta grande cordilheira até chegar ao cabo Creus no Mediterraneo. Esta linha vae representada por pontos no mappa.

Estradas

E' facil comprehender a difficuldade que ha em traçar caminhos e estradas em meio de uma tão numerosa quantidade de montanhas altas e escarpadas, e sobre os innumeraveis contrafortes que d'ellas derivam. As estradas nos districtos montanhosos são, por via de regra, traçadas, por commodidade, sobre as mais baixas depressões das cordilheiras, e os pontos em que passam as mesmas estradas chamam-se *desfiladeiros* ou *gargantas*. Eram estas relativamente em pequena quantidade, e muitas d'ellas, posto que facilmente praticaveis por occasião de bom tempo , deixavam de o ser durante a estação das chuvas. Não precisamos dar agora noticia senão das estradas que cortam as linhas de fronteira que dividem a França e Portugal da Hespanha, e de uma ou duas mais.

De França para Hespanha, atravez dos Pyrenéos, havia apenas duas estradas reaes; uma de Bayonna por Irun e Vitoria a Burgos, e d'aqui para Madrid por duas estradas

(c) 2007 Ministerio de Cultura

differentes, a saber: ou por Aranda e o *desfiladeiro de Somo Sierra*, ou por Valladolid e o *desfiladeiro do Escurial*.

Outra de Perpignan, por Belgarde, a Barcelona; aqui a estrada dividia-se em duas, uma conduzindo para o sul de Hespanha por Valencia, outra a Madrid por Lerida e Saragoça.

Havia ainda outras estradas e caminhos atravessando esta cordilheira, mas por via de regra eram intransitaveis para transportes pesados, sendo muitos d'estes caminhos simplesmente de pé posto.

De Portugal para Hespanha havia poucas estradas, e Lisboa e Madrid estavam ligadas apenas por duas boas linhas de communicação (boas no sentido militar, que quer dizer proprias para passagem de todas as armas), que eram:

1.ª, a estrada por Elvas, Badajoz e Almaraz;

2.ª, a estrada por Coimbra, Vizeu, Almeida e Ciudad-Rodrigo.

A estas duas estradas interpunha-se a cumiada da Serra da Estrella. Atravez d'esta existiam sómente caminhos de pequena importancia, sendo um d'elles de Abrantes a Almeida, por Thomar e Espinhal.

Uma boa estrada conduzia de Abrantes a Ciudad-Rodrigo por Alcantara e Coria, e d'ahi para a serra da Gata.

Rios

Os grandes rios da Peninsula eram navegaveis sómente até pequena distancia a contar da respectiva foz, de sorte que se tornava impossivel o transporte de fornecimentos por muitas milhas para o interior, aproveitando-se este meio de conducção. Deve observar-se que as porções navegaveis dos dois mais importantes rios, o Tejo e o Douro, são dentro de Portugal.

Correndo estes rios entre cadeias de montanhas, e serpenteando por entre os seus numerosos contrafortes, são frequentemente de accesso difficil, e as grandes estradas

(c) 2007 Ministerio de Cultura

do paiz cortam-n'os relativamente em muito poucos sitios. No seu leito apparecem obstaculos, taes como rochedos, etc., e por via de regra, levam pouca agua no verão e são caudalosos e rapidos no inverno.

Encontram-se de distancia a distancia pontes e vãos, mas as primeiras, salvas algumas excepções, são facilmente destructiveis, e os ultimos só em certas estações podem ser aproveitados.

Alguns d'estes rios necessitam uma descripção mais especial, devendo dar-se toda a attenção aos que correm proximo da fronteira portugueza e que a atravessam.

1— *O Guadalquivir* — Corre junto de Sevilha, cidade importante onde havia uma fundição de artilheria : é navegavel até este ponto.

2— *O Guadiana.* — Este rio tem a sua origem n'alguns paúes do planalto central da Peninsula, e passando por Merida e Badajoz, corre atravez de Portugal, formando a fronteira em alguns pontos do seu curso. Em Portugal *não havia sobre elle ponte alguma.*

3— *O Tejo.* — Este rio na sua porção superior, tem o leito formado de rocha, e alguns bancos elevados, e a não ser por occasião das extremas seccas do verão, é de mui difficil passagem ; de Toledo a Almaraz é quasi impraticavel, a não ser no verão; mas em Almaraz e Toledo havia boas pontes. N'este ultimo ponto os contrafortes das montanhas do lado do norte e do sul apertam o rio ; ao entrar na fronteira de Portugal é este tortuoso e cheio de rapidos, formando um obstaculo importante. Assim continua até Abrantes, onde alarga. Desde esta povoação até Lisboa varia a sua largura entre 300 e 1:000 jardas, estreitando antes de se lançar no mar.

4— *O Mondego.* — Corre a principio entre montes quasi inaccessiveis e, entrando nas planicies de Coimbra, vae lançar-se no mar na Figueira.

5— *O Douro.* — Nasce nos montes Iberos, e passa por Aranda e Valladolid. Ao aproximar-se da fronteira de Portugal encontra uma cumieira derivada dos Pyrenéos, e volta para o sul, formando durante alguma extensão a fronteira de Hespanha e de Portugal. Corre depois n'este ultimo paiz, e desemboca no mar proximo do Porto. Para

(c) 2007 Ministerio de Cultura

cima d'esta cidade tem uma largura superior a 300 jardas, sendo difficil de atravessar no inverno.

6— *O Minho.* — Este rio atravessa uma região assaz montanhosa e entrecortada, recebendo nas suas aguas o rio Sil, proximo de Orense. Este ultimo rio abre tambem o seu curso por entre muitos contrafortes de montanhas. Depois d'esta confluencia sae das montanhas, e d'aqui até ao mar fórma a linha de fonteira entre Hespanha e Portugal.

7— *O Ebro.* — Rio importante que nasce proximo da junção dos montes Iberos com os Pyrenéos, corre a principio encerrado n'uma região montanhosa. Passa por Tudela e Saragoça. Para baixo d'esta ultima cidade é o seu curso embaraçado por muitos obstaculos até que vae lançar as suas aguas no mar, proximo de Tortosa.

No que acabamos de expôr démos noticia sómente dos principaes rios da Peninsula, mas o mappa facilmente mostrará que assim como estes correm para o mar, muitos outros rios mais pequenos veem engrossar as aguas dos primeiros. Descem elles das montanhas cujas vertentes, á direita e esquerda, fórmam a bacia do rio principal, e são chamados *affluentes*. E'desnecessario enumeral-os todos pelos seus nomes; mencionaremos apenas os seguintes, por se terem tornado familiares com as operações de que dentro em pouco passaremos a tratar.

Affluente do Guadiana. — O Albuera que corre proximo da estrada que vae de Sevilha a Badajoz.

Affluentes do *Tejo.* — O Guadarrama, que entra no Tejo abaixo de Toledo;

O Alberche, que tem a sua confluencia acima de Talavera;

O Zezere, que nasce na serra da Estrellā, e vai desaguar abaixo de Abrantes.

Affluente do Mondego. — O Alva, que vae encontral-o proximo de Murcella.

Affluentes do Douro. — Este rio tem affluentes muito importantes, que são:

Da *esquerda*,

O Tormes, que passa por Salamanca;

(c) 2007 Ministerio de Cultura.

O Agueda, que corre junto de Ciudad-Rodrigo, e da fronteira de Portugal;

O Côa que corre ao pé de Almeida.

Da *direita*,

O Pisuerga, que corre por Burgos e Valladolid, recebendo entre estas duas cidades as aguas do Carrion;

O Esla, que segue proximo de Benavente, e vae encontrar o Douro abaixo de Samora;

O Sabor, o Tua e o Tamega, que descem entre os contrafortes das montanhas atravez da fronteira de Portugal.

Portos

A Peninsula possue muitos e excellentes portos. Começando pela costa do norte, proximo da fronteira franceza, e percorrendo em seguida as do occidente e sul, encontram-se os seguintes portos, que logo despertam a attenção:

S. Sebastian, Ferrol, Corunha — bons portos e fortificados;

Vigo, porto pequeno mas seguro;

Porto, na embocadura do Douro, um pouco perigoso em rasão dos bancos de areia e pequenas ilhas que contem;

Figueira, na embocadura do Mondego, pequeno porto;

Lisboa, no Tejo, porto excellente, que estava poderosamente fortificado. A cidade de Lisboa, capital de Portugal, continha um arsenal e os principaes estabelecimentos militares e navaes do reino.

Cadiz, vasto porto cujo ancoradouro é fortificado, situada na ilha de Leon, e separada do continente por um canal.

Gibraltar, vasto porto, com uma fortaleza quasi inexpugnavel, pertencente á Inglaterra; o seu ancoradouro não é muito bom.

Carthagena, Alicante, Tarragona, Barcelona — Todos bons portos, mais ou menos fortificados.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Fortificações

As fortificações são construidas pelos paizes com o fim de defender os pontos do territorio que especialmente são considerados importantes. Vimos já que havia só duas estradas principaes communicando a França com a Hespanha, uma por Bayonna e outra por Perpignan. Encontram-se por isso numerosas fortificações hespanholas, levantadas com o fim de defender estas estradas ou os desfiladeiros e os pontos que lhes ficam proximos, taes como, sobre a estrada mais ao occidente, S. Sebastian e Pamplona, e na mais ao oriente, Figueras, Gerona e Barcelona. A cidade de Burgos, na junção de dois caminhos para Madrid, era defendida por um forte castello.

Na fronteira que divide a Hespanha de Portugal, as duas unicas estradas boas, entre Madrid e Lisboa (isto é, as que passam por Ciudad-Rodrigo e Badajoz), eram defendidas por importantes fortalezas, que se vigiavam reciprocamente dos dois lados oppostos da fronteira.

A fortaleza portugueza de Almeida tinha na sua frente a praça hespanhola de Ciudad-Rodrigo, e a praça d'Elvas, portugueza, a hespanhola de Badajoz.

Gibraltar, fortaleza pertencente á Inglaterra, defende a passagem entre o Atlantico e o Mar Mediterraneo.

Observações

Reflectindo no que se acabou de dizer com relação aos paizes em lucta, considerando a força e posição dos seus exercitos, e estudando os detalhes (taes como procurámos descrevel-os) da topographia militar da Peninsula, estudo que, posto que arido, deve necessariamente ser feito com muito cuidado, poderemos comprehender os motivos de certas providencias e medidas que de outro modo não seriam para nós claras, e apreciar o seu valor.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Poderemos além d'isso descobrir alguns pontos fortes ou fracos nas posições e mais circumstancias relativas dos exercitos inimigos, e avaliar de antemão as difficuldades com que cada um teria de luctar.

1.° Torna-se evidente a rasão da escolha de Lisboa e de Cadiz para pontos de partida do exercito inglez.

Poderia parecer á primeira vista mais vantajoso dirigir o exercito para o extremo occidental ou oriental dos Pyrenéos, com o fim de operar sobre as estradas de Bayonna e de Perpignan, e interceptar a linha de aprovisionamento do inimigo, interpondo-se entre o seu exercito e a França, porém o *numero* dos francezes (tão superior, como dissémos, ao dos inglezes) teria só por si tornado esta solução inexequivel. A Gran-Bretanha podia mais efficazmente auxiliar os seus alliados atacando os francezes nos seus pontos mais fracos, isto é, nos pontos mais distantes de França, e portanto mais difficeis de serem soccorridos e apoiados.

N'este presupposto, a marcha avançando contra Junot em Portugal, e contra os corpos francezes mais longe destacados da França, era o partido mais judicioso.

Para effectuar um tal movimento, os pontos mais favoraveis pela sua situação eram algum ou alguns sobre a costa occidental da Peninsula, ou sobre as que immediatamente lhe são continuadas ao norte ou ao sul. Lisboa e Cadiz eram sob este ponto de vista perfeitamente adequadas. Demais, ambas estas duas cidades tinham *bons portos*, e eram *praças de importancia*. De primeira necessidade e summa importancia era portanto arrebatar das mãos dos francezes a cidade de Lisboa, capital de Portugal, que continha dentro de si importantes estabelecimentos militares e navaes, sendo provavel que a tomada d'esta cidade libertasse todo o paiz do inimigo. Importante era tambem não permittir aos francezes o apoderarem-se de Cadiz, e terem por este modo um ponto de apoio n'uma das mais ricas provincias de Hespanha como é a Andaluzia.

A queda d'esta cidade nas mãos dos francezes não seria sómente um golpe serio para a Hespanha, mas os in-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

glezes ficariam tambem impedidos de se aproveitarem da provincia de Andaluzia, como base de operações. Havia tambem uma razão militar da maior importancia, para que fosse tão desejada a tomada de Lisboa (*como sendo o primeiro passo para a occupação de Portugal*), que era o ser naturalmente *forte a fronteira d'este paiz para o lado de Hespanha.*

Posto que, no que vamos dizer, se envolvam algumas repetições, tornamos não obstante a pedir um pouco de especial attenção.

Começando pelo sul, e seguindo a linha de fronteira, encontra-se primeiramente o rio Guadiana, sem nenhuma ponte, dominado pelas serras de Estremoz e de Monchique, e protegido pela praça d'Elvas. Depois os contrafortes das serras de S. Mamede e da Estrella, que, encontrando as margens do Tejo, apenas deixam uma estreita passagem para este rio, fazendo d'elle uma corrente tortuosa e irregular, e propriamente, um novo obstaculo. Depois a serra da Estrella, e os contrafortes que esta lança por entre os rios Côa e Agueda, protegidos pela praça de Almeida. Depois o Douro. Depois a cadeia de montanhas ao norte, com os contrafortes entre o Sabôr, o Tua e o Tamega; e como ultimo de todos, o rio Minho.

Portugal, portanto, apresenta para o lado de Hespanha uma grande barreira natural, tendo defendidas por meio de praças de guerra as duas principaes estradas que a atravessam. Uma vez senhores do paiz, os inglezes e os portuguezes teriam fortes posições d'onde atacar o inimigo na Hespanha, e de que seria difficil serem desalojados. Verdade é que os recursos do paiz eram fracos; porém os inglezes tinham o dominio do mar, por onde podiam fazer chegar os seus abastecimentos e reservas, e possuiam as porções navegaveis do Tejo e do Douro, dois rios dos mais importantes da Peninsula. Havia ainda outra rasão pela qual a posse de Portugal se tornava valiosa, e vinha a ser que um qualquer movimento executado sobre Hespanha segundo a *direcção leste*, isto é, partindo do lado de Portugal, e seguindo a bacia de um qualquer dos rios principaes, seria mais facil que o effectuado em qualquer outra direcção (como, por exemplo, do norte ou do

(c) 2007 Ministerio de Cultura

sul) sobre as barreiras constituidas pelas montanhas que se estendem segundo a direcção leste e oeste, e tornaria estas ultimas (como mais adiante explicarêmos) desvantajosas para Napoleão.

2.° São bem evidentes a verdadeira natureza dos obstaculos que Napoleão, pelo seu traiçoeiro procedimento, pacificamente venceu, e algumas das particulares vantagens da posição que occupava agora.

Havia dois caminhos apenas, como vimos, ambos defendidos por fortalezas, pelos quaes podiam ser transportados approvisionamentos e reservas de França para Hespanha, atravez da grande barreira dos montes Pyrenéos. Napoleão tinha-se apoderado d'estas estradas, e surprehendido estas fortalezas; tinha tambem passado a difficil cordilheira dos montes Iberos, e occupado o castello de Burgos, apoderando-se de Madrid. Occupando d'esta sorte a parte central da Hespanha, podia á vontade mover-se, d'esta parte elevada, para as bacias do Douro, do Tejo ou do Guadiana, para apoiar o exercito de Junot, que já tinha *atravessado para além* da forte fronteira de Portugal, defendida por fortificações. O numero das suas tropas dava-lhe tambem a faculdade de operar ao longo de duas ou tres bacias ao mesmo tempo, ameaçando d'este modo muitos pontos, emquanto conservava sob sua sujeição muitas outras differentes partes da Peninsula.

3.° Indiquemos ainda algumas desvantagens da sua posição, que se patenteiam ao nosso espirito.

Deve notar-se (1) que as cadeias de montanhas, taes como a serra Guadarrama, as montanhas de Toledo e a serra Morena, que separam as bacias dos rios principaes, eram cortadas apenas por poucas estradas, e que estas passavam por estreitos desfiladeiros e difficeis gargantas. Os exercitos francezes, posto que podessem, saindo do planalto central, entrar facilmente nas bacias d'estes rios, comtudo, á medida que descessem, ficariam separados por difficeis cadeias de montes, de sorte que não poderiam mover-se rapidamente para se secundarem uns aos outros,

(c) 2007 Ministerio de Cultura

nem conservar boas communicações. E' facil de ver que a existencia e direcção d'estas cadeias de montanhas parallelas influiam materialmente na posição dos francezes. Napoleão, tendo assegurada a posse d'ellas, podia na verdade empregal-as como obstaculo contra um inimigo vindo do sul, mas se lhe fosse necessario fazer frente a um adversario que lhe apparecesse de qualquer ponto do lado oeste (por exemplo um que estivesse de posse de Portugal), taes cadeias seriam então obstaculos inconvenientes para o seu proprio exercito, dividindo-lhe a frente, que deveria estender-se por aquellas differentes bacias para observar esse inimigo.

Deve notar-se tambem (2) que a linha de communicação franceza passando por Bayonna era muito extensa, e passava por varias cadeias de montes. *Exigia por isso esta linha muitos homens de tropa para ser protegida contra uma população hostil.* Eram empregados fortes destacamentos para a observar e para escoltar todos os approvisionamentos, enfraquecendo isto tambem o exercito francez. Devemos dizer que Napoleão fez principalmente uso da estrada real de Bayonna, para o transporte das suas tropas e material para toda a guerra. Conduzia esta mais directamente ao centro da Hespanha que a que vinha de Perpignan, e teria sido muito difficil conservar protegidas duas extensas estradas, separadas pelos contrafortes das montanhas que se estendem entre os Pyrenéos e o Ebro, e atravez dos quaes ha apenas communicações difficeis.

Deve notar-se finalmente (3), que em virtude da natureza agreste e escabrosa da Hespanha, e das fortes posições que a cada passo se encontram nas suas montanhas, este paiz é especialmente proprio para a defeza. Não era tarefa facil procurar e submetter os insurgentes que se fortificavam nos seus logares de refugio, e mais ainda, emquanto conservavam estas posições, podiam sempre fazer repentinas descidas dos montes e incommodar os francezes.

Vemos, portanto, que os generaes francezes, a despeito do numero de seus soldados, tinham de luctar com muitas difficuldades e desvantagens, e entre estas devemos incluir, em boa fé, a maior promptidão com que grande

(c) 2007 Ministerio de Cultura

parte da gente dos campos devia naturalmente dar informações aos seus inimigos que tinham vindo auxilial-a na Peninsula, do que a elles proprios. Menos vantagens do que se poderia suppôr, tinham, na verdade, alcançado os inglezes n'este sentido, durante a guerra ; comtudo, relativamente fallando, obtinham melhores informações dos camponezes do que as tropas francezas.

Com relação á perspectiva sob a qual os inglezes começaram a guerra, a Inglaterra tinha, sem duvida, por seu lado, como vantagens relativas, todas as circumstancias que já foram apontadas como sendo desvantajosas para os francezes. O seu exercito ia combater n'um paiz amigo, naturalmente difficil de ser conquistado, e cujo governo e habitantes se esperava o auxiliariam com zelo e força (esperança que se não realizou). Tinha ella dinheiro que é o motor da guerra, assim como o dominio do mar, circumstancia esta de inapreciavel valor. Esta posse do oceano, que lhe não era disputada, permittia-lhe a faculdade de enviar abastecimentos, e tambem de dividir a attenção dos francezes, por meio de ameaças de desembarque em varios pontos da costa.

A principal desvantagem com que a Inglaterra luctou, desde o principio, foi a fraqueza numerica do seu exercito em comparação com o da França.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

SEGUNDA LIÇÃO

As tropas que compunham o exercito inglez foram mandadas partir de differentes pontos. Uma parte, sob o commando de Sir Arthur Wellesley (proximamente 9:000 homens), partiu de Cork; uma outra, sob o commando de Sir John Moore (cêrca de 10:000 homens), da Suecia, para onde havido anteriormente sido mandada em expedição afim de auxiliar os suecos contra a Russia, expedição que havia terminado; e uma terceira, sob o commando do general Spencer (proximamente 5:000 homens), de Gibraltar.

Sir Arthur Wellesley teve a principio o commando em chefe d'estas tropas, mas, ao tempo da partida, foram mandados reunir ao exercito dois officiaes mais antigos que elle, Sir Harry Burrard e Sir Hew Dalrymple. As tropas commandadas por Wellesley e Moore foram dirigidas para as costas de Portugal, e as commandadas por Spencer, para Cadiz. Succedeu, porém, que o destino das tropas de Spencer foi quasi immediatamente alterado, em razão da victoria (a unica, pode dizer-se, durante toda a guerra), que os hespanhoes ganharam por esta oc-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

casião na Andaluzia sobre o corpo de exercito francez que, como se disse em pagina 22, se dirigia para Cadiz. Foi decidido que o facto de se ter alcançado esta victoria tornava desnecessario desembarcar tropas n'este ultimo ponto. Cadiz e Andaluzia, em consequencia da derrota dos francezes, haviam ficado ao abrigo de qualquer perigo immediato; e Wellesley determinou immediatamente que Spencer viesse reunir-se-lhe em Portugal.

Era agora a occasião de se reflectir na escolha de um ponto para o desembarque.

A costa de Portugal é difficil para effectuar uma operação d'essa ordem. Lisboa era, como sabemos, o ponto de que a expedição tinha por fim apoderar-se, isto é «*o ponto objectivo*» da campanha; teria porém sido arriscado tentar o ataque d'esta cidade, por meio de um desembarque na embocadura do Tejo. A grande resaca do mar, os fortes, e a força dos francezes, tudo tornava este alvitre pouco acceitavel. Peniche, pequeno porto na costa ao norte de Lisboa, estava tambem defendido pela artilheria dos francezes; por estas razões, foi escolhida a Figueira, na embocadura do rio Mondego, para ponto de desembarque, por se ter conhecido que poderia ser ali effectuado sem resistencia.

No 1.º de agosto de 1808, começou Sir A. Wellesley a desembarcar as suas tropas; Spencer chegou alguns dias depois, e, sem esperar pelas tropas do commando de Sir John Moore, o exercito avançou para Lisboa, e deu principio á longa serie de campanhas que por mais de cinco annos duraram na Peninsula.

Campanha do Vimeiro — 1808

Demorar-nos-hemos pouco em tratar d'esta campanha.

Dirigindo-se o exercito para Lisboa, veio a encontrar-se pela primeira vez com o inimigo, que se havia formado em ordem para o combater, proximo da aldeia da Roliça, em 17 de agosto. A razão porque os francezes deram batalha n'este ponto foi porque uma linha de alturas,

(c) 2007 Ministerio de Cultura

que corta transversalmente a estrada principal para Lisboa, lhes offerecia uma forte posição de onde podiam oppôr-se á marcha progressiva dos inglezes.

Sir Arthur, depois de um vigoroso combate no dia 17, repelliu os francezes da sua posição, e, emquanto estes retiravam na direcção de Torres Vedras, avançou elle para o Vimeiro, na direcção do mar, afim de estabelecer as communicações com a esquadra, e proteger o desembarque de reforços. No dia 20, uma brigada de 4:000 homens proximamente, commandados pelo general Anstruther, approximou-se da costa e desembarcou a salvo; e, tendo-se reunido provisões para doze dias, foi ordenado um immediato movimento sobre Torres Vedras. Sir John Moore estava a este tempo proximo da foz do Mondego, sendo o plano de Sir Arthur Wellesley que elle desembarcasse ali, e que, marchando depois sobre Santarem, ameaçasse cortar as communicações dos francezes com Elvas, emquanto elle (Sir Arthur) tentava chegar a Lisboa.

O terreno entre o Vimeiro e Lisboa era muito difficil, e o unico caminho que existia entre estes dois pontos passava pelo desfiladeiro de Torres Vedras. Havia, comtudo um caminho mau que torneava este desfiladeiro pelo lado da costa, e Sir Arthur esperava que, intentando uma marcha ousada por elle, (apparentemente não era observado este caminho), poderia chegar a Mafra, e interpôr, por surpreza, o seu exercito entre Junot e Lisboa.

Este plano de Sir Arthur Wellesley não chegou a ser posto em execução. Sir Harry Burrard avisinhando-se do Vimeiro, em um navio, na noite de 20, e sem mesmo desembarcar, contra-ordenou este movimento, mandando que o exercito se conservasse firme no ponto em que se achava, até que se lhe reunisse Sir John Moore.

No entretanto os francezes haviam determinado tomar a offensiva, e na manhã do dia 21, appresentaram-se na frente da posição ingleza, e atacaram esta precipitadamente, sem a terem reconhecido; sendo os esforços de Junot dirigidos sobre tudo a forçar a esquerda dos inglezes, e repellir estes para o mar.

O resultado d'esta batalha, em que a força dos francezes

(c) 2007 Ministerio de Cultura

andava por 14:000 homens e a dos inglezes por 18:000, foi uma victoria completa para estes, que durante o combate foram commandados por Sir Arthur Wellesley; e ao cair do dia a direita dos inglezes estava senhora da estrada de Torres Vedras, emquanto que o grosso dos francezes tinha sido repellido para alguma distancia a leste da mesma estrada. Sir Arthur instou então poderosamente com Sir Harry Burrard, que havia desembarçado antes de findar a acção, para continuar a victoria, fazendo uma marcha rapida sobre Torres Vedras com uma parte da sua força, afim de se apoderar d'aquelle desfiladeiro antes de chegarem os francezes, emquanto o resto das tropas perseguiria de perto o inimigo, repellindo-o para os montes que ficam a leste. Comtudo Sir Harry, pensando que apenas uma pequena parte dos francezes tinha sido empenhada na acção, era contrario a que se levasse a perseguição mais longe, julgando mais prudente esperar por Sir John Moore. Na manhã seguinte reuniu ao exercito Sir Hew Dalrymple, e tomou o commando das mãos de Sir Harry Burrard; d'este modo o commando do exercito mudou tres vezes em outros tantos dias, na immediata presença do inimigo. Apresentaram-se então algumas duvidas sobre se se devia avançar ou não, quando no dia 23 Junot, que em consequencia da inacção de Sir Harry Burrard, havia conseguido fazer bem a sua retirada por Torres Vedras para Lisboa, mandou um emissario ao campo dos inglezes para tratar dos termos de uma negociação. Junot deliberou dar este passo em consequencia da difficuldade que experimentava para conter a população de Lisboa, do receio de ter de effectuar uma retirada forçada pela Hespanha, paiz hostil, e da probabilidade de uma tal retirada se tornar eventualmente inevitavel com a chegada de Sir John Moore, e com um levantamento dos portuguezes.

Depois de breves negociações, concordou-se n'uma convenção, pela qual o exercito francez *consentia em evacuar Portugal (cedendo Lisboa, Elvas, Almeida e todas as fortalezas), contanto que levasse para França todo o seu armamento e artilheria.*

(c)·2007 Ministerio de Cultura

Observações

A grande importancia do desfiladeiro de Torres Vedras n'esta campanha, e o modo porque a existencia das cadeias de montanhas interveio necessariamente na questão de quaes seriam as operações possiveis ou não, são circumstancias notavelmente proeminentes.

Devemos agora observar que, assim como o termo «*estrategia*» (veja-se a introducção) significa a arte de mover as tropas com vantagem fóra da presença do inimigo; e «*tactica*» a arte de mover as mesmas tropas no proprio campo da batalha [1], do mesmo modo um qualquer ponto que não esteja situado no campo da batalha, e cuja occupação possa trazer vantagens para a marcha da guerra, é chamado um «*ponto estrategico*» ; se o gráo de vantagem é importante, chama-se um «*ponto estrategico importante*» ; e se é de tal ordem que pareça ser de um caracter decisivo, chama-se então «*ponto estrategico decisivo.*»

Os pontos comprehendidos n'um campo de batalha, e que dão algumas vantagens áquelles que os occupam, são chamados «*pontos tacticos*», e não estrategicos ; e «*pontos tacticos importantes*» ou «*pontos tacticos decisivos*», segundo o seu gráo de importancia.

O desfiladeiro de Torres Vedras pode, com razão, ser considerado um ponto estrategico importante n'esta campanha. As tropas que do Vimeiro quizessem marchar sobre Lisboa, teriam de tornear este desfiladeiro, o que seria bastante difficil, ou de o tomar pela força, o que produziria uma grande perda de homens, se estivesse vigorosamente occupado pelo inimigo. Vencer ou passar o desfiladeiro era a grande difficuldade. Os factos subsequentemente sabidos provam que, se se tivesse seguido o conselho dado por Sir Arthur a Sir Harry Burrard, de se avançar immediatamente do Vimeiro para Torres Vedras, ter-se-hia entrado na posse do desfiladeiro, e, passado

[1] As duas palavras de que estamos tratando são derivadas do grego : Estrategia de *Strategos*, general; Tactica, de «*Taxis*», ordem de batalha.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

este, as communicações de Junot com Lisboa ficariam cortadas.

Sir Arthur, com a clareza de espirito que era a sua qualidade particular e caracteristica, tinha formado uma idéa mais perfeita que o seu immediato superior, da situação e circumstancias dos francezes e d'aquillo que era possivel aos inglezes executar, por meio de um golpe prompto e decidido; porém ao mesmo tempo comprehende-se a repugnancia de Sir Harry Burrard em arriscar-se a avançar, quando se souber que elle suppunha os francezes em maior força do que a que realmente possuiam, e que tinha como certo que Sir John Moore, dentro em poucos dias, deveria chegar com um exercito de reforço.

Sir Harry Burrard, sendo commandante em chefe, tinha n'esta occasião muito maiores responsabilidades que Sir Arthur, e poucos homens teem possuido o talento d'este ultimo general.

Com relação ao plano proposto pouco antes da batalha do Vimeiro por Sir Arthur Wellesley, quer dizer, de Moore se dirigir para Santarem, emquanto elle iria pelo lado da costa, procurando passar adiante de Junot por surpreza, é facil de vêr que, mesmo no caso em que uma tal surpreza não podesse ser levada a effeito, ainda a direcção da marcha de Moore teria sido calculada e determinada para auxiliar o projecto de se chegar a Lisboa. A difficil cadeia de montes que segue de Torres Vedras para o norte estendendo contrafortes para o lado do Tejo, e que se interpõem ás estradas que do Vimeiro e de Santarem conduzem respectivamente a Lisboa, tornaria impossivel a Junot, se se pozesse em movimento para atacar as forças de Moore, o retroceder a tempo para se oppôr aos esforços de Sir Arthur de passar á força para Lisboa. A presença de Moore era tambem conveniente para obrigar Junot a afastar-se do desfiladeiro de Torres Vedras, ou a defender este com uma força mais pequena.

Porém, de outro lado, a grande cadeia de montes que se dirige de Torres Vedras para o norte, e atravez da qual eram difficeis as communicações, teria separado as duas forças uma da outra. O exercito avançaria então por uma «*linha de operações dupla*».

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Na guerra, emquanto as varias columnas que compõem o exercito se movem n'uma direcção geral, e conservam entre si uma communicação constante (*ainda que a columna siga differentes estradas*), diz-se que o exercito marcha seguindo «*uma linha de operações unica*». Quando, porém, o exercito é dividido em *duas ou ires fracções distinctas e completas* (isto é, quando são mais alguma cousa do que simples destacamentos), se por ventura essas fracções marcham separadas umas das outras, ou pela distancia ou pela natureza do paiz, de modo que não possam conservar uma communicação constante e regular entre si, diz-se então que esse exercito marcha por uma *linha dupla* ou *tripla de operações*, segundo o caso. Emquanto pois uma cadeia de montanhas e os seus escabrosos contrafortes separassem as duas fracções independentes do exercito inglez, sob o commando de Moore e de Wellesley, e tornassem a sua communicação precaria, o exercito marcharia seguindo uma linha de operações dupla.

Diremos agora, que, quando um exercito se põe em movimento seguindo uma linha dupla ou tripla, é preceito de guerra que cada fracção d'esse exercito seja bastante forte para se oppôr, por si só, a toda a força do inimigo, ou então que o ponto em que essas fracções tenham de reunir-se ou concentrar-se, chamado technicamente «*ponto de concentração*» seja escolhido por modo que o inimigo não possa atacar qualquer das fracções separadas antes de estas se terem reunido, ou, por outras palavras, antes de terem chegado todas ao ponto de concentração. Se as fracções separadas forem, cada uma de por si, mais fracas do que o inimigo, e não podérem auxiliar-se mutuamente, estão expostas a serem atacadas em separado, e batidas umas depois das outras.

Se o plano de Sir Arthur Wellesley tivesse sido executado, as duas fracções do exercito inglez, separadas pelas montanhas, difficilmente poderiam ter determinado um ponto, onde com certeza se encontrassem e reunissem, antes que Junot podesse atacar uma ou outra; e tornava-se portanto uma questão importante saber, se cada uma d'ellas poderia fazer face a qualquer força que Junot, no justo in-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

tuito de conservar Lisboa, podesse apresentar-lhe na sua frente. Sir Arthur era, segundo parece, de opinião que cada fracção estava nas circumstancias de assim proceder, sendo, como agora conhecemos, exacto no seu pensar; mas Sir Harry Burrard, por outro lado, duvidoso como estava a respeito da força e situação dos francezes, julgou mais prudente operar com precaução, e esperar que Moore reunisse ás suas tropas.

Quando examinarmos as subsequentes campanhas, teremos varias occasiões de pôr em relevo os perigos, as contrariedades, assim como os successos, que teem acompanhado os exercitos quando operam por duas ou mais linhas independentes, e de discutir mais largamente esta questão.

A frequente mudança de commandantes era, sem duvida, prejudicial a qualquer vigoroso plano de campanha seguido pelos inglezes; e póde considerar-se uma feliz circumstancia, a de não terem sido mais prejudiciaes, do que realmente foram, os resultados d'estas mudanças. Na guerra deve apenas haver um chefe, e este ser mudado as menos vezes possivel. «*Nada é mais importante na guerra*, dizia Napoleão, *do que a unidade de commando*».

A convenção de Cintra, como vimos, entregou Portugal nas mãos dos inglezes.

Esta convenção, chamada *de Cintra*, por causa do nome da pequena villa, junto da qual foi celebrada, foi de uma tal importancia militar, que nos deve merecer um pouco de attenção. Excitou ella por esse tempo uma tempestade de indignação em Inglaterra, levantando-se um clamor ainda mais injustificavel por não terem obrigado Junot a entregar-se sem condições, em logar de lhe permittirem que retirasse com o seu exercito. Mas posto que alguns dos menores detalhes da convenção não fossem talvez convenientes, no todo era, comtudo, vantajosa para a causa dos inglezes.

A retirada de Junot por Elvas estava ainda desembaraçada. O exercito dependia principalmente da esquadra pelo que dizia respeito ás provisões, e esta podia ter de se afastar da costa se tivesse vento que a isso a

(c) 2007 Ministerio de Cultura

obrigasse, sendo portanto de importancia capital, pôr os navios de uma vez a salvo, entrando no porto do Tejo.

Se a convenção de Cintra houvesse sido recusada, e Junot fosse obrigado a resistir, teria sido necessario submetter os fortes em redór de Lisboa; depois d'isto, talvez, transportar pelo rio a artilheria até Abrantes, e d'aqui, 70 milhas por terra, para cercar e tomar Elvas; tomar Almeida em seguida, tendo sempre de luctar com as difficuldades inherentes aos máus caminhos e com a escacez de viaturas de toda a especie. Após grandes perdas, tanto de tempo como de homens, é possivel que o exercito tivesse alcançado o que a convenção immediatamente lhe garantia, isto é, a posse de Portugal; mas tambem é possivel que, antes de tal acontecer, as forças de Napoleão que se aproximavam, e que vinham de Hespanha em auxilio de Junot, o obrigassem á retirada. Sem mais perdas Portugal estava libertado, e estavam seguros os seus portos, bem como as boas posições fortificadas que a sua fronteira apresentava como uma base para futuras operações contra a Hespanha. A par d'isto, era de pequena importancia que Junot, com a sua força, comparativamente pequena, tivesse ido engrossar os já numerosos exercitos de Napoleão.

Comtudo, em virtude dos clamores que se levantaram em Inglaterra, Sir Arthur Wellesley, Sir Harry Burrard, e Sir Hew Dalrymple, foram mandados regressar ao seu paiz afim de responderem perante um conselho de investigação. Absolveu-os este da culpa de que eram accusados, devendo nós aqui mencionar a opinião do proprio Napoleão, que dizia ter sido a convenção, que pôz termo a esta campanha, de uma evidente vantagem para os inglezes, constituindo um erro praticado por Junot. «Tratava eu de levar Junot perante um conselho de guerra (diz elle) quando, felizmente, os inglezes metteram em processo os *seus generaes*, poupando-me por esta forma o pezar de ter de castigar um velho amigo».

A vantagem estrategica ganha então n'esta primeira campanha, vantagem que foi grande, foi a posse de Portugal com os seus portos abertos para o mar, e da sua fronteira, natural e artificialmente forte para o lado de

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Hespanha. Formava esta uma mui excellente base onde apoiar as operações contra os francezes.

Preparativos para a proxima campanha

Em quanto se ajustava a convenção de Cintra, desembarcou em Lisboa Sir John Moore. As suas tropas elevaram o effectivo do exercito inglez a 32:000 homens, proximamente. Sir Arthur Wellesley, Sir H. Burrard, e Sir Hew Dalrymple tinham sido mandados regressar a Inglaterra, recebendo aquelle general, por este facto, o commando das forças.

Decorreram algumas semanas antes que recomeçassem as operações contra os francezes, sendo isto principalmente devido á indecisão do governo inglez a respeito dos seus planos futuros, e só nos principios de outubro é que Moore recebeu communicação de que lhe eram enviados 10:000 homens de Inglaterra, sob o commando de Sir David Baird, os quaes deviam desembarcar na Corunha. Nas instrucções que lhe foram enviadas, era-lhe ordenado que entrasse elle proprio em campo com 20:000 homens; que fizesse a juncção com Baird (ou no interior de Hespanha, ou por meio de uma viagem em torno da costa); e que marchasse em auxilio dos hespanhoes. Moore não tinha recebido nenhum plano de campanha definido. As instrucções ordenavam-lhe simplesmente que auxiliasse os hespanhoes (depois de ter realisado a juncção com Baird), conforme as circumstancias o inspirassem; e considerando que haveria uma desnecessaria demora se fosse por mar juntar-se a Baird, ordenou a este general, que pouco tempo depois desembarcou na Corunha, que marchasse pela Galliza, e *fosse concentrar-se com elle em Salamanca*. As tropas de Moore tinham, como se póde vêr pelo mappa, de effectuar uma longa marcha; as estradas eram más, e approximava-se a estação das chuvas. Tinha este general de adquirir transportes, e de arranjar abastecimentos; porém o governo enviara-lhe pouco dinheiro, e os portuguezes, acostumados ás violações de fé da par-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

te dos seus proprios governantes, desconfiavam de todo o estrangeiro que não podia pagar á vista e não se resolviam com facilidade a contractar. Com todas estas difficuldades teve tambem de luctar Sir David Baird. Este general, depois da sua chegada á Corunha, viu-se a braços com demoras e obstaculos de toda a especie. Para nos servirmos das palavras de Napier «as auctoridades locaes eram pouco amigas, ardilosas, e fraudulentas ; os camponezes, desconfiados, rudes, pouco affeiçoados a estrangeiros, e indifferentes pelos negocios publicos ; pouco seria necessario para que os seus cumprimentos se tornassem de amigos em inimigos. » D'estes desanimadores impedimentos resultou que as forças inglezas não poderam começar esta campanha tão cedo como poderiam, e Moore não poude sair de Lisboa antes do dia 26 de outubro para se reunir a Baird, que havia partido de Corunha.

Mudanças que entretanto tiveram logar em Hespanha

Conservando esta data na memoria, e antes de continuar a narração d'esta campanha, voltemos aos negocios de Hespanha, afim de apreciar a sua situação n'este periodo e tornar intelligiveis os acontecimentos que tiveram logar.

Já dissémos que ao tempo do exercito inglez embarcar para a Peninsula os francezes tinham geralmente sido bem succedidos em submetter os insurgentes, e que Napoleão havia partido para Paris. Porém a derrota do exercito francez que marchava sobre Cadiz, para que chamámos a attenção em pagina 22, e que teve logar pouco depois do desembarque das tropas inglezas, era um dos da serie de revezes temporarios que agora começavam a supportar os exercitos francezes, que haviam ficado sob o commando de Joseph, irmão do Imperador, que governava em Madrid. Todos os habitantes de Hespanha pegaram em armas ; e grandes corpos, compostos em parte de tropas regulares e em parte de camponezes

(c) 2007 Ministerio de Cultura

mais ou menos instruidos e organisados, começaram a avançar para a capital tomando uma attitude ameaçadora.

Joseph ficou assustado, e retirando de Madrid dirigiu-se para Vitoria, onde reuniu todo o exercito francez para além do Ebro.

Os hespanhoes consideraram então a victoria como já alcançada. Com idéas extravagantes a respeito do proprio poder, as suas tropas, levantadas á pressa, mal disciplinadas e desdenhando, por ignorancia, dos francezes, avançaram contra Joseph, e até fallaram de uma subsequente invasão da França.

Um corpo da extrema esquerda tomou posição em frente de Bilbáo procurando cercar e envolver as forças francezas. Um outro, atravessando o Ebro, reuniu-se além de Tudella, e um terceiro, reunindo-se mais abaixo seguindo o rio, na provincia de Aragão, formava a direita. Na retaguarda d'estas tropas estavam outras forças que lhes serviam de apoio e protegiam Madrid, cidade que tinha sido reoccupada pelos hespanhoes. Tudo n'esta occasião parecia promettedor para a Hespanha, mas na realidade as suas tropas eram absolutamente inferiores tanto em numero como em qualidades militares para se baterem com os soldados e generaes da França. Napoleão foi levado a operar energicameute em vista da situação do seu exercito e do exito das forças inglezas, e começara, nos principios de outubro (isto é, quasi ao mesmo tempo em que Sir John Moore tinha recebido instrucções para sair de Lisboa e juntar-se a Baird) a pôr em movimento as suas columnas, dos differentes pontos do Imperio na direcção dos Pyrenéos, e no dia 30 de outubro (quatro dias depois de sir John Moore ter saido de Lisboa) deixou Paris para ir pôr-se á sua frente. Logo que os seus reforços, que eram calculados para elevar o exercito francez na Peninsula a 250:000 homens, chegaram (durante o mez de novembro) em frente dos hespanhoes, foram estes derrotados e dispersos em todas as direcções. Napoleão avançou rapidamente, e tendo destacado um corpo para o rio Carrion afim de observar os inglezes e proteger o proprio flanco direito, marchou para

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Madrid, atacou o desfiladeiro de Somo Sierra, e no dia 2 de dezembro bivacou diante da capital de Hespanha.

Esperava-se que a cidade de Madrid faria uma longa e intrepida resistencia ; porém não aconteceu assim. Dentro de dois dias, isto é, no dia 4 de dezembro, caiu deante de Napoleão. A confiança, comtudo, na sua prolongada defeza era tão grande em Hespanha, que a submissão de Madrid difficilmente foi acreditada, e esta confiança teve, como veremos, influencia nas operações do exercito inglez commandado por sir John Moore.

Tendo já dito o bastante para tornar intelligivel o plano e o resultado das operações, voltemos a ellas novamente.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

(c) 2007 Ministerio de Cultura

TERCEIRA LIÇÃO

Campanha da Corunha, 1808-1809

Ao mesmo tempo, pois, (isto é, a 26 de outubro) que Napoleão fazia entrar as suas tropas em Hespanha pelos Pyrenéos, uma parte do exercito de Sir J. Moore havia deixado Lisboa ; e proximamente 10:000 homens sómente das tropas inglezas ficavam em Portugal para occupar este paiz.

Antes de se pôr em marcha, Moore tinha-se certificado por todos os modos que as estradas ao norte do Tejo eram intransitaveis á artilheria e ás viaturas pesadas ; viu-se portanto obrigado a dividir o seu exercito, dispondo a marcha como segue :

O corpo principal devia marchar ; uma parte por Coimbra, Vizeu e Almeida, e a outra por Alcantara e Coria, na direcção de Ciudad-Rodrigo e d'ahi para Salamanca. Só as bagagens leves e as munições para uso immediato deviam acompanhar esta fracção do exercito.

A artilheria, a cavallaria, e um parque de muitas centenas de viaturas deviam seguir por Elvas, Badajoz, Almaraz, Talavera, Madrid e o desfiladeiro do Escurial (o que tornava mais extensa a marcha em 150 milhas), e

(c) 2007 Ministerio de Cultura

reunir-se por este modo ao corpo principal em Salamanca. Esta parte da força foi confiada ao commando de Sir John Hope. A maior parte das munições fazia parte d'esta columna.

Deviam formar-se depositos em Almeida, sendo enviadas para ali varias reservas e provisões.

A grande difficuldade em obter viaturas para transportes embaraçou Sir John Moore logo depois de ter saido de Lisboa, assim como já lhe tinha demorado a partida, e obrigou-o a mover as suas tropas separando-as em pequenas divisões successivas.

A fracção do exercito commandada por Baird não poude partir da Corunha antes do dia 9 de novembro ; e n'esta data, em virtude de se encontrarem poucos carros, foram ainda as tropas obrigadas a marchar divididas em meios batalhões, um por cada vez, e a alugar carros para cada dia.

Sir John Hope, tendo falta de dinheiro e de reservas e perdendo muitos cavallos atacados de mormo, viu-se tambem obrigado a marchar dividindo a sua força em seis fracções que se seguiam intervalladas por um dia de marcha.

Em consequencia d'estes muitos embaraços para a concentração do exercito, e tambem da marcha, com bom exito, de Napoleão sobre Madrid, vamos encontrar as forças dos inglezes, no dia 26 de novembro, separadas da seguinte maneira, em situação perigosa, nas proximidades do inimigo.

Moore em Salamanca.

Baird em Astorga, tendo a sua retaguarda ainda muito distante, para além de Lugo.

Hope aproximando-se do desfiladeiro do Escurial, com a sua retaguarda em Talavera.

Napoleão, tendo dispersado os exercitos hespanhoes e estando portanto desembaraçado para poder mover-se com grandes forças n'uma qualquer direcção, achava-se no mesmo dia proximo de Aranda, na estrada para Madrid ; e um corpo de exercito francez commandado por Lefebvre (proximamente 30:000 homens, isto é, força egual ás de Baird e de Moore reunidas), descia ao longo do rio

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Carrion para Valladolid, que estava occupado por destacamentos avançados. Comtudo Napoleão não sabia da visinhança dos inglezes ; e Sir J. Moore, pela sua parte, ignorava tambem que se achava na proximidade dos francezes, e que estes eram em grande força.

No dia 28 de novembro a situação dos inglezes tornou-se ainda mais critica, pela razão de conservarem por muito tempo as mesmas posições, e de os francezes avançarem.

Baird ainda estava em Astorga, esperando que se lhe reunisse a retaguarda.

Hope que marchava pelo desfiladeiro do Escurial, parou tambem por causa da sua retaguarda.

Moore estava em Salamanca.

Napoleão em Aranda.

O corpo de Lefebvre, com uma grande força de cavallaria, estava em Palencia e Valladolid, tendo lançado patrulhas até Arevalo. Estavam tambem algumas tropas francezas em Segovia.

N'esta data receberam, Moore e Hope, informações da aproximação de Napoleão e das suas victorias sobre os hespanhoes ; reconhecendo então Moore o perigo da sua situação.

Ordenou este portanto a Baird que retirasse immediatamente para Corunha ou Vigo ; resolvendo elle proprio, depois de ter diligenciado effectuar a sua juncção com Hope, retirar para Portugal.

A situação de Hope era muito critica. Se avançasse, teria de fazer um movimento de flanco que duraria tres dias, com um comboio pesado, n'um paiz plano, e muito provavelmente na presença de uma poderosa cavallaria. Se se demorasse, o corpo francez atacal-o-ia ; e se retirasse, deixaria Moore em Salamanca sem artilheria nem munições. A ultima consideração pesando mais que todas as outras, sem hesitar marchou para a frente ; e aproveitando alguns atalhos, conseguiu chegar a Avila, atravez dos campos sem ser incommodado pelos francezes, alcançando por fim Sir John Moore a salvo.

A determinação que Moore tomou de retirar levantou mui geral indignação em Hespanha. Dizia-se que Madrid

(c) 2007 Ministerio de Cultura

resistia desesperadamente a Napoleão ; e as noticias da resistencia d'esta cidade, que como sabemos eram inexactas, fizeram com que elle mudasse de plano. Foi dada contra-ordem para a retirada de Baird ; e como o inimigo tinha seguido para Madrid e parecia inteiramente occupado com os hespanhoes, Moore resolveu fazer uma ousada tentativa de se concentrar com Baird em Valladolid, e ameaçar depois o flanco dos francezes e a sua linha de communicações na direcção de Burgos.

Enviou portanto novas ordens a Baird para avançar, mas ao mesmo tempo, como viu que podia ser obrigado a retroceder, fez preparativos para uma retirada sobre Corunha ou Vigo, mandando estabelecer depositos em Benavente, Astorga e Lugo. No dia 11 de dezembro marchou para Valladolid, e no dia 13 chegou a Toro que occupou, bem como outros pontos sobre o rio Douro, quando lhe caiu nas mãos um despacho interceptado aos francezes.

Por este despacho soube elle que Madrid tinha caido no poder d'estes havia muitos dias antes, e que o imperador se preparava para submetter as provincias de Hespanha e o reino de Portugal, mandando marchar os seus exercitos em todas as direcções. O corpo de Lefebvre tinha passado por Madrid e achava-se já em Talavera, no caminho para Lisboa; outro corpo, commandado pelo marechal Soult, recebia ordem (no despacho) para deixar o rio Carrion onde se achava então em posição, e dirigir-se sobre Benavente, e d'aqui contra a provincia de Galliza. Moore soube tambem por este despacho que os francezes não tinham conhecimento algum da sua proximidade, e que o corpo de Soult era fraco e estava relativamente isolado.

As probabilidades que tinha de realisar qualquer projecto, na situação em que se encontrava, eram evidentemente muito poucas, porém Moore determinou, como sendo o melhor alvitre que se lhe apresentava, tentar surprehender Soult sobre o Carrion. Estava pois agora definitivamente estabelecido que o exercito, se tivesse de retirar, o faria pelas estradas que iam ter a Galliza ; ordenara-se aos transportes que navegassem para Vigo ; e

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Baird recebera ordem para se pôr em movimento na direcção de Mayorga e não de Valladolid.

A concentração de Baird e Moore realisou-se com bom resultado no dia 20 de dezembro perto de Mayorga, sendo as forças então reunidas em numero superior ás do corpo de Soult.

Depois da concentração Moore avançou sem demora, e na noite de 23 estava junto de Soult, preparando-se para o atacar. A posição d'este ultimo era apparentemente perigosa ; mas, tendo havido nova alteração na situação das tropas de Napoleão, era realmente o exercito inglez que se avizinhava de uma destruição proxima. Tanto Soult como Napoleão estavam conhecedores da situação critica de Moore. Soult havia pedido reforços com muita urgencia, e emquanto os esperava, tratava de reunir as suas tropas á retaguarda do Carrion; e Napoleão, tendo sido informado dos movimentos dos inglezes, no mesmo dia em que Moore se juntava com Baird (isto é em 20), alterava todos os seus planos e procurava, com surprehendente energia, cercar o inimigo. Tendo ordenado a Soult que, depois de receber reforços, marchasse para Astorga, e ao corpo de Talavera que seguisse para Salamanca, elle proprio, com 50:000 homens e 150 bocas de fogo, saiu de Madrid no dia 22 de dezembro ; e, posto que o desfiladeiro do Escurial estivesse obstruido pela neve e se tornasse difficil a passagem por elle, animou os seus soldados marchando á sua frente, e depois de uma jornada cheia de difficuldades, caracterisada por uma energia indomavel, chegou no dia 26 a Tordesillas sobre o Douro, tendo lançado exploradores de cavallaria para diante de Benavente. Tinha elle pois em menos de cinco dias, no inverno e n'um paiz montanhoso, percorrido mais de 100 milhas de territorio.

Napoleão considerava agora a destruição dos inglezes quasi certa. De Tordesillas escreveu elle a Soult nos seguintes termos : «os nossos exploradores de cavallaria já estão em Benavente ; se os inglezes passarem o dia de hoje nas suas posições estão perdidos ; se vos atacarem em força, retirae de um dia de marcha ; quanto mais elles avançarem, tanto melhor para nós.»

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Porém Napoleão estava atrazado de algumas horas.

N'aquelle mesmo dia (26) Moore havia retirado diante de Soult, e atravessado o rio Esla. O seu exercito passou este em differentes pontos, a maior parte por uma ponte cêrca de Benavente que depois foi destruida, sendo as tropas depois d'esta operação incommodadas e atacadas pela cavallaria do inimigo, que ainda se apoderou de algumas bagagens.

Para explicar este movimento de Moore é sufficiente dizer que, na noite de 23 (quando estava quasi na presença de Soult, e meditava n'um ataque para o dia seguinte), foi este general informado da aproximação de Napoleão, e tendo immediatamente dado ordem para a retirada, conseguiu salvar o seu exercito.

As tropas, depois de atravessarem o Esla, demoraram-se o tempo sufficiente para se reunirem, destruir algumas reservas e despejar os depositos de Benavente, começando depois uma veloz retirada por Astorga para a Corunha; mas esta demora foi sufficiente para que o quartel general de Napoleão chegasse até Benavente.

Os depositos e armazens estavam mal abastecidos, a alimentação era escassa, e a situação dos inglezes, tendo de retirar perseguidos pela cavallaria do inimigo, parecia desesperada. Felizmente, porém, uma cheia n'aquella occasião fez altear o rio Esla, tornando-o impossivel de ser passado a váo, e os francezes perderam vinte e quatro horas primeiro que reparassem a ponte destruida e podessem continuar a perseguição.

Tornava-se agora de summa importancia para Moore chegar, por marchas forçadas, ao paiz montanhoso para além de Astorga, onde o seu exercito ficaria relativamente ao abrigo da cavallaria inimiga; por estes motivos fez marchar as tropas com grande celeridade, deixando os doentes á retaguarda e destruindo uma grande quantidade de abastecimentos de reserva.

Estas marchas forçadas, a falta de mantimentos regulares, a inclemencia do tempo, e sobretudo o conhecimento de que se fugia diante do inimigo, tudo concorreu para abalar a disciplina do exercito. Os excessos e as insubordinações tornaram-se geraes, e a «Retirada para a

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Corunha» foi no começo assignalada por uma grande desordem. Napoleão, perseguindo incessantemente os inglezes, chegou no 1.° de janeiro de 1809 a Astorga.

Ali, porem, recebeu um despacho em que lhe annunciavam que a Austria procedia a alguns preparativos para a guerra ; e, retrocedendo immediatamente, partiu para França, levando comsigo uma grande parte do seu exercito, e incumbindo a preseguição dos inglezes a um corpo de exercito commandado por Soult.

Bastará agora dizer que contra este corpo apresentava Moore uma frente bastante forte, e que fazendo um alto em Lugo e outros pontos, restabeleceu o animo das suas tropas. A retirada tornou-se mais regular, e por fim, depois de grandes vicissitudes, as forças inglezas chegaram a Corunha, tendo uma pequena parte d'ellas destacado, durante a retirada, por Orense para Vigo, e havendo-se ordenado aos transportes maritimos que fossem d'este ultimo porto para Corunha. Em consequencia de ventos contrarios, estes transportes só abordaram a esta cidade tres dias depois de ter ahi vindo o exercito de Sir John Moore; e entrando afinal no porto, começou o embarque das tropas. Estava ainda apenas uma parte a bordo, quando Soult atacou as restantes tropas, dando a batalha de Corunha, em 16 de janeiro de 1809. N'esta batalha foi morto Sir John Moore e Baird gravemente ferido, mas os francezes, posto que superiores em numero, foram repellidos, e os inglezes, embarcando a salvo, abandonaram as costas de Hespanha.

Observações

N'esta campanha o exercito inglez avançou seguindo uma *linha de operações dupla*, pois que a cavallaria e a artilheria, commandadas por Hope, constituiam apenas uma fracção ou destacamento das forças de Moore, e o exercito portanto vinha a estar dividido só em duas partes completas e capazes de operar separadamente, que eram as commandadas por Moore e por Baird. Estas duas

(c) 2007 Ministerio de Cultura

partes do exercito partiram uma da Corunha e outra de Lisboa, pontos completamente isolados um do outro, devendo reunir-se em Salamanca, que fôra escolhida para local de concentração.

Conservando isto de memoria, examinemos agora as posições dos exercitos francez e inglez no dia 28 de novembro.

N'este dia estava Baird em Astorga, a cinco dias de marcha de Salamanca, não tendo ainda ali chegado a sua retaguarda.

Hope estava no desfiladeiro do Escurial, a seis dias de marcha de Salamanca.

O poderoso corpo de Lefebvre estava, parte em Valladolid, sómente a tres dias [1] de marcha de Salamanca, e parte em Palencia, havendo destacado patrulhas até proximo de Arevalo. Achavam-se tambem alguns francezes em Segovia.

Moore estava em Salamanca.

Assim, n'este dia, uma porção consideravel do exercito francez ficava effectivamente muito mais proxima de Salamanca do que o exercito inglez; e além d'isso parece fóra de duvida que, se Napoleão tivesse tido conhecimento a tempo do movimento dos inglezes, poderia ter concentrado n'este mesmo dia uma força poderosa (além do enorme exercito que commandava) em Valladolid, e ter caido então sobre Sir John Moore em Salamanca, antes que Baird se lhe reunisse, ou Sir John Hope chegasse com a sua artilheria, cavallaria e munições.

Se assim tivesse acontecido, parte da força de Moore teria sido atacada pelo inimigo em numero tal que a resistencia seria quasi impossivel, ficando provavelmente prisioneira ou aniquilada, não restando então duvida sobre a sorte da artilheria e das bagagens commandadas por Sir John Moore.

[1] As distancias de marcha são tiradas de «Napier» em cuja auctoridade podemos confiar. Parece que era necessario, para ir do desfiladeiro do Escurial a Salamanca, o dobro do tempo preciso para ir ao mesmo ponto partindo de Valladolid, posto que em linha recta a primeira distancia não seja muito superior á segunda. A natureza do paiz dá a razão d'isto. Este facto serve para exemplificar a necessidade que ha, nas operações militares, de considerar as distancias em relação ao tempo que se gasta em as percorrer, e não em relação ao numero de milhas que tem de extensão.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Assim, nós vemos que as trez fracções separadas do exercito inglez estiveram em grande perigo de ser atacadas com seria desvantagem. Salvou-as o não ter Napoleão conhecimento da sua posição. Esta ignorancia porém de Napoleão foi um mero acaso, e o evidente risco a que se expozeram os inglezes é bastante para confirmar muito poderosamente a sabedoria e a prudencia do preceito de guerra que já enunciámos, e que novamente agora aqui reproduzimos— quando um exercito é dividido em fracções, cada uma das quaes não é bastante forte para luctar isoladamente com o inimigo, é essencial que o ponto de *concentração escolhido seja tal, que as fracções isoladas não possam ser atacadas pelo inimigo antes de ter logar a sua reunião.*

Nas circumstancias em que se achavam os francezes, Salamanca não deveria ter sido escolhida pelos inglezes para ponto de concentração. Tambem não seria conveniente, a não ser por casos excepcionalmente urgentes, isolar um destacamento do seu corpo principal, como aconteceu ao de Hope, que esteve exposto a ser atacado por uma força muito superior á sua, antes de poder ser soccorrido.

Em condições normaes, incorreria n'um grande erro o commandante que collocasse o seu exercito em situação igual á que occuparam os inglezes em 28 de novembro; porém, n'este caso particular, não se póde imputar culpa a Sir John Moore. O governo inglez havia ordenado á força de Baird que marchasse para a Corunha, e a Moore que se lhe fosse reunir, afim de auxiliarem os hespanhoes. Moore tinha apenas a escolher entre dois alvitres; ou juntar as suas tropas ás de Baird, indo por mar, o que teria occasionado novas demoras, ou marchar como effectivamente fez. Quando saiu de Lisboa não tinha conhecimento algum da passagem do immenso exercito de Napoleão pelos Pyrenéos, e sómente fôra informado de que numerosas forças hespanholas faziam frente aos francezes commandados por Joseph, sobre o Ebro; e que o povo hespanhol occupava Madrid, cheio de confiança. Todas as razões eram portanto para crer que poderia concentrar-se a salvo com Baird em Salamanca.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Com relação á marcha isolada da cavallaria e artilheria commandadas por Hope, deveremos lembrar-nos que Moore havia recebido informações de todos os lados, em que lhe era assegurado que a artilheria não podia passar pelas estradas ao norte do Tejo ; sabendo-se subsequentemente que o poderia ter feito, mas só com mui grande difficuldade.

Na verdade, ninguem esperaria que os acontecimentos succedessem como realmente succederam. Ninguem supporia que dentro de um mez os exercitos hespanhoes, cheios de confiança, haviam de fugir em todas as direcções espalhados aos ventos ; e que Napoleão com as suas immensas forças, chegaria ás portas de Madrid, tomando esta cidade em dois dias. A fraqueza dos hespanhoes e a força e a pericia do inimigo tinham de facto illudido todos os calculos vulgares.

Na leitura de livros militares é muito frequente encontrar-se a expressão — ter um general a vantagem das «*Linhas interiores*» — Isto é simplesmente um modo de dizer que significa, em razão do referido general occupar uma posição central ou interior com relação aos pontos occupados pelo inimigo, a possibilidade que tem de trazer sobre esses pontos uma força muito maior do que o que o adversario poderia n'elles reunir e oppôr-lhe no mesmo tempo.

Lefebvre, por exemplo, estando em Valladolid em 28 de novembro (posto que sem o saber) tinha sobre Moore a vantagem das *linhas interiores*, pois que ser-lhe-hia praticavel atacar este em Salamanca com forças superiores, antes que Sir John Hope ou Sir David Baird podessem chegar a soccorrel-o.

Quando Moore, depois de conhecer que os francezes nada sabiam a respeito da sua posição e só estavam occupados com Madrid, deliberou avançar para Valladolid, como se viu, e ameaçar-lhes a sua linha de communicações, operou segundo um plano audacioso ; mas deve dizer-se que elle combinou a prudencia com a audacia, quando ordenou que se formassem depositos e armazens em Benavente, Astorga e Lugo, de sorte que podesse, em caso de necessidade, mandando os seus navios para

(c) 2007 Ministerio de Cultura

algum ponto da costa da Galliza, como por exemplo a Corunha, fazer d'este ponto, em vez de Lisboa, a sua *Base* d'onde recebesse reservas, ou a que podesse recolher-se em ultima extremidade. A utilidade d'esta precaução foi reconhecida quando Napoleão posteriormente o isolou de Portugal.

A *base de operações* de Moore foi pois transferida de Lisboa para a Corunha, e o exercito foi salvo porque retirou sobre esta linha, tendo os depositos que ahi haviam sido estabelecidos contribuido para a sua sustentação. Poder assim mudar de *base* na guerra é uma vantagem incontestavel para um general; dá-lhe isso uma grande independencia e multiplica as direcções pelas qûaes póde a salvo operar contra o inimigo. Comtudo é comparativamente raro quando uma tal mudança se póde operar. N'este caso foi a posse do mar que a tornou possivel.

Quando Moore, depois de chegar ao rio Douro em 13 de dezembro, marchando a encontrar-se com Baird em Valladolid, soube pelo despacho que foi apprehendido, da exacta situação do inimigo; da posição de Soult sobre o Carrion; da entrada do corpo de Lefebvre em Talavera; e da entrega de Madrid; a sua determinação de atacar Soult é prova ao mesmo tempo de resolução e de habilidade.

O corpo que se achava em Talavera, mais proximo de Lisboa que elle proprio, já lhe havia cortado qualquel retirada a salvo para Portugal. Era agora evidente que devia em breve seguir a sua nova linha de retirada, isto é, sobre a Corunha ou qualquer outro ponto da Galliza, e que não podia fazer prolongada resistencia contra os numerosos exercitos de Napoleão. Se Moore tivesse, dando unicamente ouvidos á prudencia, decidido retirar immediatamente, a posição do seu exercito tel-o-hia justificado por haver tomado uma tal resolução.

Na verdade, se o ataque contra Soult tivesse sido ordenado com o simples intuito de incommodar ou de destruir o seu exercito e de retirar logo depois d'isto, este intuito difficilmente poderia justificar a perda provavel em homens e o risco a que se exporiam as suas tropas; havia porém um *fim muito mais importante* do que aquelle

(c) 2007 Ministerio de Cultura

na determinação do ataque. Este, só pelo facto da direcção em que foi dirigido, *ameaçava as communicações* dos francezes, e tinha por fim desviar, se fosse possivel, Napoleão do sul, e fazer retroceder o corpo que se achava em Talavera da sua marcha para Lisboa: evitando em todo o caso, por este modo, que tanto a Andaluzia como Portugal fossem invadidos.

Esta habil resolução foi plenamente coroada de successo. E' provavel que este acto temerario e inesperado fizesse suppôr a Napoleão que as forças inglezas eram muito mais numerosas do que realmente acontecia; o que é certo, porém, é que elle *suspendeu o movimento de todos os seus corpos de exercito*, dirigiu o que se achava em Talavera para o norte, e marchou immediatamente com grande pressa e com forças importantes contra Moore. Napoleão, pois, em virtude d'este ataque que lhe *ameaçava a sua linha de communicações*, foi desviado das provincias mais ricas da Hespanha; e, como pouco depois partiu para a Austria, não tendo tido tempo para pôr em execução os seus planos e deixando a direcção da guerra em mãos menos habeis que as suas, a importancia d'estes incidentes foi para a Peninsula mais que temporaria.

Devemos aqui fazer menção especial da direcção da marcha de Napoleão, quando saiu de Madrid contra Moore. Havia o maior empenho em *cortar as communicações do general inglez*, e em metter um exercito entre elle e a sua linha de retirada, tanto para Lisboa como para a Corunha. Portanto, n'esta intenção marchou Napoleão direito para Tordesilhas e Benavente. No primeiro d'estes pontos tinha elle interceptado Moore de Salamanca e de Lisboa, e por assim dizer, houve porfia entre elle e o seu adversario sobre qual dos dois occuparia primeiro Benavente. Se Napoleão tivesse chegado a esta localidade *antes* de Moore, estaria tambem mais proximo da Corunha do que este ultimo. Mas era em atraso de algumas horas, escapando-se por isso das suas mãos o exercito inglez.

Deve tambem dizer-se que o paiz montanhoso da Galliza, ainda que augmentava as difficuldades da retirada,

(c) 2007, Ministerio de Cultura

era não obstante favoravel a Moore. Foi para alcançar o difficil terreno entre o Minho e o Sil que Moore no principio obrigou o seu exercito a marchas forçadas logo que sáiu de Astorga; e, apenas entrou n'este paiz, as estreitas gargantas das montanhas offereciam-lhe posições em que poderia retardar a perseguição feita por um exercito mais numeroso, e onde a cavallaria franceza quasi que perdia todo o seu valor e utilidade. Estas posições podiam porém ser todas ellas mais ou menos difficilmente torneadas, de sorte que seria impossivel sustentar alli uma resistencia *permanente*.

Além d'aquelles em que já tocámos, ainda ha alguns outros pontos geraes que se tornaram bem salientes n'esta campanha. Por exemplo, o embaraço e o perigo até, para um exercito, occasionado pela falta de reservas de toda a especie e de transportes, como se evidenciaram nas demoras do principio d'esta campanha, em consequencia da falta de dinheiro e de fornecimentos, e nos perigos e alongamentos das columnas commandadas por Moore, Baird e Hope, produzidos pela escacez de viaturas. Nada póde prender mais um exercito nos seus movimentos do que a falta de abastecimentos e de viaturas, pois que não poderá mover-se emquanto não possuir estes elementos.

Acontece hoje o mesmo que no tempo de Moore, e a derrota dos francezes na recente guerra de 1870-71 pode perfeitamente ser attribuida a não estarem estes preparados, quando rebentou a guerra, para rapidamente abastecer e mover o seu exercito.

E' bem evidente a difficuldade de obter informações seguras a respeito da posição do inimigo, em tempo de guerra. Os camponezes hespanhoes, posto que indolentes e apathicos, eram na maior parte evidentemente amigos dos inglezes; mas não obstante vemos que a primeira noticia que Sir John Moore (á distancia de menos de 150 milhas de Madrid) recebeu da tomada d'esta cidade, foi obtida por um despacho interceptado ao inimigo, uns nove dias depois da mesma ter caido nas mãos dos francezes.

Tem sempre constituido uma necessidade dos exerci-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

tos um *serviço* de informações, isto é, um serviço organisado regularmente com o fim de obter esclarecimentos que possam auxiliar as operações. Os telegraphos, os caminhos de ferro, os barcos a vapor e outros meios de rapida transmissão de noticias não alteraram ainda esta necessidade. Os austriacos em Kœniggrätz, em 1866, e Mac Mahon em Wœrth em 1870, ambos ignoravam completamente a proximidade de grandes corpos de tropas inimigas.

Tambem se apresentam aqui dois ou tres exemplos da influencia que as circumstancias puramente accidentaes têm na guerra. A apprehensão do despacho francez que teve logar, a proposito, simplesmente em consequencia de ter havido altercação entre o official que d'elle era portador, e o director do correio de uma aldeia por causa dos cavallos da posta, altercação de que resultou a morte do mesmo official; a subida das aguas do Esla; as noticias da Austria chegando justamente a tempo de fazer retirar Napoleão de Astorga; todas estas circumstancias influiram poderosamente no resultado final das operações.

Como exemplo de uma marcha extraordinaria, quasi não ha nenhuma que se compare á que Napoleão executou de Madrid para Astorga. Em dez dias andou elle mais de 200 milhas com os seus 50:000 homens, transpondo uma cordilheira por um desfiladeiro coberto de neve; e além d'este tempo perdeu um dia inteiro junto ao rio Esla. Marchar com exercito numeroso, em campanha, proximamente 23 milhas por dia, e alimental-o, tudo isto durante muitos dias successivos, e durante máu tempo, é um feito de guerra assaz difficil.

A retirada da Corunha produzio grande desanimo em Inglaterra, e o modo porque Sir John Moore se conduziu n'esta campanha foi altamente censurado; porém depois foi feita justiça á sua memoria.

Elle tinha realisado tudo o que, n'aquellas circumstancias, era possivel para a Hespanha, desviando Napoleão da sua marcha para a Andaluzia e Portugal, havendo salvo ao mesmo tempo o seu proprio exercito da destruição.

Depois que as tropas de Moore embarcaram, os seus

(c) 2007 Ministerio de Cultura

navios foram espalhados por uma tempestade, e as tropas chegaram a Inglaterra n'um grande estado de abatimento. Apenas ficavam agora na Peninsula alguns milhares de soldados, principalmente em Portugal (Lisboa e suas proximidades), e os francezes infestavam toda a região central e norte da Hespanha. Tomaram Saragoça depois de uma defesa prolongada e heroica, e posto que os hespanhoes conservassem em seu poder muitas cidades fortificadas e districtos montanhosos, o seu numero comtudo pouca esperança deixava de que podesse por muito tempo estar longe a completa dominação do paiz.

Comtudo a lucta não estava abandonada, e Sir Arthur Wellesley foi novamente mandado para Portugal.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

(c) 2007 Ministerio de Cultura

QUARTA LIÇÃO

Campanha contra Soult, 1809

Sir Arthur Wellesley desembarcou pela segunda vez em Portugal no dia 22 de abril de 1809, mais de tres mezes depois do embarque do exercito de Sir John Moore na Corunha, e assumiu o commando das tropas alliadas. N'este intervallo de tempo a situação dos negocios na Peninsula havia soffrido grandes alterações, e um certo numero de mudanças tinham tido logar nas circumstancias e posições relativas dos varios exercitos, sendo necessario, antes de continuar a narração da guerra, dar uma breve idéa da natureza e extensão d'estas mudanças em ambos os lados.

A situação dos francezes tinha soffrido grande alteração.

Napoleão, apezar de ter saido da Peninsula para França, continuava ainda a dirigir, posto que de longe, as operações do seu exercito na Hespanha; e por este motivo os marechaes francezes que commandavam os diversos corpos tinham licença para se corresponder directamente com elle, transmittindo os seus despachos por via do ministro da guerra em França. Mas, ao mesmo tempo

(c) 2007 Ministerio de Cultura

que assim estavam, em grande parte, independentes de qualquer auctoridade a não ser da de Napoleão, que muito longe se achava d'elles, eram tambem nominalmente sob o supremo commando de Joseph, irmão do Imperador, que voltara para Madrid, e a quem tinham sido dadas instrucções para a futura direcção da guerra.

As forças francezas em Hespanha haviam diminuido em virtude de Napoleão ter levado algumas tropas comsigo quando retrocedeu de Astorga para França. Continuava comtudo o exercito a ser bastante numeroso; e, depois das deducções que se fizeram para as guarnições de praças importantes e para os destacamentos com o fim de guardar as communicações, ficaram disponiveis quasi 100:000 homens para as operações do campo de batalha nas regiões afastadas na Peninsula.

Além d'esta força havia por outro lado tres exercitos com o fim de subjugar Portugal e a Andaluzia, incluindo a reducção das cidades de Lisboa, Sevilha e Cadiz. Excediam estas forças muito, em numero, o punhado de tropas alliadas que tinham ficado em Portugal, concentradas nas proximidades de Lisboa, quando concluiu a campanha da Corunha. Estes tres exercitos eram:

O do marechal Soult, na Galliza;

O do general Lapisse, em Salamanca;

O do marechal Victor, proximo de Talavera.

O plano de campanha que lhes fôra ordenado puzessem em execução era o seguinte:

Soult devia invadir Portugal pelo norte, tomar o Porto, e marchar depois sobre Lisboa.

Ao mesmo tempo que Soult deixasse o Porto, Lapisse deveria partir de Salamanca, e, seguindo a estrada de Ciudad Rodrigo a Abrantes, esclarecer o campo no seu flanco esquerdo.

Victor devia marchar sobre Merida, levando comsigo um trem de sitio para a subsequente reducção de Cadiz.

Suppunha-se que Soult não encontraria difficuldades em submetter Lisboa, achando-se esta praça desprotegida; mas se assim não acontecesse, Victor deveria correr de Merida em seu auxilio, e depois de tomada a capital

(c) 2007 Ministerio de Cultura

portugueza, Lapisse e Victor deviam marchar juntos para a Andaluzia afim de conquistar aquella provincia.

Joseph tinha prompta em Madrid uma grande força para reforçar ou auxiliar qualquer corpo de exercito que d'isso necessitasse.

Se esta combinação tivesse sido posta rapidamente em execução, os alliados em Portugal difficilmente poderiam ter resistido ; mas não aconteceu assim.

Soult não poude marchar tão cedo como lhe fôra ordenado, porque tinha muitos homens no hospital ; as viaturas de artilheria precisavam de concertos ; as munições eram poucas ; aos soldados faltavam geralmente sapatos e equipamento ; e havia pouco dinheiro. Não obstante, collocou-se, por fim, em circumstancias de partir ; e deixando uma força commandada pelo marechal Ney na Galliza, para occupar esta provincia, marchou para Vigo. A estação invernosa estava então no seu maior rigor, e os caminhos lamacentos e as correntes caudalosas retardaram-lhe a marcha.

Tendo passado por Vigo e Tuy, e deixado guarnições n'estas praças afim de conservar as communicações com a Galliza, tentou atravessar o rio Minho proximo da foz. Não conseguiu porém o que tentava porque o rio levava uma corrente arrebatada, e, tendo-se opposto algumas milicias portuguezas á sua passagem, foi obrigado a fazer um desvio por Orense, descendo para Chaves, onde estabeleceu um hospital e um deposito. D'aqui dirigiu-se por Braga ao Porto, e depois de alguns sangrentos encontros com as tropas portuguezas e com os camponezes, tomou esta cidade no dia 29 de março.

Contava-se que Soult devia chegar a esta cidade muitas semanas antes ; e Victor e Lapisse, não tendo conhecimento dos seus movimentos, haviam-se conservado relativamente inactivos. Soult, pela sua parte, quando chegou ao Porto, não poude saber noticias de Victor nem de Lapisse, e tendo as suas tropas supportado grandes fadigas, e não sendo bom o sentir e a disciplina do seu exercito, parou n'esta cidade, hesitando em avançar mais longe.

Assim, os marechaes francezes, por differentes razões,

(c) 2007 Ministerio de Cultura

operaram com indecisão, ficando á espera uns dos outros, em logar de operarem para a frente com energia. Foi por este mesmo tempo que elles começaram a mostrar o desejo de se escapar á auctoridade de Joseph, e a evidenciar invejas entre si. Deve mencionar-se aqui esta ultima circumstancia, pois que ella contribuiu mui grandemente para prejudicar o exito de muitas das suas operações. Tendo Napoleão dado a estes marechaes commandos em grande parte independentes, e considerando elles, com alguma justiça, os talentos militares de Joseph inferiores aos seus, frequentes vezes representavam contra as decisões d'este ultimo, e achavam pretexto para desprezar as suas ordens. Demasiado ambiciosos de distincção, tinham repugnancia em servir debaixo das ordens de outrem, ainda que assim era conveniente para o bem commum. Por este motivo era difficil executar operações combinadas, tendo sempre algum dos marechaes razões particulares para se oppor a ellas; e o resultado d'esta falta de união, e tambem da difficuldade de obter informações n'um paiz inimigo, era mover-se o exercito francez vagarosamente e sem accordo.

Pelos motivos que acabam de ser apontados, não estavam os Francezes mais avançados, á data do desembarque de Sir Arthur Wellesley, do que algumas semanas antes, e o corpo de Soult havia-se collocado n'uma posição isolada e embaraçosa.

N'esta data (22 de abril de 1809) occupavam elles as seguintes posições:

Soult, com proximamente 20:000 homens, ainda no Porto, porém os insurgentes hespanhoes e portuguezes tinham estabelecido o contacto com a sua retaguarda e tomado Vigo, onde se achava a caixa militar, e Chaves, onde existiam os armazens e depositos.

Uma parte das suas forças (commandada pelo general Loison) acabava de ser destacada para Amarante, sobre o rio Tamega, afim de manter livre a estrada para Bragança, que atravessa o rio n'aquelle ponto. Soult julgava importante conservar livre e desembaraçada esta linha de retirada especial, porque se sentia pouco seguro com relação á posição que occupava, e porque, desesperando

(c) 2007 Ministerio de Cultura

de poder chegar até Lisboa, começava a meditar n'um movimento por Bragança para Salamanca e Ciudad Rodrigo, d'onde mais rapidamente poderia communicar com Victor.

Victor e Lapisse achavam-se ambos proximo de Merida, tendo *operado a sua juncção* ; e isto porque o primeiro se havia recusado a marchar até que Joseph desse ordem ao segundo para que, partindo de Salamanca, se lhe fosse reunir. Os dois exercitos reunidos subiam a 30:000 homens, tendo Victor assumido o seu commando.

E agora occasião de dar idéa das mudanças que se haviam operado na situação dos inglezes e dos seus alliados. Quando as victorias de Napoleão sobre os hespanhoes, a retirada de Sir John Moore para a Corunha. e a approximação dosex ercitos francezes de Portugal foram successiva e rapidamente conhecidas n'este ultimo paiz, a consternação foi a principio geral. Os fortes que dominavam o Tejo foram desmantelados por fórma que os francezes não podessem n'elles assestar peças para o mar, e as tropas inglezas foram concentradas em vista de poderem embarcar rapidamente em Lisboa.

Mas como o tempo passava e os francezes se não approximavam, fizeram-se preparativos para a resistencia. Os portuguezes pediram que fossem nomeados officiaes inglezes para os mais altos cargos do seu exercito, e tambem um general inglez para o commandar. O pedido foi promptamente satisfeito, pondo-se depressa em campo uma força organizada e disciplinada, sob a direcção do marechal Beresford, e em que cada batalhão estava sob o commando de um official inglez.

Foi chamada a milicia ; alistaram-se corpos de voluntarios ; e os proprios camponezes se armaram em grande numero. Foram tambem enviados reforços de Inglaterra (compostos de tropas inglezas e de alguns auxiliares allemães) ; e os destroços dos exercitos hespanhoes, que haviam soffrido continuados revezes e sido repellidos para o sul do Tejo, começaram de novo a reunir-se debaixo d'armas.

As forças alliadas, portanto, á data do desembarque de Sir Arthur Wellesley, occupavam as seguintes posições :

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Os inglezes (incluindo os auxiliares allemães) na força de 25:000 homens, estavam em Leiria.

As tropas portuguezas, commandadas por Beresford, 16:000 homens proximamente, em Thomar.

As milicias portuguezas e outros levas de tropas, subindo a alguns milhares de homens, occupavam principalmente o norte de Portugal, observando Soult.

As tropas hespanholas reuniam-se em grande numero, sob o commando do general Cuesta, ao sul de Merida, e tambem sob o commando do general Venegas, proximo de Carolina.

Depois de chegar a Portugal, Sir Arthur Wellesley teve que decidir contra qual dos marechaes francezes (Soult ou Victor) se deveria marchar, determinando que fosse contra Soult; porém, com o fim de prevenir a segurança de Lisboa durante a sua auzencia, enviou uma pequena força para Abrantes e Alcantara, e ordenou: (1) que, se Victor, movendo-se para o norte, procurasse atravessar o Tejo para seguir a estrada da margem direita que conduz a Lisboa, se destruissem as pontes, e se oppozesse resistencia á sua marcha; (2) que, se este marechal, por outro lado, avançasse por Badajoz, as forças que estivessem em Abrantes retirassem para Lisboa, e Cuesta com os hespanhoes caminhassem na sua retaguarda.

Sir Arthur Wellesley exercia o commando supremo das tropas tanto inglezas como portuguezas, e encorporou em cada brigada ingleza alguns batalhões portuguezes de Beresford, deixando as restantes tropas sob o commando pessoal d'este marechal. Foram enviadas provisões para a foz do Mondego, e os alliados começaram a avançar.

No dia 5 de maio estava o exercito concentrado em Coimbra, e d'ali avançou sem demora para pôr em execução o seguinte plano de campanha, preparado por Sir Arthur.

Beresford, com 6:000 Portuguezes, devia marchar por Vizeu e Lamego, e dirigir-se para Amarante (veja-se mappa II folha I) em quanto o proprio Sir Arthur, com o resto do exercito, na força de 20:000 homens, devia ten-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

tar passar o Douro proximo do Porto. O fim que se tinha em vista destacando Beresford era, depois de ter este occupado uma posição na margem direita d'aquelle rio, desviar a attenção dos francezes de Sir Arthur, e, interceptando Soult de Bragança, repellil-o na direcção do norte para a Gallíza, separando-o d'este modo completamente de Victor.

As tropas de Sir Arthur Wellesley encontraram-se com os postos avançados de Soult algumas milhas ao sul do Douro, e depois de uma escaramuça, repelliram-n'os para além do rio. Soult tratou de concentrar-se na margem direita, principalmente no Porto, e tendo tido tempo bastante para destruir a unica ponte (fluctuante) que existia, e para reunir todos os barcos que poude encontrar na margem do seu lado, considerou-se salvo, e simplesmente observou o Douro na sua foz, pensando que os inglezes tentariam atravessar n'aquella direcção com o auxilio dos seus navios.

Sir Arthur não trazia meios nenhuns com o seu exercito para poder lançar uma ponte sobre o Douro, que, em frente do Porto, é de uma corrente muito rapida, e tem a largura de cêrca de trezentas jardas; era comtudo essencial para elle passar immediatamente o rio, porquanto Soult já fazia preparativos para retirar para Bragança, podendo cair sobre Beresford com forças esmagadoras.

Em quanto fazia o reconhecimento da posição de Soult, foi Sir Arthur informado de que existia um váo em Avintes, quasi tres milhas a montante do Porto. Tinha além d'isso observado que os francezes pouca vigilancia empregavam no Porto e, por fortuna, um official do seu estado maior encontrou um pequeno barco na margem esquerda, e atravessando n'elle o rio sem ser descoberto, conseguiu apoderar-se de tres grandes barcos que trouxe para a margem em que estavam os alliados.

Recorrendo ao mappa II folha II, ver-se-ha que o Douro logo acima do Porto faz uma grande curva para contornar um alto monte pedregoso, na margem esquerda, chamado *Serra do Pilar*, e que em frente d'este monte, na margem direita, ha um edificio isolado chama-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

do o *Seminario*. Sir Arthur tinha observado que da *Serra do Pilar* podia varrer a margem opposta com as suas peças, e que a sua posição occultava dos francezes a passagem dos barcos para o Porto, que no mappa vae indicada com linhas pontuadas. Notou tambem que o Seminario era um grande edificio capaz de conter dois batalhões, e que ao passo que era facilmente accessivel do lado do rio, era pelos outros tres lados cercado com um alto muro. N'estas circumstancias, reuniu secretamente as suas tropas á retaguarda da *Serra do Pilar*, collocou dezoito peças em bateria na parte mais alta do monte, e mandou o general Murray com uma brigada para Avintes, com ordem de procurar e enviar rio abaixo mais barcos, e passar depois para o outro lado do rio, se possivel fosse. Não tardou que recebesse aviso de que Murray tinha encontrado barcos; e, logo que estes recebeu, procedeu á execução de uma das mais ousadas passagens de rio de que ha memoria.

Passagem do Douro

Sir Arthur mandou atravessar n'um dos barcos um official com 25 homens, na direcção do Seminario e reforçou-os o mais depressa que poude, tendo atravessado tres barcos para o outro lado antes que no campo de Soult se desse o signal de alarme. Então os francezes, correndo do Porto sobre o Seminario, procuraram tomal-o á viva força; porém as bocas de fogo dos inglezes varriam já a esquerda do edificio, confinando o assalto apenas a um dos lados, onde a infanteria dos defensores repelliu os francezes. Entretanto os habitantes do Porto trouxeram para a margem esquerda muitos barcos grandes; e o general Sherbrooke, com a Guarda, atravessando o rio em frente do Porto, entrou na cidade, atravessou pelo meio d'ella, e foi atacar os francezes pela retaguarda, em quanto que do lado opposto appareciam já as forças de Murray que vinham de Avintes. Os francezes, surprehendidos por todos os lados e receiosos de

(c) 2007 Ministerio de Cultura

serem interceptados por Murray da estrada de Amarante, cairam em grande confusão ; por fim, cessando toda a resistencia, e abandonando os doentes e 50 peças no Porto, conseguiram fazer boa a sua retirada em grande desordem para Amarante, tendo-se antecipado ás forças de Murray. Foi tão grande o panico entre elles, que um esquadrão do 14.º de dragões, commandado pelo major Hervey, conseguiu, com pequenas perdas, cortar-lhes o caminho por entre tres batalhões de infanteria que marchavam por uma estrada enterrada ; e tão completa foi a surpreza da passagem do Douro, que Sir Arthur entrou nos quarteis de Soult no Porto, sentando-se á mesa para o jantar que havia sido preparado para o marechal francez.

A situação do exercito de Soult tornou-se então muito critica. Os unicos caminhos *transitaveis pela artilheria* e pelos quaes poderia retirar eram dois, partindo de Amarante ; um por Guimarães para Braga, e o outro para Chaves. Os inglezes, partindo do Porto, podiam, se marchassem immediatamente na direcção do norte, chegar a Braga antes do exercito inimigo, por seguirem uma estrada mais directa e estarem ainda os portuguezes de posse de Chaves.

Era até duvidoso agora se Soult poderia conseguir salvar as suas bagagens e a artilheria ; mas quando, depois de poucas horas de marcha, foi informado de que Loison tinha retirado de Amarante, e de que Beresford occupava este ponto, viu logo que a sua sorte era desesperada. Desde este momento o seu unico fim foi salvar os homens ; de sorte que, destruindo toda a artilheria, bagagens e munições, metteu-se apressadamente pelos caminhos que passam pelos montes da serra de Santa Catharina, na sua esquerda, e seguindo-os, chegou a Guimarães, onde se lhe reuniu Loison. D'alli, seguindo ainda pelas montanhas, dirigiu-se para Carvalho d'Este, tendo por fim afastar-se de Braga e de Chaves, e romper para o norte por Salamonde, onde entraria na estrada real que vae a Montalegre. Entretanto Sir Arthur dera ordem a Beresford (que suppunha dever estar em Amarante, o que realmente acontecia) para se pôr em movi-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

mento sobre Chaves, afim de interceptar Soult se este tentasse seguir aquelle caminho, ordenando a Murray, cujos movimentos, depois de ter atravessado em Avintes, tinham sido algum tanto vagarosos e indecisos, para se dirigir para Guimarães. Elle proprio demorou-se dois dias no Porto, e depois seguiu para Braga.

No dia 15 estava Sir Arthur em Braga, Murray em Guimarães, e Beresford proximo de Chaves, tendo este ultimo durante a sua marcha destacado alguns portuguezes para occuparem Ruivães. Parecia agora certo o aprisionamento de Soult; porém este general, no dia 16, saíu das montanhas em Salamonde, passando entre os seus perseguidores e escapando-se tanto a Sir Arthur como a Beresford.

Comtudo as probabilidades de uma evasão definitiva eram muito fracas. De Salamonde havia apenas duas linhas de retirada para a Galliza; uma por Ruivães a Montalegre, e outra por Ponte Nova a Montalegre, passando esta ultima por cima de uma estreita ponte sobre a impetuosa corrente do Cavado, que corre n'um estreito e profundo desfiladeiro. Soult teve conhecimento de que a ponte proximo de Ruivães fôra destruida pelos portuguezes, dirigindo-se portanto para a de Ponte Nova, que teve a felicidade de encontrar ainda intacta. Teve porém de disputar a passagem d'esta batendo-se com a gente do campo portugueza, e depois ainda teve de caminhar sobre uma segunda ponte sobre um profundo abysmo, e tão estreita que apenas dava passagem a tres homens de frente. Em quanto atravessavam esta, as bocas de fogo inglezas que Sir Arthur trouxera comsigo de Braga abriram o fogo sobre a retaguarda dos francezes, que, desmoralizados e feridos de terror panico, se agglomeravam em chusma sobre a ponte, empurrando-se uns aos outros no meio do maior terror e caindo no abysmo, perdendo-se por esta fórma muita gente.

Batendo-se por este modo e supportando os extremos de toda a especie de miseria e de fadiga, Soult continuou no seu caminho, salvando-se milagrosamente de uma completa destruição, e escapando-se afinal dos alliados com o grosso das suas tropas, chegando a Montalegre

(c) 2007 Ministerio de Cultura

a salvo, por onde passou no dia 18 sem opposição, posto que Beresford, com o fim de o perseguir, tivesse no dia 17 chegado a Chaves (distante de Montalegre um dia de marcha), e as suas tropas entrassem n'esta praça na manhã do dia 18. A perseguição para além d'este ponto não continuou com actividade; e Soult, com a maior parte do seu exercito, seguiu para Orense e d'aqui para Lugo, onde Ney se lhe reuniu, «achando-se n'esta occasião» diz Jomini, «em muito peiores condições do que o general Moore seis mezes antes».

Immediatamente depois d'este successo contra Soult, foi Sir Arthur obrigado a voltar para Abrantes, em virtude de Victor e Lapisse terem avançado e conseguido, a despeito de uma forte resistencia, forçar a passagem do Tejo em Alcantara, onde existia uma antiga ponte romana de grande resistencia, que tinha em parte sido destruida.

Com a approximação do general inglez retirou Victor para Talavera, levantando a ponte (composta de barcos) em Almaraz, tendo Sir Arthur Wellesley, por esta fórma, libertado pela segunda vez Portugal dos francezes.

A defeza do norte de Portugal estava agora confiada ás lévas dos portuguezes; Beresford foi mandado para Ciudad-Rodrigo, e Sir Arthur depois de um mez de demora para reorganizar o seu exercito e obter algum dinheiro, estava de novo prompto para entrar em campo.

Observações

É conveniente apreciar as razões que Sir Arthur Wellesley teve para de preferencia avançar contra Soult e não contra Victor. Para decidir contra qual dos marechaes deveria marchar, tinha Sir Arthur de ponderar as considerações seguintes:

Victor, tanto pela sua posição como pela sua força numerica, ameaçava Lisboa mais do que Soult, e uma victoria ganha contra elle, livrando Lisboa de um perigo im-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

mediato e libertando o sul da Hespanha, teria muito mais valor do que um successo no norte.

Por outro lado, pelo chamamento de Lapisse, tinha Soult ficado quasi inteiramente isolado, e a recuperação do Porto e do rico paiz sobre o Douro (de onde o exercito poderia obter abastecimentos) levantaria o espirito dos portuguezes, e seria de vantagem material para o exercito. Os inglezes, tambem, quasi tinham a certeza de poderem chegar ao Douro antes que a sua marcha fosse conhecida por Victor, em quanto este general estava em Merida, que fica a grande distancia de Lisboa; havia pois assim a probabilidade de, ainda que Victor se movesse da sua posição, haver tempo para dar um ataque contra Soult, e de poder o exercito voltar para o combater.

A passagem do Douro não deve ser considerada simplesmente como um exemplo de que a boa fortuna acompanha sempre as emprezas arriscadas. Foi a negligencia de Soult que principalmente contribuiu para o bom exito da empreza, e que animou Sir Arthur a tental-a; mas não foi antes de ter conhecimento da passagem de Murray para o outro lado do rio em Avintes, e de este ter encontrado barcos, que elle ordenou ás suas tropas que atravessassem o rio. Deve notar-se especialmente esta circumstancia. Conheceu pois que Murray não se demoraria muito para poder appoial-o, e o conhecimento que tinha da coragem dos seus soldados plenamente o justificam de ter pensado que estes poderiam resistir até então. O fogo da artilheria da margem esquerda auxiliaria esta determinação; o Seminario era um edificio muito forte; e em quanto os seus soldados o occupassem, o inimigo não poderia ver a passagem no rio nem oppôr-se a ella.

Se Sir Arthur tivesse feito passar todo o seu exercito em Avintes, a sua marcha teria sido immediatamente descoberta. Se tivesse deixado avançar a porção de tropas que ali atravessou sem lhes prestar apoio, estas teriam sido repellidas, com grandes perdas. Com as passagens combinadas foram illudidos os francezes, assegurou-se um mutuo apoio, e realizou-se um brilhante successo.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

O general Murray é accusado pelos escriptores militares de falta de talento e de coragem por não ter caido rapidamente de Avintes sobre as columnas de Soult, quando estas retiravam sobre a estrada de Amarante. Se elle tivesse caido de frente sobre ellas em quanto as tropas de Sir Arthur Wellesley as apertavam pela retaguarda, a consequencia teria sido a completa derrota dos francezes. A occasião que se lhe offerecia, diz Napier, «deveria tentar até um cégo. Se Loison se tivesse sus-«tentado em Amarante, a falta de resolução de Murray «ter-se-hia tornado evidente. Soult teria então chegado «até Samora ou Salamanca em boa ordem, e d'ahi vol-«tado para Ciudad-Rodrigo, que provavelmente tomaria, «e de certo teria então dado que fazer ao exercito dos «alliados por este lado.»

Esta falta da parte de Murray, comtudo, foi menos séria nas suas consequencias para os alliados, em virtude de Beresford ter occupado Amarante.

A demora de Sir Arthur Wellesley (com a força principal dos alliados) por dois dias, no Porto, primeiro que perseguisse Soult, e o não terem os alliados interceptado os francezes em Salamonde ou em Montalegre, separando-os d'essa fórma da Galliza, são pontos que precisam tambem de explicação.

A demora no Porto foi devida a muitas causas. O exercito tinha já marchado umas 80 milhas em quatro dias, escaramuçando constantemente com o inimigo, e os homens e animaes achavam-se exhaustos de forças. Tinham ficado para traz as munições, provisões, e bagagens; e a artilheria e reservas de toda a especie tiveram de ser transportadas da margem esquerda para a direita do rio. Sir Arthur não conhecia tambem a exacta posição de Beresford e não podia dizer se Soult, no caso de ter assegurado a sua retirada por Amarante, tomaria a direcção de Braga ou de Chaves. Se elle tivesse perseguido Soult com todas as suas forças na estrada de Amarante, estreita, e aberta por entre a Serra de Santa Catharina e o Douro, teria seguido aquelle marechal (que podia mover-se tão rapidamente como elle) em uma só columna; portanto preferiu confiar a Murray e a Beresford o encargo de

(c) 2007 Ministerio de Cultura

perseguirem e de interceptarem os francezes ; em quanto que elle, logo que podesse chegar ao conhecimento das direcções que os mesmos francezes tomassem, procuraria por marchas forçadas interceptal-os de Braga ou de Chaves. Entretanto podia dar descanço ás suas tropas, de que muito estavam necessitadas, e reunir as suas reservas de artilheria e mantimentos.

Napier diz que se Beresford tivesse operado com maior rapidez, ter-se-hia adiantado a Soult tanto em Salamanca como em Montalegre. Estabelece elle que Beresford, quando deixou Amarante (para seguir para Chaves, afim de cortar Soult, conforme as ordens que lhe foram transmittidas por Sir A. Wellesley), tinha um excellente mappa do paiz para consultar, e que deveria ter destacado uma força para occupar Salamonde, em vista da importancia d'este ponto, e que havia uma estrada directa para ali, passando por Freixim. Beresford é tambem increpado por não ter tomado providencias mais seguras para destruir a ponte em Ponte Nova, bem como a outra muito estreita sobre que Soult passou com muita difficuldade. Um dos seus officiaes de estado maior havia tentado, segundo parece, com alguns portuguezes destruir a ponte em Ponte Nova, porém não tinha meios á sua disposição para levar a effeito a destruição em tempo opportuno. Tambem tendo as tropas de Soult passado por Montalegre sómente a 18, e as tropas de Beresford achando-se em Chaves na manhã de 17 (a um dia de marcha de Montalegre), este general poderia ter chegado a este ponto a tempo de interceptar os francezes.

Deve notar-se a grande importancia que n'esta campanha tiveram os pontos de Amarante, Salamonde e Montalegre. Veja-se no fim d'estas observações a definição de ponto estrategico importante e *decisivo*.

Quando Sir Arthur Wellesley ordenava a Beresford que atravessasse o Douro em Lamego e procurasse interceptar a linha de retirada de Soult por Bragança, a posição de Amarante (onde a estrada do Porto a Bragança atravessa o Tamega) tinha uma grande importancia estratagica. Pela sua occupação e pela destruição da ponte sobre o rio, podia Beresford fechar esta linha de retirada

(c) 2007 Ministerio de Cultura

a Soult, sendo por isso, mesmo no principio da campanha, *um ponto estrategico importante*. Porém n'este periodo das operações não podia chamar-se *um ponto decisivo*, pois que Soult tinha uma outra linha de retirada que lhe estava aberta (a de Braga), não podendo por isso a occupação de Amarante leval-o á ultima extremidade.

Comtudo, depois de Sir Arthur Wellesley ter surprehendido Soult com a passagem do Douro no Porto, e *de o ter interceptado da estrada directa para Braga*, obrigando-o a seguir a que fica entre a Serra de Santa Catharina e o Douro e que vai a Amarante, então este ponto de Amarante tornou-se *decisivo*. A unica probabilidade de Soult poder salvar a sua artilheria, bagagens e munições (isto é, de evitar um desastre completo), estava em poder Amarante resistir contra os alliados; mas quando as tropas que ali estavam retiraram diante de Beresford, a sorte dos francezes estava lançada. Sir Arthur Wellesley, com a posse de Amarante, perturbou completamente o seu adversario, e decidiu a campanha.

Parece que Loison, o commandante da força que Soult destacara para guardar aquelle ponto, não apreciou devidamente o valor da sua posição, pois que retirou diante de Beresford depois de uma fraca resistencia. Deveria elle, n'aquellas circumstancias, ter defendido o seu posto até ao ponto do proprio sacrificio; e quando o abandonou, diz Napier «renunciou o seu direito á reputação militar.»

Quando Soult, na sua retirada, se dirigiu para Salamonde e depois para Montalegre, cada um d'estes pontos se tornou successivamente um *ponto estrategico decisivo;* porque de effectuar ou não a passagem por estes pontos dependia a questão da salvação ou do quasi completo aniquilamento do seu exercito.

Devemos tambem deixar consignada aqui a influencia que na campanha exerceu a topographia do paiz. Se não fosse a natureza montanhosa da região ao norte do Douro, e a ausencia de muitas estradas atravez d'ella, Soult ter-se-hia escapado com toda a sua artilheria e equipagens, em vez de ter de fugir desgraçadamente e em desordem diante de Wellesley, salvando apenas os seus homens com grande difficuldade. A necessidade que ha, antes de

(c) 2007 Ministerio de Cultura

entrar n'uma campanha, de conhecer tão minuciosamente quanto possivel o theatro das operações, fica claramente demonstrada, e as criticas que teem recahido sobre Beresford por não ter estudado pelo mappa quaes eram os pontos importantes do paiz, para os occupar sob sua responsabilidade (ainda que estava executando as ordens de Sir Arthur que o mandou marchar para Chaves), demonstram qual a responsabilidade que sob este ponto de vista se impõe aos officiaes que na guerra commandam tropas.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

QUINTA LIÇÃO

Campanha de Talavera, 1809

Pelos fins de junho tinham os exercitos francezes sido reforçados de novos recrutas, e as posições que por esta occasião occupavam na Peninsula eram as seguintes:

Victor, proximo de Talavera, com 25:000 homens.

Joseph, e outros corpos francezes, cobrindo Madrid pelo sul; ao todo 50:000 homens, proximamente.

Soult, Ney e Mortier, respectivamente em Zamora, Astorga e Valladolid, tambem 50:000 homens, ao todo.

Os dois ultimos corpos, sem que Wellesley o soubesse, tinham, havia pouco, recebido ordem de Napoleão para ir occupar estas posições; e todas estas forças foram collocadas sob o commando de Soult.

Além das forças que acabam de ser mencionadas, outros corpos francezes occupavam as provincias do norte e leste de Hespanha, os quaes já bastante tinham que fazer mantendo o paiz em obediencia, e defendendo-se, a si e as communicações, dos varios bandos de hespanhoes que por este tempo começavam a reunir-se em grandes corpos nas montanhas, e a fazer constantemente

(c) 2007 Ministério de Cultura

a pequena guerra ou guerra de guerrilhas, [1] tomando comboios e assassinando as escoltas sempre que se lhes offerecia occasião. As operações d'estes bandos de guerrilhas commandados por Mina, Empecinado, e differentes outros chefes têm sido por tal fórma engrandecidas em muitas das relações ou noticias sobre a guerra da Peninsula, que é quasi uma necessidade dizer alguma cousa a seu respeito. É comtudo bastante referir, que, posto que estas guerrilhas fossem um constante aguilhão aguçado e incommodo para os francezes, comtudo nunca conseguiram, com os seus ataques sem disciplina, contrariar qualquer combinação realmente importante, tendo, quando varios bandos se reuniam, os inconvenientes dos exercitos regulares sem terem as suas boas qualidades. Por estas razões poucas vezes alludiremos aos seus movimentos.

Os alliados tambem receberam alguns reforços, e as suas posições eram as seguintes:

Sir Arthur Wellesley em Abrantes, com 22:000 homens.

Beresford, com alguns portuguezes e hespanhoes, proximo de Ciudad-Rodrigo; ao todo 20:000 homens.

Sir Robert Wilson com algumas tropas portuguezas de infanteria ligeira (formando a legião Lusitana), entre Salamanca e Avila; ao todo 4:000 homens.

Cuesta, com um exercito hespanhol, proximo de Mirabete; cerca de 40:000 homens.

Venegas, proximo de Carolina, com alguns hespanhoes, em numero de 25:000.

Alem d'estes Sir Arthur esperava receber em breve um reforço de quasi 8:000 homens, vindos de Lisboa.

Em quanto os exercitos inimigos se achavam n'estas situações, chegou á Peninsula a noticia de ter Napoleão soffrido um grande revéz na Austria. Tinha-se dado a batalha de Aspern sobre o Danubio, e as armas francezas haviam soffrido (logo a principio) uma seria derrota, posto que temporaria, como depois se provou.

[1] «Guerrilha» nome pelo qual se designam em Hespanha os bandos de tropas irregulares que fazem a pequena guerra. A palavra «guerrilha» quer dizer pequena guerra.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

O espirito dos alliados levantou-se com esta noticia, parecendo opportuno o momento de fazer uma energica tentativa para a libertação da Hespanha.

Sir Arthur Wellesley não sabia, como já dissemos, da proximidade em que Mortier e Ney estavam de Soult. Julgava elle que Soult *estava só*, e, na sua determinação sobre o plano de operações que agora começava, foi grandemente influenciado não só por esta persuasão, como tambem por algumas particularidades que tinham relação com a *topographia do paiz*.

As communicações entre a provincia de Leão, onde elle sabia que estava Soult, e o valle do Tejo, eram poucas e mediocres. Sobre as montanhas que separavam aquellas duas porções de territorio havia apenas dois desfiladeiros considerados praticaveis pela artilheria. Eram estes: *Perales* e *Baños*, e por ambos estes caminhos se descia para Placencia. Sir Arthur considerava que algumas tropas hespanholas, destacadas do corpo de Cuesta, e apoiadas por Beresford, se necessario fosse, poderiam defender estes desfiladeiros contra qualquer ataque da parte de Soult, e que tendo assim protegido o seu flanco esquerdo, poderia elle, juntando-se com o corpo principal do exercito de Cuesta, caminhar Tejo acima contra Victor e os francezes que estavam proximos de Madrid, em quanto Venegas devia cooperar n'este plano, movendo-se pelo sul, contra Toledo e Madrid. Sir Robert Wilson deveria, operando o seu movimento pelo Escurial sobre Madrid, procurar incommodar Joseph e distrahir d'este modo a sua attenção.

Cuesta concordou n'este plano, combinando-se que os hespanhoes occupariam os referidos desfiladeiros com quatro batalhões, devendo tambem Beresford observar o de Perales, e que os exercitos de Cuesta e de Sir Arthur Wellesley marchariam combinados. Por esta occasião Sir Arthur Wellesley concordou em sair de Portugal apenas com escassos meios de transporte e sem depositos, por se ter certificado com antecedencia de que o paiz estava completamente nas circumstancias de sustentar as suas tropas; mandara alguns officiaes comprar mulas; e as authoridades hespanholas de toda a parte lhe assegu-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

ravam que as suas tropas seriam abastecidas, e lhe seria fornecido todo e qualquer artigo de que precisasse.

O seu exercito marchou, em harmonia com o plano combinado, por Placencia, e reuniu-se, no dia 20 de julho, em Oropeza, com o de Cuesta; tendo este ultimo atravessado o Tejo em Almaraz (onde restabeleceu a ponte de barcos) e em Arzobispo. As forças combinadas moveram-se então contra Victor, o qual, achando-se sem apoio immediato, recuou diante d'ellas e tomou uma posição para além do Alberche. Preparava-se Sir Arthur para o atacar quando Cuesta, homem inconstante e irritavel, e demasiado velho para o serviço activo de campanha, se recusou de repente a esta operação, perdendo-se a opportunidade de cair com forças superiores sobre Victor. Este general tendo recebido, exactamente n'este momento, a noticia de que Sir Robert Wilson estava em Escalona, retirou, mas só por pouco tempo, pois que Joseph avançava n'essa occasião em seu auxilio, apparecendo pouco depois uma grande força dos francezes em frente da posição que tinha sido escolhida por Sir Arthur Wellesley em Talavera, e que os alliados occupavam.

Na manhã de 27 os francezes (todos agora debaixo do commando de Joseph) procuraram em vão desalojar os alliados, e renovando no dia 28 os seus esforços, deram a batalha de Talavera.

O impeto d'esta batalha foi recebido quasi exclusivamente pelos inglezes que defendiam a chave da posição, e que repelliram frequentes vezes, á ponta da bayoneta, todos os ataques que lhes foram feitos. Na manhã de 29, os francezes, tendo soffrido fortes perdas, retiraram para Madrid; porém os inglezes não poderam perseguil-os porque, tendo os hespanhoes faltado á sua promessa de lhes fornecerem provisões, achavam-se completamente exhaustos de forças por falta de alimentação.

Durante a marcha de Oropeza, as authoridades de Hespanha não haviam dado cumprimento aos seus contractos com Sir Arthur, e, ao passo que as tropas hespanholas tinham sido bem fornecidas de alimentos, as inglezas haviam supportado a mais completa falta d'elles, pelejando

(c) 2007 Ministerio de Cultura

a batalha de Talavera meio esfomeados, tendo recebido apenas algumas onças de trigo em grão para o alimento de todo aquelle dia. Além de tudo isto, Sir Arthur não poude obter soccorro algum para os seus doentes e feridos, e por estas razões indignado com Cuesta e com as authoridades hespanholas, recusou-se firmemente a dar mais um passo para a frente.

Escrevendo em 31 de julho, diz elle: «É positivamente um facto, que durante os ultimos sete dias o exercito inglez não tem chegado a receber uma terça parte dos seus alimentos, e que n'este momento estão no hospital proximamente 4:000 feridos a morrer por falta dos soccorros necessarios e communs, que qualquer outro paiz do mundo teria prestado, mesmo aos seus inimigos. Decididamente, eu não darei mais um passo, e dispersarei o meu exercito até ser abastecido com mantimentos, e ter recebido meios de transporte, como devo receber.»

As authoridades hespanholas tinham, d'esta sorte, sido desleaes aos seus alliados em materia de aprovisionamentos e de transportes. Não era porém o unico ponto em que assim procediam. Deve notar-se que nenhuma menção se fez atraz dos movimentos de Venegas, que devia operar pelo sul contra Toledo e Madrid. Este general tinha com effeito avançado, mas por modo tão vagaroso, que nada influio na campanha, descobrindo-se depois que lhe haviam sido expedidas instrucções secretas pelo seu governo, que contrariavam as de Sir Arthur.

Estes exemplos só por si mostram a toda a luz da verdade a loucura, ingratidão e má fé com que o governo e os commandantes hespanhoes se houveram para com Sir Arthur Wellesley; mas o general inglez teve, bem pouco tempo depois, uma prova ainda mais decisiva da deslealdade dos seus alliados, prova que quasi lhe ia custando a perda do seu exercito.

No dia 2 de agosto soube que a promessa feita por Cuesta de occupar o desfiladeiro de Baños não tinha sido cumprida; que este general mandara para ali somente um punhado de homens; e que Soult, tendo marchado por elle, *estava em Placencia, na retaguarda do exercito alliado.*

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Este perigo de que era ameaçado, obrigou Sir Arthur a fazer-lhe face; e, ignorando qual a força de Soult, pôz-se em marcha para o atacar, deixando Cuesta á rectaguarda em Talavera, na intelligencia de que, se elle retirasse, procuraria transportes e conduziria os feridos.

Uma das mais graves conjuncturas em que o exercito inglez se encontrou na Peninsula estava então eminente, pois que não só o corpo de Soult se achava em Placencia, mas os dois outros (de Ney e de Mortier), que tinham sido postos ás suas ordens, e cuja posição Sir Arthur ignorava completamente, concentravam-se a toda a pressa com aquelle, no valle do Tejo.

Para comprehender esta nova situação dos negocios, tão critica para os alliados, devemos voltar por um instante aos movimentos dos francezes debaixo das ordens de Soult.

Quando Napoleão collocou o corpo de Ney e o de Mortier sob o commando d'aquelle marechal, disse-lhe que operasse uma «concentração» ; e tendo (posto que a distancia, na Austria) comprehendido os movimentos provaveis dos alliados escrevera por esta fórma : «Wellesley deverá mui provavelmente avançar pelo Tejo contra Madrid; em tal caso devereis atravessar as montanhas, cair sobre o seu flanco e retaguarda, e esmagal-o.»

Soult recebeu esta carta em 20 de junho, e immediatamente ordenou a Ney e a Mortier que se lhe juntassem, communicando estas ordens a Joseph. Mas o espirito de discordia era então bastante forte entre os commandantes francezes: Ney recusava-se a mover-se, julgando imprudente não cobrir Leon; e n'este momento Joseph, receiando pelo lado do sul o corpo de Venegas, chamava Mortier para Madrid. Por esta fórma a concentração só teve logar depois de uma grande demora ; e ainda que por fim Soult venceu as objecções de Ney, e Joseph mandou Mortier para Valladolid, não foi antes de 18 de julho que os tres corpos se pozeram em movimento para Salamanca. N'esta data, comtudo, dois dias antes da juncção de Sir Arthur com Cuesta em Oropeza, estes corpos, na força de 50:000 homens, estavam em marcha para effectuar a sua reunião; Soult tinha conhecimento da passa-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

gem dos alliados por Placencia; e alguns postos de cavallaria haviam começado a mover-se para o desfiladeiro de Baños.

Logo que os seus tres corpos se puzeram em movimento, Soult mandou um official a Madrid para avisar Joseph da marcha progressiva dos alliados, e para combinar com elle as operações. Este official chegou a Madrida em 22 de julho, dia em que Joseph tambem teve conhecimento da presença dos alliados em Talavera. Ordenou este immediatamente a Soult que se pozesse com a maior brevidade em movimento sobre Placencia; e reunindo todas as suas tropas, excepto uma pequena força deixada em Toledo para observar Venegas, marchou pessoalmente, a auxiliar Victor contra Sir Arthur Wellesley.

O resultado do seu ataque contra a posição dos alliados em Talavera, nos dias 27 e 28 de julho, já foi mencionado, e, pelo que acabamos de dizer, comprehende-se facilmente a marcha de Soult sem nenhuma difficuldade pelo desfiladeiro de Baños, e a sua presença em Placencia.

No dia 3 de agosto, Sir Arthur Wellesley (que, como dissemos, se tinha voltado para o inimigo, e marchava, segundo cria, sómente contra o corpo de Soult) chegou a Oropeza; e na tarde d'aquelle dia, em quanto estava ainda desconhecedor dos perigos que o rodeavam, chegaram ao seu campo dois correios.

Por um d'estes soube elle que os francezes ás ordens de Soult eram em muito maior força do que suppunha, e que aquelle marechal já estava em Naval Moral, cortando-lhe por esta fórma uma das suas linhas de retirada atravéz do Tejo, isto é, a que passa pela ponte de Almaraz.

Pelo outro correio soube que Joseph avançava novamente; e que Cuesta tinha determinado retirar á pressa de Talavera, abandonando á sorte os feridos inglezes. Sir Arthur, posto que avaliasse a força do inimigo como muito inferior ao que realmente era, via já que tinha só dois alvitres a adoptar, isto é, ou retirar atravéz do Tejo pela ponte do Arzobispo, e tomar por esse modo a estrada que por Truxillo vae ter a Merida, antes que os francezes a interceptassem, ou conservar-se na posição que

(c) 2007 Ministerio de Cultura

occupava, e com um exercito abatido de espirito por uma longa abstinencia, combater dois marechaes que tinham forças superiores ás suas, e que operavam de combinação contra a sua frente, retaguarda e linha de retirada. Com os hespanhoes não se podia contar, e Napier diz-nos que «o perigo era já percebido por todos os soldados das fileiras inglezas». N'estas circumstancias Sir Arthur determinou retirar, e no dia 4 o exercito atravessou a ponte do Arzobispo retirando para Jaracejo. Os hespanhoes commandados por Cuesta retiraram pela mesma estrada, ficando assim frustrados os planos que os francezes tinham formado de destruir os alliados; mas a salvação foi quasi milagrosa, tendo havido uma escaramuça durante a passagem da ponte pelos hespanhoes, que está mui longe de ser honrosa para este ultimo general.

Durante todos estes movimentos o punhado de tropas de Sir R. Wilson fez quanto poude para incommodar Joseph. Estas avançaram até 12 milhas de Madrid, pondo ali os francezes em grande alarme. Antes do dia da batalha de Talavera recebera Sir R. Wilson ordem para retirar, e reunir-se a Sir A. Wellesley, porém os acontecimentos inesperados que se seguiram á batalha obstaram a que assim procedesse, escapando-se com difficuldade de Soult e retirando-se para Portugal pelo desfiladeiro de Baños, onde sustentou um violento combate com as forças d'este ultimo.

È desnecessario mencionar detalhadamente qualquer dos movimentos que depois se seguiram n'esta campanha. Os francezes não fizeram esforço algum para perseguir os alliados, os quaes tinham dirigido a retirada para Jaracejo afim de destruirem a ponte em Almaraz. Os seus commandantes discordavam de opinião em quanto ao plano que devia ser adoptado; e por fim, satisfeitos com ter salvo Madrid, separaram de novo as suas forças. Deve consignar-se tambem que os feridos inglezes abandonados em Talavera foram tratados pelo inimigo com grande humanidade.

Sir Arthur Wellesley vendo (depois de uma correspondencia longa e irritada com Cuesta) que era impossivel obter, com certeza, a quantidade sufficiente de alimentos

(c) 2007 Ministerio de Cultura

e de transportes, determinou retirar o seu exercito da Hespanha, e não mais confiar nos Hespanhoes. No dia 19 de agosto deixou a Hespanha, retirando novamente para Portugal. Retrocedendo com as suas tropas pelo caminho de Merida e Badajoz, marchou depois para o norte, estabelecendo os seus quarteis nas margens do Agueda, entre Almeida e Ciudad-Rodrigo, começando ao mesmo tempo a fortificar secretamente a região em volta de Lisboa, confiando obter, com a construcção das *linhas de Torres Vedras*, um apoio forte e seguro n'este canto de Portugal.

Observações

No começo d'esta campanha, quando Sir Arthur Wellesley meditava no seu movimento offensivo sobre Hespanha, tres alvitres se lhe apresentavam (incluindo o que elle adoptou).

1.°—Operar por Elvas e Badajoz, fazendo d'estas fortalezas a sua base de operações, juntar-se com Cuesta ao sul do Tejo, atravessarem ambos este rio, e seguirem depois na direcção de Madrid.

2.°—Operar por Almeida e Ciudad-Rodrigo, tomando estas praças para base das suas operações, juntar-se com Beresford, e depois mover-se por Salamanca sobre Madrid.

3.°—Operar (como effectivamente fez) por Placencia, ao longo da margem do lado norte do Tejo, juntar-se com Cuesta n'esta margem, e pôr-se depois em movimento para Madrid.

As objecções ao primeiro plano consistiam em terem ambos os exercitos de atravessar o Tejo depois de haverem operado a sua juncção; as pontes eram poucas, e Victor poderia oppôr-se á sua passagem. Além d'isso seria necessario deixar fortes destacamentos na margem do norte para guardar as estradas que conduziam a Lisboa e, estando abertas as communicações entre Soult e Victor, ficaria em perigo o corpo de Beresford, isolado em Ciudad-Rodrigo.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

As objecções ao segundo plano vinham a ser que por meio d'elle se separariam os inglezes de Cuesta, e que, se este ultimo fosse atacado e derrotado, difficilmente se poderia evitar uma marcha dos francezes sobre Lisboa e Sevilha, e mesmo a tomada d'estas duas cidades.

As objecções ao terceiro plano eram o poder Victor oppôr-se á juncção dos inglezes com Cuesta, tornando-se portanto difficil tal empreza. A linha de marcha, ao longo da margem norte do Tejo seria tambem não só muito estreita e cheia de obstaculos, mas até perigosa, por expôr o flanco do exercito a Soult, se este conseguisse forçar os desfiladeiros.

O que influiu em Sir Arthur para adoptar o terceiro plano como o melhor foi haver, como já se disse, apenas dois desfiladeiros praticaveis para a artilheria; a crença em que estava de que os hespanhoes podiam e deviam defender estes; e o seu engano a respeito das forças de Soult.

Mas deve perguntar-se: Que fim determinado se propunha Sir Arthur n'esta campanha, desde que não era de esperar que podesse conservar as suas posições nas proximidades de Madrid, por *qualquer espaço de tempo*, contra as forças que os francezes poderiam, mais cedo ou mais tarde, dirigir contra elle? A resposta é, que elle tinha por fim auxiliar os hespanhoes, tentando retomar a capital da Hespanha aos francezes, se isto se podesse conseguir em pouco tempo. Madrid não era uma cidade forte, e os francezes que a cobriam por varios pontos do lado do sul eram apenas 50:000, em quanto que Cuesta e Venegas, unidos, tinham aproximadamente 90:000 homens. Era tambem possivel cair rapidamente sobre um corpo dos francezes (o de Victor) e infligir-lhe uma derrota. A tomada de Madrid teria constituido uma seria perda para o inimigo por ser esta cidade o deposito geral de todos os exercitos francezes; e ainda que fosse necessario retirar immediatamente á tomada, a sua occupação temporaria produziria, só por si, uma grande impressão moral na Peninsula.

Encarando a campanha como um assumpto de historia já passada, e considerando os successos como hoje se da-

(c) 2007-Ministerio de Cultura

riam, parece plenamente justificada a crença de que os planos de Sir Arthur Wellesley teriam sido bem succedidos se não houvessem sido contrariados por circumstancias imprevistas. A opportunidade de cáir sobre Victor com forças superiores, na sua posição por detraz do Alberche, apresentava-se actualmente bem clara ; porém Cuesta era surdo a todas as instancias de Sir Arthur para dar um ataque; Victor era reforçado por Joseph, e a occasião favoravel tinha-se escapado.

Se Victor houvesse sido derrotado e Venegas cooperasse com lealdade pela linha de Toledo, Joseph teria retirado para Madrid, não havendo razão para se duvidar que aquella cidade teria promptamente caido em poder dos alliados, pois estava fracamente defendida, sendo, pela sua posição, pessimamente apropriada para a defeza, havendo-a Napoleão já anteriormente obrigado a render-se no espaço de dois dias. Se a força de Soult fosse a que Sir Arthur julgava, e se Cuesta tivesse cumprido aquillo a que se compromettera, havia toda a razão para suppôr que os hespanhoes poderiam ter defendido os desfiladeiros contra o inimigo, e evitado a marcha que por elles effectuou o marechal francez.

As phases d'esta campanha, pela maneira por que successivamente se foram apresentando, eram de uma natureza tão extraordinaria, que Sir Arthur Wellesley difficilmente as poderia ter previsto. Elle não podia imaginar que Cuesta, na sua loucura suicida e na sua má fé, deixaria de defender o desfiladeiro de Baños; que o governo de Hespanha se intrometteria a dar ordens a Venegas; ou que uma concentração e marcha como as que fez Soult, lhe poderiam ser occultadas por tanto tempo. O ter esta marcha e concentração sido occultadas por tanto tempo, ficará constituindo para todo o sempre um facto de mui difficil explicação, e por tal fórma, que seria julgado impossivel se não tivesse realmente acontecido. E comtudo, nem por isso é menos verdadeiro, mostrando mais uma vez a necessidade que ha de *empregar esforços incessantes afim de se obterem informações dos movimentos do inimigo.*

Sir Arthur não queria acreditar na situação em que se

(c) 2007 Ministerio de Cultura

achava quando teve conhecimento das forças de Soult e da sua posição em Placencia; e, escrevendo depois, dizia: «*Eu não julgava possivel* que tres corpos francezes, «commandados por tres marechaes, podessem reunir-se «em Salamanca, sem que o governo de Ciudad-Rodrigo «ou a Junta (isto é, o governo) de Castella d'isso tives- «sem conhecimento, ou que podessem penetrar na Extre- «madura, sem darem um unico tiro.»

Fallando do ataque dado por Joseph contra a posição dos alliados em Talavera, e que determinou a batalha n'este ponto, Napier caracterisa-o como «uma falta manifesta e enorme». Não podia haver duvida de que o interesse de Joseph (que tinha conhecimento da marcha de Soult sobre a retaguarda dos alliados) devia ser demorar o ataque, e, se possivel fosse, executando uma retirada, attrahir mais longe os alliados para o laço que lhes estava preparado. Soult tinha visto claramente este caso, e escrevera-lhe n'estes termos: «Obter-se-hão os mais im- «portantes resultados se vossa magestade *se abstiver de* «*atacar* até ao momento em que o conhecimento da mar- «cha que executo determine o inimigo a retroceder no «seu caminho».

Comtudo, Joseph deixou-se induzir por Victor, e atacou em logar de esperar por Soult.

A victoria no campo de Talavera coube aos alliados, e posto que vantagem alguma material d'ali resultasse, comtudo o effeito moral produzido nas tropas francezas pelo batalhar desesperado da infanteria ingleza, foi importante. Jomini, general do exercito francez, diz que «esta batalha provou que a infanteria ingleza podia disputar a palma á melhor da Europa». Depois d'esta batalha os francezes, conforme se tem affirmado, nunca mais se aproximaram dos inglezes com aquella confiança na victoria que d'antes sentiam.

A marcha de algumas tropas inglezas, que saíram de Lisboa afim de se juntarem no dia d'esta batalha ao corpo de Sir Arthur Wellesley, fornece um bom exemplo do que n'uma dada occasião se póde esperar conseguir com homens bem adestrados. Estas tropas, commandadas pelo general Crawford (regimentos n.os 43, 52 e 95) marcha-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

ram, deixando á retaguarda apenas 17 estropiados, a grande distancia de 62 milhas em 26 horas, n'um dia quente de verão, transportando cada soldado um pezo superior a 50 libras, e, posto que tivessem chegado já tarde para combater, comtudo logo que entraram no campo da batalha foram empregadas no desempenho do serviço de postos avançados.

A anxiedade e os estorvos que n'esta campanha soffreu Sir Arthur Wellesley, causados pela falta de alimentos e de transportes, mostram quão vital é a importancia d'estes assumptos, sendo muito mais para considerar do que as demoras e alongamentos das columnas na marcha de Sir John Moore.

Tendo avançado por Hespanha sem haver previamente preparado depositos, Sir Arthur estava á mercê dos alliados; e não podendo, em paiz amigo, adquirir alimentos por meio da força, nem obtel-os por outro qualquer meio, viu-se obrigado a abandonar a Hespanha e a retirar para Portugal. As suas tropas, que meio esfomeadas se bateram com bravura em Talavera, achavam-se por fim em muito más condições. O proprio Sir Arthur, escrevendo pouco depois da batalha, diz: «Os soldados «perdem a disciplina e a boa disposição de espirito; «roubam mesmo na presença dos seus officiaes. Os pro-«prios officiaes estão descontentes, e quasi no mesmo «estado de espirito que os soldados; e, este exercito que «ha quinze dias se bateu com outro que tinha o dobro «das suas forças, hesitaria eu agora em apresental-o na «frente de um corpo francez que tivesse metade do seu «effectivo.»

Uma das grandes causas porque qualquer dos exercitos, tanto o francez como o dos alliados, não conseguiram, n'esta campanha, obter um resultado em relação com o numero de soldados que pozeram em campo, foi haver em ambos elles a *divisão do commando*. As frequentes mudanças de chefe n'um exercito, como succedeu na campanha de 1808, ou a existencia de mais de um chefe, como succedeu n'esta campanha, são igualmente prejudiciaes. N'este caso Sir Arthur Wellesley não podia dirigir o seu alliado independente, Cuesta; Joseph

(c) 2007 Ministerio de Cultura

não podia dirigir os seus marechaes, semi-independentes; e os marechaes não podiam operar de concerto uns com os outros, ou com Joseph. Entre as pessimas consequencias que resultavam d'esta divisão de auctoridade e de falta de harmonia havia as seguintes :

1.ª — A impossibilidade de Soult operar a concentração que [como se disse em pagina 90] Napoleão lhe ordenara que fizesse, (por se recusar Ney a deixar Astorga, e Joseph chamar Mortier para Madrid).

2.ª — O predominio de Victor sobre Joseph, persuadindo-o a dar a batalha de Talavera.

3.ª — O poder Cuesta, pela sua intratavel conducta, prejudicar todos os planos de Sir Arthur Wellesley.

Estes males pesaram com toda a sua gravidade na campanha, e produziram em ambos os exercitos mau resultado.

As allianças poderosas apezar da divisão de commando que em regra se torna necessaria nos seus exercitos, são, não obstante, vantajosas ; comtudo uma tal divisão de commando traz inevitavelmente inherente a fraqueza.

N'esta campanha temos nós um exemplo do defeito das linhas duplas de operações.

Napier observa estar comprovado pela experiencia, que, sem uma boa e extraordinaria fortuna, sempre algum accidente vem transtornar as combinações dos exercitos que operam por mais de uma linha. Deve notar-se que n'esta campanha ambos os exercitos avançavam por uma *linha dupla*. Cada um d'elles estava dividido em corpos separados, procurando aproximar-se do inimigo por differentes caminhos e atacal-o depois de combinação. Joseph tinha por fim combinar-se com Soult; Wellesley e Cuesta (reunidos), tinham egualmente por fim a combinação com Venegas ; ambas as combinações foram porém mal succedidas.

Nas operações d'esta especie, as fracções separadas de um exercito encontram grandes difficuldades em obter esclarecimentos acêrca dos movimentos de cada uma das outras (especialmente se o inimigo fôr vigilante) ; e além d'isso, uma qualquer mudança na posição do inimigo destroe completamente todas as combinações pre-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

viamente estabelecidas. Por estas rasões são ellas difficeis de levar a effeito, e ainda que as circumstancias tornam as mais das vezes inevitaveis taes operações (muitas vezes bem succedidas), por serem menos simples, estão mais expostas a falharem do que as que são executadas seguindo-se uma unica linha. O bom exito n'aquellas, de facto, depende quasi inteiramente de serem as preparações para a marcha bem executadas e completas, e de haver um perfeito conhecimento das difficuldades do paiz e das posições do inimigo, de sorte que nenhuma alteração possa verdadeiramente produzir qualquer tardança.

Teremos occasião do vêr, n'outras campanhas d'esta guerra, exemplos de operações por mais de uma linha executadas com bom exito, devendo aqui fazer menção de que os prussianos operaram com bom exito por mais de uma linha na guerra com a Austria, em 1866, e na sua ultima guerra com a França.

N'esta campanha os commandos divididos augmentaram, sem duvida alguma, as probabilidades contra o bom exito.

De novo vêmos, n'esta campanha, a influencia que sobre as operações tem a topographia do paiz.

Se não existisse a extensa cordilheira do Guadarrama, practicavel pela artilheria apenas em dois pontos, não teria Sir Arthur Wellesley pensado em avançar seguindo o curso do Tejo, expondo o seu flanco a Soult. Tambem, se o Tejo fosse um rio susceptivel de se passar a váo, ou se tivesse pontes em muitos sitios, a consideração de ser um obstaculo, seria inteiramente differente.

Sendo como era, quando Sir Arthur estava em Oropeza no dia 3 de agosto, e soube que Soult se achava em Naval-Moral sobre a estrada que ia dar á ponte de barcas em Almaraz, a sua situação era a seguinte: Na sua frente e retaguarda estavam os francezes; na direita uma cordilheira quasi impracticavel; e na esquerda um rio, que tinha que atravessar (em todo o caso com artilheria e bagagens);o que só era possivel em Arzobispo.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

A unica cousa que podia fazer era, ou retirar por aquella ponte, ou abrir caminho atravez do inimigo.

«Estavamos em grandes difficuldades» diz elle «e real-«mente creio, que se não tivesse resolvido retirar no «momento em que o fiz, ter-nos-hia sido cortada, a am-«bos, a retirada.»

Egualmente, depois de ter retirado por Arzobispo e tomado posição em Jaracejo, se o Tejo fosse um rio d'outra natureza, os francezes poderiam ter atravessado este facilmente, e perseguido immediatamente a sua retirada. Porém, quaes são os factos? Sir Arthur, escrevendo de Deleytosa proximo de Jaracejo, diz-nos n'estes termos:

«A posse da ponte de Almaraz, e das montanhas que «ficam entre esta e a ponte do Arzobispo, permitte pro-«teger o paiz para aquém do Tejo desde Toledo até pro-«ximo de Abrantes, em consequencia de não poder o ini-«migo penetrar com a artilheria por nenhum ponto entre «Almaraz e Toledo, e de ser a passagem do rio entre «Almaraz e Abrantes quasi impracticavel para um exer-cito.»

Difficilmente seria possivel demonstrar mais completamente que não póde haver verdadeira comprehensão da natureza dos movimentos militares effectuados n'um qualquer paiz, sem o conhecimento da *topographia* d'esse mesmo paiz.

O seguinte extracto de uma carta dirigida por Sir Arthur Wellesley a Lord Castlereagh, escripta depois de ter retirado para Jaracejo, dá, em mui poucas palavras, ideia da conducta dos hespanhoes n'esta campanha. «Pouco te-«nho a accrescentar» diz elle «ao meu publico despacho «d'esta data, que espero me justificará de toda a culpa aos «olhos dos ministros de sua magestade, exceptuando a «de ter *confiado no general hespanhol a respeito de qual-«quer cousa.*»

Pela victoria de Talavera foi Sir Arthur Wellesley elevado ao titulo de Visconde de Wellington.

A unica vantagem que, póde dizer-se, obtiveram os alliados n'esta campanha, foi terem os francezes evacuado a Galliza, com o fim de se lançarem sobre Sir Arthur.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

SEXTA LIÇÃO

Campanha do Bussaco, 1810
Invasão de Portugal por Massena

Pela experiencia adquirida na campanha de Talavera convenceu-se lord Wellington de que pouco auxilio tinha a esperar dos hespanhoes para a libertação da Peninsula, e de que esta libertação só poderia ser alcançada pelos esforços dos inglezes e portuguezes. De dia para dia se lhe tornava tambem cada vez mais evidente que qualquer successo que podesse obter sobre as massas dos francezes devia ser vagaroso e gradual; e que mesmo poderia ser obrigado, como fôra sir John Moore, a retirar para o mar, e talvez a embarcar o seu exercito.

Dirigiu pois os seus esforços no intuito de levantar e organisar uma maior força de portuguezes; tratou de estabelecer aprovisionamentos e guarnições nos portos fortificados, em Abrantes, Setubal, Peniche, etc, assim como nas praças fronteiras de Almeida e d'Elvas; e sobre tudo occupou-se em fortificar as linhas de Torres Vedras.

Eram Cadiz e Gibraltar os unicos pontos da Peninsula fóra de Portugal que n'esta occasião os inglezes occu-

(c) 2007 Ministerio da Cultura

pavam, permanecendo estes inteiramente na defensiva por dentro da fronteira portugueza.

As fortificações de Torres Vedras, de que mais adiante daremos uma noticia resumida, na opinião dos poucos que têm conhecimento da sua existencia, foram projectadas e construidas com o fim simplesmente de cobrir a retirada do exercito inglez para os seus navios, ou de proteger Lisboa de um golpe de mão, e nada mais ; porém o proprio Wellington considerou-as sempre como uma barreira que o exercito francez nunca poderia ultrapassar. Os acontecimentos não tardaram a provar a exactidão do seu juizo, e a sua reputação elevou-se, em virtude da escolha e construcção d'estas linhas, a uma inquestionavel altura.

Disse-se já que a noticia da derrota de Napoleão em Aspern, na Austria, levantara o espirito dos alliados, sendo a precursora da campanha de Talavera.

Aquella derrota foi depois vingada por Napoleão com a brilhante victoria de Wagram (6 de julho de 1809) ; e tendo elle humilhado a Austria n'esta batalha, e concluido subsequentemente a paz com esta potencia em outubro, dirigiu novamente a sua attenção para a Peninsula, mandando da Allemanha para aqui muitos milhares das suas tropas, e elevando os seus exercitos destinados á Hespanha, ao enorme total de 366:000 homens, com o fim de poder empregar novos e mais energicos esforços para a completa submissão do paiz, e para a expulsão dos inglezes de Portugal.

Desde que Wellington retirou para Portugal depois da batalha de Talavera em 1809, até junho de 1810, nenhuma operação importante fôra emprehendida contra os inglezes, mas os acontecimentos estavam preparando rapidamente o caminho para ellas.

Em janeiro tinha o marechal Soult reunido uma grande força de proximamente 70:000 homens junto dos desfiladeiros das montanhas da Serra Morena, havendo forçado os mesmos desfiladeiros e tendo subjugado Sevilha e todas as principaes cidades da Andaluzia ; invadindo toda a provincia, com excepção de Cadiz, cuja praça sitiou, e restringindo a guarnição á Ilha de Leon.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Entretanto Napoleão reunia um grande exercito com o fim de invadir Portugal vindo por Salamanca, exercito que deveria ser commandado por Massena, um dos seus marechaes mais afamados, appellidado em consequencia de uma serie não interrompida de successos na Allemanha e n'outras partes, o «filho dilecto da victoria», e enviava tropas para formar e reforçar este exercito ao longo da linha de communicações de Salamanca até aos Pyrenéos. Simultaneamente com estas operações occupavam-se os francezes activamente em subjugar as varias provincias hespanholas, Murcia, Valencia, Catalunha, Aragão, Navarra, Biscaya, Leão, Asturias, etc, e com tal exito que pelos fins de maio de 1810, estavam senhores de trez quartas partes do reino.

O mez de junho de 1810 póde talvez ser considerado como a epoca mais critica para os negocios da Peninsula; porquanto, não só os exercitos hespanhoes tinham quasi totalmente sido aniquilados, e haviam sido subjugadas as suas principaes praças de guerra (á excepção de Ciudad-Rodrigo e Badajoz) em quanto os soldados francezes se reuniam em massas no paiz, mas tambem o povo inglez tinha começado a perder a esperança de successo, e um grande partido no parlamento exigia o chamamento para Inglaterra das tropas inglezas, de sorte que o mais insignificante revéz traria como consequencia a retirada das mesmas tropas. Foi devido á firmeza de Wellington unicamente que a lucta ainda continuou.

No mez de junho, quando teve logar a primeira marcha importante dos francezes para a frente, a situação dos exercitos em lucta era a que segue :

FRANCEZES

O *exercito do Sul*, commandado por Soult, composto dos corpos de Victor, de Mortier e de Sebastiani, 60:000 homens aproximadamente, na Andaluzia.

O exercito do Centro, commandado por Joseph, proximamente 24:000 homens, nos arredores de Madrid.

O exercito de Portugal, commandado por Massena, composto dos corpos de Ney, Reynier e Junot, e da ca-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

vallaria de reserva de Montbrun, proximamente 80:000 homens. Este exercito podia ser reforçado por outras tropas que se estendiam desde Salamanca por Samora, Valladolid, Burgos, etc, até á fronteira franceza. Os corpos de Ney e de Junot, e a cavallaria de Montbrun, estavam em Salamanca; o corpo de Reynier no valle do Tejo, proximo de Alcantara.

Os restantes dos 366:000 homens achavam-se espalhados por varias provincias.

Soult havia sido nomeado por Napoleão major general dos exercitos que em Hespanha eram commandados por Joseph, bem como commandante do exercito do Sul, sendo realmente quasi independente da propria auctoridade de Joseph.

ALLIADOS

Para fazer face á invasão que evidentemente estava imminente, e que devia ter logar por varios pontos, era necessario que os alliados de certo modo fossem distribuidos por muitas partes, havendo Wellington feito essa distribuição da seguinte fórma: O grosso do exercito inglez, sob o seu immediato commando, em Vizeu, Celorico, Guarda e Pinhel, sendo o quartel general em Celorico; a cavallaria ao longo do valle do Mondego, e parte d'ella em Belmonte; e 4:000 homens da Divisão Ligeira, commandados por Crawford, avançados entre os rios Côa e Agueda, observando Ciudad-Rodrigo. A força total montava a 25:000 homens.

O resto das tropas inglezas (proximamente 5:000 homens) e algumas portuguezas, sob o commando de Hill, em Abrantes e Portalegre, na estrada para Badajoz; ao todo proximamente 10:000 homens.

O grosso das tropas regulares portuguezas pagas pela Inglaterra, e commandadas por officiaes inglezes, em Thomar, formando uma reserva, e nas fortalezas de Almeida, Elvas, etc; ao todo aproximadamente 30:000 homens.

As milicias portuguezas, na força de 21 regimentos, ao norte do Douro; e um numero um pouco maior sob o

(c) 2007 Ministerio de Cultura

commando de Beresford, em Setubal, em differentes pontos do Alemtejo, e áquem do Elga e do Ponsul ; proximamente 30:000 homens.

Com o fim de assegurar as reservas de toda a especie, foram estabelecidos depositos ao longo dos rios, isto é, em Abrantes e proximo de Lisboa, sobre o Tejo; na Figueira e em Pena Cova, no Mondego ; e no Porto e em Lamego, no Douro. Tambem foram creados depositos de comestiveis em Vizeu, Celorico, Condeixa, Leiria, Thomar, e Almeida. Lançaram-se pontes volantes sobre os rios Tejo e Zezere, proximo de Abrantes ; e tambem sobre o Tejo em Villa Velha. Foram melhoradas, tanto quanto possivel, as estradas no interior de Portugal, com o fim de facilitar as communicações dos alliados ; por exemplo a estrada de Abrantes ao Mondego por Thomar e Espinhal (ligando Hill, por um caminho curto, com Wellington) ; e a da margem esquerda do Tejo, de Abrantes a Castello Branco por Villa Velha, (pondo em communicação Hill com as milicias portuguezas avançadas no Ponsul). Fôra tambem estabelecida uma cadeia de postos passando pela Guarda, Espinhal e Thomar, até Abrantes, para assegurar as communicações entre Hill e Wellington.

Algumas estradas que iam dar aos postos avançados, como por exemplo a que de Castello Branco pelas montanhas vai a Abrantes por Sobreira Formosa, e a que do Sabugal vai a Thomar por Belmonte e ao longo do valle do Zezere, tornaram-se de difficil transito, procedendo-se para isso á sua destruição.

Tambem foram estabelecidos telegraphos de signaes de Lisboa para Abrantes e para Almeida.

N'esta posição esperou Wellington pelo desenvolvimento do plano dos francezes, trabalhando todo o tempo nas linhas de Torres Vedras, tendo dado instrucções a Crawford para que, logo que se approximasse a mais pequena força dos francezes, retirasse para áquem do Côa, e não se arriscasse a nenhuma acção importante na margem direita.

Segundo o plano de campanha de Napoleão Massena deveria invadir Portugal saindo de Salamanca, em quan-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

to Soult avançaria por Badajoz e Elvas. A' invasão de Massena é que incumbia o esforço importante e real para repellir os alliados; mas Soult, depois de tomar Badajoz e Elvas, deveria egualmente fazer a tentativa de entrar em Lisboa seguindo aquella direcção.

Nos principios de junho, estando assentado que Soult devia cooperar pela Andaluzia, Massena deu principio ás suas operações, mandando Ney atravéz do Agueda investir Ciudad-Rodrigo, emquanto o corpo de Reynier, no valle do Tejo, se punha em movimento com o fim de pôr Wellington em embaraços, obstando a que retirasse tropas d'aquella zona. Hill contra-manobrou com o fim de observar Reynier, e obstar a que elle lhe passasse para diante dentro de Portugal.

Crawford retirou para o Côa em presença das forças de Ney que eram seis vezes mais numerosas que as suas, e Wellington, conhecendo que não tinha poder para obstar por fim a que Ciudad-Rodrigo se entregasse, nenhuns esforços fez para soccorrer esta praça, que se entregou aos francezes no dia 10 de julho.

Depois de se ter rendido esta praça, Ney avançou ameaçando Almeida; e Crawford, ancioso por demorar quanto possivel a entrega d'esta praça nas mãos do inimigo, permaneceu por muito tempo em perigo proximo d'ella, affrontando, por assim dizer, um ataque, em opposição (pelo menos, no espirito) com as instrucções que recebera de Wellington. O resultado foi ter sido quasi completamente envolvido pelas numerosas forças de Ney, e obrigado a retirar apressadamente as suas tropas sobre o Côa, debaixo de fogo, e por uma ponte estreita, sacrificando muitas vidas, perdendo a quasi totalidade das tropas que commandava, que eram compostas dos melhores soldados da Divisão Ligeira ingleza.

Foi então que Wellington retirou todas as suas tropas para a margem esquerda do Mondego, com excepção de uma divisão que occupava a cidade da Guarda afim de conservar livres as communicações com Hill, e de observar a estrada de Almeida, em quanto as milicias ao norte incommodavam a retaguarda de Massena, e se apoderavam de Sanabria.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Até ao dia 15 de agosto não fez Massena mais nenhum movimento decisivo, mas unicamente conservou Reynier em movimento no valle do Tejo. Esta demora foi em parte devida a estar inquieto por saber, primeiro que entrasse em campanha, o que estava Soult fazendo no sul, tendo este marechal mandado destacar o corpo de Mortier para Badajoz.

Por fim, no dia 15 de agosto, poz investimento a Almeida com o corpo de Ney. Wellington, com o fim de o ir inquietar, tornou a passar o Mondego; porém em quanto avançava capitulou a praça no dia 28, retirando por isso novamente.

Massena tinha agora em seu poder as duas praças fronteiras de Ciudad-Rodrigo e de Almeida, e havendo ordenado a Reynier que deixasse o valle do Tejo, e que se lhe fosse reunir, começou a avançar. No dia 12 de setembro entravam as avançadas do seu exercito na Guarda (retirando Wellington na sua frente), e no dia 16 concentrava elle as suas tropas do seguinte modo:

Junot (com a artilheria e a cavallaria) em Pinhel.

Ney em Maçal.

Reynier na Guarda.

A partir d'estes pontos pôz em marcha os seus tres corpos na direcção de Vizeu, avançando com Ney e Reynier pela margem esquerda do Mondego, como se fosse sua intenção continuar a marcha seguindo esta; porém logo que chegou a Fornos atravessou o rio para o lado direito.

Junot recebeu ordem para marchar com a sua artilheria e cavallaria directamente de Pinhel para Vizeu, sem atravessar o Mondego, tendo sido muito demorado na sua marcha pelas milicias portuguezas que muito o incommodaram.

O corpo principal de Massena entrou em Vizeu no dia 21 de setembro, porém a artilheria ainda ficava á retaguarda, chegando só no dia 23.

Wellington retirara diante das avançadas francezas, pela margem *esquerda* do Mondego, tendo ordenado a Hill que se lhe fosse reunir no rio Alva, seguindo por Espinhal, logo que soubesse com certeza que Reynier se tinha

(c) 2007 Ministerio de Cultura

posto em marcha para o norte; mandando egualmente vir algumas tropas inglezas e portuguezas que haviam chegado de Lisboa, e que estavam em Thomar commandadas pelo general Leith.

Algum tempo antes d'estes acontecimentos tinha o governo portuguez, a instancias de Lord Wellington, feito proclamações aos habitantes de Portugal, aconselhando-os a que, quando se approximassem os francezes, devastassem os campos, destruissem as pontes e moinhos, assim como as colheitas (exceptuando apenas as que comsigo podessem transportar), e a que retirassem para dentro das linhas de Torres Vedras. Havia a esperança de por estes meios se transformar o paiz n'um deserto inhospito para os francezes, por não poder assim fornecer qualquer alimento a homens e a animaes.

Massena, depois de haver recebido a sua artilheria, continuou na marcha para a frente ao longo da margem direita do Mondego por Mortagua para Coimbra, e Wellington, tendo observado qual a direcção d'aquella marcha, retirou ao longo da margem esquerda para detraz do Alva.

A estrada (veja-se o mappa III) por onde Massena seguia para Coimbra passa, a poucas leguas ao norte d'esta cidade, junto da serra do Bussaco. Esta serra está elevada uns 250 pés acima do terreno que a cérca, o qual domina a margem direita do Mondego, correndo este rio n'uma garganta profunda entre a mesma serra e a de Murcella, que fica na margem esquerda.

Em Mortagua, junto ao rio Criz, um dos affluentes do Mondego, divide-se a estrada em cinco caminhos que por direcções differentes vão dar a Coimbra. Trez d'estes caminhos são os unicos practicaveis sobre a serra do Bussaco: um quarto (mau caminho) dirige-se para occidente pelas montanhas do Caramulo e pelo desfiladeiro de Boyalvo sobre Sardão, torneando a serra, e indo entroncar (no Sardão) com a estrada real do Porto a Coimbra; o quinto tornêa a serra pela direita, atravessando o Mondego proximo de Pena Cova, mas fica exposto n'uma grande extensão ao fogo de flanco da artilheria collocada na serra do Bussaco.

Wellington, achando-se situado detraz das cristas da

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Murcella, e tendo officiaes collocados nas montanhas com o fim de observarem a direcção da marcha dos francezes, determinou que se procurasse impedir o caminho a Massena na serra do Bussaco, com o fim não só de levantar o espirito dos seus proprios soldados e do povo portuguez, mas tambem de ganhar tempo, que lhe permittisse poder retirar os seus armazens de Coimbra e Condeixa, e auxiliar os camponezes na destruição das suas colheitas, e na devastação dos campos. Esta serra offerecia uma posição muito forte, e havendo n'esta occasião chegado Hill e Leith (o primeiro por se haver anticipado ás determinações de Wellington, marchando a reunir-se a este general logo que soube que Reynier seguira a encontrar-se com Massena, e o segundo vindo de Thomar), Wellington formou, no dia 26 de setembro, o seu exercito em ordem de batalha sobre ella, com excepção das poucas tropas que tinha deixado na outra margem do Mondego em observação, e da cavallaria que fôra postada na estrada do Porto, ao sul do Sardão, vigiando a esquerda. Wellington ordenou tambem que algumas milicias portuguezas sahissem de Lamego sobre Sardão e o desfiladeiro de Boyalvo, para obstarem a que os francezes o torneassem por aquella estrada. Quanto á estrada de Pena Cova era desnecessario guardal-a, por estar exposta ao fogo da artilheria da serra.

Massena approximou-se no dia 26, e julgando que os inglezes estavam em menor força do que realmente, pois ignorava o facto da juncção de Hill e de Leith, tentou forçar a posição no dia 27 (com Ney e Reynier na frente e Junot na reserva), e deu a *batalha do Bussaco*. N'esta batalha os alliados eram em numero de 49:000 e os francezes, de 66:000.

O ataque terminou por serem os francezes violentamente repellidos.

No dia seguinte á batalha (28 de setembro) descobriu Massena a estrada que ia pelo desfiladeiro de Boyalvo e por Sardão, e que torneava a esquerda da posição dos alliados, e na noite d'esse dia dirigiu-se para o mencionado desfiladeiro. Disse-se atraz que Wellington tinha dado ordem para que algumas milicias portuguezas mar-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

chassem de Lamego para o Sardão ; não tinham estas porém chegado, em virtude do erro que houve em as mandar por um caminho desviado que passava pelo Porto, o que era desnecessario, erro que teve por causa a apparição de uma patrulha franceza. Massena alcançou a estrada de Coimbra ao Porto, apoderando-se d'este modo da vantagem de poder tornear a posição de Wellington nas alturas do Bussaco.

Wellington abandonou então as alturas e retirou por Coimbra, Pombal e Leiria, para as linhas de Torres Vedras. Massena proseguiu com confiança, deu saque a Coimbra, e obrigou por vezes os alliados a alguns combates de retaguarda; indo encontrar-se, no dia 10 de outubro, frente a frente com as obras formidaveis que Wellington havia mandado construir para a defeza de Lisboa, sem ter até então ouvido fallar da sua existencia.

Foi tal a surpreza de Massena quando viu uma tão grande barreira no seu caminho, que retirou, não voltando senão dois dias depois, quando cautelosamente foi reconhecer a posição dos alliados. Uma relação detalhada das linhas de Torres Vedras occuparia muito espaço, para poder ter cabimento n'este livro. Consistiam estas em trez grandes linhas de defeza. Para formar a 1.ª linha, ou linha exterior, havia-se fortificado com numerosos reductos, poderosamente artilhados, um trácto de terreno, da extensão de 30 milhas, desde Alhandra junto ao Tejo, por Torres Vedras, até ao mar.

Esta região, immensamente forte por natureza, tinha-se tornado ainda mais forte escarpando-lhe os montes, represando-lhe os rios, formando-se innundações, e destruindo-se as estradas. Do lado interior d'esta barreira e oito milhas para a retaguarda, existia uma segunda linha ainda mais forte ; e interior a esta, em volta de Lisboa, um campo entrincheirado ; consistindo a defeza, ao todo, de uns 150 reductos em que estavam montadas 600 peças de artilheria.

Pode fazer-se uma ideia da escala em que foram executadas estas obras, sabendo-se que 10:000 trabalhadores, revezados semanalmente, foram empregados na sua construcção, durante muito tempo. E' atravez d'estas li-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

nhas que passam as unicas estradas por onde os francezes poderiam approximar-se de Lisboa, e estas (cinco das quaes sómente, praticaveis pela artilheria, atravessavam a 1.ª linha, e quatro a 2.ª) eram defendidas por obstaculos de toda a especie. Tinham sido estabelecidos postos de signaes nas principaes alturas, e a natureza do terreno é tal, que são faceis as communicações de uma para outra extremidade das linhas, para os defensores collocados do lado interior d'estas, em quanto que a cadeia de montanhas dirigidas ao norte (a serra do Barreguedo) divide e isola as fracções de um exercito que faça frente ás extremidades direita e esquerda das mesmas linhas, por meio de um formidavel obstaculo natural.

A posição de Massena era agora tão desanimadora quanto até ali tinha sido esperançosa. Tendo estendido o seu exercito por toda a frente das linhas, procurou em vão, durante um mez, uma entrada por onde podesse penetrar, e durante este mez as milicias portuguezas bem como os camponezes, approximaram-se cada vez mais da sua retaguarda, apertando-o, cortando-lhe as communicações com a Hespanha, destruindo-lhe os depositos, e obrigando-o a dispersar o seu exercito n'uma região meia deserta, afim de prover á sua alimentação. Durante este tempo enviou Massena a Paris um mensageiro (o general Foy) para pedir a Napoleão que mandasse reforços em seu auxilo, e em novembro fez um esforço para atravessar o Tejo, com o fim de se estabelecer no districto do Alemtejo, comparativamente rico e intacto; porém as forças inglezas do commando de Hill, observaram o rio tão de perto, que lhe foi impossivel a realisação d'este projecto. Retirou-se portanto, depois d'isto, para Santarem, Leiria, Thomar e Punhete (hoje Villa Nova de Constancia), onde começou a reunir materiaes para lançar uma ponte sobre o Tejo; e Wellington, saindo das linhas tomou uma posição na sua frente, no Cartaxo, e entre Rio-Maior e Alcoentre, deixando nas linhas uma força pequena. D'esta sorte permaneceram os dois exercitos em presença um do outro durante quatro mezes (o que nos leva já ao anno de 1811), sendo a politica de Wellington, cujo exercito era perfeitamente abastecido por Lisboa e

(c) 2007 Ministerio de Cultura

pelo mar, não perder os seus soldados em nenhum combate, mas sim reduzir o inimigo pela fome.

Durante estas operações, o corpo de Mortier, enviado por Soult para Badajoz (e observado pelas forças de Hill), nada fizera de importante ; porém as tropas francezas, em muitas provincias, especialmente na Catalunha, tinham obrado com actividade durante os mezes do outono e do inverno, tomando muitas das fortalezas hespanholas, incluindo Tortosa.

Pelos fins do anno de 1810 a lucta achava-se nos seguintes termos :

Os francezes tinham conseguido confinar os inglezes a um canto de Portugal, haviam *tomado Ciudad-Rodrigo e Almeida*, e subjugado quasi toda a Hespanha, com excepção de Cadiz (que ainda se sustentava), e Badajoz ; e podiam tambem chamar de França grandes reforços.

Por outro lado ainda não tinham lançado Wellington para *fóra* de Portugal, e o governo inglez e o povo, exaltados com a victoria do Bussaco e com o cheque infligido a Massena, estavam mais inclinados que no principio do anno, a esperar por uma mudança favoravel nos negocios, e a continuarem a guerra.

Observações

A posição que os alliados tomaram em Portugal com o fim de aguardar a invasão franceza foi descripta com tanto desenvolvimento, e as differentes estradas, etc., por onde operaram os exercitos, foram tratadas tão detalhadamente, pelo motivo de ser a analyse d'esta campanha sob estes pontos de vista ao mesmo tempo interessante e instructiva.

Os Francezes poderiam ter invadido Portugal por differentes linhas :

1.° — Pelo norte, passando o rio Douro, como fôra tentado por Soult em 1809.

2.° — Por alguns pontos entre os rios Douro e Tejo ; ou do lado do norte da grande cordilheira Guadarrama

(c) 2007 Ministerio de Cultura

(por Ciudad-Rodrigo, por exemplo), ou do lado sul da mesma cordilheira (por exemplo, vindo de Coria).

3.° — Pelo sul do rio Tejo, entre este e o Guadiana (por Badajoz).

O maior perigo a receiar era da direcção de Almeida ao norte, e de Badajoz ao sul ; tanto porque os francezes deviam ter em vista apoderar-se das praças de Almeida e de Badajoz, como porque as estradas que por ellas passavam eram as melhores para um exercito invasor. *Todos aquelles pontos* porém, deviam ser observados.

As disposições de Wellington eram taes que, emquanto uma parte da milicia portugueza observava a primeira das linhas referidas, elle proprio, estendendo-se de Vizeu para a Guarda e Belmonte, tendo a milicia de Beresford junto do Elga e do Ponsul, observava a segunda ; e Hill em Abrantes e Portalegre, a terceira.

As reservas occupavam uma posição central em Thomar, e os preparativos relativos a pontes, estradas, cadeias de postos, etc., que já se disse haverem sido feitos para augmentar a facilidade de communicações dos alliados e impedir os movimentos dos francezes, foram todos executados segundo permittiram as circumstancias, para evitar qualquer surpreza da parte do inimigo, e para incommodar este.

Wellington occupava uma posição *interior* em relação aos francezes, e poderia, com dois dias de marcha, concentrar, se o julgasse necessario, para cima de 35:000 homens, (não incluindo os soldados de guarnição etc.,) entre a Guarda e o Douro, isto é, em Almeida. Egual concentração poderia fazer na Guarda (pela reunião das suas proprias tropas com a milicia ao norte do rio, ou com os portuguezes de Thomar), podendo tambem reunir 30:000 no Alemtejo, isto é, proximo de Badajoz (juntando as forças de Hill com a milicia que estava nas proximidades d'aquella praça, e do Elga e Ponsul). Logo que a linha de invasão se tornasse pronunciada, poderiam facilmente ser dirigidas convenientemente as tropas que se achavam em Thomar, e alguns reforços que desembarcassem, vindos de Inglaterra. Pela facilidade que tinha de poder concentrar em qualquer

(c) 2007 Ministerio de Cultura

ponto da fronteira uma grande parte das suas tropas, obrigava Wellington os francezes a conservarem-se reunidos, o que lhe permittia poder descobrir mais facilmente as suas intenções, augmentando tambem as difficuldades de abastecimento do inimigo.

As tropas regulares (do commando de Wellington e de Hill) estavam reunidas, de um modo compacto, no centro, e as menos exercitadas (a milicia), em vez de entremeadas com estas, achavam-se separadas, e postadas nas duas alas extremas. A Guarda era evidentemente um ponto que seria importante conservar até ao final, por ser um dos pontos da communicação com Hill; e d'ali podiam descobrir-se as intenções dos francezes pelo que respeitasse á sua ulterior linha de marcha (isto é, ou pelo valle do Mondego ou do Zezere). Egualmente Hill e a milicia que estava postada ao longo do Ponsul, tinham um cargo de responsabilidade a desempenhar na guarda da linha do Tejo, pois é facil de perceber que se os francezes podessem abrir caminho passando para diante d'elles antes que Wellington podesse chegar do norte, interpôr-se-iam a este ultimo e Lisboa. Havia tambem alguma possibilidade em o inimigo passar, sem ser presentido, pelos desfiladeiros da serra Guadarrama, e depois, atravessando Alcantara, ou forçando a passagem em Villa Velha, entrar na boa estrada da margem esquerda do Tejo (estrada que, como já dissemos, Wellington mandara fazer de Abrantes a Villa Velha afim de communicar com Hill) torneando assim os caminhos difficeis da margem direita. O Tejo, posto que de ordinario seja um obstaculo formidavel, torna-se algumas vezes, por occasião das grandes séccas do verão, vadeavel até em pontos a jusante de Abrantes, e os francezes, depois de estarem na margem esquerda, poderiam com exito tornar a atravessar o Tejo em Abrantes ou abaixo d'este ponto, e repellir Hill pela força do numero.

Passemos agora a examinar a linha de invasão adoptada pelos francezes. Das differentes linhas que se lhes apresentavam e a que já alludimos, a 1.ª já tinha sido experimentada por Soult que a achou difficil, tendo sido mal succedido na sua escolha. A 3.ª, tentava agora Soult se-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

guil-a para auxiliar os proprios movimentos de Massena. A escolha estava pois quasi necessariamente limitada á 2.ª, devendo ainda ter logar entre as linhas ao norte ou ao sul da serra Guadarrama.

A do norte era a que ficava mais proxima da posição de Massena em Salamanca, e a mais directa. Para operar pela do sul (caso em que teria de atravessar a serra Guadarrama pelos desfiladeiros de Baños e de Perales), tinha de expôr o flanco e a retaguarda da sua linha de marcha a serem inquietados pelos alliados, especialmente se não se apoderasse de antemão de Ciudad-Rodrigo e de Almeida.

As estradas ao sul d'aquellas montanhas eram conhecidas pela experiencia de Junot (que de Salamanca entrou em Portugal em 1807, por Alcantara, Castello-Branco e Abrantes), e consideradas tão más, que só com grande difficuldade poderia por ellas passar um exercito. Contra estas desvantagens pesava o facto de que a marcha por esta direcção (isto é, por Coria) permittiria conservar as communicações com Joseph em Madrid, e com Soult, por Almaraz e Alcantara ; e auxiliaria a concentração e permittiria a combinação de esforços. Demais, a consideração de todas as desvantagens da linha do sul justificam plenamente a adopção que Massena fez da que passa por Ciudad-Rodrigo e Almeida. Se se pergunta porque é que elle não avançou por *ambas as linhas* (isto é, pelo norte e sul da serra Guadarrama ao mesmo tempo), a resposta é que uma tal divisão do exercito enfraquecel'o-hia sem necessidade, e que se julgou desnecessario oppôr uma força contra Hill, visto como se esperava que Soult iría encontrar-se com este.

Mas logo que Massena, seguindo esta linha, se tivesse apoderado das praças de Ciudad-Rodrigo e de Almeida, e houvesse repellido os alliados da sua proximidade, de novo teria occasião de escolher, d'entre as tres ou quatro direcções que d'ali seguem, a melhor para a sua marcha d'invasão.

Poderia pois :

(1) — Ter forçado a posição dos alliados na Guarda, atravessado a Serra da Estrella para Belmonte, e seguido o valle do Zezere para Thomar e Santarem.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

(2) — Ter avançado por Maçal e Celorico, seguindo pela margem esquerda do Mondego.

(3) — Ter avançado, como acima, por Celorico, mas atravessando então o Mondego em Fornos, seguindo pela margem direita do rio.

(4) — Ter feito um rodeio pelo valle do Douro, e depois caminhado pela estrada real do Porto a Coimbra.

A existencia de grandes cadeias de montanhas que fazem continuação á Serra da Estrella e que se extendem da Guarda a Lisboa, sobre as quaes as estradas são más e poucas, e facilmente defendidas, quasi que obrigam um exercito que queira approximar-se da capital de Portugal, vindo de Almeida, a escolher logo de principio a vertente pela qual deverá seguir, e a adoptal-a constantemente, por não poder haver confiança na possibilidade de se mudar de uma para outra vertente, quando se deseje.

A direcção (1) teria obrigado Massena a forçar a Serra da Estrella proximo da Guarda, onde a posição dos alliados era especialmente forte, não sendo facil vencêl-a; e avançar depois pelo valle do Zezere junto ás montanhas, por um máu caminho, levantado e destruido, e que era cuidadosamente observado.

A direcção (2) era relativamente a mais directa, mas a estrada passava por numerosos contrafortes de montanhas, e apertada entre estes e o Mondego, era cortada por muitas ribeiras. Passava esta tambem pela serra Murcella. Comtudo, Massena foi informado, por alguns portuguezes de condição, de que esta estrada era muito peior do que realmente, sendo illudido com estas informações.

A direcção (3) passa por Vizeu, e d'este ponto por uma boa estrada pelo Sardão para Coimbra, ou (o que é um caminho mais curto, mas peior) sobre a serra do Busaco para Coimbra.

A direcção (4) envolvia uma longa marcha e a passagem do rio Vouga.

É facil de ver que os pontos em que Massena se concentrou no dia 16 de setembro, isto é, na Guarda, Maçal e Pinhel, foram bem escolhidos como iniciaes de uma marcha de invasão por qualquer das tres primeiras di-

(c) 2007 Ministério da Cultura

recções já mencionadas; mas pela descripção da natureza das varias estradas que lhe estavam abertas, é evidente que o conhecimento que Massena possuia do paiz, ou da posição de Wellington, e da faculdade d'este concentrar as suas tropas, era muito imperfeito, ou então não teria elle escolhido a estrada por Vizeu, que, pela sua difficuldade, o compelliu a marchar vagarosamente (dando, por esta fórma, tempo a que Hill e Leith se fossem reunir a Wellington); nem tomado depois a má estrada para o Bussaco, que, pela sua direcção, o forçou a abandonar a sua mais directa communicação com Almeida, obrigando-o por fim a combater durante a marcha para poder vencer um obstaculo tal como era a serra do Bussaco.

Napier suppõe que Massena teria procedido melhor seguindo a estrada (2) da margem esquerda do Mondego, e diz que as difficuldades d'esta estrada foram muito exageradas por aquelle marechal, emquanto que a do Bussaco, pela qual marchou, era uma das peiores de Portugal. Para obter informações seguras a respeito de caminhos, etc., n'um paiz inimigo, é indispensavel uma vigilancia incansavel, bem como é impossivel conseguir tal resultado sem se expôr a grandes perigos; e todas as operações d'esta campanha mostram que nunca são demais os sacrificios feitos para obter taes informações.

Massena é egualmente criticado por não ter julgado importante o avançar tão rapidamente *quanto possivel* afim de obrigar Wellington, ou a retirar, tomando as fortes posições ao N. de Coimbra, ou a bater-se antes que Hill e Leith se lhe reunissem. Napier diz, que nem mesmo o estado pessimo do caminho pode justificar o ter elle gasto dez dias entre a sua chegada á Guarda e a saida de Vizeu, e que «a idade e as honras o haviam abatido». Operar com rapidez, é por conseguinte, a verdadeira politica de um exercito invasor.

E' sempre uma empreza arriscada para qualquer exercito o penetrar n'um desfiladeiro, como o Boyalvo, proximo de um inimigo em posição, por isso que sendo atacado pela frente ou pela retaguarda emquanto está no desfiladeiro, o perigo a que se expõe é immenso; comtudo

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Massena, quando a principio chegou em frente da posição dos alliados, poderia ter torneado esta (como o fez no dia 28 com bom resultado), e sem correr um maior risco ou perda para o seu exercito ; porém não teve conhecimento da existencia da estrada sobre as montanhas senão depois da batalha, quando a desgraçada natureza da sua posição o obrigou a procurar cuidadosameute uma saida.

Se a milicia portugueza tivesse, conforme as ordens de Wellington, occupado o desfiladeiro de Boyalvo, Massena teria sido interrompido n'esse ponto ; e se não podesse ter forçado o desfiladeiro ou sido bem succedido n'uma segunda tentaviva sobre as montanhas do Bussaco, ou (depois de atravessar o Mondego) n'um assalto sobre a serra da Murcella, emprezas estas em que as probabilidades seriam em grande parte contra elle, teria de retirar novamente para Coimbra, depois de uma marcha longa e sem resultado, e de uma derrota decisiva. Wellington tem sido criticado, comtudo, por ter acceitado a batalha do Bussaco e perdido gente, quando tinha em vista retirar para dentro das linhas. Egualmente tem sido criticado por haver confiado a occupação de um ponto tão importante como era o desfiladeiro de Boyalvo unicamente á milicia ; porém n'uma occasião em que o descorçoamento era tão geral pelo que respeitava á causa dos alliados, e com um exercito que era principalmente composto de recrutas, e estes de differentes nacionalidades, era evidentemente de grande importancia, que n'uma primeira batalha se empregassem todas as tropas regulares de algum valôr em frente de Massena no Bussaco ; e se a milicia se não tivesse enganado, e houvesse chegado a tempo ao desfiladeiro, nenhuma razão ha para suppôr que ella o não teria defendido. Ao mesmo tempo a cavallaria postada na estrada ao sul de Sardão evitava que Wellington fosse torneado sem o saber ; pondo-o em todo o caso a salvo do perigo de ser surprehendido. O que o proprio Wellington diz acêrca d'estes pontos é muito interessante:

(c) 2007 Ministerio de Cultura

«Ao muito honrado W. W. Pole.

4 de outubro de 1810.

«Os murmuradores das batalhas sem utilidade virão «atacar-me novamente com respeito á do Bussaco, não «obstante terem as nossas perdas sido realmente insigni- «ficantes; porém eu não teria desculpa alguma se, in- «teirado como estava, não tentasse demorar ali o inimigo, «o que teria conseguido completamente, se não fosse o «erro do general commandante dos portuguezes no Norte, «que em presença de uma patrulha franceza, não enviou «Trant pela estrada por onde tinha sido mandado mar- «char. Se tivesse vindo por este caminho, não teriam os «francezes podido tornear a nossa posição, e teriam tido «de nos atacar novamente: não poderiam ter vencido, «e teriam tido de retirar. O que depois se succedeu «prova que se eu não houvesse sido torneado, poderia ter «conservado aquelle caminho sem perdas importantes, «e que se o tivesse sido, poderia retirar d'ali sem incon- «veniente. Similhantemente serviu para dissipar uma «impressão que começava a ser muito geral, a descon- «fiança de não querermos nós mais bater-nos, e sim re- «tirar para os nossos navios; dando tambem occasião ás «tropas portuguezas de tomar o gosto por uma diversão «a que não estavam até ali acostumadas, e que não te- «riam adquirido se as não houvesse collocado n'uma forte «posição».

O segredo com que foi levada a effeito a construcção das linhas de Torres Vedras parece quasi inexplicavel, e diz muito a favor não só da actividade dos correios de Wellington mas tambem do patriotismo dos portuguezes, sem o qual nem mesmo a pena de morte suspensa sobre todo aquelle que communicasse com o inimigo, poderia ter evitado que os francezes tivessem algum conhecimento do que se executava no campo dos alliados.

A habilidade com que Hill auxiliou Wellington nas operações d'esta campanha, ora observando Reynier; ora (sabendo directamente que este ultimo tinha partido

(c) 2007 Ministerio de Cultura

para se ir juntar a Massena) seguindo, por marchas forçadas, a reunir-se a Wellington, anticipando-se ás ordens d'este general, e fazendo juncção com elle a tempo, para tomar parte na batalha do Bussaco ; ora, por meio de uma vigilancia incessante, obstando a que Massena lançasse uma ponte, para estabelecer uma passagem sobre o Tejo afim de communicar com os ferteis districtos do Alemtejo, tem sido sempre muito elogiada. A presteza e coragem na acção (qualidades especialmente exemplificadas, como mais adiante verêmos, na surpreza de Almaraz em 1812), combinadas com a promptidão em subordinar as suas proprias operações secundarias, ao desenvolvimento do plano geral de Wellington, assignalaram sempre mui especialmente o caracter de Hill, tornando-o eminentemente um modelo de commandantes de tropas. A bravura de Crawford em permanecer por tanto tempo para além do Côa (veja-se pag. 106), não estava apparentemente muito em harmonia com uma intelligente apreciação dos designios do seu chefe. Wellington nos seus despachos, tinha-o muitas vezes aconselhado a não se arriscar em qualquer commettimento serio para além do Côa, e não obstante, elle empenhou-se e bateu-se n'uma posição tão má (isto é, com um rio na sua retaguarda, que só podia ser transposto por uma ponte), que as suas tropas por pouco escaparam a uma destruição certa. Wellington nunca censurou Crawford officialmente por este motivo, mas na sua correspondencia particular encontra-se a seguinte carta :

«Posto que eu responda por elles, podeis comtudo es-
«tar certo que em nada contribui para tal fim, havendo
«até positivamente prohibido as loucas tentativas em que
«Crawford envolvia os seus postos avançados. Eu tinha-
«lhe positivamente manifestado o desejo de que não
«se empenhasse em qualquer empreza na outra margem
«do Côa, e repeti a minha ordem de que não deveria
«egualmente empenhar-se na direita do rio, isto em res-
«posta a uma carta em que me dizia julgar não po-
«der permanecer ali a cavallaria sem a infanteria. De-
«pois de tudo isto permaneceu por mais de duas horas

(c) 2007 Ministerio de Cultura

«na mesma posição desde que o inimigo appareceu na sua «frente e primeiro que este o attacasse, tempo durante o «qual poderia ter retirado duas vezes atravéz do Côa, «e ido occupar uma posição em que não fosse possivel «ser atacado. Podereis dizer-me: se assim é, porque «não se accusa Crawford? Eu direi, porque, se res- «pondo por elle, não posso accusar um homem que «creio que teve em vista proceder bem, e cujo erro é de «intendimento e não de intenção; e na verdade, devo «accrescentar, que ainda que os meus erros e os dos ou- «tros tambem pesem gravemente sobre mim, não é este o «modo como deve ser governado um qualquer exercito, «e muito menos o inglez».

(Correspondencia supplementar do duque de Wellington. — Carta ao honrado W. Pole, Celorico 31 de julho de 1810.)

Soult, como já vimos, não fez tentativa alguma efficaz n'esta campanha para auxiliar Massena, e differentes razões se têm allegado para isso. Alguns escriptores, têm-n'o accusado de invejoso dos outros marechaes e outros de ter preferido governar pacificamente a Andaluzia onde mantinha um estado quasi de realeza; mas as razões mais exactas são provavelmente a de lhe terem dado tanto que fazer o sitio de Cadiz, a pacificação geral da provincia, e a extincção das partidas de guerrilhas que se haviam tornado muito activas, que, segundo elle proprio confessa, estava realmente impossibilitado de cooperar com Massena, como se havia convencionado.

Bem demonstrada fica a importancia que têm para um exercito na defensiva obras taes como as de Torres Vedras. Estas linhas tinham quasi todas as vantagens das perfeitas obras defensivas. Eram fortes por natureza e arte, mas permittiam aos seus defensores sair para a frente d'ellas muito á vontade se necessario fosse; tinham os flancos seguros, boa communicação para os defensores, na retaguarda, e obstaculos que se oppunham a que o inimigo podesse atacar de frente. Foram ellas que salvaram Portugal e que fizeram pender a sorte da guerra contra os francezes.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

(c) 2007 Ministerio de Cultura

SETIMA LIÇÃO

Campanha de 1811
Retirada de Massena — Batalhas de Fuentes d'Oñoro e de Bajadoz

As operações d'esta campanha, posto que da mais alta importancia pelo que diz respeito ao resultado que d'ellas se adquiriu na lucta pela liberdade da Peninsula, não são comtudo, consideradas no todo, de natureza apropriada para illustrar nenhum dos altos movimentos da estrategia. Foi uma campanha de batalhas e cêrcos, e de combates em differentes pontos; e ainda que na «retirada de Massena» a que dentro em pouco alludiremos, haja muito que estudar com vantagem, as lições tiradas d'esta campanha estão, *em geral*, muito longe do fim que se teve em vista n'estas lições, para que as examinêmos com todo o desenvolvimento. No intuito, porém, de manter a ligação dos acontecimentos da guerra da Peninsula em todos os seus pontos, darêmos um esboço dos differentes successos occorridos.

Disse-se já que Massena, ao encontrar a sua passagem para Lisboa interceptada pelas linhas de Torres Vedras, e tendo entre si e os seus mais proximos apoios uma grande extensão de paiz devastada e hostil, mandara o

(c) 2007 Ministerio de Cultura

general Foy pedir auxilio a Napoleão. Posto que Napoleão estivesse n'este momento em paz com todas as potencias continentaes, e fosse a Inglaterra a unica grande nação que ainda tentasse oppôr-se aos seus projectos de engrandecimento, tinha já determinado no seu espirito uma invasão na Russia, paiz com que as suas relações estavam longe de ser amigaveis. Em parte por este motivo, e em parte porque julgava que as forças de Massena e de Soult podiam perfeitamente competir com as dos alliados, recusou-se a prestar ao primeiro dos dois marechaes qualquer soccôrro, ordenando simplesmente ao ultimo que operasse vigorosamente em auxilio d'aquelle pela direcção de Badajoz.

Em conformidade com esta ordem, Soult, logo no principio de janeiro de 1811, tendo deixado uma força (ás ordens de Victor) para continuar o bloqueio de Cadiz, marchou para Badajoz, investiu esta praça em 26 de janeiro e tomou-a aos hespanhoes em 10 de março. É a esta operação que se deu o nome de *Cêrco de Badajoz pelos francezes*. Tinha porém acabado de tomar esta praça, quando recebeu a noticia de que as suas tropas que bloqueiavam Cadiz se achavam em grande perigo, e por este motivo, deixando uma guarnição em Badajoz, voltou em seu auxilio. Este perigo em que se encontravam as forças que bloqueiavam Cadiz, e que fizera com que Soult voltasse atraz, levantou-se do seguinte modo:

Uma expedição, na força de 5:000 homens de tropas inglezas da guarnição de Cadiz, tinha largado d'este porto e ido por mar (sob o commando de Sir Thomaz Graham) para Tarifa, e, desembarcando ali, e juntando-se com uma força hespanhola, tentara vir sobre a retaguarda do inimigo que bloqueiava Cadiz, e obrigar este a levantar o cêrco. Estas tropas atacaram os francezes commandados por Victor, em Barroza, e os derrotaram na *Batalha de Barroza* (a 5 de março); porém o resultado obtido não foi *duravel*, porque o general Graham, descontente com a conducta dos hespanhoes n'esta acção, tornou a embarcar e voltou para Cadiz.

Quasi na mesma data haviam começado entre os alliados e os francezes operações activas em dois pontos dif-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

ferentes; porquanto, no mesmo dia (5 de março) em que se deu a batalha de Barroza proximo de Cadiz, começou Massena a retirar de Portugal.

Até esta data havia este marechal permanecido na posição em que o deixámos ao fechar o anno de 1810; o terreno que occupava era forte, e guarnecido com obras de terra; e os exercitos inimigos (francezes e alliados) tinham permanecido em frente um do outro durante todo o mez de janeiro e de fevereiro, separados unicamente por uma ponte (ponte d'Asseca) situada no extremo de uma estrada em aterro sobre um pantano, que estava minada pelos alliados, e por outro lado podia ser batida pela artilheria franceza. Massena havia pacientemente esperado por Soult, e Wellington (como já dissémos) esperava que se esgotasse o abastecimento dos seus adversarios.

Já fallámos das instrucções que foram dadas ao povo portuguez antes do exercito alliado se recolher ás Linhas, convidando-o a destruir as suas colheitas, assim como a retirar todo o seu gado, de modo que não restasse nenhum alimento aos francezes. Esta ordem foi parcialmente executada, mas só parcialmente. Póde comprehender-se a difficuldade que haveria em dar força a uma tal ordem nas circumstancias de uma retirada precipitada, e a natural reluctancia dos camponezes em a cumprir. O que é um facto é que, posto que a maior parte dos moinhos fossem destruidos; que fosse retirada a maior parte dos generos que o podiam ser; e que o campo fosse abandonado (tendo retirado 250:000 portuguezes para as linhas e para além do Tejo); comtudo grandes extensões de terreno coberto de trigo ficaram intactas, principalmente nas proximidades de Santarem, de fórma que Massena poude sustentar o seu exercito por muito mais tempo do que deveria.

Mas, por fim, chegando ao dia 5 de março, o seu exercito caíra n'uma tal miseria, e as suas necessidades tornaram-se tão urgentes, que não podia esperar por mais tempo por Soult; e tendo tambem sabido que estavam chegando a Lisboa reforços para Wellington (7:000 homens aproximadamente), decidiu-se a retirar. Depois de

(c) 2007 Ministerio de Cultura

simular uma passagem no Zezere para ir atacar Abrantes, fez ir pelos ares as suas obras levantadas em Punhete, com o fim de construir uma ponte sobre o Tejo, e destruindo algumas bagagens e toda a artilheria que não podesse transportar, começou pela noite a sua celebre retirada para fóra de Portugal.

Difficilmente poderiam ser maiores os horrores d'esta retirada. Os francezes, perseguidos por Wellington, á medida que retiravam pelos inhospitos e devastados districtos que ficavam na sua retaguarda, morriam em grande numero, á fome e a ferro, e no meio da furia e desespero assignalaram a sua passagem com o assassinio, a rapina, e o incendio posto ás povoações.

Massena retirou em duas columnas. Junot e a cavallaria de Montbrun, seguidos por Ney que formava a retaguarda, por Torres Novas para Leiria, dirigindo-se para Coimbra; Reynier, por Thomar e Espinhal, na direcção de Murcella.

Uma divisão do corpo de Ney ficou á retaguarda para completar a destruição dos aprovisionamentos em Punhete (Villa Nova de Constancia), e seguiu depois Reynier durante algum tempo, separando-se ao diante para Leiria.

No dia 8 todo o exercito estava completamente em marcha, e uma parte d'elle tinha já percorrido uma grande extensão de caminho.

Wellington, logo que soube com certeza que Massena estava em completa retirada, destacou uma parte das suas tropas na direcção de Badajoz, por ter conhecimento do investimento d'aquella praça por Soult, e com o resto do exercito perseguiu Massena, enviando as suas divisões por Thomar e Leiria, a reunir-se no Pombal, havendo unicamente uma brigada seguido de Thomar para Espinhal em perseguição de Reynier.

Os Francezes haviam ganho quasi quatro dias de avanço sobre os seus perseguidores, mas na noite de 10, Wellington alcançou Ney no Pombal, o qual tinha por missão como commandante da retaguarda, e emquanto o corpo principal marchava na sua frente, deter os alliados por tanto tempo quanto possivel, occupando boas posições

(c) 2007 Ministerio de Cultura

atravéz da linha de retirada (para atacar as quaes, Wellington teve de dispôr as suas tropas em ordem de batalha); e depois, retirando diante das forças superiores do inimigo, poderia combatel-o e destruil-o.

No dia 10, depois de uma pequena escaramuça e de differentes manobras executadas afim de demorar os alliados, Ney retirou para a Redinha, e ali se estabeleceu em ordem de batalha n'uma altura, apresentando a Wellington uma frente tão forte, que este, não sabendo se todo o exercito francez estaria ou não por detraz a appoial-o, viu-se obrigado a fazer disposições particulares para o ataque.

Destacando divisões para a direita e para a esquerda, com o fim de tornear os flancos de Ney, Wellington tentou avançar contra o centro, quando Ney, depois de ter demorado a sua marcha o mais que poude, abandonou rapidadamente a posição, seguindo para Condeixa. N'esta occasião Massena deu a Ney, a quem reforçára com uma parte do corpo de Junot, estrictas ordens para fazer uma decidida resistencia em frente de Condeixa, emquanto elle (Massena) mandou a cavallaria de Montbrun reconhecer as estradas para Coimbra e Murcella, antes de retirar mais além. Ney occupou uma posição que cobria a povoação, mas não a conservou tão obstinadamente como o caso exigia. Os alliados chegaram em frente d'ella, e tendo sido destacada uma divisão afim de lhe tornear a esquerda, elle, com receio de ser cortado da estrada que vae a Murcella por Miranda, pôz fogo a Condeixa e retirou.

O corpo de Junot recebera ordem de Massena para retirar para Cazal Novo logo que soubesse que Ney tinha abandonado a posição, o que effectuou, seguindo-o Ney n'esta direcção.

Os francezes achavam-se agora n'uma posição critica, e a cavallaria de Montbrun, chegando proximo de Coimbra, e encontrando a ponte destruida e os portuguezes em posição na margem direita, não poude retirar para Condeixa, e teve de tentar a sua juncção com o exercito por uma estrada desviada e difficil que ao longo do rio Dueça vae a Miranda, emquanto Wellington, movendo

(c) 2007 Ministerio de Cultura

duas das suas divisões com o fim de tornear o flanco esquerdo de Ney, apertou vigorosamente os francezes, procurando passar-lhes adiante em Cazal Novo, para cortar, se possivel fosse, Ney de Junot, e para chegar primeiro que Reynier a Miranda, que, como devemos ter de lembrança, estava em marcha de Thomar para Murcella por Espinhal.

Os alliados, comtudo, não obstante terem causado grandes imcommodos aos francezes, obrigando-os a destruirem algumas das suas bagagens, tendo quasi conseguido cortarem Ney de Junot, não attingiram o seu fim principal. Ney dirigiu a retirada muito habilmente, offerecendo-se a combate em todas as posições vantajosas, e no dia 14 fez um alto em Miranda, onde se lhe veio juntar a cavallaria de Montbrun e Reynier, e de onde (depois de ter posto fogo á povoação) retirou de noite para a Foz de Arouca, cobrindo o resto do exercito.

A experiencia tinha evidenciado a Wellington os estratagemas e tambem a força real de Ney; e como consequencia começou Wellington a perseguil-o mui vigorosamente de um para outro ponto. Qualquer posição que os francezes occupavam era immediatamente torneada ou atacada, continuando regularmente a retirada. Em Foz d'Arouca houve no dia 15 um combate com os alliados, depois do qual Wellington mandou Beresford com uma força consideravel a retomar Badajoz, de cuja entrega, em 10 de março, tivera conhecimento, emquanto elle proprio continuava na perseguição de Massena.

De Foz d'Arouca os francezes retiraram para o outro lado do Alva, e encontrando cortada a ponte sobre o Mondego e os portuguezes na margem direita d'este rio, viram-se obrigados a manter-se na margem esquerda.

Wellington foi obrigado a parar, contra vontade, na Moita por ter avançado muito para a frente de todos os seus aprovisionamentos, e ter de os receber da foz do Mondego. Isto deu a Massena algum tempo de descanço, e no dia 21 de março tinha este alcançado Celorico e a Guarda.

Massena resolveu pôr-se em movimento pelo Sabugal e Penamacôr para o valle do Tejo em vez de retirar para

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Almeida, sendo provavel que na estrada que vae dar a esta praça se lhe oppozessem os portuguezes que marchavam ao longo da margem esquerda do Mondego; porém Ney havia-se insubordinado, e marchára já uma pequena distancia na direcção de Almeida antes de poder ser mandado voltar para a retaguarda. Isto, juntamente com o facto da grande escassez de provisões, produziu demora e obstou a que Massena pozesse em pratica a sua resolução. Ney foi destituido do commando, e Massena, atacado por Wellington na Guarda, em 29 de março, dirigiu-se para o Sabugal, mas resolvendo retirar, se a isso fosse obrigado, não para Penamacôr mas sim para Ciudad-Rodrigo.

No 1.º de abril foi atacado por Wellington na sua posição proximo do Sabugal, na margem direita do Côa, e depois de um vigoroso combate, em que a sua esquerda foi habilmente torneada, passou a fronteira portugueza no dia 5, retirando para Ciudad-Rodrigo, e d'aqui para Salamanca.

D'este modo foi Massena expulso de Portugal, tendo perdido, desde a data em que ali entrou, uns 30:000 homens, dos quaes 20:000 mortos pela fome ou pela doença; e Wellington, acantonando em ambas as margens do Côa, investiu Almeida (em 9 de abril), deixando as suas tropas por algum tempo n'esta posição sob o commando do general Spencer, e seguindo para Badajoz a reunir-se a Beresford.

Voltemos agora por um instante aos movimentos d'este ultimo. Tendo marchado, como já dissemos, de Foz de Arouca, depois do combate que ali teve logar em 15 de março, Beresford aproximou-se de Badajoz a 25 do mesmo mez com uns 20:000 homens, na occasião em que Soult acabava de partir para Cadiz depois da noticia da batalha de Barroza.

Antes de investir regularmente a praça teve de construir uma ponte para a passagem do Guadiana; e as suas tropas foram occupadas em tomar praças menos importantes, e n'um combate com Mortier. Isto gastou algum tempo, e quando Wellington chegou, vindo do norte, começava elle a preparar-se com toda a activi-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

dade para retomar Badajoz. Wellington e Beresford reconheceram juntos a praça no dia 22 de abril, e depois d'isto o primeiro voltou outra vez para o norte, logo que recebeu a noticia de que Massena se dirigia na direcção d'Almeida, deixando Beresford continuar com o cêrco de Badajoz. Pouco depois de Wellington ter partido, Soult voltou em soccorro de Badajoz, e Beresford com a aproximação d'este general foi obrigado a levantar o cêrco, indo occupar uma posição por detraz da ribeira Albuera. Este cêrco que a aproximação de Soult interrompeu, é conhecido pelo nome de 1.° *Cêrco de Badajoz pelos inglezes*. — Soult atacou Beresford na sua posição, e na sangrenta *batalha de Albuera*, que teve logar em 16 de maio, os alliados ficaram victoriosos, soffrendo porém mui grandes perdas, e retirando Soult para Sevilha.

Já dissémos que Wellington se tinha separado de Beresford em 22 de abril para voltar para o norte. Ali se reuniu ao seu exercito precisamente a tempo para ir ao encontro de Massena, o qual tendo sabido da partida de Wellington para o sul, reunira todas as suas tropas de alguma valia, em Salamanca, fazendo um ultimo esforço para soccorrer Almeida. Passou pois Massena a fronteira portugueza em 2 de maio, e atacou Wellington, que tinha occupado posição cobrindo o bloqueio de Almeida, junto á aldeia de Fuentes de Oñoro.

Nas acções de *Fuentes de Oñoro* (de 3 a 5 de maio) Massena não conseguiu o seu fim, e Almeida entregou-se a Wellington, no dia 10 de maio. Massena voltou novamente para Salamanca, onde foi substituido no commando do exercito pelo marechal Marmont, conforme as instrucções de Napoleão. Wellington tornou então a partir para o sul para junto de Beresford, e em pessoa recomeçou o cêrco de Badajoz (chamado o 2.° *cêrco de Badajoz pelos inglezes)*; comtudo, dois assaltos contra esta praça foram mal succedidos, e por fim, aproximando-se os francezes em grande numero, commandados por Soult e Marmont (tendo este ultimo saído de Salamanca e atravessado o Tejo para se reunir a Soult), Wellington foi obrigado a retirar, o que executou em junho de 1811, para Elvas, onde Spencer se lhe foi reunir vindo do norte.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Wellington preparou-se depois para se oppôr á entrada dos francezes em Portugal por esta linha ; mas Marmont e Soult começaram a achar grande difficuldade em aprovisionar os seus exercitos, e, exaggerando a força dos alliados e tendo conhecimento da resistencia que iriam encontrar, não fizeram mais nenhuma tentativa para invadir Portugal e separaram-se depois de algumas semanas, indo Soult para Sevilha, e Marmont para Salamanca, emquanto Wellington foi para o norte, acantonando o seu exercito mais uma vez nas duas margens do Côa (10 de agosto), e começando o bloqueio de Ciudad-Rodrigo; tendo ficado um corpo, commandado por Hill, como no anno antecedente, no Alemtejo, para guardar esta provincia e observar Elvas.

Não é necessario acompanhar por mais tempo as operações d'este anno, bastando dizer que em setembro os francezes, avançando em grande força, obrigaram Wellington a retirar, depois de um combate um tanto critico em Fuente Guinaldo, e a abandonar o bloqueio de Ciudad-Rodrigo ; depois do que, aprovisionando bem esta fortaleza, retiraram novamente para Salamanca. Wellington retrocedeu então, tornando a pôr o bloqueio.

Emquanto estas operações iam tendo logar ao longo das fronteiras de Portugal, os francezes, em outros pontos de Hespanha, empregavam-se activamente na repressão dos bandos de guerrilhas, que durante o verão d'aquelle anno tinham attingido a sua maior força.

Foram alcançados alguns successos pelos capitães das guerrilhas sobre alguns corpos destacados dos francezes, mas em geral estes ultimos tinham accrescentado o seu poderio sobre as varias provincias. Por janeiro de 1812 haviam elles tomado Valencia e Tarragona, na costa oriental, e (com excepção de Cadiz, Tarifa, e mais uma ou duas fortalezas) estavam agora na posse de quasi todas as praças fortificadas da Hespanha, incluindo as importantes fortalezas de Ciudad-Rodrigo e de Badajoz.

Por outro lado, os alliados tinham aniquilado todos os successivos esforços feitos pelos francezes para se apoderarem de Portugal (porquanto Junot, Soult e Massena, todos haviam sido mal succedidos na conquista d'este

(c) 2007 Ministerio de Cultura

paiz), e estavam na posse das praças portuguezas de Almeida e de Elvas.

A prolongação da guerra estava tornando, de anno para anno, cada vez mais difficil o subsistirem os Francezes nos districtos exhaustos que haviam sido o theatro das operações dos seus grandes exercitos, vendo-se os mesmos em pouco tempo obrigados a espalhar as suas tropas em todos os sentidos em procura de alimento. É sobre este facto que principalmente assentam os importantes successos do anno de 1812, a que em breve alludiremos.

Com referencia á campanha de 1811 será conveniente dizer que antes de se lêr qualquer historia longa e detalhada a seu respeito, vale a pena consultar qualquer epitome (contendo datas), afim de conservar no espirito mais bem disposta a ligação dos acontecimentos.

A peleja durante uns certos mezes do anno de 1811 foi tão geral, e Wellington apparece em pessoa em Ciudad-Rodrigo e em Badajoz, praças muito distantes, em datas tão proximas, que as relações dos factos são a principio um pouco confusas.

Wellington (como se póde vêr pelas datas nas paginas antecedentes), depois de expulsar Massena para fóra de Portugal, pôz investimento a Almeida em 9 d'abril, partindo depois para o sul para junto de Beresford. Massena voltou a soccorrer aquella praça, dando a batalha de Fuentes de Oñoro, de 3 a 5 de maio. Beresford e Wellington reconheceram Badajoz e prepararam-se para lhe pôr cêrco, em 22 da abril (1.º *Cêrco dos inglezes*); immediatamente depois Wellington deixou Beresford e voltou para Almeida, emquanto Soult retrocedia a soccorrer Badajoz, dando-se a batalha de Albuêra em 16 de maio; subsequentemente Wellington voltou novamente do norte para junto de Beresford para tornar a pôr cêrco a Badajoz (2.º *Cêrco dos inglezes*).

Entre a data em que elle deixou Beresford em Badajoz (22 de abril), e Fuentes de Oñoro (3 de maio), Wellington teve tempo para voltar outra vez ao norte, e bater Massena em Fuentes de Oñoro. É por isso que se diz que Wellington, no espaço de poucos dias, se encontrou

(c) 2007 Ministerio de Cultura

em Badajoz e em Fuentes de Oñoro. Tinha elle, portanto, deixado Beresford para voltar para o norte antes d'este ultimo ser atacado (16 de maio) em Albuêra, batalha em que Beresford commandou os alliados.

Observações

Examinando a retirada de Massena das linhas de Torres Vedras, deveremos indagar se executando-a elle pela linha que escolheu para esse fim, adoptou o melhor dos alvitres a seguir.

Saindo de Santarem poderia Massena ter retirado pelas seguintes linhas :

1.ª Atravez do Zezere para Villa Velha, e d'aqui por Castello Branco e Coria para Madrid (afim de se juntar a Joseph).

2.ª Pelas montanhas de Sobreira Formosa para Castello Branco, e d'aqui por Penamacôr e Sabugal para Almeida.

3.ª Pela estrada que adoptou, isto é, por Pombal e Leiria para Coimbra.

Se Massena houvesse retirado pela 1.ª linha mais facilmente poderia ter communicado com Soult, afastando os alliados de darem qualquer ataque a Almeida ou a Ciudad-Rodrigo. Seria isto uma grande vantagem. Por outro lado, as estradas, como já dissémos, pelas quaes deveria marchar, eram muito más e o paiz esteril e arido. Não teria talvez sido possivel transportar promptamente a artilheria, e como os alliados estavam proximo de Abrantes, e podiam mover-se pela margem esquerda do Tejo d'alli para Villa Velha por uma boa estrada, poderiam tel-o alcançado ou em Abrantes ou em Villa Velha, ou tel-o atacado de flanco durante a marcha.

Se houvesse retirado pela 2.ª linha, tinha a certeza de encontrar estradas muito más, mandadas destruir em differentes pontos por Wellington, correndo egualmente o perigo de que os alliados atravessassem o Tejo, e o atacassem pelo flanco ou pela retaguarda.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Retirando pela 3.ª linha evitou elle qualquer grande risco da parte dos alliados proximo de Abrantes, e quando chegou a Coimbra e occupou esta cidade, poude então decidir se deveria proseguir para o Porto, esperar alli, ou retirar para Almeida, conforme as circumstancias. As estradas d'esta linha não eram tambem tão más como as das outras.

Além de tudo isto, a linha escolhida por Massena parece ter sido a que estava semeada de menores perigos. Daremos agora uma noticia dos pontos que na retirada de Massena adquiriram immediatamente importancia estrategica.

Condeixa foi, por exemplo, um d'elles. As unicas estradas boas que iam para Murcella e Coimbra ramificavam-se n'este ponto, tendo por isso sido da maior importancia que Ney conservasse vigorosamente a sua posição em frente d'aquella povoação no dia 13.

Com a precipitação da retirada, Massena não poude transportar as bagagens de uma grande parte das suas forças para Cazal Novo, tendo tido de as destruir. A cavallaria de Montbrun tambem foi cortada e obrigada a executar uma marcha perigosa por verêdas e atalhos. Parece não haver duvida, pelas observações feitas sobre estes assumptos n'aquelle tempo, que Ney, pessoalmente contrario a que se executasse qualquer marcha que não fosse para Almeida, e que estava em más relações com Massena, não teve vontade de empenhar todos os seus esforços n'este ponto, e que o exercito francez soffreu aqui novamente as consequencias do ciume e da falta de unidade entre os seus commandantes semi-independentes. É tambem certo que elle esteve em grande perigo de vêr a sua posição torneada pelos alliados.

Devemos tambem fazer menção da importancia da ponte em Coimbra, onde uma das linhas de retirada atravessava o rio. Recordaremos que foi o desprezo de uma tão simples precaução, como seria a de destruir a ponte em Ponte Nova, que forneceu a Soult o meio de se escapar em 1809.

Diz-se que Massena tivera a intenção de atravessar,

(c) 2007 Ministerio de Cultura

se podesse, o rio em Coimbra, e de esperar reforços na margem direita do Mondego. A destruição da ponte e a posição tomada pelos portuguezes na margem direita teriam só por si tornado difficil a execução d'aquelle projecto ; mas quando, ainda para mais, Wellington perseguiu de perto a sua retaguarda, e Ney estava em retirada para Miranda, tornou-se absolutamente impraticavel a execução de tal plano. O fim dos alliados foi sem duvida deter Massena na margem esquerda do Mondego, onde as estradas eram limitadas e atravessadas por muitas ribeiras.

Quando Massena, depois de chegar á Guarda no dia 21 de março, resolveu retirar por Sabugal e Penamacôr para o valle do Tejo, parece que escolheu a melhor e mais honrosa saida das que se offereciam ás suas difficuldades. Se podesse ter executado com exito este plano, não só teria evitado a apparencia de uma completa retirada, mas poderia, juntando-se com Joseph e com Soult, ter ameaçado Wellington com uma marcha progressiva pelo valle do Tejo, que quasi é certo teria afastado este general de Almeida e de Ciudad-Rodrigo. Comtudo a manifesta opposição de Ney, n'esta occasião, obstou a que o plano fosse levado a effeito.

Tem sido reconhecido por muitos que, depois da expulsão de Massena de Portugal, foi empreza demasiadamente grande da parte dos alliados, a tentativa de retomar Almeida e Ciudad-Rodrigo no norte, e ao mesmo tempo Badajoz, no sul ; e que teria sido mais seguro nada ter intentado sobre Badajoz (excepto o ter observado esta praça e as forças de Soult), em quanto se não tivesse rendido Ciudad-Rodrigo, devendo o esforço principal ser dirigido contra esta ultima praça, e serem enviados muito menos homens com Beresford. Certamente, esta empreza de tomar Ciudad-Rodrigo e Badajoz não foi bem succedida n'aquella occasião, mas nós mostraremos na campanha seguinte, que emprezas apparentemente tão difficeis como esta foram coroadas de bom resultado.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

(c) 2007 Ministerio de Cultura

OITAVA LIÇÃO

Campanha de 1812
1.º Periodo — Tomada de Ciudad-Rodrigo e de Badajoz, e surpreza de Almaraz

Pelos fins do anno de 1811 tinha Napoleão chegado ao maior auge do seu poder e grandeza. Os seus exercitos em Hespanha haviam sido grandemente reforçados; mas começavam já os successos que, um por um, haviam de contribuir para a sua quéda. Resolvêra elle por aquelle tempo fazer a sua celebre invasão da Russia, e, afim de fornecer tropas para esta empreza, retirou de Hespanha (em dezembro de 1811) proximamente 20:000 dos seus soldados, incluindo a Guarda Imperial, ficando-se na certeza de que seria elle que dirigiria em pessôa a guerra contra aquelle paiz.

Os exercitos francezes em Hespanha, mesmo depois da partida de tropas para a Russia, excediam muito, em numero, as forças dos alliados. Duzentos e cincoenta mil soldados francezes, sob o commando de diversos marechaes, estavam distribuidos pelas differentes provincias da Peninsula; mas como o paiz se achava grandemente exhausto pelos grandes exercitos que já por annos d'elle se alimentavam, os francezes — note-se bem

(c) 2007 Ministerio de Cultura

esta circumstancia—*tinham-se visto obrigados a dispersar as suas tropas por grandes extensões do paiz afim de poderem subsistir.* As guerrilhas haviam-se tornado tambem muito activas nas Asturias e nas provincias do norte da Hespanha, e os seus ataques obrigavam os commandantes francezes a constituir grandes destacamentos ao longe, afim de guardarem as proprias communicações.

Nos ultimos dias de dezembro de 1811, os francezes, depois de terem permanecido relativamente inactivos nos seus quarteis de inverno durante uns tres mezes, estavam distribuidos pela seguinte maneira:

1.°—*O exercito do Norte*, commandado por Dorsenne, na força proximamente de 48:000 homens, em extensos acantonamentos ao longo do rio Pisuerga, com uma divisão (sob o commando de Bonnet) nas Asturias, e outras nos districtos proximos de Santander e de S. Sebastian, empregadas na repressão das guerrilhas.

2.°—*O exercito de Portugal*, sob o commando de Marmont, (proximamente 50:000 homens) em vastos acantonamentos tambem, no valle do Tejo (nas proximidades de Placencia, Toledo e outros pontos), e duas divisões destacadas a distancia, em Valencia, para auxiliar os francezes que, sob o commando do marechal Suchet, occupavam aquella provincia. Marmont havia, comtudo, *recebido ordens* para mover o seu exercito para Salamanca e Valladolid, porque a grande linha de communicação com a França estava tão enfraquecida pela dispersão do exercito do Norte, que Napoleão julgou necessario mandar Marmont para mais proximo d'ella.

A fortaleza de Ciudad-Rodrigo era occupada por uma fraca guarnição franceza, e o exercito do Norte foi considerado sufficiente para a proteger n'aquella occasião e para obstar a que Wellington lhe pozesse cêrco.

Quando Marmont chegou porém a Salamanca foi-lhe confiada a protecção d'esta fortaleza, e tambem o commando da divisão de Bonnet do exercito do Norte, que occupava as Asturias.

3.°—*O exercito do Sul*, sob o commando de Soult, na força proximamente de 55:000 homens, occupando a Andaluzia, e guarnecendo a fortaleza de Badajoz.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

4.º — *O exercito do Centro*, commandado por Joseph, na força de 19:000 homens, em redor de Madrid.

Além d'estas, outras tropas, cujas posições é desnecessario designar detalhadamente, estavam acantonadas em varios pontos de Hespanha, subjugando o paiz, e procurando manter livres as communicações.

A maior parte do exercito anglo-portuguez, commandado por Wellington, proximamente 50:000 homens, estava n'este mesmo tempo acantonada em ambas as margens do Côa, e guarnecia a praça de Almeida.

Em attenção á salubridade e por conveniencia dos abastecimentos, tambem este exercito, á similhança dos francezes, se tinha espalhado por uma vasta região. Uma força de 10:000 homens, commandada por Hill, guardava a provincia do Alemtejo, e protegia a praça d'Elvas, que estava em poder dos alliados.

Posto que Wellington parecesse, pela dispersão das suas tropas e attitude socegada ao longo das margens do Côa, não estar decidido a executar qualquer movimento offensivo, e parecesse antes completamente occupado com as cousas do seu exercito e com o modo de o approvisionar, e ainda em observar a fronteira portugueza; o certo é que havia muito que elle esperava com impaciencia pelo momento em que podesse cair sobre os seus adversarios com alguma probabilidade de successo

N'esta occasião tinha Wellington, debaixo de dois pontos de vista, vantagens sobre os francezes. Eram estes:

1.º—*Uma posição relativamente concentrada*, porquanto, ainda que as suas forças estavam espalhadas por diversos pontos, não o estavam tanto como as do inimigo. Elle proprio, sobre o Côa e nas proximidades de Almeida (nos pontos mais afastados da sua posição), difficilmente estaria a mais de 100 milhas distante de Hill, que se achava proximo de Elvas, ao passo que os tres exercitos francezes (do Norte, de Portugal e do Sul) se extendiam desde as Asturias até Cadiz, sobre 500 milhas de territorio, proximamente. Wellington podia, d'esta sorte, reunir todo o seu exercito dentro de poucos dias, emquanto que as forças dispersas dos francezes precisa-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

riam de proximamente dois mezes para poderem reunir-se e executar uma operação combinada.

2.°—*Maior faculdade de obter approvisionamentos e de os expedir ao exercito*, o que equivale a poder operar com maior rapidez. A attenção de Napoleão tinha estado por algum tempo occupada principalmente com as difficuldades na Russia, e ultimamente confiara que os seus exercitos na Peninsula se alimentariam por si proprios, quasi inteiramente, na região que occupassem.

Em consequencia d'isto, algumas das provincias haviam por tal modo sido reduzidas pelas devastações e exacções das tropas, que os recursos do solo estavam quasi exhauridos. Os camponezes haviam tambem em muitos casos abandonado as suas terras e ido aggregar-se ás guerrilhas nas montanhas, deixando por este modo a terra sem cultivo. De todas estas circumstancias resultou que os francezes, muitas vezes n'um grande estado de miseria por falta de sustento, se viram obrigados a dividir-se e a espalhar-se em todas as direcções afim de poderem viver, e ainda que tivessem de concentrar-se para qualquer operação urgente, comtudo, a não ser que a podessem executar rapidamente, eram obrigados a abandonal-a, e a separar-se e a espalhar-se novamente sobre o territorio.

Wellington, pelo contrario, ainda que muitas vezes em difficuldades, por falta de alimentos e de viaturas, achava-se em circumstancias muito differentes. Dispunha elle das partes navegaveis do Douro, do Mondego e do Tejo, por onde podia fazer chegar os seus approvisionamentos vindos por mar; e tambem dos grandes portos de Lisboa e Porto, nos quaes os navios inglezes tinham livre accesso. Toda a sua energia applicou-a elle, durante o inverno, em melhorar e fazer mais extensa a navegação d'estes rios, havendo tornado em pouco tempo, navegavel o Douro até á sua confluencia com o rio Agueda.

O Mondego era egualmente proprio para transportes por agua até á distancia de 100 milhas da fronteira portugueza, e o Tejo era navegavel até Abrantes. D'este modo, operando por Almeida ou por Elvas, Wellington po-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

deria transportar os seus approvisionamentos por agua até pontos relativamente pouco distantes d'estas praças; e, posto que o transporte por terra para a restante distancia fosse de natureza difficil, a sua posição, pelo que dizia respeito a abastecimentos e approvisionamentos de toda a especie, tinha decidida vantagem sobre a dos francezes.

Além d'isso, a regularidade com que os inglezes pagavam agora tudo de que se abasteciam, tornou a população de Portugal muito prompta e activa em levar ao exercito tudo quanto este necessitava.

Antes que começasse quaesquer operações duradouras na Hespanha, e para fazer valer as vantagens que acabámos de apresentar, Wellington julgava indispensavel apoderar-se das praças de Ciudad-Rodrigo e de Badajoz que estavam em poder dos francezes.

Pouca gente haverá que não tenha ouvido contar, ou não tenha lido a relação das celebres tomadas de assalto d'estas fortalezas, onde tão brilhantemente se patenteiou o heroismo dos inglezes, e onde foram sacrificadas centenas de vidas. A tentativa de tomar estas praças aos francezes havia-a meditado Wellington durante alguns mezes, e achava-se agora na vespera da sua realisação. Nas observações que mais adiante serão feitas, mencionar-se-ha a *razão porque* Wellington não considerava como preço muito elevado para a posse d'estas fortalezas, o grande sacrificio de vidas do pequeno exercito que commandava, comtanto que se apossasse d'ellas.

Wellington julgava de tal importancia o apoderar-se d'estas fortalezas, que determinou secretamente grandes trabalhos para esse fim. Alguns mezes antes havia sido preparado em Lisboa um poderoso trem de sitio com a sua equipagem completa, que ostensivamente foi embarcado como tendo destino a Inglaterra. No mar foi o referido trem passado para barcos mais pequenos, e dirigido para o Porto, e d'ali pelo Douro acima, e por terra, para Lamego. D'este ponto foi depois transportado a salvo para Almeida; e com tanta reserva foi esta operação dirigida, que nem o exercito inglez nem o francez suspeitaram que estivesse em projecto qualquer cêrco, imagi-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

nando este ultimo que a artilheria era unicamente destinada para armar e tornar forte a praça de Almeida, que cobria a extensa posição occupada por Wellington no Côa.

O estado sanitario dos exercitos alliados tinha sido muito precario desde que se estabeleceram os primeiros acantonamentos no Côa; os pagamentos achavam-se muito atrazados; o equipamento era máu; e geralmente o exercito difficilmente estaria nas condições de se mover.

Sabiam os francezes isto, mas ao mesmo tempo ignoravam que no mez de janeiro (depois de cessarem as chuvas) as doenças haviam desapparecido, os approvisionamentos começavam a ser abundantes, e que sob todos os respeitos tinha grandemente melhorado a efficiencia do exercito alliado. Era isto uma grande vantagem para Wellington. Pelos fins de dezembro estava este preparado e prompto para começar as operações, e os francezes, ignorantes da mudança operada nas suas circumstancias, permaneciam n'uma imaginaria segurança. As posições que as suas tropas occupavam, espalhadas por pontos distantes, bem como a probabilidade de que a guerra da Russia não permittiria a Napoleão enviar reforços para a Peninsula, forneceram a Wellington a occasião que por tanto tempo procurara, para que se havia preparado, e de que immediatamente lançou mão.

Nos fins de dezembro de 1811, ordenou Wellington ao general Hill que avançasse para a Estremadura, afim de attrahir a attenção de Soult; e ao mesmo tempo ordenou ás tropas sob o seu proprio commando que preparassem fachinas e cestões nos seus acantonamentos, e que lançassem sobre o rio Agueda uma ponte movel de cavallêtes que havia sido construida a occultas dentro da praça de Almeida.

A marcha de Hill ao encontro de Soult, fez com que este marechal (como era o plano) désse alarme pela segurança de Badajoz, e immediatamente começasse a concentrar todas as suas tropas na Andaluzia para manobrar n'aquella direcção, emquanto que Wellington saindo dos seus acantonamentos no norte, passou a toda a pressa o Agueda (9 de janeiro de 1812) e começou o cêrco de Ciudad-Rodrigo.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Havia-se calculado que seriam precisos vinte e quatro dias para subjugar esta praça, mas, tendo-se sabido que Marmont *estava já em marcha* do valle do Tejo para Salamanca (executando as ordens que recebera), era evidente não haver tempo para reduzir a praça pelos processos regulares de um cêrco, e por isso, depois de doze dias, logo que chegou a formar-se uma brécha praticavel, deu-se ordem (na tarde de 19 de janeiro) para o assalto.

Foi este dado com ousadissima coragem, caindo a praça no poder dos alliados, e juntamente o trem de sitio de Marmont com 150 bocas de fogo, e uma grande quantidade de reservas de toda a especie.

Marmont chegara a Valladolid com uma pequena parte da sua força no dia 11 de janeiro, mas até 15 não soube de terem os alliados atravessado o Agueda. Logo porém que tal soube, fez todos os esforços para levar soccorro á praça. Foram mandados marchar a toda a pressa, Bonnet que estava nas Asturias, o seu proprio exercito, que devia partir do valle do Tejo, as divisões destacadas em Valencia, e Dorsenne com o exercito do norte, na direcção de Salamanca, onde se esperava que poderiam concentrar-se até ao dia 1.º de fevereiro; era porém demasiado tarde. Ao tempo em que Marmont chegou, já Ciudad-Rodrigo tinha caido no poder dos alliados, as bréchas haviam sido reparadas, a praça havia recebido provisões e uma guarnição hespanhola, e os alliados haviam-se retirado.

Tendo sido tomado o trem de sitio de Marmont, este não via meio de poder rehaver a fortaleza e por isso retirou para Valladolid, e para alguns pontos no valle do Tejo. Pouco depois, tendo recebido ordens de Napoleão, tornou a dirigir-se para Salamanca. Os outros corpos de exercito francezes, cuja concentração Marmont havia ordenado, tomaram muitos d'elles as suas anteriores posições do começo da campanha, e os alliados, voltaram tambem a occupar o seu primeiro campo nas margens do Côa.

Depois da tomada de Ciudad-Rodrigo, Lord Wellington foi feito conde pelo governo inglez, e duque de Ciudad-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Rodrigo pelos hespanhoes ; e os portuguezes deram-lhe tambem o titulo de marquez de Torres Vedras em Portugal.

Comtudo, Wellington só alcançara por ora metade da preza que procurava, e por isso voltou então a sua attenção para Badajoz.

Esta fortaleza era mais forte do que Ciudad-Rodrigo, e Wellington conheceu que precisaria marchar com quasi todas as suas forças para a reduzir, e tambem que os marechaes francezes, saídos agora da sua indifferença, espreitavam muito cuidadosamente os seus movimentos. Antes de marchar, teve elle de providenciar que Ciudad-Rodrigo ficasse sufficientemente abastecida para que podesse sustentar-se durante a sua ausencia; que se preparassem todas as reservas de mantimentos para a marcha do seu exercito, pois que o paiz estava muito exhausto; e que se formassem depositos de provisões no norte, para serem utilisados na volta das suas tropas.

Além d'isso, tinha de transportar o seu trem de sitio para tão proximo, quanto possivel, de Badajoz, sem que despertasse as attenções.

Por estas razões foram os preparativos estabelecidos com redobrado segredo, recorrendo-se aos seguintes habeis estratagemas:

Com o fim de illudir o inimigo, e para que não houvesse falta de mantimentos, estabeleceram-se depositos em Celorico, e n'outros logares acima do Douro, e fizeram-se todos os preparativos a que haveria de se recorrer se se intentassem operações para além de Ciudad-Rodrigo. Ao mesmo tempo foi enviado pelo rio, de Lisboa para Abrantes, um trem de pontes (para a passagem do Guadiana), dando-se ordem para d'ali seguir em carros para Elvas. Foi tambem embarcada em Lisboa uma equipagem de sitio, ostensivamente com destino para o Porto, mas que alterando o seu trajecto no mar, navegou com direcção ao sul, indo desembarcar em Setubal, d'onde foi transportada em barcos pelo Sado até Alcacer do Sal, e d'aqui, em carros, para Elvas.

Alguns officiaes de engenheria em Elvas, com o pretexto de fortificar aquella praça, preparavam fachinas e

(c) 2007-Ministerio de Cultura

cestões; e por fim, na primeira semana de março estava tudo prompto e o exercito em movimento, ficando Wellington á retaguarda com o seu quartel general no Côa, até ao ultimo momento, com o fim de illudir os francezes.

No dia 9 de março partiu Wellington para Badajoz, deixando atraz de si sómente alguma cavallaria, para velar por Ciudad-Rodrigo.

O exercito atravessou o Tejo nos dias 9 e 10, por uma ponte de barcos em Villa Velha. No dia 16 foi lançada sobre o Guadiana uma ponte, e no dia 17, depois de uma inutil demora causada pela falta de carros, foi investida a praça de Badajoz, tendo sido disposta uma força de 30:000 homens, sob o commando de Hill, de Merida a Almendralejo, para cobrir o cêrco contra Soult.

Os francezes foram inteiramente surprehendidos com o repentino investimento de Badajoz; mas não obstante esta circumstancia, como já acontecera em Ciudad-Rodrigo, os seus rapidos movimentos com o fim de lhe levar soccorro obrigaram Wellington a decidir tomar a praça de assalto.

Soult aproximava-se vindo de Sevilha, e Marmont partindo de Salamanca, dirigia-se a ameaçar Ciudad-Rodrigo, que os hespanhoes, com o seu habitual vagar, ainda não haviam collocado em completo e perfeito estado de defeza. Em vista d'isto, receiando que Ciudad-Rodrigo podesse cair em poder dos inimigos, e para se adiantar a Soult, Wellington deu assalto ás bréchas de Badajoz, logo que estas foram susceptiveis d'isso, e depois de uma horrivel carnificina, foi tomada a praça no dia 7 de abril. É este chamado o 3.º *cêrco de Badajoz pelos inglezes*.

Soult aproximava-se, n'aquelle mesmo dia, das posições de Hill com a intenção de o atacar, quando, tendo noticia da perda de Badajoz, e reconhecendo que não podia combater contra Hill e Wellington combinados, retrocedeu e retirou para Sevilha.

Marmont tinha agora investido Ciudad-Rodrigo e entrado na provincia da Beira; e por isso Wellington, deixando 10:000 homens para reparar e guarnecer Badajoz, voltou immediatamente para se lhe oppôr. O marechal

(c) 2007 Ministerio de Cultura

francez, que tambem tivera noticia de Badajoz se haver rendido, retirou com a aproximação de Wellington, e collocou o seu exercito mais uma vez em acantonamentos nas margens do Douro, retomando os alliados as suas primitivas posições no Côa.

Ambos os exercitos permaneceram então por algumas semanas em acantonamento. Os inglezes precisavam de descanço, e o estado exhausto do paiz tornava difficeis as operações emquanto as novas colheitas não fornecessem forragens para os cavallos. Durante este intervallo, Wellington, com o pezo da sua authoridade, persuadiu os governos hespanhol e portuguez a que fortificassem, abastecessem, e propriamente guarnecessem as fortalezas recentemente tomadas, que ameaçava fazer ir pelos ares se os seus desejos não fossem cumpridos. Wellington fez tambem ardentes esforços para accumular mantimentos; fez preparativos para uma premeditada marcha pela Hespanha; e no mez de maio estava novamente prompto para marchar.

Por esta data, Marmont havia fortificado Salamanca guarnecendo-a de fortes, capazes de sustentar um cêrco; havendo tambem fortificado Zamora e Toro sobre o Douro, e occupando o paiz entre Salamanca e Valladolid. Os outros corpos francezes, occupavam muitos d'elles as antigas posições antes do começo d'esta campanha. Bonnet estava de novo nas Asturias, e os exercitos do Norte, do Centro e do Sul, proximamente nas antigas posições, todos muito divididos.

Tendo Wellington determinado extender as suas operações até á Hespanha, precisava decidir se deveria operar contra Marmont, contra Joseph, ou contra Soult; tendo afinal resolvido marchar contra Marmont.

Antes de começar porém as operações determinou pôr em execução uma empreza audaz e temeraria, com o fim de tornar as communicações de Soult (collocado na margem sul do Tejo), com Marmont ou com Joseph ao norte, mais extensas e difficeis. O trem de pontes de Soult havia sido tomado em Badajoz, e durante os varios movimentos executados nos ultimos annos da guerra, haviam sido destruidas por um ou por outro dos exercitos belligeran-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

tes todas as pontes permanentes sobre o Tejo, por onde passavam boas estradas. Entre Toledo e a fronteira de Portugal havia n'este momento apenas uma passagem sobre o rio, facil e boa, que era por meio de uma ponte de barcos, que os francezes haviam construido em Almaraz, para a defeza da qual haviam estabelecido algumas obras de fortificação fechadas, e bastante fortes. Uma força de tropas francezas defendia estas obras, mas não obstante Wellington determinou fazer um esforço e surprehendel-as. Hill, que então se achava proximo de Badajoz, e que havia dado sobejas provas, durante o outomno de 1811, da sua pericia e habilidade para esta especie de serviços, recebeu ordem para metter hombros áquella empreza.

Como havia succedido nas marchas contra Ciudad-Rodrigo e Badajoz, era tambem necessario n'este caso procurar illudir os francezes, e por este motivo fez-se constar que se intentava uma invasão pela Andaluzia; lançou-se uma ponte sobre o Guadiana em Merida, dizendo-se ser para a passagem do trem de sitio que existia em Elvas, e a milicia portugueza pôz-se em movimento para o Alemtejo, isto é, na direcção da Andaluzia. Mais uma vez foi o inimigo completamente illudido. Hill fez sem demora marchas forçadas sobre Almaraz, e com uma grande felicidade combinada com uma brilhante coragem surprehendeu os defensores da ponte, tomou as obras, fêl-as ir pelos ares, destruiu a ponte, e retirou novamente para Badajoz a salvo.

Por este modo ficava mais extensa a communicação de Soult com Joseph ou com Marmont, e a surpreza alcançara ainda mais vantagens para Wellington, pois que deixando de existir tropas francezas em Almaraz, podia elle, sem que o inimigo tivesse d'isso conhecimento, reparar a ponte em Alcantara, e por este modo, a occultas dos francezes, obtinha uma *communicação mais facil com Hill* (e mais breve de muitos dias) do que a que possuia anteriormente por Villa Velha.

Estavam d'este modo completos todos os preparativos possiveis para entrar em Hespanha; sendo o corpo de Hill elevado então a 20:000 homens, afim de poder n'um da-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

do momento resistir a Soult. Além d'isso havia sido combinado que algumas tropas hespanholas na Galliza entreteriam o exercito do Norte, ameaçando as provincias do norte; e que uma expedição composta de inglezes e hespanhoes occuparia os francezes no oriente da Hespanha, descendo para a costa de Valencia ou da Catalunha.

Estando promptos todos estes preparativos, Wellington, no dia 13 de junho, passou o Agueda, e deu começo á celebre campanha de Salamanca.

Antes de discutir as ulteriores operações d'este anno (que formam o que se póde designar com o nome de 2.° periodo da campanha), será talvez melhor fazer algumas observações sobre as que já deixámos esboçadas.

Observações

A importancia estrategica de Ciudad-Rodrigo e de Badajoz tanto para os francezes como para os alliados, difficilmente poderá ser apreciada em toda a sua magnitude. Era em virtude d'esta importancia que Wellington anciava tanto por se apoderar das duas praças.

A situação d'estas fortalezas nos dois caminhos principaes que ligavam a Hespanha a Portugal, dava-lhes um valôr que excede toda a apreciação. Eram, por assim dizer, as portas por onde deveria passar um qualquer exercito que operasse de Hespanha contra Portugal ou vice-versa; pois em quanto o inimigo se conservasse senhor dellas, nenhum movimento poderia ser executado para além de qualquer das duas, a não ser que se destacasse uma força sufficientemente grande para as cercar, e conter dentro de suas muralhas as guarnições; e a não se deixar uma tal força, como acabamos de dizer, a pôr-lhes cêrco, não passariam reservas e abastecimentos a salvo pelos caminhos que seguem por junto d'ellas.

Por isso (1), emquanto os francezes estivessem senhores d'estas duas fortalezas, Wellington, que não commandava um exercito muito numeroso, *estava impossibilitado de executar qualquer movimento offensivo sobre a Hespanha;*

(c) 2007 Ministerio de Cultura

e em quanto se não podesse operar um tal movimento, era evidente a impossibilidade de libertar a Peninsula.

Além d'isso (2), os francezes, occupando as duas praças achavam-se em posição de poderem *tentar ao mesmo tempo uma invasão de Portugal por duas linhas differentes*; e os alliados não eram em força sufficiente para se lhes oppôrem convenientemente nas duas referidas linhas ao mesmo tempo. Assim, se Soult concentrasse o exercito do Sul sobre Badajoz, e ameaçasse avançar sobre Elvas (e d'este modo pelo Alemtejo sobre Lisboa), Wellington vêr-se-hia obrigado a deixar Almeida e a dirigir-se para o sul, deixando de cobrir assim a estrada que passa por esta fortaleza contra Marmont ou contra Dorsenne. Do mesmo modo, se Marmont ou Dorsenne avançassem sobre Almeida, e ameaçassem Portugal com um ataque por este lado, Wellington teria de se lhes oppôr, e portanto o corpo de Hill, e a praça d'Elvas ficariam sem ter quem lhes prestasse apoio contra Soult.

Por outro lado (3) eram por si bastante fortes estas praças, e offereciam bons depositos para reservas.

Egualmente, toda a equipagem de sitio do exercito de Marmont havia sido depositada em Ciudad-Rodrigo, e os francezes não possuiam outra mais proxima senão em Madrid. A sua preza tornaria portanto impossivel por um longo periodo o pôr cêrco a Almeida.

Tambem é facil de ver que não seria sufficiente para Wellington tomar *unicamente uma* d'estas praças, porque a posse de uma só d'ellas não o habilitaria a emprehender com vantagem, quaesquer operações contra os francezes. Por exemplo se tomasse Ciudad-Rodrigo e d'alli avançasse para a frente contra Dorsenne ou contra Marmont, um movimento offensivo de Soult, operado de Badajoz sobre Elvas, obrigal-o-hia a retroceder para vir salvar Lisboa. Do mesmo modo, se tomasse sómente Badajoz, não poderia avançar para a frente contra Soult, pois que um ataque sobre Almeida obrigal-o-hia a retroceder novamente para o norte. E' egualmente evidente que Wellington não se atreveu a operar pela linha seguida na campanha de Talavera (isto é, por Placencia e o valle do Tejo, sobre Madrid) porque em quan-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

to os francezes estivessem de posse d'estas fortalezas, poderiam ameaçal-o com a invazão de Portugal ou com um ataque de flanco. Assim, emquanto estas praças estivessem nas mãos dos francezes constituiam uma ameaça constante para Portugal, reduziam Wellington a uma fraca attitude defensiva dentro d'este reino, e forneciam um abrigo sob a protecção do qual os exercitos francezes podiam mover-se ou mudar de posição a seu salvo. Mas, logo que podessem ser tomadas por Wellington, mudaria todo o aspecto da situação d'este ultimo em Portugal. Poderia elle então fazer mudar completamente a situação dos francezes, e a coberto d'estas fortalezas ameaçar os seus exercitos dispersos com marchas progressivas partindo de differentes direcções, tirando partido da superioridade da situação, que, pela existencia de cadeias de montanhas parallelas atravessando a Peninsula de Leste a Oeste (Veja-se Lição 1.ª Observações), a sua posição actual lhe dava sobre o inimigo. Os francezes ficariam na incerteza se Wellington avançaria pelo valle do Douro, do Tejo ou do Guadiana, e, além de serem obrigados a observar as bacias de todos estes rios, profundamente separadas umas das outras, tinham de dividir-se grandemente para procurar a sua sustentação. Como já explicámos nas primeiras paginas sobre esta campanha, Wellington, pela sua posição mais concentrada, e pela melhor situação com respeito a reservas, podia contar mover-se muito mais rapidamente do que os francezes; e por tanto, uma vez tomadas Ciudad-Rodrigo e Badajoz, teria toda a razão para esperar que, a despeito do numero superior do inimigo, poderia apresentar uma força egual contra qualquer parte da extensa linha dos francezes que intentasse atacar.

Aqui se nos apresentam algumas das principaes circumstancias que podem tornar necessario um cêrco.

Se um exercito é numeroso bastante para bloquear uma fortaleza, encerrando a guarnição estreitamente dentro das suas muralhas, e para passar ainda em força sufficiente para além da praça até ir encontrar o inimigo em campo aberto, a tomada da praça pode tornar-se desnecessaria, e o seu valor para o seu possuidor é propor-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

cionalmente menor ; para isso requere-se porém um exercito muito numeroso.[1] No caso presente os alliados eram em força muito pequena para que podessem pôr cêrco e ir para diante, e os francezes muito dispersos para que os atacassem por modo que lhes causassem prejuizos, combinando-se por este modo tudo para que a sua posse se tornasse necessaria a Wellington. Os cêrcos não são postos ao acaso, e cercar uma praça, da posse da qual não resultam vantagens evidentes, traduz-se n'um dispendio inutil de tempo e de vidas.

Os estratagemas ou ardis a que muitas vezes se recorre na guerra para illudir o inimigo têem um bom exemplo nos passos dados por Wellington para encobrir as suas intenções com respeito a Ciudad-Rodrigo, a Badajoz e á ponte de Almaraz. A maneira secreta e habil como os seus preparativos e movimentos foram executados e os duros golpes que feriu, provam o seu genio e vigôr como general, e destroem completamente a accusação que por mais de uma vez lhe tem sido feita de excessiva prudencia e brandura (accusações principalmente feitas por criticos estrangeiros). Marmont avisado com a perda de Ciudad-Rodrigo, sentiu-se alguma cousa inquieto acêrca de Badajoz, e communicou os seus receios a Napoleão, mas este escreveu-lhe : «Vós julgais os *inglezes doidos*, a ponto de imaginarem que devem marchar sobre Badajoz, deixando-vos em Salamanca» isto é n'uma situação em que Marmont poderia chegar primeiro a Lisboa do que os inglezes. Comtudo Wellington não só executou esta marcha, mas até foi bem succedido, tomando Badajoz.

Tanto Ciudad-Rodrigo como Badajoz desempenharam n'esta campanha o papel de «pontos estrategicos importantes» pelas razões já expostas ; assim tambem deve ser considerada a ponte de Almaraz, porque da sua posse ou da sua perda dependia a questão de poderem ou

[1] Na ultima guerra com a França o exercito allemão cercou a fortaleza de Metz, e passou para diante em direcção a Paris, mas teve de deixar para cima de 200:000 homens do seu enorme exercito em torno d'aquella praça, para assim poder proceder.

(c) 2007 Ministério de Cultura

não os francezes no norte e no sul do Tejo fazer rapida juncção para se oppôrem a Wellington.

Wellington, depois da tomada de Ciudad-Rodrigo e de Badajoz, tendo que decidir se deveria avançar contra Marmont, Joseph ou Soult, determinou avançar contra Marmont pelas seguintes razões : 1.ª A direcção d'este ataque ameaçaria os franceses n'um ponto vital, como era a linha de communicação por Valladolid e Bayonna. 2.° Se fosse bem succedido, faria marchar Soult do sul e os outros exercitos do norte e leste a soccorrer Joseph em Madrid que estaria então em perigo. Por esta fórma a Andaluzia ficaria libertada; emquanto que se Soult fosse atacado, os outros exercitos dirigir-se-hiam para aquella provincia em seu auxilio e fixar-se-hiam mais firmemente n'ella. A intenção da marcha emprehendida foi de facto muito similhante á de Sir John Moore em 1809. Veremos agora como ella foi realisada.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

NONA LIÇÃO

Continuação da campanha de 1812
2.º Periodo
Campanha de Salamanca

Depois de passar o Agueda, Wellington dirigiu-se para o rio Tormes que atravessou (a 17 de junho) em váos a montante e a jusante de Salamanca, e Marmont, tendo mettido fortes guarnições nas obras que protegiam esta cidade, retirou diante d'elle afim de reunir as suas forças dispersas sobre o Douro.

Wellington investiu os fortes, e posto que Marmont voltasse com uma parte do seu exercito e manobrasse por alguns dias sobre o Tormes na esperança de evitar que fossem tomados, foi porém em vão pois que Wellington os tomou no dia 26.

Marmont occupou então uma posição por detraz do rio Douro, e Wellington fez ir pelos ares os fortes, acompanhando em seguida Marmont nos seus movimentos.

Depois de algumas alterações ambos os exercitos se encontraram, no dia 8 de julho, em frente um do outro, sobre o Douro, na seguinte disposição (Veja-se o mappa IV):

A direita de Marmont estava em Toro; o centro em

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Tordesillas; a esquerda em Simancas junto ao rio Pisuerga.

Sobre o rio Douro havia de pé apenas uma ponte, que era a de Tordesillas; porém em Pollos e em varios outros pontos havia váos. Sobre o rio Pisuerga existiam pontes em Simancas e Valladolid, que eram dominadas por obras de campanha; este rio porém não era vadeavel.

Cem bocas de fogo defendiam a linha.

Wellington havia ordenado o seu exercito em frente dos francezes.

A sua esquerda estava no rio Guareña; o centro no rio Trabancos, e a direita em Rueda. Tinha tambem postos em Tordesillas e em frente de Pollos.

N'esta situação permaneceram os exercitos por alguns dias, porquanto as aguas do Douro estavam muito altas, os váos difficeis, e a posição dos francezes era bastante forte. Wellington, posto que fizesse disposições para forçar uma passagem, se necessario fosse, esperava comtudo que Marmont, que se encontrava (como elle bem sabia), falto de mantimentos e de reservas, teria de retirar novamente e dispersar-se em procura de alimentos.

N'isto porém se illudiu elle. Marmont conservou a sua posição, e a de Wellington tornou-se, a seu ver, insustentavel. Bonnet havia-se reunido a Marmont no dia 8 de julho, vindo das Asturias. Dizia-se que uma porção do exercito do Norte (10:000 homens) se approximava rapidamente; e igualmente que Joseph, com o exercito do centro, tinha saido de Madrid, com a intenção de ameaçar a linha de communicação dos alliados por Salamanca.

O proprio Marmont pôz um termo a esta suspensão assumindo a offensiva. A inveja não deixava que os marechaes francezes tivessem confiança uns nos outros, e pelas respostas que havia recebido ás suas cartas, imaginava ser muito duvidoso se Joseph ou o exercito do Norte viriam realmente em seu auxilio; e receiando que, se esperasse mais, poderia no entretanto juntar-se Hill com Wellington, e ambos atacarem-n'o, rompeu da sua posição, e, no dia 15 de julho, deu começo a uma serie de operações com o fim de envolver o seu adversario.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Estes movimentos de Marmont foram conduzidos com grande habilidade, e formam a parte mais interessante da campanha de Salamanca.

Nos dias 15 e 16 de julho moveu elle rapidamente o seu exercito para Toro, e com parte d'elle atravessou o rio n'este ponto e avançou até uma pequena distancia, intentando apparentemente tornear a esquerda de Wellington, e marchar sobre Salamanca.

Wellington foi sabedor d'isto no dia 16, e uniu o centro e esquerda do seu exercito em Canizal, durante a noite, intentando atacar as tropas que tinham atravessado em Toro. Comtudo, como estava em duvida em quanto ao verdadeiro ponto de vista de Marmont, não aproximou completamente a direita ao centro, fazendo-a chegar sómente até ao rio Trabancos, afim de poder ainda observar o terreno de Trabancos, na sua direita.

Este movimento de Marmont para Toro havia sido executado afim de illudir Wellington, com a intenção de fazer com que os alliados retirassem de Tordesillas e de Pollos, de sorte que lhe ficassem livres estas passagens sobre o Douro.

No dia 17 o general francez fez uma marcha forçada retirando novamente ao longo do rio pela margem direita, atravessou aquelle em Pollos e Tordesillas, e ao anoitecer havia concentrado todo o seu exercito em Nava del Rey, tendo algumas das suas tropas marchado quarenta, e outras, cincoenta milhas, sem um unico alto.

Por este modo havia conseguido passar o Douro sem ter quem se lhe opozesse.

Wellington havia-se dirigido para Toro afim de observar os movimentos dos francezes, e achava-se ali quando pelo avançado da noite de 17, foi informado da mudança de posição de Marmont, e da perigosa proximidade do inimigo da sua propria ala direita, no rio Trabancos. Teria sido arriscado para Wellington o deixar esta ala exposta ao exercito francez até que a esquerda e o centro se lhe podessem reunir. Por esse motivo deu-lhe elle immediatamente ordem para retirar para o Guareña, e fez sem demora concentrar todo o seu exercito por detraz d'aquelle rio. N'este movimento,

(c) 2007 Ministerio de Cultura

cuja execução teve logar no dia 18, a ala direita dos alliados, era seguida de perto pelos francezes, mas não obstante operou a sua juncção a salvo com o resto do exercito. Uma tentativa de Marmont para forçar um dos passos do Guareña foi frustada ; e no dia 19, achavam-se os dois exercitos em frente um do outro, ao longo das margens d'este rio, em frente e um pouco abaixo de Canizal.

O fim que Wellington se propunha era cobrir a cidade de Salamanca, e tambem a estrada para Ciudad-Rodrigo.

Para tomar este caminho tinha Marmont que atravessar o rio de Tormes, no qual existiam váos nos pontos de Santa Martha, Aldêa Lenga, Huerta, e Alba.

O váo em Alba estava defendido, conforme Wellington havia julgado, pois que havia ali um forte que o dominava, e que estava occupado por uma guarnição hespanhola. Confiava Welligton tambem em que podia chegar ao váo de Huerta, ou a qualquer dos outros, tanto ou mais depressa que o seu adversario. Portanto não tinha receio algum de qualquer tentativa da parte de Marmont para lhe tornear a direita e passar-lhe adiante pelos váos do Tormes.

N'este caso apreciou elle mal a destreza e rapidez com que Marmont podia marchar, bem como o conhecimento que este tinha do terreno. Igualmente se enganou pelo que respeitava á segurança do váo de Alba ; porquanto, n'esta como em muitas outras anteriores occasiões n'esta guerra, os hespanhoes o haviam mallogrado, tendo o official que commandava o forte evacuado este sem d'isso o informar. Marmont era sabedor d'isto, e de que se não podesse passar em Huerta, encontraria n'aquelle ponto uma passagem.

Depois de ter permanecido durante todo o dia 19 em frente de Wellington, concentrou pela tarde as suas tropas sobre a propria esquerda. Depois, na manhã de 20, marchando pela margem direita do Guareña, atravessou o rio sem opposição, e movêu-se com toda a rapidez possivel perpendicularmente ao flanco direito de Wellington, em direcção aos váos de Huerta e de Alba no Tormes.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Logo que Wellington descobriu esta marcha, e viu que a intenção de Marmont era tornear-lhe o flanco direito, fez um movimento correspondente sobre a margem esquerda do Guareña, procurando, na primeira occasião, cortar a linha de marcha dos francezes em Cantalpino, e frustrar-lhe o seu intento. N'isto se illudio elle, pois que ao aproximar-se d'este ponto, era evidente que Marmont tinha marchado mais do que elle, e o havia flanqueado ; assim, retrocendo e movendo-se agora n'uma direcção parallela ás columnas francezas, dirigiu-se para um terreno elevado ao norte do váo de Aldêa Lenga.

Todo o terreno entre o Trabancos e o Tormes é ondulado e aberto ; e durante algumas das manobras do dia 20, os exercitos inimigos haviam marchado por muito tempo sobre as cristas dos montes, parallelamente um ao outro, separados por uma distancia não superior á metade do alcance de um tiro de bala de infanteria, e comtudo sem se atacarem. Cada um dos exercitos empenhava os maiores esforços para passar adiante do seu contrario, não havendo tempo para mais do que para trocar alguns tiros de peça ; as fileiras conservavam-se unidas, promptas a formarem de repente em ordem de batalha, pois que os dois generaes espreitavam attentamente qualquer erro do seu contrario que lhe garantisse um attaque. Por este modo ambos os exercitos marchavam apressadamente para o Tormes, trocando os seus officiaes saudações, segundo conta Napier, e agitando as barretinas, procurando a cavallaria sempre uma occasião para carregar. [1]

Ao cair da noite de 20, a columna principal de Marmont havia chegado a Huerta, apoderando-se do váo; e Wellington estava sobre um terreno elevado junto a Cabeza Veloza, com uma divisão avançada em Aldêa Lenga.

No dia 21 Marmont atravessou o Tormes nos váos de

[1] Estes movimentos operados na presença do inimigo, e ainda que sem haver combate, tendo apenas sido trocados alguns tiros de peça, devem talvez com mais propriedade ser classificados *movimentos tacticos*, posto que realmente, pelo seu caracter, sejam movimentos estrategicos. (Veja-se a definição de Estrategia e de Tactica na Introducção.)

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Huerta e de Alba (deixando uma guarnição franceza no forte de Alba), e Wellinton passou egualmente o rio pelos váos de Santa Martha e de Aldêa Lenga.

Os francezes acamparam na noite d'este dia proximo de Calvarraza de Arriba, com a esquerda dirigida sobre a estrada de Ciudad-Rodrigo e ameaçando esta. Os alliados tinham a sua direita apoiada na aldeia de Arapiles e a esquerda em Santa-Martha, e uma divisão entrincheirada na direita do Tormes (em frente de Santa-Martha) para se oppôr a qualquer movimento de Marmont por aquelle lado do rio, para baixo de Santa Martha.

Durante esta noite, foi Wellington informado da immediata approximação de grandes reforços de cavallaria vindos do exercito do Norte para reforçar Marmont, e tambem de ter saido Joseph de Madrid. Viu pois, que em consequencia dos effectivos do inimigo que se dirigiam a apertal-o, difficilmente poderia esperar, n'esta campanha, conseguir mais do que o que já havia realisado para o fim a que visara, isto é, a libertação da Peninsula.

O seu espirito estava inclinado, portanto, para retirar uma vez mais para Portugal, o que deveria fazer no dia 22; mas n'este dia Marmont (que havia interceptado uma das suas cartas, em que dava a intender que tinha intenção de retirar) fez um novo esforço afim de se introduzir entre elle e a sua linha de retirada, torneando-lhe a direita na direcção da estrada de Ciudad-Rodrigo.

A confiança e a ideia de ter passado adiante do seu inimigo nas ultimas manobras, é talvez a causa de n'este dia se ter descuidado o general francez, pois que na sua impaciencia e furôr em tomar a estrada de Ciudad-Rodrigo, fez avançar por tal fórma a ala esquerda do seu exercito, que a separou algum tanto do centro; e Wellington, percebendo esta falta, caiu immediatamente sobre elle. Toda a estrategia de Marmont, habil e de bons resultados, foi n'um momento destruida por ter commettido aquelle erro; porquanto, o resultado da batalha que agora se seguiu e que tomou o nome de batalha de *Salamanca*, foi uma victoria para os alliados, mais completa do que nenhuma das que até ali haviam sido alcançadas n'esta guerra.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Em quarenta minutos a ala esquerda dos francezes, desapoiada do centro, foi quasi totalmente destruida ; e se o váo de Alba, pelo qual retiraram os francezes, não houvesse sido evacuado pela guarnição hespanhola, todo o seu exercito teria sido aniquilado. Marmont foi ferido n'esta batalha, sendo o general Clausel quem dirigiu a retirada do exercito derrotado, por Alba e Valladolid sobre Burgos.

Passaremos rapidamente sobre as restantes operações d'esta campanha. Logo que o exercito francez derrotado, commandado por Clausel, e accompanhado pelos reforços de cavallaria do exercito do Norte, retirou, Wellington seguiu-o, chegando a Valladolid no dia 30.

Ali tomou muitas peças de artilheria e grande quantidade de provisões ; mas depois retirou d'este ponto e marchou contra Joseph, que dois dias depois da batalha, (isto é, em 24), havia chegado a Blasco Sancho, vindo de Madrid com o exercito do Centro afim de se reunir a Marmont.

Joseph retirou á pressa diante de Wellington para Madrid, e subsequentemente (abandonando a capital) retirou, na direcção sul, por Toledo, e Wellington entrou triumphante em Madrid, entregando-se á descripção a pequena guarnição que alli havia ficado.

Soult levantou então o cêrco de Cadiz (26 de agosto) destruindo os seus entrincheiramentos e 500 peças, e *evacuou a Andaluzia*, dirigindo-se em auxilio de Joseph; e Hill, não lhe sendo mais necessario observar Badajoz e o Alemtejo, marchou para leste tomando uma posição que cobria Madrid pelo sul.

Assim, durante este anno, havia Wellington já surprehendido e tomado duas importantes fortalezas, situadas na propria zona envolvida pelas hostes dos francezes ; derrotara um grande exercito n'uma batalha brilhante e decisiva ; libertara Cadiz e toda a provincia da Andaluzia, e entrara triumphante em Madrid, repellindo Joseph adiante de si.

Se Wellington tivesse agora mais gente, dinheiro e reservas, provavelmente conservaria permanentemente a sua posição triumphante; porém nas suas circumstan-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

cias, isto é, começando os exercitos francezes novamente a concentrar-se sobre elle, vindos do norte e do sul, viu-se obrigado a sair de Madrid, e no 1.° de setembro, marchou novamente para Valladolid, contra o exercito do Norte, que de novo (commandado por Clausel) a toda a pressa se reunia no Douro. Clausel retirou diante d'elle; e Wellington, lançando-se para a frente, pôz cerco ao castello de Burgos, a tomada do qual considerava importante.

Este cêrco não foi bem succedido. As defesas do castello eram bastante fortes, o material á disposição de Wellington para o reduzir muito limitado, e a resistencia feita pelos francezes, desesperada. Por todas estas causas foram mal succedidos cinco differentes assaltos dados ao castello; e por fim, depois de uma perseverança de trinta dias, e reunindo-se e avançando Soult, Joseph, e o exercito do Norte contra elle, viu-se obrigado a levantar o cêrco, começando, no dia 21 de outubro, a retirada conhecida pelo nome de *retirada de Burgos*, e apertado de perto pelos francezes, retirou sobre o Carrion proximo de Palencia, e depois atravez do Douro para Salamanca, destruindo as pontes.

Hill, (que havia retirado por Madrid para Arevalo, por occasião da ultima marcha de Joseph) reuniu-se a Wellinton em Salamanca, e no dia 18 de novembro, os alliados chegaram a Ciudad-Rodrigo, indo pouco depois para os acantonamentos junto do Côa e do Agueda; os francezes separaram novamente os seus exercitos para pontos distantes afim de obterem mantimentos e forragens.

N'esta retirada de Burgos os alliados perderam aproximadamente 7:000 homens, porém nem uma peça nem reservas ou mantimentos de qualquer especie; e posto que, no fim do anno, Wellington se achasse mais uma vez em Portugal, e os francezes se conservassem na Hespanha, comtudo muito se havia consegido. A Andaluzia estava libertada; havia-se provado a possibilidade de cair com successo sobre os exercitos francezes desconjuntados e dispersos; Joseph tinha sido obrigado a sair de Madrid, e havia-se ganho um grande prestigio moral para as armas dos alliados. Analysando esta cam-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

panha no todo observa Napier que «quaesquer que tenham sido as faltas, é provavel que ella possa sempre (não exceptuando mesmo Waterloo) ser considerada como o mais bello feito de guerra de Wellington, e a mais perfeita applicação da arte da guerra. No anno que vai seguir-se Wellington avançou finalmente, *não para retirar de novo*, mas para perseguir os exercitos francezes atravez dos Pyrenéos, em França.

Observações

As operações estrategicas entre Marmont e Wellington, começadas no dia 15 de julho, servem como exemplo:

1.° — De um general tentar pela estrategia alcançar vantagem sobre o inimigo, apoderando-se-lhe da linha de communicações — n'outras palavras, da sua linha de abastecimentos — emquanto este manobra para defendel-a.

2.° — De um general obrigar outro, por meio da estrategia, a formar-se em batalha n'uma posição que lhe é desvantajosa.

Deve observar-se que, durante as manobras, a linha de communicações de Marmont ia por Valladolid para Burgos, e a de Wellington pela estrada de Ciudad-Rodrigo. O fim que Marmont tinha em vista era cortar inteiramente a retirada de Wellington para Ciudad-Rodrigo. O fim de Wellington era frustrar aquelle intento, mas ao mesmo tempo, se possivel fosse, proteger Salamanca, pois que se perdesse esta povoação, teria de a tomar novamente quando quizesse assumir a offensiva em Hespanha.

Quando no dia 19, depois dos movimentos dos dias anteriores, os dois exercitos se achavam em frente um do outro ao longo do rio Guareña, ambos elles cobriam então a respectiva linha de approvisionamentos, não tendo Marmont conseguido o seu intento.

No dia 20, comtudo, quando Marmont, pelo seu rapi-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

do movimento em torno da direita de Wellington, conseguio tornear esta, frustrou a tentativa de Wellington de o interceptar em Cantalpino ; e chegando com a sua esquerda até Huerta, emquanto Wellington estava em Cabeza Veloza, clara está que o marechal francez pela sua marcha rapida e habilmente dirigida, havia manobrado exteriormente a respeito do general inglez. Diz Napier «que Wellington ficou profundamente inquietado com os «*inesperados resultados das operações d'aquelle dia, que «haviam sido todos de vantagem para os francezes.* «Marmont havia mostrado perfeito conhecimento do «paiz, flanqueado e contramarchado os alliados, e ganho «a posse do Tormes.»

Era facil então vêr que, se no dia seguinte Marmont continuasse a sua marcha rapida, poderia chegar a um ponto mais abaixo do que Wellington sobre a estrada de Ciudad-Rodrigo, e interpôr-se nas communicações d'este ultimo.

Marmont possuia grandes vantagens sobre o seu adversario em resultado de ter alcançado a posição que occupava.

1.° — Se Wellington retirasse para Ciudad-Rodrigo, Marmont poderia tornar a occupar Salamanca, tendo além d'isso a probabilidade de poder atacar Wellington com vantagem, durante a marcha.

2.° — Se Wellington ficasse a cobrir Salamanca, expunha-se a ser levado a acceitar batalha, não n'uma posição que cobrisse completamente a sua linha de aprovisionamentos, mas n'uma que lhe lhe ficava proximamente parallela (por exemplo, com a frente a S. E.), ou mesmo, para suppôr o peior caso, n'outra com a frente ao S, depois da sua retirada ao longo da estrada de Ciudad-Rodrigo haver sido interceptada pelo adversario. E' evidente que qualquer d'estas posições é desvantajosa para um exercito se bater, pois que se fôr derrotado e repellido, quasi com certeza ficará *interceptado* da sua linha de approvisionamentos e portanto dos depositos onde poderia ir procurar novas reservas e alimentos.

Por outro lado, um exercito que combata n'uma posição que cubra completamente a sua linha de retirada

(c) 2007 Ministerio de Cultura

(isto é, a linha que conduz directamente para a retaguarda), é menos provavel que, no caso de derrota, seja dispersado e destruido por effeito d'esta, pois que mais provavelmente poderá retirar pela sua linha de approvisionamentos, tornar a organisar-se de novo, e voltar outra vez a campo.

Portanto, Marmont havia manobrado com o seu exercito por tal modo que, quando esteve a ponto de entrar em collisão com o inimigo, achava-se n'uma posição vantajosa.

E' este *um dos principaes objectos da estrategia*, e até ao momento em que Marmont (no dia 22) executou o seu errado movimento diante de Wellington, era elle quem tinha a vantagem.

Porém a *estrategia* é subordinada á *tactica*, sob este ponto de vista, de que para nada serve obter uma qualquer vantagem antes de uma batalha, quando se não souber *conserval-a* durante *esta*. No caso presente aconteceu assim.

Diz-nos Wellington nos seus despachos que, se Marmont lhe não tivesse fornecido uma occasião favoravel para elle o poder atacar no dia 22, era sua intenção «dirigir-se para Ciudad-Rodrigo sem a menor perda de tempo» (isto é, abandonar Salamanca). Mas no dia 22, Marmont, na sua impaciencia em se apoderar da estrada de Ciudad-Rodrigo, proporcionou esta occasião favoravel, separando muito a sua ala esquerda da direita.

Esta falta tinha que ser aproveitada no espaço de tempo de proximamente 20 minutos, ou então a occasião passava; e é em ter aproveitado esta immediatamente que se revelam claramente o talento militar e a decisão de Wellington. Apenas o erro foi commettido, Wellington caiu immediatamente sobre o inimigo, não lhe dando occasião de o reparar. Todas as anteriores vantagens de Marmont lhe foram então arrebatadas, e de uma situação proxima do aniquilamento passou Wellington a ganhar uma victoria das mais brilhantes e completas.

De modo que não basta *adquirir* meramente vantagens pela estrategia; preciso se torna que, depois de obtidas, se conservem a despeito do inimigo.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Quem examinar attentamente estes movimentos deverá reconhecer que Marmont, avançando com a esquerda do seu exercito para a estrada de Ciudad-Rodrigo, estava descobrindo a sua propria linha de approvisionamentos e de retirada por Valladolid. Nas circumstancias em que este caso se passava, Marmont podia assim proceder impunemente. 1.° — Porque se Wellington se pozesse em movimento para o cortar d'esta linha, teria pela sua parte de abandonar a estrada por Ciudad-Rodrigo, o que era muito provavel que não fizesse; 2.° — Se Wellington tentasse isso, Marmont ainda podia retirar a encontrar-se com Joseph, que de Madrid avançava para Blasco Sancho. Portanto elle simplesmente abandonaria uma linha de approvisionamentos para caír sobre a outra, não ficando por esta fórma exposto a soffrer nenhum desastre.

A razão que houve para o cêrco ao castello de Burgos é a seguinte :

Este castello tinha importancia por defender a linha de communicação dos francezes por Bayonna. Além d'isso a tomada d'elle seria um passo para o estabelecimento de uma linha de communicação com a costa do norte de Hespanha ; e agora que os exercitos francezes se tornavam cada vez mais fracos, e os alliados mais fortes, e que não era provavel (em consequencia da guerra da Russia) que Napoleão podesse enviar reforços para a Peninsula, seria possivel atacar os francezes pelo norte, e tentar a interposição entre os seus exercitos e a França. Era isto impossivel no começo da guerra, em razão da enorme superioridade em numero que os francezes possuiam.

Com relação ás extensas posições que por causa da alimentação os francezes se viam obrigados a tomar, e com relação ainda ao systema francez de obter mantimentos, deverá dizer-se que era maxima de Napoleão «dever a guerra alimentar e sustentar a guerra», isto é, que a sustentação de um exercito deveria manter-se, tanto quanto possivel por exacções feitas aos habitantes do paiz inimigo em que as tropas operassem.

Levantavam-se contribuições nos districtos occupados

(c) 2007 Ministerio de Cultura

com um rigor deshumano, e nenhuma paga era dada em troca.

Tal é ainda em grande escala, o systema dos francezes; mas não o é, e nunca o foi, nos tempos modernos, o dos inglezes para os quaes é principio pagar aos habitantes qualquer artigo que estes forneçam.

O systema inglez é fundado na justiça e na politica, pois que é injusto obrigar os habitantes, especialmente os camponezes de uma nação, a soffrer pela guerra encetada (como quasi invariavelmente acontece) pelo governo, sem que elles para ella concorram; e é impolitico n'uma guerra demorada tornar o povo hostil e contrario a fornecer alimentos, ou obrigal-o por um tratamento aspero a abandonar as suas casas, e a deixar o solo inculto.

O systema francez é o mais economico, e posto que duro, póde corresponder n'uma guerra de pouca duração; mas n'uma guerra longa como foi a da Peninsula, o systema inglez claramente prevalece.

Os francezes, seguindo este methodo de alimentar o seu exercito, ganharam uma ou duas vantagens, mais especialmente depois que Napoleão fizera parar os abastecimentos vindos de França, e os deixara inteiramente dependentes da sua diligencia pela satisfação das necessidades da vida. Em primeiro logar, tornaram-se maravilhosamente habeis em procurar alimentos e forragens; «os soldados ceifavam o trigo se estava maduro e ainda de pé, e reduziam-n'o a farinha empregando moinhos portateis; se estava verde, ceifavam-n'o com igual destreza para os seus cavallos; se já estava ceifado (e escondido pelos habitantes) obrigavam os camponezes a apresentarem-lh'o pondo-lhe a bayoneta ás goelas». — *Alison*.

Em resultado da referida experiencia e exercicio tornaram-se pois «*relativamente independentes da sua linha de approvisionamento*, e durante alguns periodos da guerra da Peninsula, foram cortados das suas linhas de communicação, e comtudo, conseguiam existir como exercito. A este respeito, escreveo Wellington no dia 21 de junho de 1812, o seguinte:

(c) 2007 Ministerio de Cultura

«Os exercitos francezes em Hespanha nunca teem ti-«do qualquer communicação *segura* fóra do terreno que «occupam ; e emquanto o inimigo não é para elles de-«masiado forte, é-lhes indifferente o ponto d'onde as «suas operações são dirigidas, ou aquelle sobre que de-«vem ser executadas.»

Tem-se dito, em resultado da existencia dos exercitos francezes por algum tempo na Peninsula sem uma linha segura de abastecimento, que esta não é tão essencial como geralmente se avança, não sendo necessario tel-a nem protegel-a ; e como n'esta campanha um dos pontos que se tornou em grande escala saliente e ostensivo foi a questão dos abastecimentos, vamos alludir mais especialmente a esta materia.

A carta de Wellington que acabámos de apresentar mostra, é verdade, que os francezes haviam ganho uma certa independencia pelo que dizia respeito ás suas linhas de communicações, mas os seguintes extractos de outras das suas cartas indicam o preço por que elles alcançavam taes vantagens.

Escrevendo a Lord Liverpool, em 14 de dezembro de 1811, diz elle :

«Os francezes começam a perceber que *não podem «manter reunidos os seus grandes exercitos* para qualquer «operação que deva ser demorada, e que quando nós «podêmos acercar-nos d'elles, nada podem fazer com pe-«quenos corpos.»

E depois diz :

«Os francezes vivem dos roubos feitos no paiz, roubos «authorisados e regulados, e isto quando ainda ha que «roubar ; soffrem trabalhos, difficuldades e privações to-«dos os dias ; marcham sem pret, sem provisões, sem «dinheiro, sem cousa alguma ; mas *perdem em conse-«quencia d'isto metade do seu exercito em cada cam-«panha.*»

A opinião de alguns dos proprios generaes francezes a respeito da situação dos seus exercitos é instructiva :

(c) 2007 Ministerio de Cultura

«Bessières a Berthier, em 6 de junho de 1811.

«Todo o mundo é sabedor do vicioso systema das nos-«sas operações, todos percebem que nos achamos divi-«didos e dispersos; deviamos concentrar as nossos for-«ças e conservar uns certos pontos de apoio que servi-«riam para defeza dos depositos e hospitaes.»

«Marmont a Berthier, em 26 de fevereiro de 1812.

«Cheguei ao quartel general do exercito do Norte em «janeiro ultimo; não encontrei um grão de trigo em de-«posito, nem cousa alguma mais, a não serem dividas, e «uma escacez, real ou ficticia, natural resultado do *absur-«do systema de administração que tem sido adoptado*. As «provisões para o consumo de cada dia só se podem obter «com as armas na mão. *Ha uma enorme differença entre «aquelle estado e a posse de depositos que habilitam um «exercito a poder mover-se*. Por outro lado o exercito «inglez está sempre reunido e prompto a partir, porque «é soccorrido com dinheiro e com meios de transporte.»

«Marmont a Berthier, em 2 de março de 1812.

(Referindo-se ás observações do Imperador em que dizia que os inglezes *estariam doidos* se marchassem para Badajoz emquanto elle (Marmont) estivesse em Sala-manca).

«O Imperador parece dar grande peso ao effeito que a «minha demonstração no Norte deverá produzir no espi-«rito de Lord Wellington. Atrevo-me a ter uma opinião «contraria, pois que sei que aquelle general está bem ao «facto de que não temos *depositos*, e aprecia as immen-«sas difficuldades que o paiz apresenta pela impossibi-«lidade de alcançar subsistencias. Lord Wellington sabe «perfeitamente que o *exercito de Portugal, n'esta occa-«sião, está incapaz de operar*, e que se avançasse além «da fronteira, seria obrigado a retroceder depois de pou-«cos dias, *havendo perdido todos os seus cavallos*. O Im-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

«perador ordenou grandes trabalhos em Salamanca ; pa-
«rece elle esquecer-se que nós não temos nem provisões
«para sustentar os trabalhadores, nem dinheiro para lhes
«pagar, e que estamos sob todos os pontos de vista, á
«beira da desgraça.»

Por aqui se vê que os francezes, posto que tivessem arte de conservar-se no paiz, só o conseguiam á custa de grandes privações e perdas ; correndo perigo a sua existencia com a dispersão a que se viam obrigados; e a historia dos seus exercitos na Peninsula prova que a perda das «communicações» produz difficuldades nos abastecimentos, e d'estas difficuldades nascem a dispersão e o perigo. Devido a circumstancias excepcionaes (como era a fraqueza dos hespanhoes e a inferioridade numerica do exercito alliado) a sua destruição foi por muito tempo retardada, e quando os alliados se tornaram relativamente fortes, os exercitos francezes dispersos foram incapazes de os combater. Nenhum exercito póde, com effeito, dispersar-se assim com impunidade na presença de um inimigo *poderoso* e *organisado*, e d'aqui provêm que em todas as occasiões ná guerra *europêa* se devem conservar aprovisionamentos, e portanto as linhas de communicação deverão ser cuidadosamente guardadas. Este é especialmente o caso na época presente, pois que os elevados effectivos com que os exercitos europêus entram actualmente em guerra, tornam ainda mais difficil o seu abastecimento.

Sem duvida, na guerra com as nações do Oriente (taes como os habitantes da India), de conhecimentos militares inferiores, ou com os selvagens, esta regra póde deixar de ser seguida ; o que distingue o habil commandante é o saber como e quando deve proceder d'este ou d'aquelle modo.

Antes de terminar estas observações sobre os approvisionamentos dos exercitos, diremos que as disposições adoptadas pelos allemães na ultima guerra de 1870 com a França, para obter provisões — como o proprio escriptor d'estas linhas presenciou nas operações —, são uma combinação do systema de continuar a receber manti-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

mentos vindos da base de operações, com o de lançar contribuições aos districtos occupados, sem pagar o valor d'ellas.

As linhas de communicação com a Allemanha eram cuidadosamente guardadas, e se tivessem sido cortadas, os numerosos exercitos allemães não poderiam sustentar-se por muito tempo ; porém, além d'isso o territorio occupado era sobrecarregado com pezadas contribuições, levantadas (sem pagamento) e com uma severidade deshumana, mas sempre por ordem, e n'uma escala determinada, e sómente para alimentos (algumas vezes incluindo-se o vinho), tabaco e transportes. Tudo o mais além do que acaba de ser indicado era pago pelo soldado allemão, á vista ; e qualquer roubo particular era severamente castigado.

Um tal systema póde talvez não ser considerado injusto, quando se pensar que é mais razoavel que soffra o povo do paiz que declara injustamente a guerra a outro, do que serem os habitantes do paiz que se vio obrigado a ir á guerra que contribuam para sustentar esta ; mas é sem duvida um systema duro e pouco generoso, que recae muito pesadamente sobre aquellas classes da nação que menos devem ser responsaveis pela guerra, como são os rendeiros e camponezes, e suas mulheres e filhos.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

(c) 2007 Ministerio de Cultura

DECIMA LIÇÃO

Campanha de Vitoria, 1813

Esta campanha foi por sua natureza eminentemente *estrategica*, e pode dizer-se que foi realmente a que coroou a guerra.

A Inglaterra percebeu, depois das operações de 1812, ter chegado o momento de ser bem succedido qualquer grande esforço que se fizesse para a completa expulsão dos francezes para fóra de Hespanha; e por isso, durante o tempo em que o exercito permaneceu nos acantonamentos (isto é, pelo inverno de 1812-13), foram feitos preparativos n'uma escala extensa e desenvolvida, para collocar o exercito alliado em estado de assumir a offensiva em condições as mais efficientes, na primavera seguinte.

Organisaram-se novos batalhões portuguezes; de Inglaterra receberam-se reforços de toda a especie; e os diversos serviços do exercito foram organisados por tal modo, que sob todos os pontos de vista estavam completamente promptos para entrar activamente em campanha. Os hespanhoes começaram tambem a reunir-se, for-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

mando-se em corpos de exercito, e as guerrilhas tornaram-se muito activas por todo o paiz.

Em quanto os alliados se achavam, em maio de 1813, assim mais bem organisados como exercito do que nunca até áquella data, e possuiam tambem aquella força moral que uma bem justificada confiança em si mesmos e no seu commandante em chefe necessariamente lhes dava, os francezes sentiam que a sorte da guerra se voltara contra elles.

Obrigados continuadamente a dividir-se pelo paiz para obter subsistencias, e a estar constantemente alérta contra os bandos de guerrilhas, iam perdendo o animo, e tornando-se mais ou menos descorçoados. Napoleão havia tambem sido infeliz na sua campanha contra a Russia, e por isso havia retirado muitas das suas tropas da Peninsula. Os chefes francezes em Hespanha viam que não tinham já que esperar reforços vindos de França, e para augmento das suas difficuldades, soffriam agora pela desanimação resultante das constantes derrotas no campo, e pela inteira falta de confiança no seu commandante em chefe, Joseph.

Ao começar a campanha, as posições e forças dos alliados e francezes, podem, para o fim a que nos propomos, considerar-se as seguintes :

O exercito anglo-portuguez, na força de proximamente 75:000 homens, dos quaes 44:000 eram inglezes, achava-se acantonado nas proximidades do Côa ; a direita, sob o commando de Hill, estendia-se para o desfiladeiro de Baños, e a esquerda estava proxima de Lamego.

Uma numerosa fôrça hespanhola, incluindo alguns bandos irregulares de montanhezes, commandados por Castaños, proximamente 40:000 homens, principalmente na Galliza e nas Asturias.

Wellington havia sido nomeado generalissimo de todas as forças hespanholas, e possuia o commando independente de todo o exercito alliado.

Os francezes estavam distribuidos do seguinte modo : Proximamente 60:000, sob o commando de Joseph, em Castella, Leão, e nas provincias centraes.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

A sua esquerda estendia-se com mui pouca continuidade de Toledo a Madrid, atravez e para de traz do Tormes, e para além de Salamanca ; o centro conservava a linha do Douro, tendo levantado obras defensivas ao longo do rio ; e a direita achava-se detraz do rio Esla.

As forças que acabam de ser enumeradas são as que deviam supportar o embate da proxima campanha.

Outros exercitos, tanto dos francezes como dos alliados, occupavam as provincias de Biscaya, Aragão, Catalunha, Valencia, etc, e havia, como de costume, tropas francezas guardando a linha de communicações por Burgos para Bayonna. Ao começar d'esta campanha foi a primeira vez n'esta guerra que os inglezes quasi tinham tanta força, em numero, como os francezes, mas achavam-se mais concentrados e em melhor ordem do que o inimigo; e as tropas que mais depressa podiam entrar em combate, commandadas por Wellington e Joseph, eram proximamente iguaes em numero.

Aos francezes, commandados por Joseph, havia sido designado Valladolid para ponto de concentração no caso de serem atacados ; e o seu fim essencial era conservar e defender até á ultima extremidade a linha do Douro, esperando que Wellington, se avançasse, se moveria, como na campanha anterior, sobre Salamanca, e d'aqui sobre aquelle rio.

A região nas proximidades do Sabôr e do Tua que fica *dentro* da fronteira de Portugal e proximo da margem direita do Douro era conhecida como muito escabrosa e de difficil passagem, e os francezes não suspeitaram da probabilidade ou possibilidade de operarem os inglezes por ali qualquer movimento, pois ignoravam que Wellington havia por tal modo melhorado a navegação do Douro, a ponto de fazer chegar com certa brevidade barcos até ao ponto do rio onde estava a sua esquerda, e poder atravessal-o sem nenhuma difficuldade ou sufficiente demora, para que elles d'isso fossem prevenidos.

Wellington, tendo examinado com muita attenção esta parte do paiz, foi de opinião que com grandes esforços poderia fazer transitar por elle a sua artilheria e mantimentos. Conheceu tambem que não o esperariam n'aquel-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

le ponto, e por isso determinou tentar avançar por ali, juntar-se com o exercito hespanhol na Galliza, e atacar pela retaguarda a linha de defeza dos francezes sobre o Douro, cuja força, de frente, era muito formidavel.

Afim de pôr em execução este plano de campanha, o exercito alliado pôz-se em marcha quasi no meiado de maio, dividido em trez fracções distinctas.

A' esquerda, composta de 40:000 homens, commandados por Graham (formando a força principal), foi confiado o esforço de tornear a linha dos francezes sobre o Douro, e para isso, atravessando este rio entre Lamego e a fronteira hespanhola, avançou para o norte por Bragança e outros pontos, executando com bom exito uma marcha assáz laboriosa; e operando a juncção com os Gallegos, e voltando depois para leste, dirigiu-se para Zamora e para a linha do Esla.

Quando Graham ia já bastante adiantado na sua marcha, Wellington, commandando em pessoa o centro, avançou pela estrada directa de Salamanca ; e Hill, commandando a direita, e tendo atravessado o Tormes, dirigiu-se tambem para Salamanca.

Este plano de Lord Wellington illudio completamente os francezes. Joseph e os commandantes francezes, não suspeitando nunca que o corpo principal dos alliados marchava contra a sua direita, e julgando que Wellington e Hill vinham do sul sobre elles e em grande força, retiraram depois de uma fraca resistencia para a sua linha defensiva detraz do Douro.

As tropas de Graham começaram então a chegar sobre a margem direita do Esla ; forçaram a passagem sobre este rio; e pela sua inesperada apparição produziram desalento nos francezes, que, receiosos de serem cercados e envolvidos, retiraram precipitadamente, destruindo as pontes sobre o Douro, e abandonando todas as suas obras.

No dia 3 de junho todas as columnas dos alliados se reuniram em Toro ; e Joseph, no entretanto, occupava-se em reunir o seu exercito disperso (que havia começado a concentrar-se de todos os pontos, quando Wellington avançou) detraz do rio Pisuerga, de Valladolid para o norte.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Por este modo foi executado o primeiro passo n'esta campanha, cheio de successo para os alliados, *tendo sido torneada a forte linha dos francezes sobre o Douro.*

Os alliados, que então, pela junccão com os Gallegos, se tinham elevado a um total de 90:000 homens, atravessando o Carrion, avançaram para o Pisuerga, e Joseph, que estava decidido a reunir as suas forças e a dar batalha proximo de Burgos, retirou não obstante. Afinal Joseph não se demorou n'este ponto como tencionava, pois que recebendo um relatorio pouco favoravel do seu chefe de estado-maior sobre os trabalhos de Burgos, e não tendo podido por então metter em linha as suas tropas na Biscaya e no Aragão, retirou ainda para mais longe, *indo concentrar-se detraz da linha do Ebro.* Algumas das suas tropas ficaram proximo de Burgos, mas no momento em que a esquerda dos alliados foi mandada avançar atravez da parte superior do Pisuerga, ameaçando cortal-as de Miranda, e em que se fez ao mesmo tempo uma marcha directa sobre a cidade, *fizeram ir o castello pelos ares, e retiraram.*

A posição que Joseph occupava agora por detraz do Ebro era por natureza bastante forte. O proprio rio formava uma bella linha de defeza, e a estrada que a ella ia dar, partindo de Burgos, passava por estreitas gargantas entre as montanhas. Uma d'estas gargantas especialmente, o desfiladeiro de Pancorbo, que estava defendido por um pequeno castello era tão apertada, que bastaria um punhado de homens para a sustentar contra uma grande força, estando occupada agora por algumas tropas de Joseph.

Por estas razões, o atacar a posição de Joseph de frente traria grandes perdas para os alliados, e o resultado seria muito duvidoso.

Wellington portanto, resolveu novamente *tornear* a posição se possivel fosse, e com as vistas n'este movimento, fez um rigoroso reconhecimento do paiz ao N. W. de Miranda e na parte superior do Ebro. Este districto era muito montanhoso, e as montanhas muito alcantiladas e escabrosas, e suppunha-se que não existia atravez d'elle nenhum caminho praticavel para viaturas ; mas

(c) 2007 Ministerio de Cultura

como já anteriormente resolvera em relação á parte N. E. de Portugal, determinou Wellington tentar a passagem por alli, especialmente porque as difficuldades da operação eram proprias para desviar qualquer suspeita, e além d'isso os *resultados*, no caso de successo, seriam provavelmente de vasta importancia para os alliados.

O exercito alliado poz-se portanto em marcha na direcção do norte, para a parte superior do Ebro, com o fim de passar este rio proximo da sua origem, junto de Rocamunde e de Puente Arenas, e vir depois descendo ao longo da margem esquerda sobre a posição dos francezes, proximo de Vitoria.

N'esta breve relação da guerra não podem ser apresentados os detalhes d'esta penosa marcha; houve de se vencer constantes difficuldades, que foram com pleno successo arrostadas e superadas.

Diz Napier que «nem os barrancos produzidos pelas «aguas do inverno, nem as ravinas nem os desfiladeiros «entre rochedos alcantilados, retardaram sequer a mar-«cha da artilheria; onde os cavallos não podiam, pucha-«vam os homens; quando as carrêtas não podiam rodar «eram as peças desmontadas, e deitadas ou levantadas «por meio de cordas; seis dias trabalharam as tropas sem «cessar, e no setimo (isto é, a 20 de junho) irromperam «dos differentes desfilladeiros, como impetuosas corren-«tes, seguindo vigorosamente para a bacia de Vitoria.»

Os alliados tinham-se dirigido pela margem esquerda do Ebro, e n'aquella data, (20 de junho) achavam-se proximo de Joseph. Este havia reunido o seu exercito para se encontrar com elles ao longo do pequeno rio Zadorra, cobrindo a cidade de Vitoria, e (forçado como era, a fazer frente aos seus inimigos que vinham por N. W.) a sua linha de batalha corria parallelamente á sua linha de retirada, ao longo da estrada real de Bayonna.

Wellington podia agora atacar Joseph com grande vantagem; e além d'isso, como pela direcção da sua linha de marcha interpozera o seu exercito entre Santander (na costa do norte) e o corpo principal dos francezes, foi este porto, bem como outros, evacuado pelas tropas d'esta nação. Entraram n'elle navios inglezes, fi-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

cando portanto assegurada uma livre communicação com o mar na costa do norte.

Avançando contra Joseph no dia 21, Wellington atacou-o na sua posição; sendo o seu principal objectivo n'esta batalha forçar a direita do inimigo, e *cortal-o da estrada de Bayonna*. Na batalha de Vitoria que então teve logar (21 de junho), os alliados eram um pouco superiores ao inimigo em numero (proximamente 80:000 para 60:000); Joseph havia escolhido uma má posição, e havia-se batido sem pericia; e a sua derrota foi completa e decisiva. Diz Napier, que «nunca exercito al-«gum foi mais duramente empregado pelo seu com-«mandante, e que nunca houve victoria mais com-«pleta.»

«Os francezes (segundo Gazan, general francez) per-«deram todas as suas equipagens, todas as peças, todo «o dinheiro, todos os papeis, de modo que ninguem po-«dia comprovar que paga lhe era devida; os generaes, «assim como os officiaes seus subordinados, ficaram re-«duzidos ao vestuario que traziam no corpo, e muitos «d'elles ficaram sem ter que calçar.»

Por esta grande victoria foram geraes as illuminações e outras demonstrações de regozijo publico em todas as cidades e villas de Inglaterra; Wellington foi promovido ao posto de marechal de campo pela Inglaterra, e agraciado com o titulo de duque de Vitoria pela Hespanha.

Havia só um ponto de vista sob o qual esta batalha poderia ter sido mais totalmente esmagadora; e vem a ser que o grosso do exercito francez, posto que cortado da estrada de Bayonna, conseguiu comtudo escapar-se, mas em grande desordem, e sem levar uma unica peça ou qualquer especie de equipagem, pela estrada de Pamplona, e d'ahi para as montanhas dos Pyrenéos.

Com a batalha de Vitoria ficou então virtualmente concluida a favor dos alliados a guerra na *Peninsula*, não obstante terem ainda de se ferir algumas batalhas antes do terminar d'esta guerra. Madrid foi evacuada pelos francezes, e o dominio d'estes em Hespanha ficou reduzido ás praças de Pamplona, e de S. Sebastian, e a alguns postos na Catalunha e Valencia.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Dissemos que, antes da batalha de Vitoria, procurava Joseph reunir as suas tropas, de todos os pontos, afim de se ir encontrar com Wellington, e que, depois da batalha, algumas d'estas, perseguidas pelos inglezes, por pouco escaparam de ser cortadas de communicações com a França. Graham foi mandado marchar contra o general Foy, que tinha vindo de Bilbáo com uma força de francezes, e que, depois de ter permanecido em Tolosa por breve tempo, retirou sobre os Pyrenéos, para Irun no Bidassôa, mandando algumas tropas para S. Sebastian, afim de reforçarem a guarnição na sua passagem. Trez divisões inglezas marcharam tambem para Tudela, para perseguir e interceptar uma força dos francezes commandada por Clausel, que de Logrõno se approximára de Vitoria. Clausel conseguiu, comtudo, escapar-se-lhe; e retirando por Saragoça, e sacrificando a artilheria, atravessou os Pyrenéos entrando em França. O corpo principal dos francezes, commandado por Joseph, retirou por Pamplona em grande desordem, chegando ali no dia 24; e depois de deixar uma guarnição e algumas provisões na fortaleza, retirou, acossado de perto pelos alliados, para o rio Bidassôa, atravessando os Pyrenéos.

Os alliados occupavam agora todos os principaes desfiladeiros na cadeia dos Pyrenéos, em frente dos francezes.

Toda a guarnição deixada no castello de Pancorbo para defender o estreito passo entre Vitoria e Burgos se rendeu, depois de um bombardeamento executado pelos hespanhoes.

Valencia foi evacuada, bem como differentes pontos na Castella a Velha e no Aragão, e os francezes apenas se conservavam n'algumas das fortalezas e praças fortificadas, principalmente na Catalunha (provincia occupada por um corpo do commando de Suchet), podendo dizer-se, que estavam expulsos do territorio hespanhol.

O grande fim da guerra da Peninsula estava por este modo quasi realisado, mas a tarefa ainda não estava concluida, pois que era preciso assegurar os fructos das victorias já alcançadas, esmagando o poder de Napoleão. Com este fim foi resolvido proseguir a guerra dentro da

(c) 2007 Ministerio de Cultura

França, para auxiliar os soberanos alliados na lucta travada com o imperador dos francezes, na Allemanha.

Primeiro que Wellington podesse aventurar-se a executar este plano, era essencial reduzir as duas fortalezas de S. Sebastian e Pamplôna. A primeira d'estas foi por conseguinte cercada, e a ultima bloqueiada, emquanto os desfiladeiros dos Pyrenéos estavam na sua mão contra os francezes, estendendo-se o exercito desde o Bidassôa em frente de S. Sebastian, na esquerda, até ao desfiladeiro de Roncesvalles, na direita. S. Sebastian foi assaltada pelos alliados no dia 25 de julho sem resultado, e no mesmo dia começaram os francezes uma serie de operações para libertar as fortalezas. O marechal Soult, enviado pelo Imperador depois da batalha de Vitoria para substituir Joseph no commando do exercito, havia chegado nos meiados de julho; e tendo reunido as suas tropas, então na força de uns 80:000 homens, no sopé das montanhas proximas de S. Jean Pied de Port, declarou a intenção em que estava de rechaçar Wellington para álem do Ebro. Os seus primeiros movimentos foram dirigidos para libertar Pamplona, e começaram por tentar forçar a direita dos alliados nos desfiladeiros de Roncesvalles e de Maya, d'onde convergem estradas para Pamplona. Era projecto seu, depois de ter repellido a direita dos alliados e libertado Pamplona, dirigir-se para S. Sebastian, fazendo recuar, pelo numero, os varios corpos que Wellington havia postado entre estas duas fortalezas, e finalmente libertar S Sebastian.

Os francezes tiveram a vantagem, no começo d'estas operações, de estar Wellington n'essa occasião na extrema esquerda da sua linha, proximo de S. Sebastian.

O ataque de Soult foi executado com grande habilidade, e as tropas dos alliados que guardavam os desfiladeiros na direita foram obrigadas, depois de um violento combate, a ceder terreno, e retiravam no dia 27 de julho para Pamplona, quando Wellington (que tivera conhecimento na noite de 25 de que Soult avançava, e que immediatamente se pozera em marcha para a sua direita, levando reforços na sua passagem) chegou, e tomou uma forte posição n'algumas alturas, cobrindo a juncção das

(c) 2007 Ministerio de Cultura

duas principaes estradas de Maya e Roncesvalles a Pamplona, postando ali uma força commandada por Hill afim de a guardar contra Soult, e torneando a esquerda por uma manobra. Nos dias 27 e 28 fez Soult esforços muito consideraveis para o desalojar, mas não o conseguiu ; e vendo que seria em vão que esperaria levar a fim o seu plano original de operações, retirou ; mas unicamente para fazer uma ulterior tentativa por meio de uma marcha para a sua propria direita, para forçar a passagem das montanhas por uma direcção differente. Tambem n'isto foi mal succedido, retirando finalmente no dia 31 de julho, e conservando os dois exercitos, no dia 31 de agosto, exactamente as mesmas posições occupadas antes dos francezes terem avançado.

As operações de Soult, de 25 a 31 de julho, comprehendem o que é designado e conhecido pelo nome de «*Batalhas dos Pyrenéos*», e formam um estudo muito interessante para exemplo de guerra de montanhas, mas muito intrincado para ter cabimento aqui.

Com a approximação de Soult, e o nenhum resultado do 1.º assalto, no dia 25 de julho, foi suspenso o cêrco de S. Sebastian e convertido n'um bloqueio ; porém logo que os esforços dos francezes para libertar a fortaleza foram annullados, o cêrco recomeçou com vigôr ; e depois de um sangrento assalto, a cidade e todas as defensas, com excepção de um castello que fica situado sobre um rochedo muito elevado, foram tomadas no dia 31 de agosto. N'este mesmo dia fez Soult outra tentativa, lançando pontes sobre o Bidassôa, para avançar, e libertar a fortaleza ; foi porém repellido, e no dia 9 de setembro o proprio castello de S. Sebastian capitulou.

Pelo mez de septembro occupava-se Wellington em reorganisar o exercito alliado, juntando todas as suas tropas válidas, e fazendo muitos preparativos necessarios para poder partir confiadamente para a sua projectada invasão da França.

Como passo preliminar para a grande operação em projecto, e estando pendente a reducção de Pamplona (que, posto que estreitamente bloqueada, resistia comtudo), resolveu dar uma forte posição á esquerda do seu

(c) 2007 Ministerio de Cultura

exercito, passando o rio Bidassôa (que forma a linha de fronteira entre a Hespanha e a França), e apoderando-se, depois de desalojar d'ali o inimigo, de algum terreno elevado na margem direita.

No dia 7 de outubro as tropas alliadas, depois de algumas manobras para entreter Soult, atravessaram o rio em differentes pontos, algumas d'estas a váo com agua baixa, e outras por meio de uma ponte em Vera (a unica que os francezes deixaram intacta), e depois de um combate encarniçado, alcançaram o seu fim, expulsando o inimigo de uma posição fortemente entrincheirada sobre Vera, que foi então occupada pela esquerda do exercito alliado, construindo-se pontes sobre o Bidassôa afim de haver communicações com a Hespanha. Esta *Passagem do Bidassôa* comparativamente poucas perdas causou aos alliados. O exercito francez retirou então para detraz do rio Nivelle, onde Soult, na previsão de ter de retirar, tinha já escolhido e fortificado uma forte posição.

Os dois exercitos conservaram-se então inactivos durante um mez, esperando Wellington pela entrega de Pamplona, e fortificando-se Soult no Nivelle.

Por fim, no dia 31 de outubro, capitulou Pamplona depois de ter resistido com grande vigor, ficando removidos todos os obstaculos para um movimento de avançada. Assim terminaram as operações dos inglezes na Hespanha; e Wellington, concentrando n'esta occasião todas as forças na sua esquerda, avançou (no dia 10 de novembro) contra Soult, e começou a sua campanha no sul da França.

As restantes operações do anno de 1813, e as de 1814 ficam para ser tratadas n'outra lição.

Observações

Deve observar-se que o plano de operações de Wellington ao começar da campanha tinha o defeito de dividir o seu exercito; e que até ao momento em que a direita e o centro, avançando da parte sul do Douro, po-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

dessem juntar-se com a esquerda, destacada com o fim de atravessar o Esla e de tornear a linha dos francezes, pouca ou nenhuma communicação podia haver entre as fracções separadas.

As razões porque Wellington adoptou este plano, foram:

1.º Se qualquer das fracções do exercito fosse repellida, tinha uma região forte para onde retirar, e o resultado n'este caso seria sómente uma perda de tempo no começar da campanha.

2.º Se marchasse com todas as suas forças do sul, contra a linha dos francezes encoberta pelo Douro, teria não só que forçar uma fortissima posição, mas perderia tambem a vantagem de se reunir com os gallegos antes de atacar.

3.º Se intentasse tornear a posição dos francezes no Douro, não pela margem norte do rio, mas pela do *sul*, teria de fazer um largo circuito sobre a parte superior do Tormes, e d'aqui guarnecer as montanhas até que podesse atravessar o Douro junto á origem. Podia elle, effectuando este movimento, conservar todo o seu exercito reunido; mas por outro lado, o mesmo movimento devia ser executado n'uma região exhausta, em que seria necessaria uma grande linha de aprovisionamentos, e, como no segundo caso, teria de perder o auxilio directo dos gallegos.

4.º Operando como operou, tornearia, sendo bem succedido, a posição dos francezes, e então, como se movia para a frente, a cada passo ganharia força com a accessão dos insurgentes hespanhoes no norte, e poderia abrir uma communicação com a esquadra, e trocar a sua linha de aprovisionamentos que partia de Portugal, por outra mais breve, vindo da costa norte de Hespanha.

5.º Wellington não podia operar com todo o exercito na direcção que a sua esquerda tomou, porque a sua marcha poria immediatamente em evidencia a sua intenção, e Joseph poderia fazel-o retroceder, se avançasse com o seu exercito para Portugal.

Decidiu portanto que o melhor plano era tornar a sua esquerda bastante forte (pois que devia ficar isolada

(c) 2007 Ministerio de Cultura

para executar o movimento de flanco), e depois procurar desviar a attenção de Joseph para o sul, marchando com o centro e direita para a frente.

Foram, de facto, as vantagens relativas que este plano apresentava sobre qualquer outro; a crença de que era exequivel; a probabilidade de não ser percebido; e o conhecimento da falta de energia de Joseph, que determinaram Wellington a pôl-o em execução.

Tomaram-se todas as precauções para assegurar o bom exito da marcha do grosso do exercito que formava a esquerda, taes como provêr de trem de pontes e de guias cada uma das columnas separadas, e inventaram-se muitos estratagemas e ardis (que não é necessario explicar), para fazer persuadir o inimigo de que se intentavam operações n'outros pontos.

O resultado fornece-nos um exemplo de ter sido bem succedida (o que é excepcional) uma operação seguindo duas linhas de operações.

O torneamento da linha do Ebro não foi mais do que uma repetição, talvez em maior escala, do movimento operado no Douro; a operação porém foi mais feliz. Movendo-se o exercito reunido, se o plano tivesse falhado no seu completo successo (isto é, de interceptar Joseph de Bayonna), Wellington ganharia em todo o caso Santander, e conseguintemente uma nova base de operações na costa do norte.

Deve observar-se tambem que a evacuação de Santander pelos francezes, e a posse da estrada que d'esta povoação vai a Burgos, constituem uma das *mais importantes vantagens estrategicas* obtidas pelos alliados quando tornearam o Ebro.

«Este unico golpe cortou a longa connexão das tropas «inglezas com Portugal, que foi assim abandonado pelo «exercito, como é um barco pesado quando se lhe lar«ga o reboque. Foram levantados todos os estabeleci«mentos militares inglezes, e transferidos por mar para «a costa da Biscaya.» (Napier).

Pode perguntar-se: o que teria feito Joseph para prevenir esta avançada de Wellington, por quem foi illudido e batido, de principio a fim?

(c) 2007 Ministerio de Cultura

A resposta é, em poucas palavras, que durante o inverno de 1812 a 1813 tinha tido tempo para fazer um esforço, maior que aquelle que fez, para levar á execução um plano que Napoleão lhe dictara, demasiado longo para ser aqui explicado, e que elle não seguiu, o qual tinha por fim subjugar os insurgentes no norte, e entreter o exercito de Wellington, ameaçando Portugal. Que poderia tambem ter demorado os alliados nos rios Carrion e Pisuerga, e finalmente que, quando repellido para Vitoria, deveria ter-se preparado para retirar, no caso de ser batido, sobre Saragoça (em vez de Bayonna), pois que alli poderia ter-se reunido com os francezes que estavam proximos de Madrid e nas provincias de leste, demorando assim a invasão em França.

Esta campanha pode ser considerada como um notavel exemplo das vantagens que podem ser ganhas pela estrategia bem succedida. No espaço de um mez, por meio de uma longa marcha habilmente calculada, havia Wellington torneado duas fortes linhas constituidas por grandes rios ; tranferido a sua base de operações de Portugal para Santander, alcançando d'esta fórma uma linha de communicações mais breve e mais favoravel que a que d'antes possuia ; e levado o inimigo a acceitar batalha n'uma posição em que a derrota devia ser (e foi) a sua ruina, e tudo isto com uma perda de gente insignificante.

A razão porque S. Sebastian foi cercada e Pamplona investida, foi por não ser seguro para Wellington avançar para a França, ficando a sua linha de communicação exposta a ser interrompida pelas guarnições d'estas praças.

O material necessario para pôr dois *cércos* ao mesmo tempo não era facil de obter, e por isso não poderam as duas praças ser *cercadas* ao mesmo tempo. Como era importante ter a posse de S. Sebastian o mais breve possivel, afim de possuir um bom porto para os navios antes que começasse o máo tempo, e sendo igualmente importante possuir outro porto na costa do norte onde podessem descarregar-se provisões, foi esta praça cercada, e Pamplona sómente investida, por ser das duas a menos importante. Julgava-se que esta ultima praça estava tão

(c) 2007 Ministerio de Cultura

mal aprovisionada, que não poderia resistir por muito tempo, e que as tropas hespanholas e portuguezas seriam sufficientes para emprehender o investimento.

As disposições tomadas e as operações effectuadas para defender os desfiladeiros dos Pyrenéos, e as estradas que por elles passavam, ainda que muito complicadas para serem aqui expostas, são comtudo muito instructivas, e devem ser lidas em Napier.

Tem-se pretendido que Soult não teve jamais a intenção de se estabelecer seriamente detraz do rio Bidassôa, mas que tinha na mente retirar, logo que fosse atacado, para as posições que preparara por detraz do Nivelle. As obras de campanha, porém, que elle havia construido para defender a primeira posição, parecem refutar aquella opinião.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

(c) 2007 Ministerio de Cultura

DECIMA PRIMEIRA LIÇÃO

Campanhas no sul da França

OPERAÇÕES EXECUTADAS ATÉ AO FIM DO ANNO DE 1813,
INCLUINDO AS PASSAGENS DO NIVELLE E DO NIVE, E ACÇÕES
EM FRENTE DE BAYONNA

Antes de descrever as operações da campanha no sul da França, torna-se necessario indicar alguns dos caracteres topographicos do paiz, que ia ser agora theatro da guerra.

Topographia da fronteira S. W. da França

Um dos distinctivos particulares do territorio S. W. da França, especialmente da parte mais a occidente, onde os francezes e alliados estavam postados em frente uns dos outros, é a existencia de muitos rios. Trataremos agora de alguns d'estes.

Rios

1.° O *Nivelle*; nasce proximo de Maya nos Pyrenéos; é de corrente rapida, mas pouco extenso, e desemboca no mar no porto de St. Jean de Luz. Não era vadeavel junto da foz, mas sim proximo da origem.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

2.° O *Adour ;* nasce proximamente no centro dos Pyrenéos ; corre descrevendo um semicirculo, passando por Tarbes, Aire, Dax e Bayonne (Bayonna) ; entrando no mar 2 1/2 milhas depois de passar n'esta ultima cidade. Para baixo de Bayonna tem a largura de 300 jardas, proximamente. A embocadura d'este rio (ponto importante para notar) é obstruida por um perigoso banco de areia, que não está sempre no mesmo logar, e que torna muito difficil a entrada do rio, na occasião de máo tempo. E' navegavel até Dax, e sujeito a inundações no inverno, mas na estação mais quente é vadeavel em muitos pontos. [1]

O *Garonne*; nasce quasi no centro dos Pyrenéos, e é separado da nascente do Adour pelos montes de Bigorre, e corre por St. Gaudens e Toulouse. Logo abaixo de Toulouse volta para N. W. e passando por Grenade e Bordeaux, dirige-se para o mar com o nome de Gironde.

Varía muito em largura, que, comtudo, anda em media por 200 jardas. Proximo de Bordeaux tem a largura de 80 jardas. A sua navegação é difficil, e abaixo de Toulouse é no inverno muito sujeito a inundações. Estes dois ultimos rios (o Adour e o Garonne) têem muitos affluentes, e para estes correm tambem muitas pequenas ribeiras. Mencionaremos sómente aquellas que tiveram influencia na campanha.

Affluentes do Adour

Da esquerda :

Luy de France.

Luy de Bearn.

Gave de Pau, que corre por Pau e Orthez. Abaixo de Orthez recebe o *Gave d'Oleron* (que antes d'este

[1] O author caminhou ao longo do Adour em janeiro de 1869. Na sua embocadura, abaixo de Bayonna, n'um dia sereno, a agua, até umas 500 jardas para o mar, achava-se coberta de espuma, levantando-se as ondas n'alguns sitios como muralhas vêrdes, de muitos pés d'altura. Para cima, em Tarbes, o rio tinha a largura de proximamente 100 jardas, tendo o leito quasi enxuto, por ter sido a estação excepcionalmente secca.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

ponto tem recebido as aguas do *Gave de Mauleon*), e desemboca no Adour abaixo de Peyrehorade, até onde é navegavel.

O *Bidouze* e *Joyeuse*, pequenas ribeiras que o encontram entre a juncção do Adour com o Gave de Pau, e Bayonna. São navegaveis na extensão de algumas milhas para cima do Adour.

O *Nive*; nasce nos Pyrenéos, junto a St. Jean Pied de Port, entrando no Adour proximo de Bayonna. E' navegavel na extensão de 12 milhas a contar da sua embocadura.

Os affluentes da direita são de pouca importancia.

Affluentes do Garonne

Da esquerda:

O *Save*, que nasce proximo de St. Gaudens e o vai encontrar abaixo de Grenade.

O *Gimone*, o *Gers*, o *Losse*, que correm todos em direcção quasi parallela ao *Save*, etc, e indo desembocar para baixo d'este.

Da direita:

O *Salat*, que corre por Girons.

O *Ariège*, que desemboca abaixo de Toulose.

O *Ers*, que nasce a E. de Toulouse, e vai desembocar abaixo de Grenade, proximo da confluencia do Save.

Além dos rios que ficam indicados ha differentes regatos de grandeza maior ou menor, que é desnecessario mencionar aqui, e que ainda vem augmentar o numero de cursos d'agua que cortam o terreno.

Os affluentes, tanto do Adour como do Garonne, posto que em tempo ordinario fossem todos vadeaveis, eram-n'o porém sómente em certos pontos, e constituiam obstaculos serios nas partes mais baixas dos respectivos cursos. No inverno trasbordam frequentes vezes para fóra do leito. Logo abaixo de Toulouse, um canal vindo do Mediterraneo entra no Adour. Este canal tem 32 pés de largura e 6 1/2 de profundidade, havendo n'elle muitas pontes que podem ser facilmente destruidas.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Praças importantes

Bayonne (no Adour — proximo da sua juncção com o Nive), praça forte com uma cidadella que domina o rio Adour e a sua embocadura.

Bordeaux no Garonne. E' uma das mais ricas cidades commerciaes no S. W. da França, com um excellente porto.

Toulouse, cidade cercada de muralhas, não sendo porém uma praça forte. Possue uma fundição de artilheria, um arsenal, depositos militares, etc, sendo uma das principaes cidades do sul da França.

St. Jean Pied de Port e *Dax* eram cidades fortificadas, mas muito fracas. Nenhuma das cidades d'este districto, á excepção de Bayonna, era verdadeiramente forte.

Estradas

O districto ao N. dos Pyrenéos era atravessado por estradas, mas estas eram muito más em resultado da natureza argilosa e escorregadia do solo, e no inverno tornavam-se quasi impraticaveis para um qualquer exercito em consequencia do estado pantanoso do paiz, causado pela inundação de muitos rios.

As estradas reaes mais importantes eram :

(1) De Bayonna, na direcção do norte para Bordeaux, e tambem por Dax para Bordeaux.

(2) De Bayonna seguindo a margem direita do Adour, para Port de Lanne ; e d'aqui, seguindo a margem direita do Gave de Pau para Peyrehorade, Orthez, Pau, e Tarbes ; e do mesmo modo por St. Gaudens e Girons para Perpignan. Esta era a estrada real que communicava o extremo leste com o oeste dos Pyrenéos, do lado da França.

(3) Logo adiante de St. Gaudens partia da estrada que tem o n.° (2) uma outra, que conduzia a Toulouse.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

De Orthez, Pau, e Tarbes partiam estradas na direcção do norte para a estrada de Bordeaux, isto é de Orthez por St. Sever; de Pau por Aire; e de Tarbes por Maubourguet e Aire.

Havia uma bella estrada que ligava Bayonna com St. Jean Pied de Port na falda dos Pyrenéos.

Observações

Pela descripção que acaba de ser feita pode inferir-se que o paiz comprehendido entre o Adour e os Pyrenéos era naturalmente desfavoravel ás operações militares. A região central era cheia de muita cultura, regada por muitos rios, mas a natureza productiva do sólo, as más estradas, e a facilidade em as correntes se tornarem em torrentes, e inundarem os terrenos proximos, e a muita divisão do terreno cultivado, tudo eram obstaculos para o movimento de um exercito, e especialmente para a cavallaria e artilheria, e para o transporte de equipagens de pontes e de sitio.

Ao norte de Bayonna, entre o Adour e o Garonne, a partir da costa umas 60 milhas para o interior, existe uma grande extensão de terreno arenoso e esteril, em que unicamente se encontram pantanos e tojo. Esta é a particular feição d'esta parte da costa de França. O vento varre a areia em grandes ondas, sepultando por vezes os logares e aldeias; e como consequencia d'isto, este districto (que tambem é naturalmente insalubre) tinha poucos habitantes, e era atravessado por mui poucas estradas.

Mais para o interior é o paiz entre o Adour e o Garonne fertil, mas muito cortado e dividido por cursos de agua.

A costa, desde a fronteira hespanhola até á embocadura do Garonne, é baixa e perigosa. Não existem n'ella portos de alguma importancia, a não serem St. Jean de Luz; Bayonna (de difficil entrada como já tivémos occasião de dizer), e Bordeaux. Os factos que vem apontados

(c) 2007 Ministerio de Cultura

já mostram as difficuldades que Wellington tinha de superar, e as vantagens que Soult possuia para a defeza.

O Adour, com os seus differentes tributarios, constitue a primeira linha de defeza da França ao norte dos Pyrenéos; e posto que houvesse poucas fortalezas de importancia para a tornar forte, comtudo os obstaculos naturaes produzidos pelo engrossar das correntes, o terreno pantanoso, e os máos caminhos, fazem d'ella uma linha da qual, a não ser pela circumstancia muito excepcional de haver tempo sêcco, seria difficil desalojar um inimigo.

Depois do Adour existe a 2.ª linha de defeza, isto é, a do Garonne e do Canal Real, e que se extende desde Toulouse até ao mar Mediterraneo. Não seria facil qualquer approximação d'esta linha por planicies arenosas e desertas junto da costa, entre Bayonna e Bordeaux; e para o fazer em qualquer ponto, era necessario passar muitas correntes e atravessar uma região difficil.

OPERAÇÕES DA CAMPANHA

(Veja-se o mappa V)

Wellington avançando, como dissémos, no dia 10 de novembro, atacou Soult na sua posição do Nivelle, que se estendia desde o mar até para além de Ainhöe, e que elle havia tornado muitissimo mais forte com a construcção de differentes obras de campanha. Estando a direita dos francezes coberta de frente pelo Nivelle, que n'aquelle ponto não era vadeavel, e appoiada pela praça de St. Jean de Luz, que era entrincheirada, foram os esforços de Wellington dirigidos contra o centro e esquerda. Depois de um combate de muitas horas a linha franceza foi rôta, e ao cair da noite estavam os alliados estabelecidos com toda a segurança na margem direita.

Na manhã seguinte procuraram elles alcançar a estrada que de St. Jean de Luz vai a Bayonna, na esperança de isolar Soult d'esta ultima praça, porém o marechal francez havia abandonado St. Jean de Luz pela noite; e achando-se as estradas muito damnificadas pelas grossas

(c) 2007 Ministério de Cultura

chuvas e abatidas muitas das pontes dos pequenos rios, viram-se na impossibilidade de alcançar o seu fim, e Soult poude executar em bôas condicções a sua retirada para Bayonna.

N'esta *passagem do Nivelle* foram tomadas a Soult 50 peças d'artilheria e uma grande quantidade de fornecimentos.

Os alliados entraram então nos seus acantonamentos, pois que se approximava a estação desfavoravel para as operações. A sua linha, que era reforçada por obras de campanha, estendia-se desde o mar, á retaguarda de Biarritz, atravez do rio Nive que cortava em frente de Arcangues, e d'aqui ao longo da margem esquerda do rio até Cambo.

Os francezes concentraram-se em redor de Bayonna, onde haviam construido um grande campo entrincheirado (á distancia sómente de duas milhas da frente dos alliados), collocando postos ao longo da margem direita do Nive.

N'esta posição os francezes tinham accesso a toda a parte do paiz entre a margem direita do Nive e o Adour, cujos recursos em forragens e em alimentos elles começavam a recolher. Tinham egualmente communicação com St. Jean Pied de Port, sendo senhores tambem da navegação ininterrompida do Adour, entre Dax e Bayonna. Por outro lado os alliados achavam a sua posição entre a margem esquerda do Nive e o mar muito difficil; além d'isso as forragens eram escassas, e não havia bom campo para a cavallaria.

Wellington portanto resolveu lançar para a frente a porção da sua linha que ficava entre Arcangues e Cambo, e estendel-a até ao Adour, afim de adquirir mais espaço e melhor campo para fornecimentos, e de restringir os movimentos dos francezes. Com este fim fez demonstrações (no dia 9 de dezembro) em dois ou tres pontos, e atravessando o Nive na parte comprehendida entre Arcangues e Cambo, repelliu os postos francezes. Dirigiu depois a sua direita para o Adour, não muito acima de Bayonna, e occupou uma linha que se estendia em redor de Bayonna n'uma especie de semi-circulo, isto é, do

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Adour por Saint Pierre e Ville-franche, atravessando o Nive em Arcangues (por meio de uma ponte de barcas) e indo d'aqui a Biarritz. Mandou tambem uma brigada de cavallaria e alguns hespanhoes para Urcuray e Hasparren, para proteger a propria retaguarda e cortar as communicações de Soult com St. Jean Pied de Port.

Esta operação é conhecida pelo nome de *passagem do Nive*.

O marechal Soult não consentiu em ser assim encerrado sem que desse uma batalha para rehaver o seu terreno. No dia 10 de dezembro atacou elle a parte da linha dos alliados que ficava na margem esquerda do Nive; e fez um desesperado esforço para a derrotar, antes que a parte da margem direita podesse vir em seu auxilio, esforço que renovou no dia 11.

Os alliados eram muito excedidos em numero pelos francezes n'estes combates; combateram porém com uma resolução que nada podia vencer, e no dia 12 Soult, mallogrado nos seus projectos, retirou para Bayonna, de onde no dia 13 sahiu contra a porção dos alliados que estavam na margem direita do Nive, esperando encontral-os fracos n'aquelle ponto em consequencia de terem reforçado a esquerda nos dias antecedentes; mas Wellington previra um tal movimento, e reforçara por isso a direita. Soult tambem aqui foi mal succedido; e depois d'isto, desanimado e cançado, renunciou a novos ataques. N'estas luctas com Soult, chamadas *Acções diante de Bayonna*, perderam os alliados para cima de 3:000 homens, entre mortos e feridos; e os francezes ainda mais. Logo depois d'isto Soult tomou a seguinte posição deffensiva.

Deixou a direita apoiada em Bayonna, e a linha a contar d'aqui, protegida com reductos armados de artilheria grossa, seguia pela direita do Adour para a sua confluencia com o Bidouze, e depois continuava ao longo d'este ultimo rio para St. Palais, com postos avançados em St. Jean Pied de Port. Esta linha fortificou-a elle com todos os meios de que poude dispôr. Foram fortificadas as pontes em Port de Lanne, Hastingues, Peyrehorade, e differentes pontos no Bidouze; e tam-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

bem em Navarreins; no Gave d'Oleron, etc. Em Port de Lanne foi estabelecido um deposito, e reuniram-se mantimentos; e a cidade de Dax, pela qual passava a linha de communicações dos francezes, e que tambem era um deposito, foi mais poderosamente fortificada. Wellington fez uma mudança correspondente na sua posição. As suas tropas estendiam-se agora pelo Adour até Urt; a cavallaria ligeira foi postada ao longo do Joyeuse, e collocou-se uma divisão em Urcuray. A navegação franceza do Adour foi quanto possivel interrompida pelas tropas da margem esquerda, e os seus navios foram impedidos de passar a não ser debaixo de fogo, ou de noite sem serem percebidos. Os approvisionamentos dos alliados vinham agora por mar, principalmente pelo porto de St. Jean de Luz.

O tempo estava então muito chuvoso e frio; e estando por consequencia o terreno em mau estado para operações activas, os dois exercitos, com excepção de algumas escaramuças da cavallaria ligeira, permaneceram inactivos até fevereiro de 1814. Durante estas operações na França Wellington pouca opposição encontrou da parte do povo francez, grande numero do qual era hostil á dynastia de Napoleão e favoravel á restauração dos Bourbons; sendo bem tratado pelos inglezes, e pagando-lhe estes todo e qualquer fornecimento que d'elle recebiam.

OPERAÇÕES DE 1814, INCLUINDO A PASSAGEM DO ADOUR, E BATALHAS DE ORTHEZ E DE TOULOUSE

Na primeira parte de fevereiro, havendo melhorado o tempo recomeçou Wellington as operações, no intuito de pôr investimento a Bayonna e de obrigar Soult, forçando-lhe a esquerda e avançando para o interior da França, a abandonar a sua posição na parte inferior do Adour. O seu exercito era, n'esta occasião, numericamente bastante superior ao do inimigo, pois qne havia recebido reforços, em quanto que Napoleão tirava tropas a Soult; porém nas batalhas a que brevemente vamos alludir, a

(c) 2007 Ministerio de Cultura

força numerica das tropas de ambos os lados que se batiam no campo, era muitas vezes proximamente igual, e algumas vezes eram os alliados ainda inferiores em força aos francezes.

No dia 14 Wellington repelliu com a sua direita as tropas francezas para as proximidades de St. Palais, e mandando depois alguns hespanhoes a bloquear St. Jean Pied-de-Port, repelliu successivamente o inimigo atravez dos rios Bidouze e Gave de Mauleon, proximo das respectivas nascentes. Soult retirou então para a margem direita do Pau, abandonando (conforme com os desejos de Wellington) Bayonna á propria defeza. Estas operações duraram alguns dias, e n'esse espaço de tempo o centro dos alliados conformando-se com os movimentos da direita, avançou para o rio Bidouze ameaçando ao mesmo tempo a passagem do Adour junto de Urt; em quanto que a esquerda permaneceu junto do centro, entre o Nive e o Adour, observando Bayonna.

No dia 22 achava-se Soult á retaguarda da linha do Gave de Pau, com o seu quartel general em Orthez.

Wellington formou então o projecto de lançar uma ponte sobre o Adour e investir Bayonna, sob a perspectiva de difficuldades que excediam, debaixo de muitos pontos de vista, as que havia superado na passagem do Douro em 1809. A natureza da embocadora do Adour já atraz foi descripta. Não havia lanchas que se arriscassem a entrar por ella; e as probabilidades de encontrar uma passagem na barra que fosse segura, mesmo em barcos com coberta, eram apparentemente tão fracas, que Soult nunca imaginou a possibilidade de entrarem por mar os alliados e virem lançar uma ponte sobre o rio, abaixo de Bayonna.

Comtudo, a lançar-se uma ponte, era forçoso que o fosse a jusante da cidade, pois que a natureza do terreno para montante não permittiria o transporte do pesado material que as pontes empregavam.

Para se opporem á passagem dos alliados, tinham os francezes 10:000 homens de tropa em Bayonna, e uma flotilha de canhoneiras no rio.

Os detalhes sobre a maneira por que foi effectuada a passagem do Adour deve lêr-se em Napier. Bastará di-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

zer que, por meio de pontões e de jangadas, passou para o outro lado (nos dias 23 e 24 de fevereiro) um certo numero de homens, os quaes conseguiram repellir os francezes que sairam ao seu encontro ; que no dia 25 uma flotilha de barcos com coberta, que haviam sido preparados com anticipação e trazidos de St. Jean de Luz, passou a barra debaixo da superintendencia do almirante Penrose, com a perda de seis ; e que, pelo meio dia de 26, estava construida sobre o rio (que tinha n'aquelle ponto 300 jardas de largura) uma ponte de barcos, propria para a passagem de todas as armas, sendo a guarnição repellida para dentro da cidade e Bayonna investida por uma porção da esquerda dos alliados em ambas as margens do Adour, e constituindo isto o preparativo para um cêrco. Entretanto Wellington continuava as operações com o centro e direita do seu exercito, para repellir Soult de Orthez.

No dia 24 os hespanhoes, por sua ordem, encerraram a guarnição franceza em Navarreins, e uma força commandada por Beresford fez o mesmo á de Peyrehorade, em quanto elle proseguindo com a direita e centro do exercito alliado, atravessou o Gave d'Oleron por cima de Navarreins, e no dia 25 chegou a Gave de Pau, por detraz do qual se havia estabelecido Soult, ficando com a sua esquerda na cidade de Orthez, passando a sua linha um pouco em frente e quasi parallela á estrada de Dax. Era uma cousa difficil encontrar qualquer váo sobre o Gave de Pau ; e ao approximar-se de Orthez julgou-se impraticavel tomar-se á força a ponte que existia em frente da cidade, mas por fim (durante os dias 25 e 26) o grosso dos alliados encontrou alguns váos para baixo de Orthez e por elles passou sem que os francezes lhe fizessem opposição, atacando Soult na manhã de 27. Os esforços de Wellington dirigiram-se a forçar a direita dos francezes, apartando-a da estrada de Dax e Peyrehorade (sendo atacadas igualmente outras partes da sua linha), emquanto uma força do commando de Hill, passando o rio n'um váo que se descobriu para cima de Orthez, procurou cortar o inimigo de Pau, e ameaçou a sua retaguarda e linha de retirada para St. Sever. Com o fim de aproveitar immediatamente da victoria, no caso de al-

© 2007 Ministerio de Cultura

cançal-a, Wellington deu ordem para que estivesse prompta uma ponte, e que fosse lançada em Port de Lanne se fosse bem succedido, de sorte que podesse estabelecer-se uma communicação constante com Bayonna pela margem direita do Adour.

A batalha de Orthez foi uma completa victoria para os alliados. Foi repellida a direita dos francezes, e antes que retirassem, Hill, que os havia cortado de Pau, tão rapidamente conseguiu o ir-lhes sobre a retaguarda, que a retirada se converteu n'um desafio á carreira entre elle e Soult para a passagem do Luy de Bearn, em Sault de Navailles, na estrada de St. Sever.

Os francezes passaram adiante da divisão de Hill por pouco, tomando ambos os partidos o passo accelerado durante mais de trez milhas, e conseguiram por fim, posto que em consideravel desordem, chegar ao Adour em St. Sever no dia 28, onde fizeram alto para se reorganisarem.

Beresford foi n'esta occasião mandado marchar por Mont de Marsan para Bordeaux, mas Soult desejando desviar os alliados d'aquella direcção seguiu para leste, subindo ao longo da margem direita do Adour, e no dia 3 de Março reuniu o seu exercito em Plaisance e Maubourguet, com uma guarda avançada em Lembege, sendo n'este movimento seguido por Wellington.

No dia 2 de março houve um combate em Aire com os alliados, ficando os francezes derrotados. Beresford chegou proximo de Bordeaux no dia 12 de março, e sendo a voz popular n'esta cidade muito a favor da queda de Napoleão e da restauração da dynastia dos Bourbons, a guarnição sahiu da praça, indo as authoridades da cidade saudar os alliados.

A causa de Napoleão de facto declinava rapidamente, e emquanto os exercitos unidos da Austria, da Prussia e da Russia, tendo atravessado o Rheno e a fronteira leste da França, repelliam para Paris as forças do Imperador, os inglezes e os seus alliados, invadindo o sul, encontraram muitos cidadãos francezes, cansados da guerra e das despezas de sustentação do exercito, promptos a receberem-n'os como amigos.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Soult, descontente com a manifesta desaffeição do povo no baixo Garonne, fazia agora todos os esforços para obrigar Wellington a chamar Beresford de Bordeaux, e assim desajudar a rebellião. Com esta mira enviou elle os seus doentes e bagagens por Auch para Toulouse, pondo-se em marcha no dia 18 para Viella e Conchez, e ameaçando tornear o flanco direito dos alliados.

Wellington, vendo isto, tomou uma linha em frente da estrada que vai de Aire a Pau, com a esquerda em Aire e a direita em Garlin, e o marechal Soult occupou uma forte posição parallela á sua, detraz do Gros Lecs, na esperança de que Wellington julgaria essencial chamar Beresford antes de o atacar ou de lhe passar para diante.

N'esta manobra foi comtudo mal succedido, porque, posto que Wellington (que havia achado a entrada em Bordeaux mais facil do que Soult a julgara) ao vêr que o inimigo estava disposto a retirar para leste e que portanto a guerra tomaria esta direcção, mandasse vir de Bordeaux o grosso das tropas de Beresford, deixou comtudo ainda na cidade um numero sufficiente, para a livrar de uma nova occupação por parte dos francezes.

No dia 14, Soult, observando que os alliados que tinha na sua frente se reuniam para um ataque, e não desejando na realidade dar batalha, retirou por Lembeje e Vic Bigorre, esperando juntar-se a Suchet, sendo perseguido por Welligton.

No dia 19 occupou Soult uma posição para além do Adour, tendo a direita em Rabastens e a esquerda em Tarbes, e no dia 20 foi ali atacado pelos alliados, que no combate de *Tarbes* lhe tornearam a direita, depois do que retirou por Tournay e St. Gaudens para Toulouse (tendo tido a sua retaguarda um combate n'este ultimo ponto com a cavallaria dos alliados que ia em sua perseguição), e entrou n'esta cidade no dia 24. Aqui esperava elle operar a sua juncção com Suchet.

Os alliados, tendo de transportar comsigo um trem de pontes para a passagem do Garonne, e quasi toda a sua reserva de mantimentos, só chegaram em frente de Toulouse no dia 27.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

O desejo de Wellington era atacar Toulouse pelo sul, entre o rio Garonne e o canal, onde as defezas naturaes eram mais fracas, e onde elle poderia collocar-se em posição de *evitar a junccão de Soult com Suchet;* mas as tentativas feitas entre 28 e 31 para passar o rio acima de Toulouse e avançar sobre a cidade por este lado não foram bem succedidas, por causa do grande volume de agua que levavam os rios, e da natureza do terreno entre elles.

Wellington portanto foi obrigado a procurar uma passagem para o exercito a jusante da cidade; passagem que effectuou parcialmente, com alguma difficuldade, no dia 4 de abril, acima de Grenade; mas não a havendo completado por causa da repentina cheia do rio, até ao dia 8 ou 9. Durante estes dias o exercito alliado esteve em grande risco; pois que a parte d'elle que havia passado para a margem direita podia ter sido atacada por um corpo superior dos francezes, em quanto separada pelo rio cuja largura era de 127 jardas (a ponte do qual havia sido derrubada pelas aguas), de todas as restantes forças, excepto da artilheria. Comtudo Soult, ou não soube d'aquella situação, ou se achava desanimado pelos seus continuados revezes, ou preferiu occupar as suas tropas em fortificar Toulouse, pois que não atacou, e antes esperou os alliados, occupando algumas alturas que defendiam a cidade por N. E, apoiado á retaguarda no canal e na propria cidade, e em parte protegido na frente pelo rio Ers.

No dia 10 Wellington atacou-o n'esta posição, e o fez retirar das alturas para dentro da cidade dando-se a *batalha de Toulouse*, onde os inglezes se bateram com uma valentia e obstinação como nunca haviam mostrado durante a guerra. Os alliados prepararam-se pois, para bloquear Toulouse; porém na noite de 12 abandonou Soult a cidade, retirando por Ville-franche e Carcassone a juntar-se a Suchet. No dia seguinte chegaram mensageiros a Toulouse, annunciando a tomada de Paris pelos alliados, a deposição de Napoleão, e a conclusão de uma paz geral.

Soult, a principio não estava resolvido a reconhecer a nova ordem de cousas; e Wellington, no dia 17, prepa-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

rava-se para novamente o atacar, quando elle cedeu; teve logar uma convenção no dia 18 de abril, entre Wellington e Soult, em que se incluiam as forças de Suchet, e em que se estabelecia uma linha de demarcação entre os dois exercitos.

Entretanto os alliados que estavam em Bordeaux tinham vindo ás mãos com os francezes nas proximidades d'aquella cidade (no dia 4 de abril), tendo obtido bons resultados; e a esquadra subindo o Garonne, obrigara o inimigo a destruir os navios que tinha no rio. Uma sortida dos francezes, de Bayonna, no dia 14 de abril, contra o exercito de investimento, tambem foi repellida, posto que com grande sacrificio de vidas.

As pêrdas experimentadas pelos inglezes n'esta sortida e na batalha de Toulouse são tanto mais para lastimar, quanto é certo que ambos os combates tiveram logar já depois de ter sido feita a paz.

Assim, poucas semanas teriam sido precisas, a partir do momento em que a guerra terminou, para que Bayonna se rendesse (pois que estava estreitamente investida, e pouco tardaria em receber o cêrco), e para que os alliados ficassem de posse de todo o curso do Garonne, e do paiz comprehendido entre este rio e os Pyrenéos.

Pouco depois da convenção entre Wellington e Soult, desappareceram todas as duvidas a respeito da verdade das noticias de paz, e da deposição de Napoleão; cessaram as hostilidades; e o exercito inglez havendo alcançado para si uma fama immorredoura na guerra, marchou para Bordeaux e embarcou, uma parte para Inglaterra, e outra parte para ir servir contra a America.

Os hespanhoes e os portuguezes tornaram a atravessar os Pyrenéos, e as tropas francezas dispersaram-se pela França.

Observações

Antes de nos referirmos aos importantes movimentos estrategicos d'esta campanha, diremos algumas palavras sobre as passagens dos rios effectuadas com exito pelos alliados. Em toda a parte onde Wellington se lançou ao

(c) 2007 Ministerio de Cultura

ataque, alcançou sempre bom resultado ; e não obstante ser brilhante o valor das tropas que commandava e excellente a sua direcção, é comtudo para admirar que ellas fossem sempre bem succedidas nas operações que executaram, as quaes foram muito além do que se deve esperar dos mais valentes soldados, ainda os mais bem dirigidos e commandados, em circumstancias normaes mesmo contra um inimigo muito mais fraco.

Não prejudicâmos a reputação do exercito de Wellington dizendo que Soult era n'esta campanha muitas vezes excedido em numero, e luctava com grandes difficuldades. Reinava a indisposição no seu exercito (em que se comprehendiam muitos recrutas e homens acostumados a serem derrotados), e egualmente no paiz que pizava. N'estas circumstancias, posto que a sua habilidade como capitão estivesse claramente demonstrada, e por vezes os seus soldados (especialmente em Toulouse) se batessem com tenacidade, não se conservou nas suas posições fortificadas como poderia ter acontecido, se tivesse um exercito forte e bem disciplinado. Wellington por outro lado, emquanto que empregava o seu exercito com pericia, tirando vantagens da sua força superior, commandava homens acostumados á victoria e que tinham n'elle uma tal confiança, que podia, como elle proprio dizia : «Go with them anywhere, and do any thing :» Ir com elles para qualquer parte, e fazer o que lhe aprouvesse»

O invariavel bom exito que accompanhou as armas dos alliados n'esta occasião, sempre que forçaram linhas entrincheiradas por meio de rios, ou quaesquer posições, constitue um exemplo de qual é o effeito moral produzido pelos continuados revezes nos exercitos batidos, e qual o produzido pelas continuadas victorias sobre os vencedores, sendo ao mesmo tempo exemplo de talento militar e de decidida bravura.

Este «effeito moral» dizia Napoleão estar «na razão de 3 para 1» na guerra, sendo importantissimo alcançar este effeito, fazendo esforços para obter o primeiro successo na campanha, para alcançar o qual é principal condição a boa preparação para a guerra.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Quasi todas as operações n'esta parte da campanha consistiram em movimentos combinados contra differentes pontos, alguns dos quaes podiam, segundo se quizesse, restringir-se a ataques simulados ou resolver-se em verdadeiros combates, em quanto por outro lado se procurava seriamente repellir o inimigo n'algum ponto especial, em que o bom exito se traduzisse n'alguma vantagem estrategica definitiva.

Na passagem do *Nivelle*, a 10 de novembro, o fim que houve em vista foi romper a linha do exercito de Soult, e depois tentar cortal-o de Bayonna. A parte da linha que ficava na direita era demasiado forte para ser assaltada, e era de esperar que Soult, confiando nas suas forças, se conservaria ali bastante tempo, mesmo depois do seu centro ou esquerda ser forçado, não sendo provavel que os alliados podessem interceptal-o. Wellington, como vimos, foi contrariado no seu plano. A retirada de Soult, e a difficuldade de atravessar o paiz, frustaram os seus esforços.

Está egualmente demonstrado que as tropas alliadas, na batalha d'este dia, empregaram muito mais força contra a esquerda do que contra o centro de Soult; estes detalhes porém não serão aqui examinados, pois que o nosso fim é simplesmente indicar a vantagem obtida depois de tomada a posição.

Os fins que se tiveram em vista com a passagem do *Nive* (em 9 de dezembro), foram plenamente indicados na pagina 193. Este movimento melhorou a posição dos alliados sob muitos pontos de vista, e augmentou as difficuldades de Soult.

Comtudo Wellington, com este movimento, dividiu o seu exercito por meio de um rio que não era vadeavel, e na frente de um inimigo que podia ir atacal-o em qualquer das duas margens (isto é pelas estradas, de Bayonna a St. Jean de Luz ou a St. Jean Pied de Port), e mover d'este modo todas as suas forças para atacar qualquer das extremidades da linha sua contraria, conforme desejasse. Havia grande perigo para as forças dos alliados em qualquer das margens, de serem esmagadas antes que a força da margem contraria podesse vir em seu au-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

xilio. Sempre que um rio não vadeavel divide uma posição, a não ser que haja sobre elle muitas pontes e boas, bem defendidas do inimigo (o que se não dava n'este caso), ha sempre uma seria desvantagem para os defensores, pois que deve naturalmente haver uma grande demora no movimento das tropas atravez do rio de uma para outra parte da linha, quando ha insufficientes meios de passagem, por exemplo quando ha simplesmente uma ponte.

Soult, como vimos, não se demorou em procurar tirar proveito da sua situação, antes que os alliados podessem ganhar tempo para lançar pontes em muitas partes do rio; e nas *batalhas em redor de Bayonna* (de 10 a 13 de dezembro) fez todo o possivel para se lançar primeiro sobre uma das margens do rio e depois sobre a outra, para subjugar Wellington. As qualidades militares dos francezes para o combate não estavam comtudo á altura do emprehendimento, e por isso foram mal succedidos.

Comtudo, criticos habeis como Sir William Napier, pensam que Wellington n'estas operações despresou o inimigo, e arriscou as suas tropas mais do que devia, e que se n'uma das batalhas fossem bem aproveitadas as circumstancias favoraveis que os francezes claramente possuiam, os alliados teriam de soffrer os rigores d'um desastre. A perigosa senda em que se encontraram os alliados n'estas acções, mostra claramente as vantagens que possue um general que, como Soult, conserva as *linhas interiores*, em relação ao adversario; e as desvantagens de posições como as que Wellington occupou. Wellington provavelmente pensou que era justificavel o perigo em que incorria, especialmente nas circumstancias de superioridade moral do seu exercito, attendendo aos embaraços e perdas que aquelle passo lhe permittiria infligir a Soult; e n'esta, como em muitas outras similhantes occasiões, tambem arriscadas, conseguiu salvar o seu exercito de um desastre.

Quando Wellington, no dia 14 de fevereiro, começou a campanha de 1814 passando o Bidouze e o Gave de Mauleon com o fim de fazer sair Soult de Bayonna,

(c) 2007 Ministerio de Cultura

para poder lançar uma ponte sobre o Adour, e investir aquella praça, procedeu d'aquelle modo, por não se atrever a avançar para Bordeaux, ficando Soult em Bayonna a ameaçar-lhe a sua linha de communicações.

Do mesmo modo que S. Sebastian e Pamplona, Bayonna tinha de ser estreitamente investida, primeiro que Wellington ousasse passar para diante; deveremos porém observar, que o vêmos (nas operações proximas) bloqueando praças como a de St. Jean Pied de Port, Navarreins e Peyrehorade, e passar para diante, em logar de esperar que ellas lhe caissem nas mãos, para que podesse continuar a avançar.

Os seus effectivos permittiam-lhe agora proceder por este modo. Os movimentos durante esta parte da campanha constituem bellos exemplos de estrategia. O principal objecto a que mirava Wellington era lançar a ponte, para o que contribuiram as suas operações contra a esquerda. Comtudo se esta ultima operação falhasse, e não obstante a ponte fosse lançada com bom exito, é sabido que o seu plano era fazer então todos os esforços para marchar rapidamente para a retaguarda, atravessar a ponte antes que Soult podesse vir impedil-o, tornear a direita d'este, e apoderar-se dos seus depositos em Port de Lanne e Dax. Uma tal linha de operações comtudo, posto que realisasse muito, deixaria aberta a Soult uma linha de retirada para Suchet; e além d'isso o paiz ao norte de Bayonna, com o seu terreno arenoso, não era favoravel para operações militares. D'este modo, não era plano que necessariamente devesse ser adoptado.

O fim real de Wellington (isto é, lançar a ponte a jusante de Bayonna) nunca foi penetrado, como vimos, por Soult. Este imaginou que Wellington, ou queria atacar o campo entrincheirado em redor de Bayonna, ou passar o Adour mais acima e atacar Port de Lanne, ou talvez atacar a ponte fortificada em Hastingues, ou ainda interceptal-o de Pau. Sendo batido em retirada por Wellington, tomou uma posição central em Orthez, esperando os acontecimentos. Wellington, bem succedido, tanto em Bayonna como contra a esquerda, nos rios Bidouze e Gave de Mauleon, naturalmente apertou Soult em Or-

(c) 2007 Ministério da Cultura

thez, e sem que possa explicar-se, Soult deixou que os alliados ganhassem n'este ponto uma grande vantagem.

«Soult» diz Napier «não deveria ter acceitado batalha em Orthez» ; e, na verdade, difficilmente se poderá perceber porque é que elle assim procedeu, ou porque, se era sua intenção combater, se não oppoz á passagem dos alliados por Gave de Pau, antes da batalha ; dá-se comtudo como causa d'esta ultima circumstancia qualquer engano na transmissão de ordens.

Tendo Wellington na batalha de Orthez interceptado o seu adversario, de Pau, Dax e Peyrehorade, havendo-o obrigado a retirar por St. Sever, e cercado e interceptado tão absolutamente, considera-se que Soult deu mostras de uma grande habilidade estrategica marchando repentinamente pela margem direita do Adour para Plaisance e retirando depois por Tarbes e pelas faldas dos Pyrenéos. De facto, Soult mudou a sua linha de communicação de Bordeaux para Toulouse. Com este movimento fez elle o mais que poude para afastar Wellington de Bordeaux, e emquanto salvava o seu proprio exercito de ser lançado para N. W. (nos terrenos estereis e arenosos das proximidades da costa), encaminhava a guerra na direcção dos Pyrenéos, onde conheceu que encontraria posições onde podesse retardar o inimigo, e de onde podesse ir pôr-se em contacto com Suchet.

A sua posição no dia 8 de março, entre Plaisance e Maubourguet, com uma guarda avançada em Lembege, cobria as estradas de Auch e de Pau.

O seu movimento apparentemente offensivo, em que ameaçava tornear o flanco direito dos alliados no dia 13, foi um bom esforço para auxiliar Bordeaux ; e posto que não conseguisse o seu intento, comtudo, a despeito das difficuldades em que se achava a respeito de provisões (pois que estava interceptado dos seus depositos), conservou o seu exercito reunido, trazendo Wellington atraz de si ao longo da falda dos Pyrenéos, e chegou a Toulouse, a salvo, fazendo uma paragem no caminho em Tarbes.

Em Toulouse tinha Soult uma forte posição, e a cidade não só era um ponto importante a defender, mas estava

(c) 2007 Ministerio de Cultura

tambem estrategicamente bem situada, pois que cobria a juncção de muitas estradas, contituindo um das principaes passagens sobre o Garonne. D'aqui tinha elle a faculdade, ou de retirar por Ville-franche et Carcassone, e juntar-se a Suchet, ou de subir pela margem direita do Garonne, trazendo Wellington atraz de si n'esta direcção; ou de se dirigir na direcção nordeste para Lyons. Como vimos, em consequencia do resultado da batalha, foi obrigado a adoptar a primeira linha de retirada para ir juntar-se a Suchet.

Como Suchet tem sido tantas vezes citado n'esta campanha como um possivel apoio para Soult, mas que nunca com elle se uniu, é necessario explicar que este persistentemente se recusou a isso, e que a sua conducta n'este ponto tem sido mui asperamente condemnada.

Soult, desde a primeira semana de fevereiro que instava constantemente com elle para se lhe reunir, e que constantemente esperava por isso, mas em vão; e na noite de 10 de abril, depois da batalha de Toulouse, fez-lhe um ultimo appello por meio da carta, contando lhe a sua situação. «Marchae» dizia elle, «com todas as vossas «forças para Carcassonne, que ali vos irei encontrar com «o meu exercito; poderemos então retomar a iniciativa, «transferir o theatro da guerra para o Garonne superior, «e obrigar o inimigo a chamar de Bordeaux as suas tro-«pas.» Porém Suchet não quiz mover-se, como já d'antes havia feito (antes da batalha de Orthez), quando podia facilmente ter-se juntado a Soult, não tendo ordens do Imperador em contrario, e deu uma má conta da força que commandava, recusando-se.

A indifferença, a inveja que tinha de Soult, e a falta de zelo por Napoleão (pois que foi um dos primeiros depois da sua queda, a juntar-se aos Bourbons) foram provavelmente as causas da sua recusa, tendo a sua conducta auxiliado poderosamente os esforços dos alliados.

O seguinte elogio, bastante eloquente, é feito por Napier a Soult, especialmente no que diz respeito ás suas operações n'esta campanha:

«Vastas combinações, inexhauriveis recursos pessoaes, «um juizo claro, firmeza inabalavel e paciencia nos ca-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

«sos difficeis, extrema fidelidade ao seu soberano, e ao «seu paiz, tudo isto, ninguem com justiça lhe poderá re- «cusar. N'esta celebrada campanha de nove mezes, posto «que contrariado pela traiçoeira hostilidade de muitos dos «seus concidadãos, reparou e augmentou as obras de cin- «co praças fortes, e entrincheirou cinco grandes campos «com obras taes, que o proprio Marius não desdenharia «d'ellas; mudou uma vez a sua linha de operações, e «ora defendendo, ora atacando, deu vinte e quatro bata- «lhas e acções. Batido em todas, combateu na ultima «com a mesma violencia e coragem que na primeira; fi- «cando com o seu espirito não vencido, ainda intentava «renovar a lucta, quando a paz veio pôr um termo aos «seus prodigiosos esforços. Estes foram sem resultado, «porque Suchet o desamparou; porque o povo do sul da «França estava apathico e a fortuna lhe era adversa; e «porque tinha na sua frente um dos maiores generaes do «mundo, á frente de tropas invenciveis.»

Os triumphos d'esta campanha formam o termo mais proprio de uma tão grande guerra, pois que comprehendem, a passagem com bom exito de muitos rios disputados á força, duas grandes batalhas victoriosas e differentes combates, a tomada de duas cidades importantes, e o bloqueio de muitas outras que o eram menos. Depois de longos annos de paciente batalhar, as armas dos alliados, devido á pericia de Wellington e dos seus generaes, e á bravura dos seus soldados, ficavam vencedoras. A Peninsula estava libertada; o poder de Napoleão, posto que momentaneamente, aniquillado; e a fama do exercito inglez estabelecida na Europa.

Tivemos por fim, nas paginas que ficam atraz, indicar a razão porque o exercito que n'esta guerra tanta fama alcançou, deu as batalhas, operou os movimentos, e executou as retiradas que durante ella tiveram logar. Este exercito achava-se nas condições de obter successos, pois que era um habil general que o commandava; mas

(c) 2007 Ministério da Cultura

emfim, a razão das suas victorias está em nunca ter o seu commandante deixado perder nas batalhas o que havia ganho pela estrategia, e em os officiaes e soldados haverem executado sempre o plano que o general concebeu.

O fim d'estas lições não nos permittiu discutir as batalhas de Wellington; não nos cansaremos porém de aconselhar um attento estudo nos livros classicos da maneira como elle commandou e dispoz n'ellas as suas tropas. [1]

[1] As presentes lições eram em Sandhurst seguidas por outras em que se examinavam as principaes batalhas de Wellington, de Napoleão e de Lee, as quaes serviam de exemplos de «tactica».

(C) 2007 Ministerio de Cultura

CONCLUSÃO

Disse-se na introducção a estas lições que tinham ellas por fim os tres seguintes pontos, que exporêmos em breves palavras :

1.° Dar uma ídéa ou descripção resumida das principaes operações dos inglezes na guerra da Peninsula.

2.° Apresentar as razões de cada passo executado, ou de cada determinação tomada, examinando o seu valor; e chamar a attenção para a influencia que a natureza e configuração do paiz exerceram sobre as campanhas.

3.° Explicar e illustrar com as campanhas alguns dos termos technicos e maximas principaes da arte da guerra. Em relação com estes fins, ajuntaremos ainda algumas paginas para conclusão.

Relativamente ao primeiro ponto será conveniente, para futuras referencias, dar n'este logar um breve summario dos successos dos varios annos que durou a guerra.

1807 — Dezembro — O exercito francez, commandado por Junot, toma posse de Portugal.

1808 — 1 d'agosto — Sir A. Wellesley desembarca em Portugal.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

17 d'agosto — Batalha de *Roliça*.
21 d'agosto — Batalha do *Vimeiro*.
30 d'agosto — Convenção de Cintra.
Resultado: A expulsão de Junot de Portugal e a recuperação d'este reino com os seus portos, fortalezas e a forte fronteira da Hespanha.

1808 — 26 d'outubro — Um exercito inglez, commandado por Sir John Moore e Sir David Baird, marcha de Lisboa e da Corunha, para auxiliar os hespanhoes. Este exercito é cercado pelas forças de Napoleão e obrigado a retirar para Corunha.

1809 — 16 de janeiro — Batalha de *Corunha*.
Resultado: Desviar Napoleão de invadir Portugal e a Andaluzia.
29 de março — Soult, tendo invadido Portugal, apodera-se do Porto.
5 de maio — Sir Arthur Wellesley avança de Coimbra contra Soult, que havia invadido Portugal pelo norte.
12 de maio — Passagem do *Douro*.
Resultado: A expulsão de Soult de Portugal; a derrota do seu exercito e a retomada do Porto.
20 de julho — Sir Arthur Wellesley, reunindo-se com um exercito hespanhol sob o commando de Cuesta, avança para Madrid.
27 e 28 de julho — Batalha de *Talavera*.
Resultado: Comparativamente de pouca importancia, quer para os francezes quer para os inglezes, excepto o terem os francezes evacuado a Galliza.

1810 — Na primavera d'este anno os francezes invadem a Andaluzia e differentes provincias de Hespanha, e põem cêrco a Cadiz.
Junho — Massena avança; toma Almeida e Ciudad-Rodrigo, e invade Portugal; e Wellington, retirando diante d'elle para as linhas de Torres Vedras, toma a ordem de batalha na posição do Bussaco.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

27 de setembro — Batalha do *Bussaco*.
No resto d'este anno Massena permanece em frente das linhas de Torres Vedras, e o seu exercito cae n'um grande abatimento.
Resultado: Os francezes não conseguem expulsar os inglezes de Portugal; os alliados *perdem* as fortalezas de Almeida e de Ciudad-Rodrigo.

1811 — 5 de março — Começa a retirada de Massena e dá-se a batalha de *Barroza*, proximo de Cadiz.
10 de março — Soult, partindo da Andaluzia para auxiliar Massena, toma Badajoz (cêrco de Badajoz pelos francezes). Recebendo a noticia da batalha de Barroza, dirige-se novamente para Cadiz.
22 de abril — Na sua ausencia Beresford tenta retomar Badajoz.
2 de maio — Massena, depois de retirar de Portugal, torna a atacar Wellington proximo de Almeida.
3 e 5 de maio — Batalha de *Fuentes d'Oñoro*.
10 de maio — Wellington apossa-se novamente de Almeida.
16 de maio — Soult, tendo obrigado Beresford a levantar o cêrco de Badajoz (1.° cerco de Badajoz pelos inglezes), ataca-o.
Batalha de *Albuera*.
27 de maio — Wellington, reunindo-se a Beresford, torna a pôr cêrco a Badajoz; mas Soult novamente o obriga a levantar o cêrco (2.° cêrco de Badajoz pelos inglezes).
Resultado: A expulsão de Massena de Portugal. Almeida de novo tomada aos francezes. A derrota dos exercitos francezes em differentes batalhas, e a *perda* de Badajoz pelos alliados.

1812 — 19 de janeiro — Wellington toma de novo *Ciudad-Rodrigo*.
7 de abril — A retomada de *Badajoz* (3.° cêrco de Badajoz pelos inglezes).
10 de maio — E' surprehendida *Almaraz*.

13 de junho — Wellington avança por Hespanha contra Marmont.
26 de junho — Toma Wellington os fortes de Salamanca.
22 de julho — Batalha de *Salamanca*.
12 de agosto — Wellington indo na perseguição de Joseph, entra em Madrid.
26 de agosto — Soult levanta o cêrco de Cadiz, e evacua a Andaluzia.
19 de setembro — Wellington põe cêrco a Burgos, no que é mal succedido, e volta para Portugal.

Resultado: A tomada de Ciudad-Rodrigo e de Badajoz; das obras de Almaraz, e dos fortes de Salamanca; a derrota de Marmont na batalha de Salamanca; a expulsão de Joseph de Madrid, e a libertação de Cadiz e de toda a Andaluzia.

1813 — Maio — Wellington avança de novo por Hespanha. Torneia as posições francezas detraz do Douro e do Ebro.
21 de junho — Wellington derrota Joseph na grande batalha de *Vitoria*, repellindo-o para os Pyrenéos, pondo então cêrco (29 de junho) a *S. Sebastian*, e bloqueiando igualmente Pamplona.
De 25 a 31 de julho — Soult intentando soccorrer Pamplona e S. Sebastian, dá as batalhas dos *Pyrenéos*.
31 de agosto — Tomada de *S. Sebastian*.
7 de outubro — Wellington passa o rio Bidassôa, que serve de limite entre a França e a Hespanha.
31 de outubro — Rende-se Pamplona.
10 de novembro — Wellington avança pela França dentro, e força a passagem do *Nivelle*.
9 de dezembro — Força a passagem do *Nive*, e estabelece-se proximo de Bayonna.
De 10 a 13 de dezembro — Soult ataca os alliados e dá as batalhas em frente de

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Bayonna, indo depois os dois exercitos inimigos para os seus acantonamentos.

Resultado: A derrota do exercito de Joseph. A quasi completa expulsão dos francezes da Hespanha. O estabelecimento de uma nova «Base» na costa do norte. A tomada de S. Sebastian e de Pamplona, a invasão do territorio francez com bom exito, e os repetidos revezes de Soult.

1814 — 14 de fevereiro — Wellington repelle Soult sobre o Bidouze e o Gave de Mauleon.

22 de fevereiro — Soult, retirando para detraz do Gave de Pau, toma posição em Orthez.

De 23 a 26 de fevereiro — Passagem do Adour por Wellington, e investimento de Bayonna.

27 de fevereiro — Batalha de *Orthez*.

2 de março — Combate em Aire.

12 de março — Beresford entra em Bordeaux.

20 de março — Combate de Tarbes. Soult retira para Toulouse.

10 de abril — Batalha de *Toulouse*.

14 de abril — Sortida de Bayonna. Conclusão da guerra.

Resultado: A passagem com bom resultado do grande rio Adour; a derrota de Soult em duas batalhas e em differentes acções; a tomada e occupação das cidades de Bordeaux e de Toulouse, e a expulsão dos exercitos de Napoleão de uma grande parte do territorio francez.

O antecedente quadro resumido dos successos nos differentes annos da guerra indica a data em que foram feridas as batalhas, e postos os cêrcos que se acham inscriptos nas bandeiras dos regimentos inglezes, por terem assistido ás campanhas da Peninsula e do sul da França.

Estes cêrcos e batalhas estão no referido quadro escriptos em italico, e são:

Ministério da Cultura

Roliça	Badajoz
Vimeiro	Almaraz
Corunha	Salamanca
Douro	Vitoria
Talavera	Pyrenéos
Bussaco	S. Sebastian
Barroza	Nivelle
Fuentes d'Oñoro	Nive
Albuera	Orthez
Ciudad-Rodrigo	Toulouse.

A palavra «*Peninsula*» está tambem inscripta nas bandeiras com o fim de incluir todos os successos menos importantes (que foram muitos), e que não estão especialmente inscriptos; e os seguintes tres nomes são excepcionalmente usados sómente pelas bandeiras de alguns regimentos:

Sahagun — Pelo 15.° de hussards, memorando um brilhante combate de cavallaria, em 21 de dezembro de 1808, durante a campanha de Sir John Moore.

Arroya dos Mollinos — Pelo regimento 34.°, memorando a surpreza, por Lord Hill, em 28 de outubro de 1811, de um destacamento do exercito de Soult, emprehendida com o fim de desviar a attenção dos francezes de Lord Wellington, no norte.

Tarifa — Pelos regimentos 47.° e 87.°, por terem repellido a tentativa dos francezes de tomarem o castello de Tarifa, em dezembro de 1811.

Com relação ao segundo fim das lições, será proveitosa a seguinte synopse que d'ellas vae feita, chamando a attenção para os principaes pontos discutidos em cada uma, e especialmente nas *Observações*.

PRIMEIRA LIÇÃO

Origem da guerra, e modo como Portugal e Hespanha foram occupados pacificamente pelos francezes. Forças

© 2007 Ministério da Cultura

militares, ao começar a guerra, da Inglaterra, Hespanha, Portugal e França, e posição dos francezes na Peninsula. Topographia da Peninsula, e especialmente, natureza das cadeias de montanhas, das estradas, rios e posições dos portos e fortalezas.

Razões para a escolha de Lisboa e de Cadiz como melhores pontos de partida para o exercito inglez, devendo especialmente notar-se quanto é forte a fronteira portugueza ; vantagens das operações partirem da costa occidental. Natureza das difficuldades topographicas que Napoleão evitou, occupando traiçoeiramente a Hespanha e Portugal.

Desvantagens com que as suas tropas luctaram, devendo notar-se particularmente a direcção das cadeias de montanhas.

Vantagens e desvantagens com que luctou o exercito inglez.

SEGUNDA LIÇÃO

Razões porque todo o exercito foi eventualmente dirigido para Lisboa.

Razões para o desembarque na Figueira.

Razões porque os francezes deram a batalha da Roliça.

Razões porque Sir Arthur Wellesley, avançando depois da batalha, conservava as communicações com a costa.

Plano de campanha de Sir Arthur Wellesley. Razões porque teria provavelmente tido bom exito ; em que consistiam os seus perigos, e motivo porque foi abandonado.

Operações propostas por elle depois da batalha do Vimeiro. Razões porque não foram executadas.

Razões porque Junot, depois do Vimeiro, desejou vir a um acôrdo. Natureza dos termos do acôrdo.

Razões porque a convenção de Cintra foi vantajosa para os inglezes.

Razões da importancia do desfiladeiro de Torres Vedras.

Plano geral de campanha dado a Moore.

Razões porque este não foi por mar reunir-se a Baird.
Situação dos negocios nos principios de outubro quando elle partiu de Lisboa, e mudanças que se tinham operado na Peninsula, muito especialmente na situação dos exercitos francez e hespanhol.

TERCEIRA LIÇÃO

Razões porque Moore separou a sua artilheria e cavallaria do corpo principal.
Razões da sua demora em marchar e da extensão das differentes columnas.
Posições dos exercitos francez e inglez nos dias 26 e 28 de novembro, e razões porque a posição ingleza era perigosa.
Razões porque a posição de Hope, no dia 28 de novembro, era perigosa.
Razões porque Moore não teve responsabilidade pela situação do exercito inglez.
Razões porque Moore deu contra-ordem á retirada intentada por Baird.
Razões porque Moore, antes de ameaçar a linha de communicação dos francezes, estabeleceu depositos em Benavente e outras praças.
Vantagens que obteve com esta determinação.
Principaes motivos porque determinou avançar contra Soult.
Resultado importante d'este movimento.
Razões porque Napoleão, quando sahiu de Madrid, tomou o caminho para Tordesillas e Benavente.
Modo como a natureza do terreno favoreceu a retirada de Moore pela Gallizá, e porque lhe não permittiu fazer ali um alto permamente.

QUARTA LIÇÃO

Posição dos alliados e dos francezes em 22 de abril de 1809, quando Sir A. Wellesley desembarcou pela segunda vez em Portugal.
Plano dos francezes para invadir Portugal.

(C) 2007 Ministerio de Cultura

Razões do seu mau exito relativo.

Razões porque Sir A. Wellesley determinou avançar de preferencia contra Soult e não contra Victor.

Seu plano de campanha, e qual o seu fim destacando Beresford.

Razões porque, depois de reconhecer a posição de Soult, determinou tentar a passagem do Douro.

Razões porque este methodo de passar o rio foi habil ao mesmo tempo que ousado.

Razões porque Soult, depois de começar a retirar do Porto, se collocou n'uma posição ainda mais critica.

Razões porque Murray é censurado pelos escriptores militares.

Razões porque Sir A. Wellesley se demorou no Porto.

Razões porque são censuradas as operações de Beresford.

Razões da importancia dos pontos de Amarante, Salamonde e Montalegre, e porque Loison andou mal abandonando Amarante.

Influencia da natureza do paiz sobre os resultados d'esta campanha.

Razões porque, depois do successo contra Soult, Sir A. Wellesley foi obrigado a voltar immediatamente para Abrantes.

QUINTA LIÇÃO

Posição dos alliados e dos francezes nos fins de junho de 1809, ao começar a campanha de Talavera.

Principaes considerações a que attendeu Sir A. Wellesley no seu plano de campanha, outros planos que lhe foram expostos, e objecções contra elles.

Natureza do seu plano e seu principal fim.

Razões porque elle avançou sem ter depositos á retaguarda.

Razões porque, ao approximar-se de Victor detraz do Alberche, não o atacou immediatamente, e Victor retirou depois sem demora.

Razões porque os inglezes, depois da victoria de Talavera, não perseguiram os francezes. Exemplos da má fé dos hespanhoes.

Razões porque Sir A. Wellesley foi então obrigado a retroceder para Placencia.

Exposição de como Soult concentrou um grande exercito na retaguarda dos alliados.

Razões porque em 3 de agosto se tornou necessario a Sir A. Wellesley retirar sem demora.

Razões que este teve para dar principio ás «linhas de Torres Vedras».

Razões porque Sir A. Wellesley difficilmente poderia prevêr os successos d'esta campanha, e porque é provavel que os seus planos tivessem sido bem succedidos, a não haver circumstancias imprevistas.

Razões das censuras feitas a Joseph por atacar os alliados em Talavera.

Causas que contribuiram para annullar os resultados d'esta campanha para ambos os lados.

Grande influencia sobre as operações da campanha, exercida pela topographia do paiz.

SEXTA LIÇÃO

Alterações na situação dos negocios entre o fim da campanha de Talavera e junho de 1810.

Posição dos francezes e dos alliados em junho de 1810.

Razões das disposições tomadas por Wellington.

Differentes linhas pelas quaes os francezes podiam invadir Portugal.

Plano de campanha dos francezes.

Discussão da linha de invasão que os francezes adoptaram, e suas vantagens e desvantagens relativas, tanto antes como depois da tomada de Ciudad-Rodrigo e de Almeida, com relação a outras linhas possiveis de invasão.

Razões porque a posição de uma parte da divisão ligeira do commando de Crawford, se tornou critica.

Movimentos de Massena entre 15 e 26 de setembro. Sob que pontos de vista são estes criticados, e razão porque as suas posições do dia 16 de setembro foram bem escolhidas.

(c) 2013 Ministerio de Cultura

Razões que teve Wellington para offerecer batalha no Bussaco ; porque é que Massena se achou nas condições de tomar posse do desfiladeiro de Boyalvo no dia seguinte ao da batalha, e porque o não fez mais cêdo.

Exame da posição de Wellington, especialmente pelo que respeita aos caminhos que conduzem á posição.

Razões que teve para retirar depois da batalha.

Razões porque, se Massena não tivesse conseguido tomar posse d'este desfiladeiro, deveria ter-se encontrado n'uma situação mais desvantajosa.

Razões que teve Wellington para as disposições que adoptou com respeito a este desfiladeiro ; circumstancias que reclamaram taes disposições.

Operações de Massena desde o dia 28 de setembro até á sua chegada em frente das linhas de Torres Vedras.

Descripção d'estas linhas e suas particulares vantagens.

Posições occupadas pelos alliados e francezes ao findar o anno de 1810.

Razões porque o exercito de Soult não cooperou mais activamente com Massena.

Maneira como Hill cooperou n'esta campanha.

SETIMA LIÇÃO

Razões porque Napoleão, para auxiliar Massena, se limitou a ordenar a Soult que o appoiasse activamente.

Razões que teve Soult, depois da tomada de Badajoz, para voltar repentinamente para Cadiz.

Razões porque Massena pôde fazer subsistir o seu exercito em frente das linhas, durante todo o tempo que ali esteve ; e porque foi finalmente obrigado a retirar.

Razões porque, quando começou a retirada, uma divisão permaneceu áquem de Punhete.

Movimentos de Massena na retirada, desde 5 de março até á sua chegada a Salamanca nos principios de abril, e movimentos de Wellington na sua perseguição; maneira como Ney procurou tirar o maior partido possivel do terreno, para que Wellington não fosse informado a tempo.

Linhas de retirada abertas a Massena.

Discussão das suas vantagens relativas, etc.

Razões que teve Wellington para, durante a perseguição, destacar uma força para Badajoz.

Razões pelas quaes Ney deveria ter sustentado obstinadamente a sua posição em Condeixa, e causas a que se attribue o não ter procedido assim, pelo que foi censurado por Massena.

Razão porque Condeixa era um ponto importante, e porque constituia um objectivo especial a destruição da ponte em Coimbra.

Plano das operações que Massena tentou adoptar depois de chegar á Guarda, a 21 de março.

Vantagens que adviriam d'este plano, e motivo porque foi abandonado.

Movimentos de Soult durante esta campanha, e de Beresford depois de ter destacado por ordem de Wellington para Badajoz em 15 de março ; e tambem de Wellington e de Marmont desde o momento em que o primeiro partiu de Almeida, em 9 de abril, para se reunir a Beresford, até ao final d'esta campanha. Relação do cêrco de Badajoz pelos francezes ; batalha de Barroza ; primeiro cêrco de Badajoz pelos inglezes ; batalha de Fuentes de Oñoro ; batalha de Albuera ; segundo cêrco de Badajoz pelos inglezes ; e razões do mau exito e abandono dos dois referidos cêrcos postos pelos alliados.

Situação dos alliados e dos francezes ao terminar o anno de 1811.

OITAVA LIÇÃO

Razões que houve para a *dispersão* dos exercitos francezes ao começar a campanha de 1812 ; suas posições e posição dos alliados.

Natureza das vantagens que Wellington possuia agora sobre os francezes.

Razões porque, antes de começar as operações, lhe era necessario tomar Ciudad-Rodrigo e Badajoz, e não só uma d'estas fortalezas mas sim as *duas*.

Estratagemas a que Wellington se soccorreu afim de

© DGLB | Ministério da Cultura

occultar a sua intenção de cercar cada uma d'estas praças, e modo como os francezes foram illudidos.

Razões porque lhe era necessario tomal-as o mais depressa possivel por meio de assalto, e porque as tropas francezas de soccorro em ambos os casos não conseguiram salval-as, e retiraram.

Posições dos exercitos alliados e francezes em maio de 1812.

Razões que Wellington teve para se determinar a operar então de preferencia contra Marmont e não contra Joseph ou contra Soult.

Razões para a tentativa de surpreza de Almaraz; estratagemas empregados e vantagens obtidas.

Vantagem de reparar a ponte de Alcantara.

Razões porque os cêrcos podem muitas vezes tornar-se necessarios na guerra.

NONA LIÇÃO

Posições de Marmont e de Wellington no Douro, em 8 de julho de 1812.

Razões porque Wellington e Marmont permaneceram em frente um do outro desde 8 até 16 de julho.

Razão porque Marmont tomou a offensiva.

Fins geraes de Marmont e de Wellington em todos os movimentos desde 15 até 22 de julho, e operações de estrategia que estes explicam.

Fim apparente da marcha de Marmont para Toro em 16.

Fim real e verdadeiro.

Razões porque Wellington, em 16, levou a sua ala direita sómente até Trabancos.

Razões porque a retirou para o Guareña em 17.

Razões porque, em 19, não suspeitava que Marmont pretendia tornear-lhe a direita.

Objecto da marcha de Marmont sobre o Guareña em 20.

Objecto da marcha de Wellington para Cantalpino.

Natureza das vantagens que Marmont tinha alcançado na tarde de 20, e razão porque um exercito, batendo-se

n'uma posição em que cubra completamente a sua linha de abastecimentos, está menos exposto do que em qualquer outra posição a ser irremediavelmente aniquilado por uma derrota.

Razões porque Wellington tinha resolvido em 21 retirar para Portugal.

Razões do movimento de Marmont em 22, e erro que commetteu.

Importante influencia que a evacuação do forte de Alba pelos hespanhoes teve no resultado da batalha de Salamanca.

Razões porque Marmont, ainda que expondo evidentemente a sua propria linha de communicações por Valladolid a Wellington, não correu serios perigos por assim proceder.

Razões do cêrco de Burgos.

Vantagens e desvantagens comparativas dos systemas inglez e francez de obter aprovisionamentos na Peninsula.

Razão porque a situação dos exercitos francezes na Peninsula prova, em vez de refutar, a necessidade de possuir algumas linhas de abastecimento, e por consequencia de as guardar e proteger.

DECIMA LIÇÃO

Posição dos alliados e dos francezes ao começar a campanha de 1813.

Razões porque os alliados ao começar a campanha se encontraram n'uma melhor situação em relação ao inimigo, do que nos annos precedentes.

Plano de campanha formado por Wellington.

Razões para a sua adopção de preferencia a outros.

Razões que teve Joseph para não se estabelecer proximo de Burgos como era sua intenção.

Razões porque Wellington determinou tornear a linha do Ebro.

Importante vantagem estrategica que elle alcançou com este movimento.

Principal fim que teve em vista no ataque dirigido contra Joseph em Vitoria.

(c) 2008 Ministério da Cultura

Maneira como Joseph poderia mais efficazmente ter retardado o successo dos alliados n'esta campanha.

Razões porque foi cercada a praça de S. Sebastian.

Razões que houve para investir e não cercar Pamplona.

Razões que Soult teve para dar as batalhas dos Pyrenéos, e descripção do seu modo de ataque.

Razões porque Wellington determinou passar o Bidassôa.

Razões porque os dois exercitos, depois da passagem d'este rio, permaneceram inactivos durante um mez.

DECIMA PRIMEIRA LIÇÃO

Topographia da região S.W. da França.

Linhas defensivas da França ao N. dos Pyrenéos.

Razões porque Wellington atacou a esquerda da linha de Soult, detraz do Nivelle, e fim que se teve em vista n'esta batalha. Razão porque este fim não foi inteiramente alcançado.

Posições tomadas pelos alliados e francezes depois da passagem do Nivelle.

Razão que Wellington teve para passar o Nive. Posição que occupou depois da passagem.

Perigo d'esta posição.

Linha occupada por Soult depois do mau exito dos seus ataques nas acções em frente de Bayonna, e correspondente mudança de posição operada por Wellington.

Razão porque Wellington, ao começar a campanha de 1814, determinou tentar forçar a esquerda de Soult, repellindo-o sobre o Bidouze e Gave de Mauleon.

Operações do centro e esquerda dos alliados durante este movimento.

Plano que Wellington tinha em mente seguir se tivesse sido mal succedido n'estas operações. Discussão do mesmo plano, e razão porque Wellington não teria desejado adoptal-o senão em caso de necessidade.

Razão porque era necessario a Wellington bloquear ou tomar Bayonna.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Razão porque, se se lançasse uma ponte sobre o Adour, seria necessario que fosse a juzante de Bayonna.

Discussão sobre se Soult deveria ou não ter dado batalha em Orthez.

Fim que os alliados tiveram em vista na batalha de Orthez.

Razão porque Beresford destacou depois da batalha de Orthez, e successos do seu movimento.

Direcção tomada por Soult depois de Orthez.

Fim que teve na sua marcha, e razão porque esta foi considerada habil.

Qual era o seu fim quando ameaçou tornear a direita dos alliados em 13 de março, e quando tomou uma forte posição detraz do Gros Lees.

Operações de Wellington emquanto perseguiu Soult.

Estradas cobertas pela posição de Soult em 8 de março.

Razões que houve para a demora na chegada dos alliados diante de Toulouse.

Razão porque Toulouse era uma praça de importancia estrategica.

Razões que Wellington teve para tentar atacar esta praça pelo sul, e porque teve de abandonar tal designio.

Linhas que Soult tinha á sua disposição, para retirar de Toulouse, antes e depois da batalha.

Razões provaveis porque Suchet não fez quaesquer esforços para soccorrer Soult n'esta campanha.

Com relação ao terceiro fim das lições, foram simplesmente definidos os seguintes termos technicos:

Estrategia Tactica Theatro da guerra Base de operações Linha de communicações Linha de operações	Introducção.
Topographia Linha de divisão das aguas	1.ª Lição.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

Ponto objectivo
Pontos estrategicos
Pontos estrategicos importantes
Pontos estrategicos decisivos
Pontos tacticos
Pontos tacticos importantes
Pontos tacticos decisivos
Linha de operações unica
Linha de operações dupla (ou tripla)
Ponto de concentração

} 2.ª Lição.

Linhas interiores — 3.ª Lição.

Nas differentes campanhas encontram-se exemplos de muitos dos termos technicos acima indicados, taes como, «operações por linhas duplas» e «linhas unicas», «pontos estrategicos», etc.; e tambem das principaes regras ou maximas da arte da guerra. Muitas d'estas regras foram discutidas nas «observações» sobre as lições ; mas, afim de deixar as mesmas observações mais vivamente impressas, e de as apoiar com o peso da auctoridade, citaremos os seguintes extractos (marcados com um N) das *Maximas de guerra de Napoleão*, e indicaremos exemplos que occorreram nas campanhas e que confirmam a sua verdade.

«Quando, afim de conquistar um paiz, se marcha com «dois ou tres exercitos (tendo cada um a sua linha de ope- «rações distincta) para um ponto fixo e determinado onde «os mesmos deverão reunir-se, é principio assentado, «que a reunião d'estes differentes exercitos nunca deve «ter logar nas proximidades do inimigo, não só porque «este póde, por meio de uma concentração das suas for- «ças, impedir tal juncção, mas tambem batel-os separa- «damente.» — N.

Ex.: Sir John Moore, escolhendo em Salamanca um ponto proximo do inimigo onde deveria concentrar-se com Baird, collocou-se na mais perigosa situação, pois que cada porção do exercito alliado *estava* exposta a ser batida separadamente.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

«Operar de direcções muito distantes e separadas, e en-
«tre as quaes não haja communicação directa, é uma fal-
«ta que geralmente conduz a outras. É tambem principio
«estabelecido que um exercito deve sempre conservar as
«suas columnas unidas de sorte que o inimigo não possa
«n'ellas intrometter-se».

«Quando *razões particulares* não permittam seguir es-
«ta regra, os corpos separados deverão poder sustentar-se
«a si proprios nas operações, e expôr-se o menos possi-
«vel a serem atacados isoladamente.» — N.

O principio comprehendido n'esta maxima é, que as linhas duplas ou triplas são, em regra, inadmissiveis; que pode comtudo ser necessario, em virtude das circumstancias (que podem ser vantajosas) operar por este modo; devendo então, cada corpo tornar-se *independente*, e expôr-se o menos possivel ao ataque.

Ex. do mau exito das operações por linhas duplas: Os alliados operaram por este modo na campanha da Corunha, e foram mal succedidos.

Os alliados e os francezes operaram d'este modo na campanha de Talavera, e foram ambos mal succedidos. Os francezes na campanha de 1810 foram mal succedidos, pois que Soult devia cooperar com Massena, mas não o fez.

Napier observa que a *historia geralmente* prova que as operações d'esta natureza, por via de regra, têem mau exito».

Ex. da violação da regra, que estabelece que cada columna, quando separada, deve em todo o caso tornar-se forte e independente. — A columna de Sir John Moore, marchando de Lisboa, não levava artilheria, nem cavallaria nem munições; o perigo que correu já atraz foi indicado.

Ex. de *bom exito* accompanhando uma operação por «linhas duplas».

Sir A. Wellesley avança de Coimbra contra Soult, destacando Beresford.

O bom exito que Wellington alcançou quando torneou a linha do Douro em 1813.

Deve observar-se que, especialmente no ultimo caso,

(c) 2007 Ministerio de Cultura

toda a preparação possivel para que os movimentos fossem rapidos, havia sido feita de antemão.

Esta cuidadosa preparação foi especialmente observada em movimentos similares bem succedidos, executados pelos allemães durante as campanhas de 1866 e 1870.

«É maxima de guerra bem acceita, a que preceitua que «nunca se deve fazer o que o inimigo deseja. Deve por- «tanto evitar-se o campo de batalha que o inimigo estudou «e consequentemente nunca se deverá atacar de frente «uma posição que se póde occupar torneando-a.»—N.

Ex.: Wellington, em 1813, não ataca as fortes posições dos Francezes na retaguarda do Douro ou do Ebro, de frente, como esperava ter de o fazer, mas *torneou*-as ambas — alcançando assim o seu fim pela estrategia, sem perda para o seu exercito.

Se Massena tivesse torneado a posição dos alliados no Bussaco no dia 27 de setembro e não em 28, como fez, teria evitado a perda em homens que soffreu na batalha do Bussaco.

«Nada é mais importante na guerra do que *a unidade «do commando.*» —N.

Ex. da verdade d'esta maxima: O mau exito qne constantemente accompanhava as operações dos francezes nas differentes campanhas em resultado da relativa independencia dos marechaes— exemplos especiaes se encontram na campanha de Talavera em 1809, e nas de 1810 e 1814.

«O segredo mais importante na guerra é o assenho- «rear-se das *communicações.*» —N.

«Segundo as leis de guerra, todo o general que perde «a sua linha de communicações é merecedor da pena de «morte. Eu quero significar por linha de communicações «aquella em que se acham os hospitaes, os meios de soc- «correr os doentes, as munições de guerra, e aprovisio- «namentos de bôca.» —N.

Exemplos que demonstram a importancia que os grandes capitães ligaram a este preceito.

A marcha de Napoleão de Madrid e a sua ordem de voltarem para traz as tropas que avançavam para Portu-

(c) 2007 Ministerio de Cultura

gal e para o sul de Hespanha, evacuando a Andaluzia, quando Sir John Moore ameaçava as suas linhas de communicações; e a retirada de Sir John Moore logo que teve conhecimento d'aquella marcha. As manobras de Wellington desde 15 até 22 de julho de 1812, afim de conservar as communicações com Ciudad-Rodrigo; a sua retirada atravez do Tejo na campanha de Talavera, quando Soult alcançou Naval-Moral.

Ex. das perdas experimentadas por commandantes que perderam as suas linhas de communicações.

Destruição do exercito de Soult na campanha do Douro.

Destruição do exercito de Joseph, vendo-se obrigado a affastar-se do caminho de Bayonna na campanha de 1813.

«Não se deve entender por «perder» a linha de com-«municações, o ter esta sido interrompida por guerrilhas «ou por insurgentes, que não estão no caso de fazer «frente a uma guarda avançada ou de retaguarda.» — N.

Ex.: A linha de communicação dos exercitos francezes em Hespanha não estava perdida, no sentido perigoso d'este termo, pelo facto de terem os francezes sido cercados por guerrilhas e por bandos de hespanhoes com alguma organisação; se tivessem sido envolvidos por exercitos disciplinados, a sua situação teria sido differente. (Vejam-se as observações da pag. 168.)

«Nunca se deve abandonar uma linha de communica-«ções; saber como se deve mudar de linha é uma das «mais habeis manobras da arte da guerra.» — N.

Ex.: Transferencia de linha de communicações effectuada, em 1809, por Sir John Moore, de Portugal para a Corunha.

Transferencia de linha de communicações effectuada por Wellington, em 1813, de Portugal para Santander, na costa norte da Hespanha.

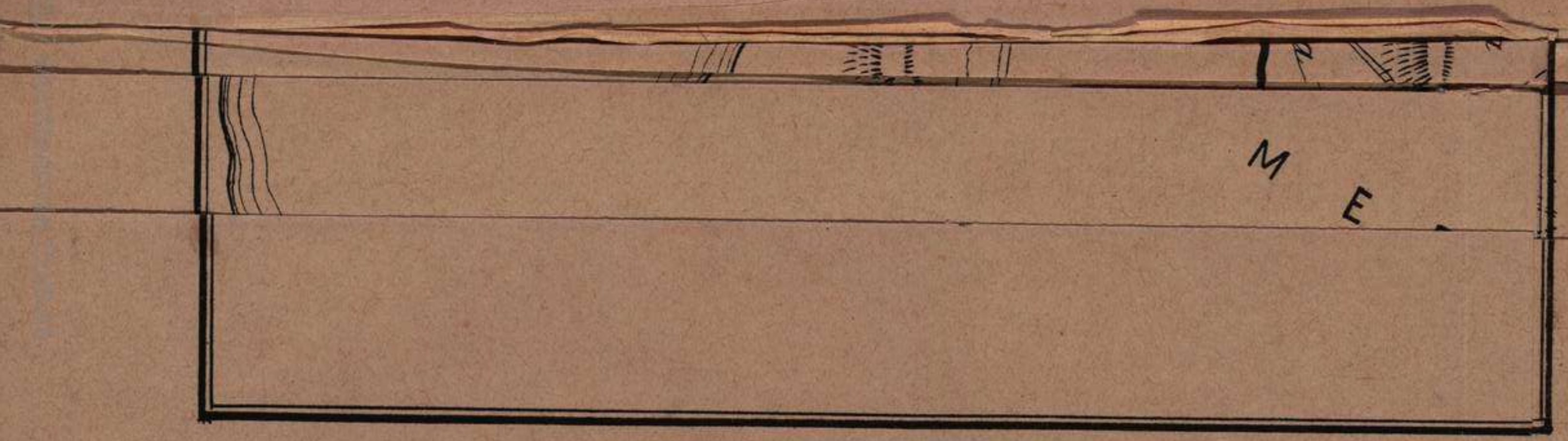
Transferencia de linha de communicações feita por Soult, em 1814, de Bordeaux para Toulouse.

(c) 2007 Ministerio de Cultura

1884

(c) 2007 Ministerio de Cultura

© 2007 Ministerio de Cultura


M
E

MAPPA I.

MAPPA-ESBOÇO

Para o estudo da geographia da

PENINSULA E DO SUL DA FRANÇA

e dos movimentos geraes das

CAMPANHAS

BAHIA DE BISCAYA

OCEANO ATLANTICO

MAR MEDITERRANEO

GALLIZA

ASTURIAS

BISCAYA

NAVARRA

FRANÇA

CATALUNHA

ARAGÃO

VALENCIA

MURCIA

ANDALUZIA

ESTREMADURA

BEIRA

ALEMTEJO

CASTELLA VELHA

CASTELLA NOVA

AFRICA

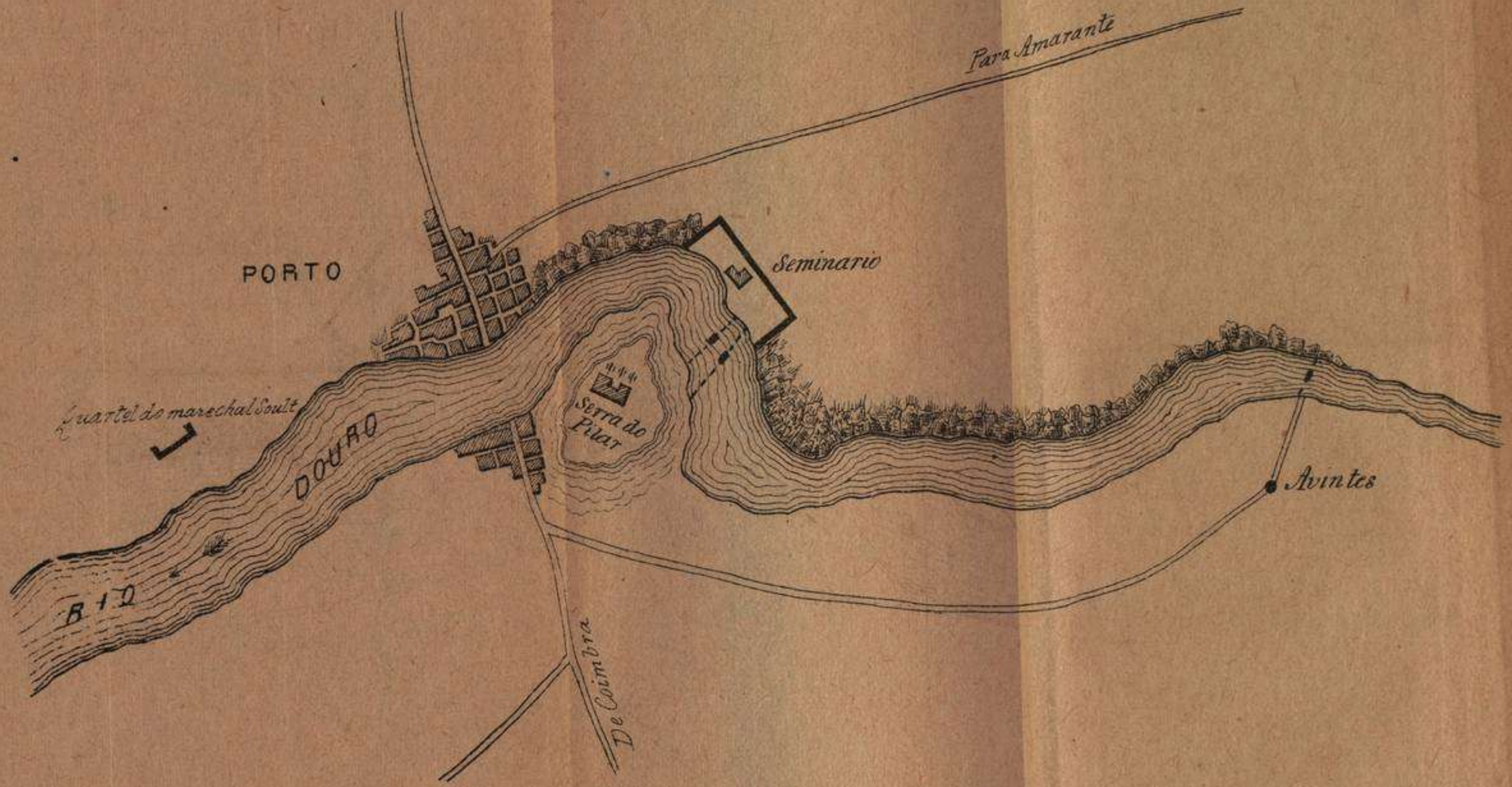
LISBOA

MADRID

Ferrol
Corunha
Cabo Finisterra
Lugo
Santander
S. Reynosa
Bilbáo
Bayonne
Bordeaux
R. Garonne
Toulouse
Carcassonne
Perpignan
Figueras
Gerona
Barcelona
Tarragona
Saragoça
Lerida
Pamplona
Tudela
Logroño
Burgos
Miranda
Vitoria
Puente Arenas
Oviedo
Leão
Zamora
Valladolid
Palencia
Benavente
Salamanca
Ciudad Rodrigo
Almeida
Viseu
Coimbra
Figueira
Aveiro
Abrantes
Santarem
Thomar
Leiria
Alcantara
Caceres
Merida
Badajoz
Elvas
Setubal
Cabo S. Vicente
Sevilha
Cadiz
Ilha de Leão
Barroza
Gibraltar
Cabo Tarifa
Granada
Cordova
Jaen
Toledo
Aranjuez
Talavera
Placencia
Avila
Segovia
Arevalo
Guadalaxara
Cuenca
Valencia
Alicante
Carthagena
Murcia
Chinchilha
Albacete
Ciudad Real
Almaden
Almendralejo
Olivença
Portalegre
Portimão
Faro
Tavira
Castro Marim
Ayamonte
Tuy
Orense
Braga
Chaves
Bragança
Miranda do Douro
Guarda
Castello Branco
Portalegre
Evora
Beja
Mertola
Moura
Serpa
Olivença
Zafra
Llerena
Fuente Ovejuna
Cordova
Montoro
Andujar
Baylen
Ubeda
Baeza
Alcaraz
Almansa
Requena
Xativa
Alcoy
Denia
Villena
Elche
Orihuela
Lorca
Cartagena
Mazarron
Vera
Almeria
Motril
Malaga
Ronda
Xeres
Puerto de Santa Maria
Rota
Tarifa
Algeciras
Estepona
Marbella
Gibraltar
Cabo de Gata
Cabo de Palos
Cabo de la Nao
Cabo de la Oliva
Cabo de Creus
Cabo Bermeo
Cabo Machichaco
Cabo Ortegal
Cabo Villano
Cabo Finisterra
Cabo Roca
Cabo Espichel
Cabo S. Vicente
Cabo Santa Maria
Cabo Tarifa
Cabo de Trafalgar
Cabo de Gata
Cabo de Palos
Cabo de la Nao
Cabo de la Oliva
Cabo de Creus
Cabo Bermeo
Cabo Machichaco
Cabo Ortegal
Cabo Villano
Cabo Finisterra
Cabo Roca
Cabo Espichel
Cabo S. Vicente
Cabo Santa Maria
Cabo Tarifa
Cabo de Trafalgar

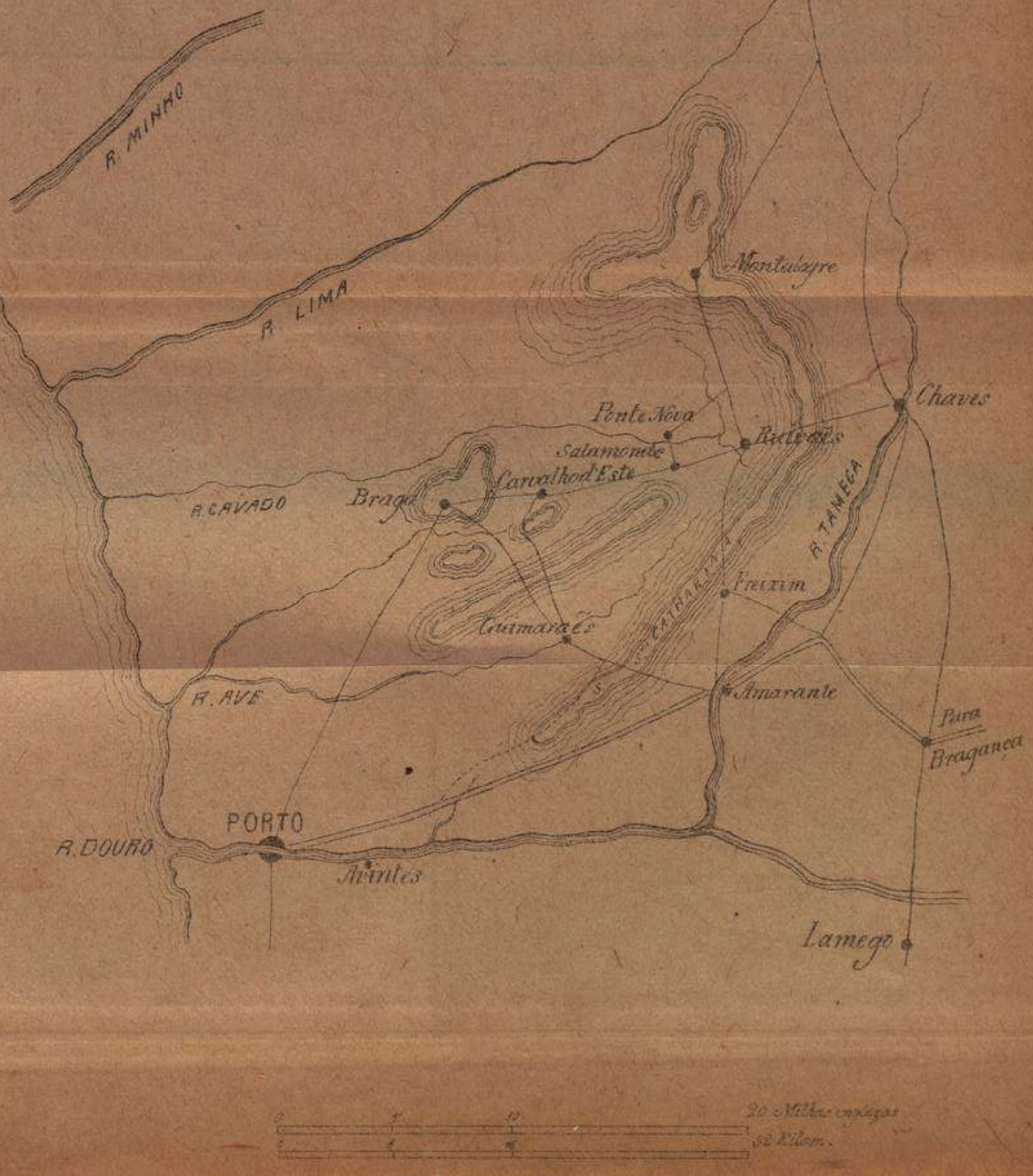
MAPPA 11
FOLHA 11

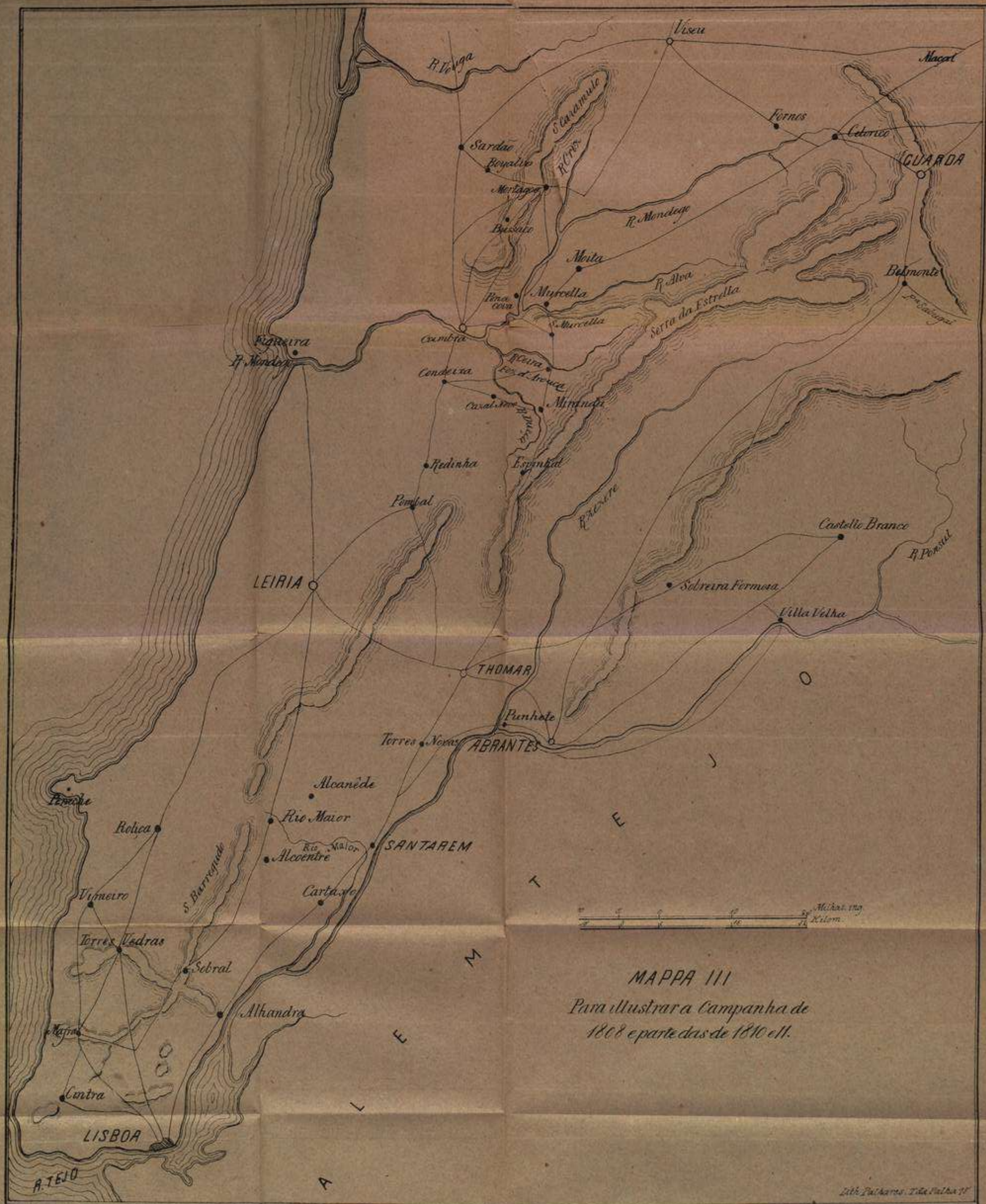
Passagem do Douro, 12 de Maio de 1809



MAPPA II
FOLHA 1

Operações entre os RIOS DOURO E MINHO Durante a Campanha contra Soult Maio 1809.





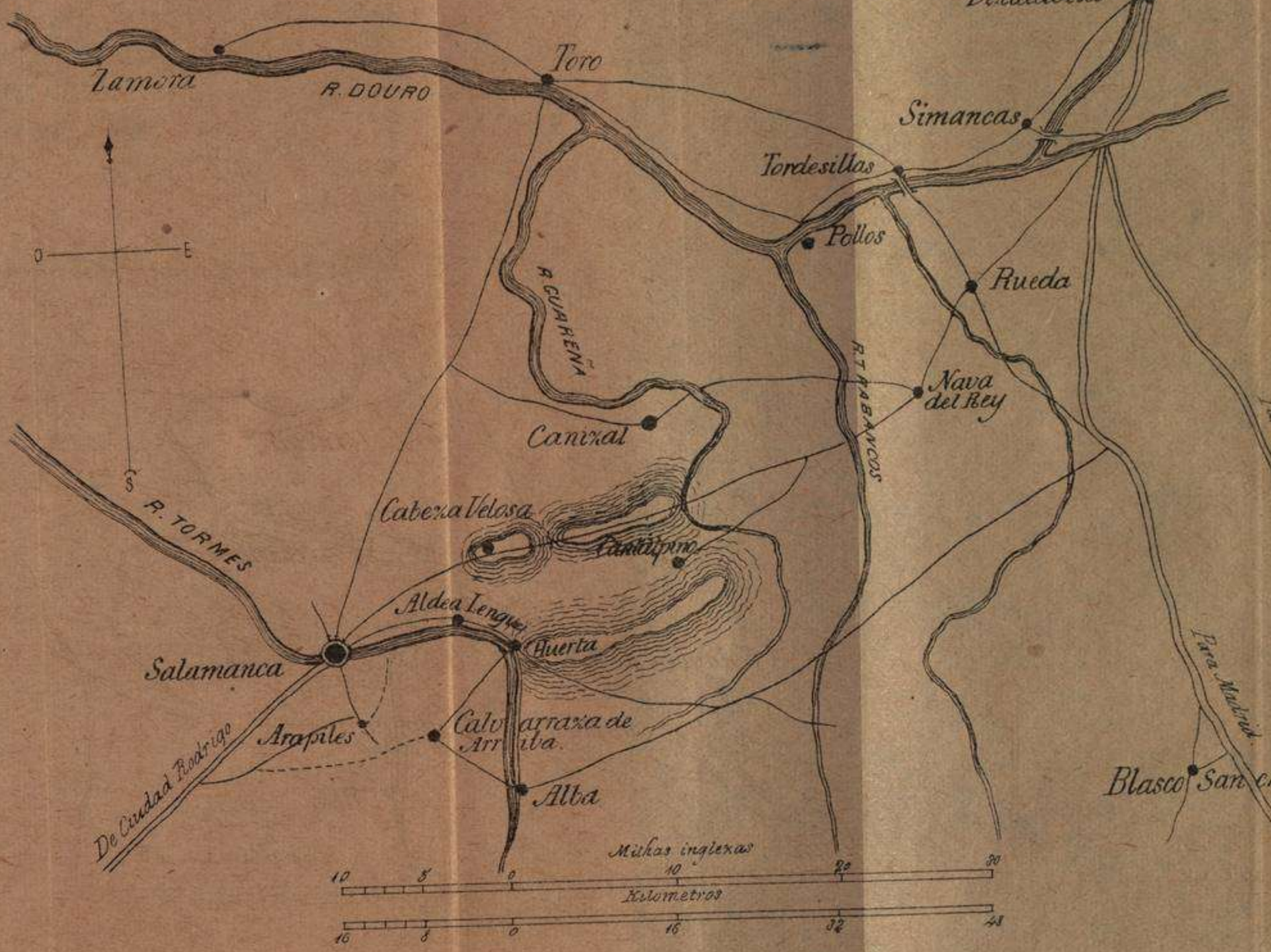
MAPPA III

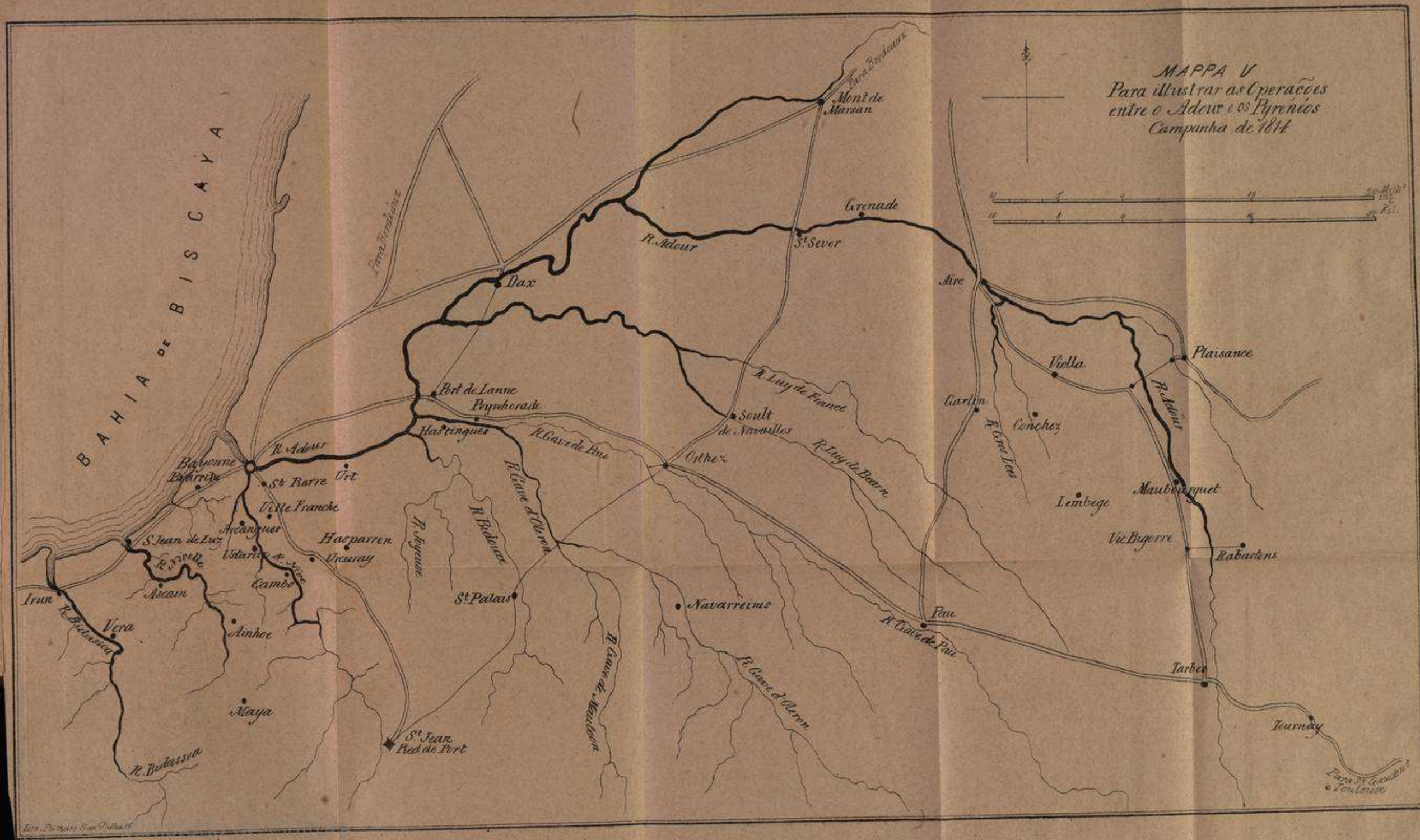
Para illustrar a Campanha de 1808 e parte das de 1810 e 11.

(c) ARCHIVE http://Archivebeta.Sakhrit.com

MAPPA IV.

Operações de Marmont e de Wellington durante a CAMPANHA DE SALAMANCA 15 a 22 Julho, 1812




MAPPA V
Para illustrar as Operações
entre o Adour e os Pyrenéos
Campanha de 1814
BAHIA DE BISCAYA
Para Bordeaux
Mont de Marsan
Grenade
R. Adour
St. Sever
Dax
Aire
Viella
Plaisance
R. Adour
Port de Lanne
Peyrehorade
Hastingues
R. Gave de Pau
R. Luy de France
Soult de Navailles
Garlin
Conchez
R. Gros Lees
Orthez
R. Luy de Bearn
Lembege
Maubourguet
Vic Bigorre
Rabastens
Bayonne
Biarritz
R. Adour
St. Pierre
Urt
Ville Franche
Arcangues
S. Jean de Luz
Ustariz
R. Nivelle
R. Nive
Hasparren
Urcuray
Cambo
Ascain
Irun
R. Bidassoa
Vera
Ainhoe
Maya
R. Bidassoa
St. Jean Pied de Port
R. Joyeuse
R. Bidouze
R. Gave d'Oleron
St. Palais
R. Gave de Mauleon
Navarreims
R. Gave d'Oleron
Pau
R. Gave de Pau
Tarbes
Tournay
Para St. Gaudens e Toulouse

(c) 2007 Ministerio de Cultura

(c) 2007 Ministerio de Cultura

(c) 2007 Ministerio de Cultura